

le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

S.

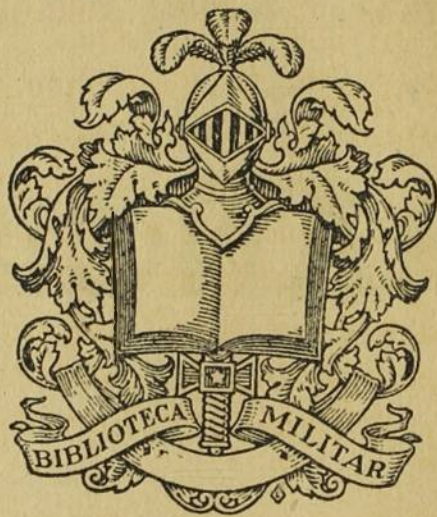
BIBLIOTECA MILITAR

Volume LXXVI

RIBEIRA
DO
S. FRANCISCO

M. CAVALCANTI PROENÇA

GRÁFICA LAEMMERT, LIMITADA
Rua Carlos de Carvalho, 48
RIO DE JANEIRO



PREFACIO

Três vezes estive no S. Francisco. Na última viagem fui de Pirapora a Joazeiro, parando nos portos, matando saudades, revendo logares conhecidos e dela nasceu êste trabalho em que de certo modo procuro juntar o meu apêlo aos muitos que têm sido feitos em favor do grande rio abandonado. A segunda vez que o visitei foi numa viagem aérea de Terezina ao Rio, escalando em Petrolina, Bom-Jesus-da-Lapa e Pirapora.

Decorreram dezeseite anos entre a primeira viagem e a última e o S. Francisco permaneceu o mesmo: um rio pobre e simpático, um panorama do Brasil antigo, conservado pelo isolamento até os nossos dias.

Ao chegar a Pirapora em fins do ano passado, caminhei pelo areão que vai dar na margem do rio, assentei-me na sombra da velha gameleira do pôrto e deixei que as recordações tomassem conta de tudo, revivendo a minha primeira viagem.

Vi-me de novo cabo de um Esquadrão de Cavalaria, achando muito mais interêsse naquela rude lida da caserna do que em toda a transcendência da Física, da Analítica e da Descritiva com que me de-

gladiara na Escola. O rio me ensinou muito mais da vida e muitíssimo do Brasil que aquela fria cultura, lecionada sem objetivo — pelo menos sem humanidade — e da qual não posso lembrar-me sem associá-la ao título meio cabotino de um livro do abade Moreux: “A Ciência Misteriosa dos Faraós”. E’ claro que hoje reconheço um certo exagêro nesse pensamento, mas a êle sou grato, porque me fez conhecer o sertão do S. Francisco.

Descemos o rio, saltamos em Barreiras para receber do “general” Francisco Rocha, chefe local, cento e vinte caboclos voluntários e os cavalos em que devíamos ir a Santa Rita do Rio Preto. Fizeram prodígios, êsses cavalinhos baianos, pois, com êles, varamos pelo sertão, fomos a Formosa, excursionamos pela campina do Jalapão, atingimos Correntes no sul do Piauí, saímos novamente em Barra do Rio Grande, na Baía. Depois navegamos até Petrolina e, novamente a cavalo, entramos pelo Ceará cruzando por Crato, subindo a Serra do Cariri em Barbalha, descendo em Jardim, entrando por Pernambuco, atravessando o S. Francisco em Cabrobró, descendo até Jurema, na beira da estrada de ferro que vai de S. Salvador a Joazeiro, passando pela Várzea da Ema, viajando de trem de Bomfim a Jacobina, sentindo a garoa fria da cruviana em terras do Mórro do Chapéu, bebendo a água escura dos córregos que correm na zona de Lençóis e Andaraí, retornando ao litoral pela ferrovia que vem de Itaité a Cachoeira e S. Felix.

“Jagunço” foi o meu companheiro em todo êsse percurso. Era um cavalinho brioso e honesto que não admitia desvios dos muares de carga, mordendo-os na garupa para que retomassem o bom caminho. Ha-

via outros animais que se fizeram conhecidos: o cavalo castanho do Capitão que mesmo depois de meses de viagem amanhecia disposto a corcovear nos dias mais frios, o burro "Pachola" que subiu a Serra do Cariri com dois cunhetes de munição quase a trole, o burrinho "Trem-de-Ferro" que saiu pinoteando com uma carga onde ia a galinha assada do Tenente e atirou tudo num brejo. Essa marcha não seria possível sem a resistência de aço desses cavalinhos que mais tarde tivemos de ceder, para substituir os muros de uma Companhia de Metralhadoras do 17.º B. C., porque estes não resistiram à falta de milho e a sede na caatinga onde por vezes era preciso caminhar oito léguas para achar uma água salobra e escura, coletada em pequenas cacimbas e pôças. Os que um dia tiverem de viajar nos sertões compreenderão a justiça desta evocação em que aparecem mais nomes de animais que de gente.

Quase dois anos vivi nas ribeiras do S. Francisco, alimentei-me com polpa de buriti, aproveitei o jumento como animal de carga ou de sela e fui companheiro daqueles caboclos que são uma verdadeira enciclopédia de habilidades sertanistas, conhecendo desde a doma dos cavalos até a arte de salvar gente que está se afogando no rio. Caboclos de imaginação viva que dão nomes românticos aos cavalos de estimação, contam histórias do tempo em que os bichos falavam e possuem um soberano desapêgo pelas riquezas e pela vida. Com eles atravessei muitos rios, aprendi a trançar couro e a cantar o romance do Rio Preto. Dedico-lhes este trabalho.

Procurei apresentar um retrato do S. Francisco insistindo propositadamente no aspecto humano, traçando um resumo do ambiente geográfico, da história e da atual situação do rio. Para a parte referente ao relêvo e à geologia, embora utilizando outros trabalhos, serviu-me de base e de guia o trabalho do Professor Morais Rego, "O vale do S. Francisco". Faço êste registo, como informação da fonte de que me servi largamente e também no desejo de reverenciar a memória dêsse infatigável pesquisador da geologia nacional. Para a parte da fauna foram de grande ajuda os trabalhos de Neiva e Pena, bem como o de Lutz e Machado, ambos contribuições do Instituto Osvaldo Cruz. Alguns autores vão citados no texto ou em notas, quando isso se tornou necessário, e todos constam da lista bibliográfica, no fim do volume.

Verifiquei ao reler êste trabalho que, mau grado a simpatia e o carinho mesmo, que dediquei ao assunto, o quadro traçado se apresenta em côres sombrias e ninguém mais que eu lamenta que a verdade seja assim. A situação do S. Francisco é grave, faz duzentos anos que a sua gente vive teimando para não desaparecer. A situação de abandono em que tem vivido êsse tempo todo, criou para êle a condição de problema que exige solução, mas que apresenta enormes dificuldades. Há os que pensam em soluções pomposas e fantasistas a Júlio Verne — há os que são simplistas e acham que basta a vontade do govêrno, para que tudo se transforme de noite para o dia, num toque de varinha de condão. Há também — e é triste dizê-lo — os que se aproveitam do S. Francisco para deitar uma ciência cabotina em que se fala

que os caracteres persistentes e dominantes nos caboclos provêm, em parte, da fusão dos elementos indesejáveis e foragidos da sociedade civilizada com os restos das tribus selvagens; em que se persegue a originalidade com negar o papel unificador do Rio.

Dentro do possível, procurei escrever em língua brasileira e dispensar a sobrecarga das nugas de gramática, mais preocupado com o assunto.

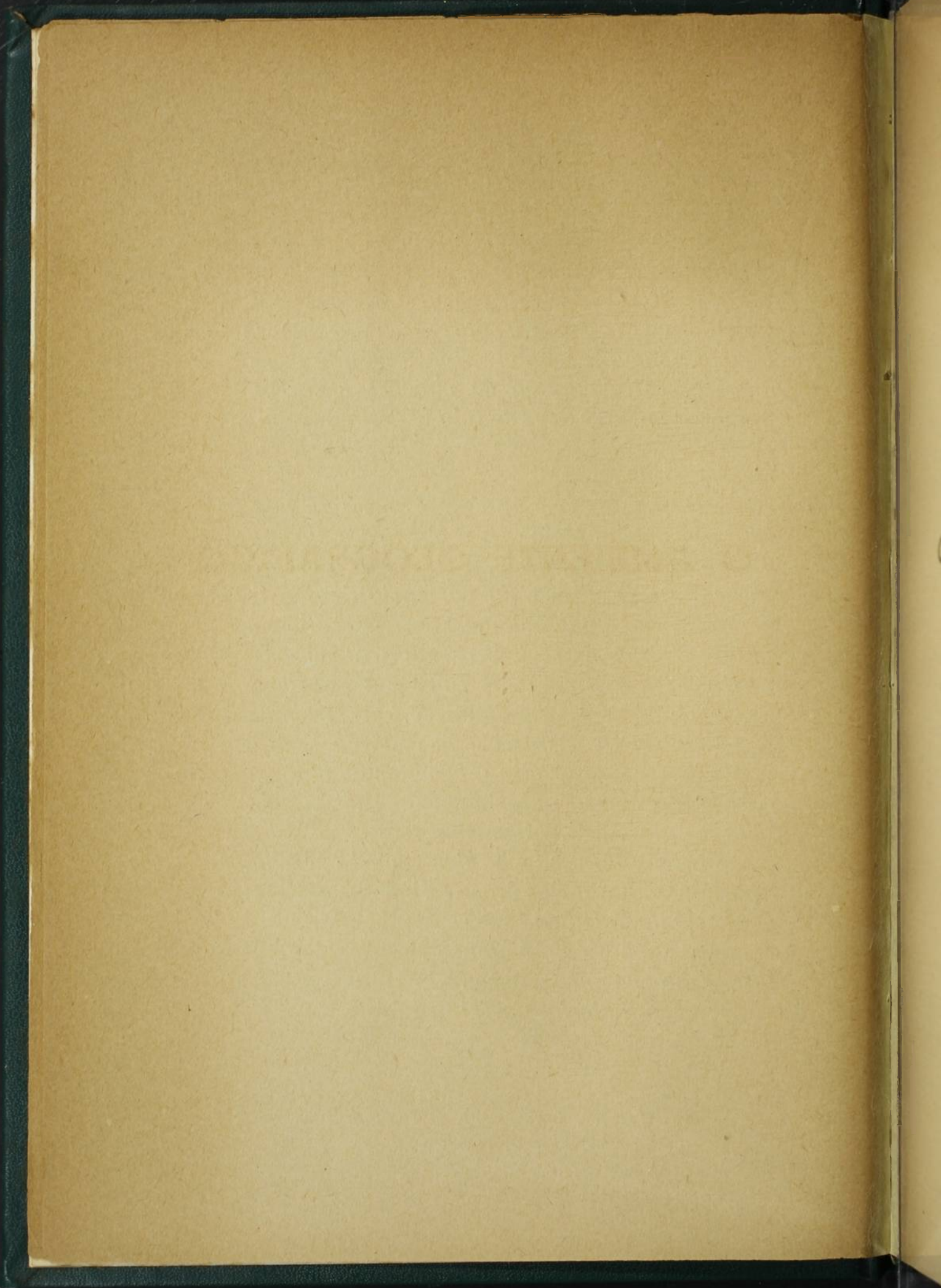
Um certo excesso de citações e referências à poesia popular se deve ao fato já assinalado por Mário Andrade, de que "aquela zona é pródiga de lirismo litero-musical".

Desejo agradecer ao Exmo. Snr. Gen. José Pessoa em cujo Estado Maior fiz a terceira viagem, quando da Inspeção ao Nordeste. A Umberto Peregrino que, além das sugestões e da paciência demonstrada no ler tôdas estas páginas devo um estímulo insistente para escrever sôbre o S. Francisco; ao Cap. Hugo Garrastazú, em quem tive um leitor e animador, desde as primeiras páginas, aqui deixo a minha gratidão.

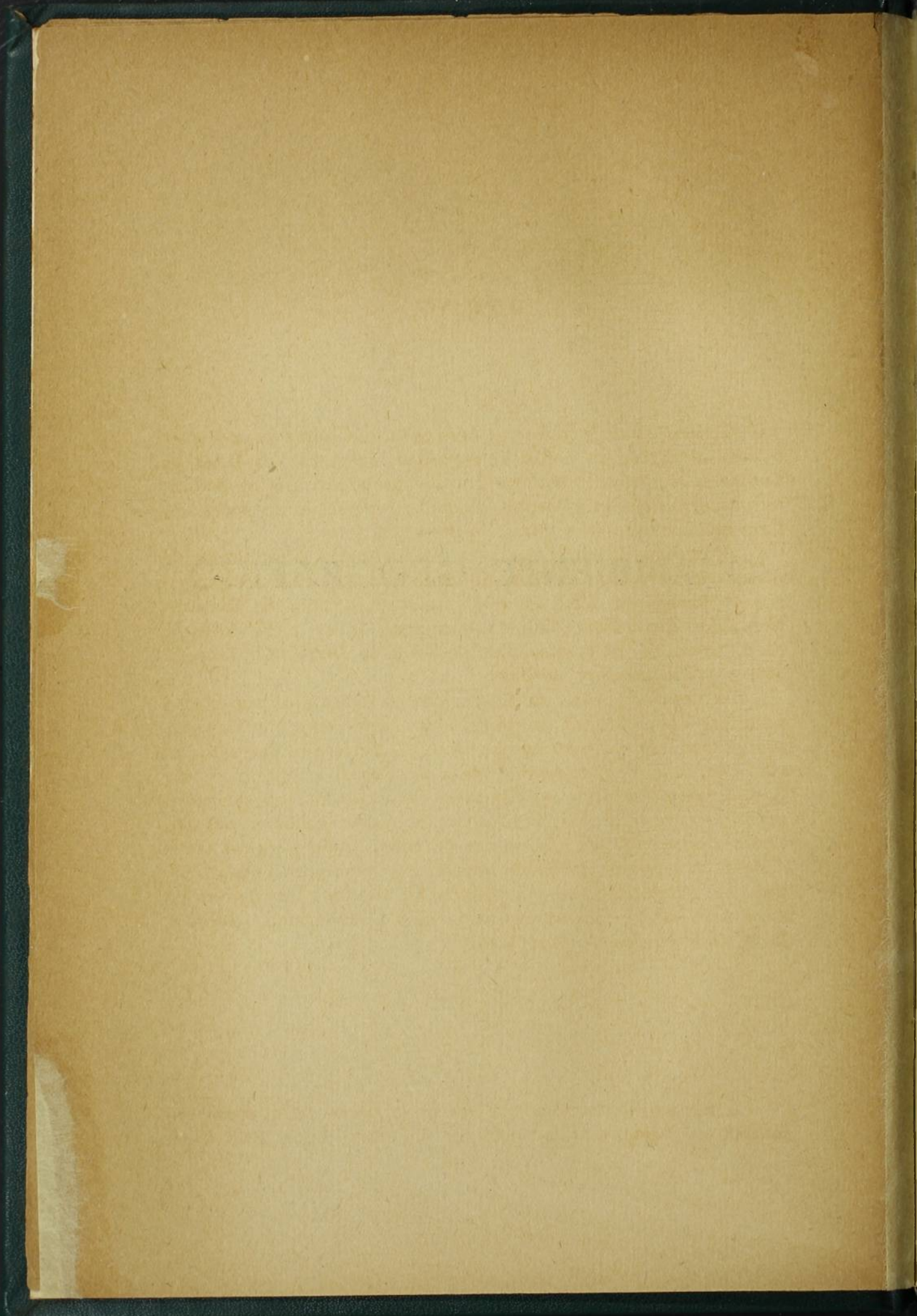
Tive do Dr. Artur Neiva o amparo da sua boa vontade, sempre pronto a auxiliar os que começam, corrigindo com a autoridade da sua cultura e animando com o seu entusiasmo.

Entretanto, a citação dos favores recebidos não exculpam o autor dos êrros e enganos existentes. Reconhece a autoria de todos.

Aos snrs. Siculo Lorenzo Roncisvalle e José Velloso Filho os meus agradecimentos pela dedicada cooperação material na feitura dêste.



○ AMBIENTE GEOGRÁFICO



O RELEVO

Generalizando largamente, para obter uma visão de conjunto, é possível dizer que o **Rio S. Francisco**, ao descer da **Serra da Canastra**, rola as suas águas entre dois paredões que lhe delimitam a calha estreita e, depois de correr na direção do norte, inflete bruscamente para leste, em demanda do mar.

A muralha oriental da bacia é constituída pelas linhas de elevações formadoras da **Serra do Espinhaço** que finda na depressão do **Paramirim**, além da qual prossegue a **chapada Diamantina** até o **Rio Salitre**, para daí continuar, já em plena inflexão do curso do rio, pelas elevações da **Serra da Jacobina** e a seguir pelo **planalto nordeste da Baía**.

As denominações que distinguem as serras e as superfícies tabulares dos planaltos da muralha ocidental apresentam várias subdivisões que recebem nomes locais. A **Serra das Vertentes** se continua pelas da **Canastra** e **Mata da Corda**, atingindo o vale do **Rio Preto** que aflue no **Paracatú**. Começam daí em diante as terras altas do planalto central com os nomes de **Serra das Divisões** a qual pertence a **Serra dos Pirineus; Espigão Mestre**, subdividido em **Serras de Santa Maria, S. Domingos, Taguatinga, Duro** até a larga depressão do vale do **Rio Grande**. Acompanhando a inflexão do rio elevam-se as serras de **Tabatinga, Gurgêia, Piauí, Dois Irmãos, Araripe, Cariris**.

* * *

A região montanhosa que recebe o nome de **quadrilátero central**, em Minas Gerais, incluindo em seus limites Belo Hori-

zonte, Santa Bárbara, Queluz e Ouro Preto, é das mais importantes para o estudo hidrográfico do Brasil. Destas encostas e ondulações nascem as águas, que vão formar o **Rio Doce** e o **S. Francisco**.

Parte dali o divisor das águas do **S. Francisco** e do **Rio Grande** o qual começa a elevar-se até formar a **Serra das Vertentes** distendida na direção geral nordeste-sudoeste, entre o **Rio das Mortes**, ao sul, e o **Rio Pará**, ao norte.

Depois que o **Rio das Mortes** aflue no **Grande**, é a **Serra da Canastra** que separa êste formador do **Paraná** do trecho inicial do **S. Francisco**. Os dois rios neste trecho correm em direções opostas, paralelamente à serra que se dirige de leste para oeste separando as nascentes dos seus pequenos tributários.

Também a **Serra da Canastra** se filia ao **quadrilátero central** por meio de formações menos abruptas que se erguem depois, formando as serras que, ora acompanham a direção dos rios delimitando-lhes os vales, como é o caso do **Rio Pará** e do **Paraopeba**, ora cruzam no caminho dos mesmos criando acidentes que lhes interceptam a corrente.

Finalmente a partir de Lafayete, eleva-se uma curvatura para o norte demarcando a bacia do **Rio Doce**.

A **Serra de Vila Rica**, que vem da região de Ouro Preto fica perpendicular ao lado ocidental do quadrilátero o que, com o nome de **Serra da Moeda**, separa os vales do **Paraopeba** e do **Rio das Velhas**. Por outro lado as ramificações que partem da **Serra de Vila Rica** para o norte vão entestar com outro lado do quadrilátero e, uma delas, a **Serra do Curral**, ao encontrar-se com a **Serra da Moeda**, cruza o **Rio das Velhas** perto de Sabará, criando obstáculos à navegação.

Os ramos que se dirigem para o norte, a partir do **quadrilátero central**, recebem os nomes de **Serra do Cipó**, da **Tocaia**, e separam do **S. Francisco** as águas do **Rio Doce** e **Jequitinhonha**. Reaparecem depois de uma pequena interrupção nas alturas da cidade de **Diamantina**, com os nomes de **Itacambira**, **Grão Mogol** e **Gineta**.

Depois das nascentes do **Rio Verde Pequeno**, predomina a **Serra Geral** que aos poucos se aproxima da margem, em virtude da mudança de direção no curso do **S. Francisco**. Trabalhada no centro pela erosão do **Santo Onofre** que alí escavou o seu vale, segue por duas arestas paralelas que encaixam o tributário até a sua foz e prosseguem atravessando o rio principal. A aresta ocidental abre caminho para o **S. Francisco** a montante da barra

do **Santo Onofre**, próximo de Rio Branco, antiga vila de Urubú, ao passo que a outra, oriental, cruza o rio ao nível de Morpará.

Foi para este conjunto, a partir da **Serra das Vertentes**, que Eschwege propôs a designação de **Serra do Espinhaço**, dependência da **Serra da Mantiqueira**, à qual se liga por uma ramificação divisora das águas do **Rio Grande** e do **Rio Doce**.

Dividindo o **S. Francisco**, no seu alto curso, do **Rio das Velhas** e do **Paraopeba**, domina um chapadão que no aspecto muito se assemelha aos das terras altas que acompanham o grande rio pela vertente ocidental.

Várias ramificações se destacam da linha de serranias que delimitam a bacia pela banda de leste e se dirigem para as margens do grande rio, intercaladas entre os tributários, definindo-lhes os vales e muitas vezes mesmo atravessando-o, para continuarem na margem oposta.

Entre as primeiras ficam as ondulações que se interpõem entre o **Rio Pará** e **Paraopeba**, a **Serra da Moeda** entre este último e o **Rio das Velhas**, a **Serra do Cabral** que separa este do **Jequitaí**, as ondulações com cêrros isolados ao norte do **Rio Verde Pequeno** e a **Serra de Monte Alto**, pouco abaixo da cidade de Carinhanha, a leste do **S. Francisco** e ao sul do **Rio das Rãs**.

Também aqui pode ser incuída a **Serra de Macaúbas**, que é a aresta oriental da **Serra Geral**, em território baiano.

Finalmente, ainda na margem direita o vale do **Paramirim** assinala o início da formação que emite o ramo da **Serra do Assuruá**, intronhada entre o **Rio Verde** e o **S. Francisco**. Esta formação é a conhecida **chapada Diamantina**, impreciso divisor das águas do **S. Francisco** e dos rios que da vertente oriental vão ao Atlântico.

Sobre este altiplano se delineiam os sulcos oblíquos que constituem os vales dos rios **Verde**, **Jacaré** e **Salitre**, vertendo para o **S. Francisco** e dos ribeiros que, para leste, vão ter aos rios das **Contas** e ao **Paraguassú**. A **chapada Diamantina** vai morrer nas encostas do vale do **Salitre** e entre os vales do **Rio Verde** e do **Jacaré**, a não ser uma pequena serra, o que existe é uma planície fracamente ondulada. Não assim na vertente setentrional do curso inferior do **Jacaré** onde o vale confronta com as terras elevadas que em escarpas a pique acompanham a direção do rio entre Oliveira e Sentocé.

Ao norte fica a **Serra da Jacobina**, sem ligação direta com a chapada e na depressão que separa essas elevações deslizam alguns tributários do **Itapicurú**.

Acompanhando a concavidade do arco descrito pelo **S. Francisco** depois de Joazeiro, surgem serras de pequena altura que caracterizam a progressiva degradação da **Serra da Jacobina**.

Daí por diante apenas elevações sem importância, na caatinga deserta, limitam o vale, até as encostas do **planalto nordeste da Baía**, — depois das cabeceiras do **Vasa-Barris**, — o qual se termina antes da baixada litorânea.

Examinemos agora a linha de elevações da margem esquerda.

Da **Serra da Canastra**, próximo do **S. Francisco**, em seu alto curso, dirige-se para o norte um grande chapadão de encostas escarpadas em cuja mesa escorrem os afluentes dêste e os do **Paranaíba**. Erodindo as encostas, aprofundando "vales" mais ou menos estreitos, antes de ganhar a base do paredão, descem o **Indaiá**, o **Borrachudo** e o **Abaeté** e uma ponta do chapadão, elevada entre as vertentes do **Paracatú** e do **S. Francisco**, recebe o nome de **Serra da Mata da Corda**. A depressão do vale do **Paracatú** limita êste primeiro chapadão.

O **Paracatú** e o **Rio Preto** escavaram a larga e extensa depressão que sobe das ribeiras do **S. Francisco** até as terras onduladas de Goiás.

Alí na região de Formosa, outro importante núcleo hidrográfico, estão situadas as cabeceiras que manam para o **S. Francisco**, contravertendo com os cursos d'água que se dirigem para o **Tocantins** e o **Paraná**.

Dessa região que pertence a primitivas éras geológicas, podemos dizer que é a mãe das águas do Brasil. (1).

(1) Honório de Souza Silvestre (In Geografia do Brasil, Vol. 1.º — Ed. Comemorativa do 1.º Centenário da Independência — Soc. Geogr. do Rio de Janeiro — Aspecto Físico, p. 77), falando das terras goianas que constituem boa parte do planalto brasileiro assim se expressa:

"Desta gigantesca e curiosa plataforma continental se depreendem caudalosos rios, que consoante a declividade, se derivam para os domínios das poderosas bacias do Prata, Amazonas e S. Francisco.

O Centro de dispersão está situado nas serras e serranias adustas e abruptas que têm por ponto ou macisso central o pico dos Pirineus, visto ser daí que partem as fraturas geológicas infracenozóicas, gizando o esbôço primitivo dos leitos dos rios das contravertentes.

Cita a seguir Azevedo Pimentel — "cêrca de 12 Kms. a nordeste da cidade goiana de Formosa e perto da lagoa do mesmo nome existe um quadrilátero cujo maior lado não tem 3 Kms. de comprimento, de cada um dos ângulos do qual brota água para as 3 grandes bacias hidrográficas do Brasil... As respectivas cabeceiras vem a ser: o ribeirão de Santa Rita sub-afluente do rio S. Francisco pelos rios Preto e Paracatú; o da Bandeirinha e do Itaquira sub-afluentes do Tocantins pelo Paraná; o Piripipáo, cujo caudal sem dúvida determina o início do eixo hidrográfico da vastíssima bacia do Paraná, originando sucessivamente os rios Bartolomeu, Paranaíba e Paraná".

Elevando-se de novo, depois dêsse vale, constituem as terras o chapadão que até Carinhanha é visível, acompanhando o rio e que dali por diante se afasta para o interior. Águas ocidentais para o **Tocantins** e orientais para o **S. Francisco** abrindo calhas no altiplano das quais os vales estreitos do **Urucuia**, do **Pardo** e do **Pandeiros** são os mais importantes.

De Carinhanha para o norte o chapadão acompanha o rio de longe, emitindo apenas um prolongamento que é a **Serra do Ramiho** depois da qual a jusante da foz do **Corrente**, toma a direção de nordeste e novamente se aproxima das margens.

Segue então paralelamente ao rio, limitando uma faixa estreita até as alturas de Rio Branco onde a **Serra do Boqueirão** representa o ramo da aresta ocidental da **Serra Geral** que ali atravessa o **S. Francisco**. Do mesmo modo, logo adiante surge a **Serra do Guerreiro** prolongamento da de **Macaúbas**, ou seja a aresta oriental da **Serra Geral** cruzando o rio próximo de Morpará.

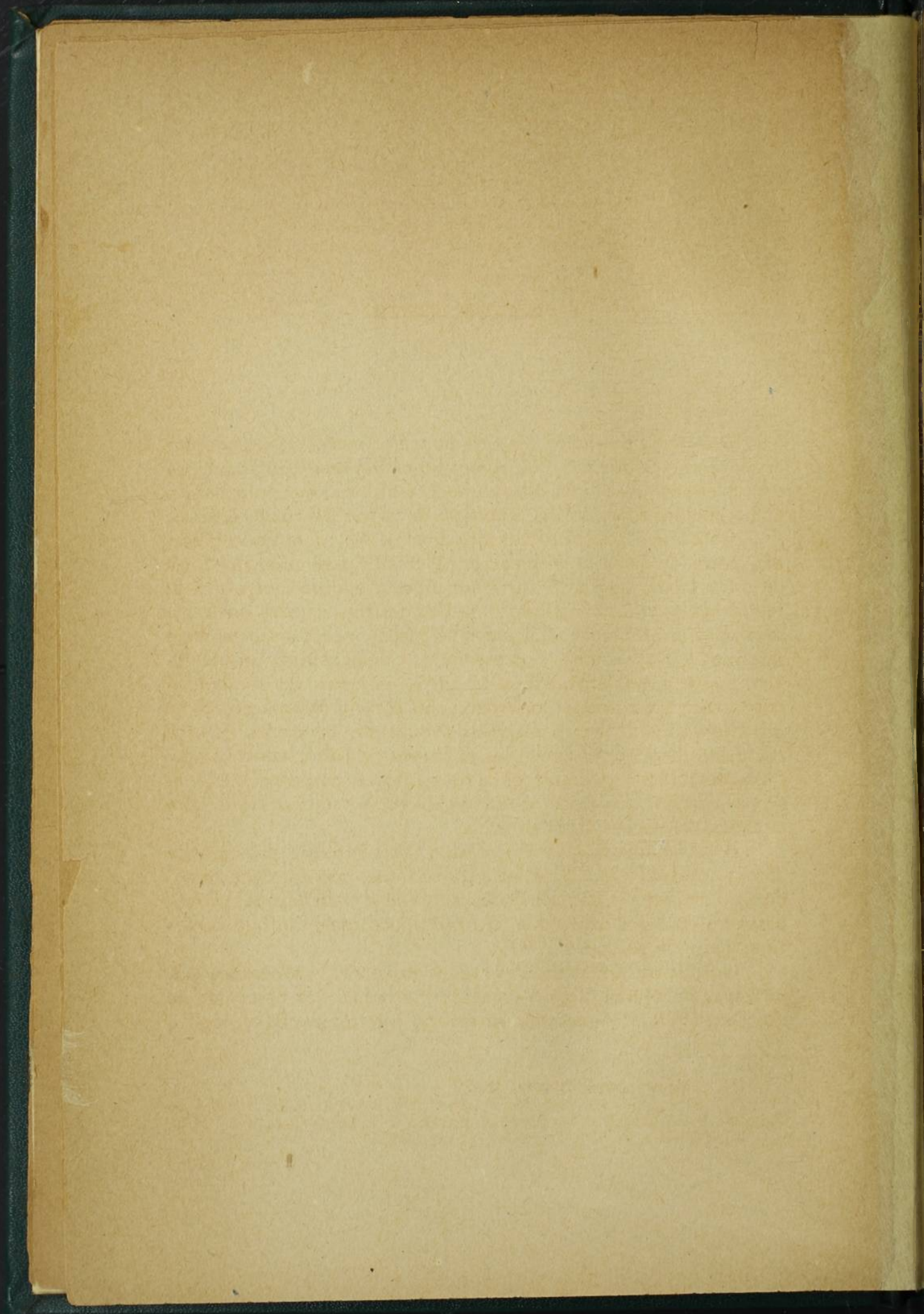
A notável depressão que constitui o vale do **Rio Grande**, ao qual se liga o do **Rio Preto**, encerra esta secção do planalto que começou na baixada do **Rio Paracatú**.

Entretanto as serras do **Boqueirão** e do **Guerreiro** que transpuzeram o S. Francisco, prosseguem até perto de Santa Rita do **Rio Preto** e atravessam o **Rio Grande** que tem de abrir caminho por elas entalhando passagens estreitas.

Já então deixando para trás a divisória **Tocantins — S. Francisco** o rio **Sapão** sub-afluente do **Grande** pelo **Rio Preto**, vem da zona do Jalapão, onde nasce próximo de uma cabeceira do **Parnaíba**.

Desta cidade de Santa Rita para leste o planalto toma a direção sudoeste — nordeste, acompanhando a curvatura do rio, até se terminar ao nível de Remanso, continuado apenas para diante em serras de pequena elevação.

Ramificações da **Serra do Araripe** acompanham de certo modo, a convexidade do arco descrito pela caudal acercando-se da margem, na cachoeira de Paulo Afonso. Oposto ao planalto do nordeste da Baía idêntica elevação acompanha o **S. Francisco** pela margem esquerda, entre as quais descem as águas por um vale estreito semeado de obstáculos, principalmente no trecho de Santo Antônio da Glória a Paulo Afonso. Finalmente de Piranhas até ao mar apenas ondulações e taboleiros, que aparecem desde Penedo ladeiam o rio até a planície do litoral.



ESBÔÇO GEOLÓGICO

O **Sistema brasileiro** ⁽¹⁾ que também recebe as designações de complexo brasileiro ⁽²⁾ e complexo cristalino é constituído de rochas arqueanas. A sua difusão no Brasil é enorme, formando o embaçamento sôbre o qual repousam os outros sistemas rochosos.

Constituem essas rochas principalmente os gnais e granitos, entre os quais se intercalam os chistos com predominância de mica ou de quartzo e também diques, endurecidos entre as fendas do granito, constituídas de pegmatitos, sienitos ou intrusões de gabro e diórito. Calcáreos de idades incertas são também referidos a êste sistema. A presença de calcáreos e de grafite fazem supôr a existência de seres vivos, embora não se tenham encontrado fósseis que permitam, não só uma afirmação, como um conhecimento em bases mais sólidas das condições de vida nesta éra. Segundo Branner, os minéreos de ferro, também aqui presentes, foram acumulados em lagunas e pântanos sôbre as rochas, por influência de ácidos orgânicos, e estariam neste caso algumas formações brasileiras.

As dificuldades a vencer, para a reconstituição paleográfica da éra arqueozóica, são de tal natureza que, apenas como meto-dização da matéria, são admitidas as cartas e trabalhos descritivos baseados em conclusões que "a rigor pouco mais são que conje-turas bem engendradas". ⁽³⁾.

No vale do **S. Francisco** as rochas arqueanas, (**formações gra-nitizadas de Morais Rego**) aparecem na região das nascentes do rio, constituindo o **quadrilátero central** interromponde-se logo a

(1) Proposto por D'Orbigny, 1842.

(2) Designação proposta por Branner, 1915. Ainda recebe o nome de Complexo Basal, Complexo Fundamental, segundo E. Paulo de Oliveira — 1932.

(3) Oliveira, A. I. e Leonardos, O. H. 1940.

seguir cobertas pelas das série de **Bambuí** e de **Minas**, para aflo-
rar em uma faixa que, pelo lado oriental, vai das proximidades da
cidade de Diamantina, inclinando-se na direção do declive do rio,
até atingí-lo em Rio Branco. Aparece ainda nas cabeceiras do alto
vale do **Paramirim**, envolve a **chapada Diamantina** pelo ocidente
e atravessando o rio, a montante do Joazeiro, sobe a corrente até
Barra do Rio Grande. Domina então o vale todo até a desembo-
cadura.

Como vimos observando, as rochas arqueanas constituem
o embaçamento sôbre o qual se superpõem, em camadas, os de-
pósitos de formações geológicas mais recentes. Partindo do ar-
queano para cima a coluna geológica poderia ser dividida em an-
dares dispostos nesta ordem: **Formações granitizadas arqueanas,**
série de Minas, série das Lavras, série de Bambuí ⁽¹⁾ **arenito de**
Urucuia.

Com áreas menores de cobertura aparecem também as es-
truturas da **Mata da Corda** as séries do alto ⁽²⁾ e do baixo S.
Francisco, **a dos tableiros e finalmente a das vasantes que são**
quaternárias como os depósitos aluviais da costa.

Fica bem entendido que esta superposição não é obriga-
tória nem verdadeira em muitos pontos e que pretende, apenas,
escalonar as formações, de acôrdo com as suas presumíveis idades
geológicas.

Tanto é assim, que logo ao passarmos para a **série de Minas**
surgem dúvidas e discordâncias entre os autores ao ser feita a
análise dos caracteres, tomados como elementos específicos des-
ta série, pois alguns não julgam suficientes êsses elementos para
separá-la das camadas superiores do arqueano. Também não têm
sido definitivos os estudos que pretendem situá-la nos sistemas,
querendo alguns que pertença ao Cambriano e outros, êstes em
maioria, ao Algonquiano.

Admitiremos pois a **série de Minas** como a camada inferior
do sistema algonquiano, sôbre o qual repousa a **série do Itaco-**
lomí, andar superior do sistema. Aquêla é constituída de rochas
sedimentárias, alteradas em sua constituição por fenômenos me-
tamórficos, nas quais predominam os chistos, quartzitos e vários

(1) A série de Bambuí é a mesma de S. Francisco de O. Derby, 1880.
A primeira designação é de Rimann, 1917.

(2) Série de Tocaratú, de Moraes Rego, 1936, tirado do nome da serra
de Pernambuco onde o arenito é predominante. Para detalhes geológicos do vale
do S. Francisco e sôbre as formações em geral vide: Moraes Rego, 1936 —
Eusébio de Oliveira, 1923 — Oliveira e Leonardos, 1940 — Hartt, 1941, etc.

tipos de calcáreos. Pertencem a ela os minéreos de ferro que fazem a riqueza de Minas Gerais. A formação destas massas de rochas metalizadas se fez no fim do período algonquiano pelo depósito de minéreos hidratados de ferro que se transformaram em sesquióxidos anidros. Simultaneamente houve erupções de rochas de natureza vária, associadas a granitos, sienitos, pegmatitos, rochas ácidas enfim, e as conseqüentes alterações de que resultaram as formações de ouro, cobre, ferro, magnético, etc. A riqueza mineral da região deu lugar a frase que os mineiros usam, com justo orgulho, até com sentido político "Minas é um coração de ouro num peito de ferro".

No vale do S. Francisco a **série de Minas** constitue a principal característica das serras pròpriamente ditas. A partir da **Serra da Canastra** ela mergulha sob o arenito que recobre o chapadão conectivo desta serra com a da **Mata da Corda** para aflorar de novo em larga área no vale onde o arenito foi removido pela correnteza erosiva. Pela borda direita da bacia ela cobre a **Serra do Espinhaço**, acompanhando o ramo que se intromete entre o **Jequitai** e o **Rio das Velhas** sendo interrompida logo após pelos depósitos da **série Bambuí**. Reaparece na planície alta que fica entre o **Rio Verde Grande** e o **Corububa** formando as pequenas serras isoladas que costeiam êste último pela margem direita, como arautos da grande área desta série que caracteriza a **Serra Geral**. Prolonga-se com esta, obliquando para o rio e ressurgindo com os seus prolongamentos na margem oposta até atingir o vale do **Rio Grande** onde possui grande área de exposição. A **Serra Geral** e seus prolongamentos na margem esquerda pertencem à **série do Espinhaço** ⁽¹⁾ a qual, como é óbvio, pertence também à serra dêste nome. O metamorfismo mais adiantado das camadas arenosas separa-na da **série de Lavras** aproximando-a da **de Minas**, da qual, entretanto, se distingue pela presença de detritos que são encontrados naquela. Também a **Serra de Jacobina** pertence à **série de Minas**.

A **série de Lavras**, pertence ao Cambriano, si bem que não seja definitiva esta classificação, pois, segundo a opinião de vários autores, a sua posição tem sido referida ao algonquiano, ao siluriano, ao permiano, ou em situação de transitoriedade entre

(1) Morais Rego, 1936, apresenta os motivos que o fizeram separar a série do Espinhaço da de Lavras e aproximá-la da de Minas. A designação de Espinhaço dêste autor é a mesma de Itacolomé de Guimarães, D. Morais, L., também adotada por Oliveira, A. L. e Leonardos, O. H., 1940.

esses. Morais Rego admite-a sincrônica da **série de Bambuí**, considerada menos antiga por vários autores, e situou-a no Gothlandiano admitindo mesmo o Eodevoniano.

Esta série é constituída principalmente de "arenitos e conglomerados, aos quais se intercalam leitos argilosos menos metamórficos que os filitos propriamente ditos, mas não folhelhos". (1).

Com esta característica, Morais Rego, cujo critério adotamos, define a **série de Lavras, "sensu strictu"**, considerada distinta da **série do Espinhaço** proposta por esse mesmo autor. Geralmente porém a **série do Espinhaço** é descrita como pertencendo à de **Lavras** de O. Derby, (2) e as características principais seriam o arenito e os conglomerados não metamorfoseados.

Nos conglomerados está a maior riqueza desta formação pois nêles são encontrados os diamantes e carbonados. Estes arenitos de várias côres são constituídos de minúsculos seixos quartzosos nucleados em cimento argiloso e entre êles são encontrados os conglomerados de seixos graníticos, de quartzo, que constituem o maior número, e finalmente de quartzito friável que M. Rego refere à **série de Minas**.

Além de áreas localizadas, cobrindo o pico de elevações pertencentes à **serra do Espinhaço**, entre elas a que fica próximo da cidade de Diamantina e a que corôa a **serra do Cabral**, esta série **constitue as camadas avermelhadas de arenito que recobrem a chapada Diamantina**, dispostas em ondulações que terminam, às vezes, na base de íngremes paredões. (3).

E' região célebre pelos diamantes que produz e, de cujo estudo Hartt esperava uma solução para o mistério da origem destas pedras preciosas. Nicolay citado por Hartt descreve a chapada como constituída de "folhelhos, arenito e conglomerados" e acrescenta que sôbre êstes arenitos de várias qualidades, produtos diretos das rochas primitivas, havia e ainda há uma camada de quartzito. Esta superposição de camadas mais duras às de menor resistência, geram as grunas, cavernas formadas pela infiltração da água e que aparecem nas encostas dos morros, atravessando-os muitas vezes.

Ainda nesta série, ocorrem os fenômenos de glaciação denunciados pela composição de certos conglomerados, e dos quais

(1) Morais Rego, 1936.

(2) O Derby, 1905.

(3) Teodoro Sampaio, 1936, reeditou um minucioso estudo sôbre a chapada Diamantina feito em 1879.

se teriam originado os caldeirões da **planície lacustre de Allen** ⁽¹⁾ e os que Castelnau viu, ao longo do **rio Lençóis** ⁽²⁾, bem como aquêles blocos rolados, soldados por uma pasta ferruginosa quase negra que "Testemunham grandes revoluções geológicas". ⁽³⁾.

Das séries geológicas, de contribuição acentuada na bacia do S. Francisco, a de **Bambuí** é das mais interessantes. Pertence ao ordoviciano, segundo os que acompanham a opinião de Pais Leme ⁽⁴⁾ e ao siluriano para os que pensam com Orville Derby. ⁽⁵⁾ constitue os calcáreos de idade incerta, muito abundantes no vale, e que se apresentam ora brancos com concreções de argila ferruginosa, ora compactos e azulados com manchas de calcita, sílex e quartzo, depositados no fundo do mar que fazia golfo na bacia do **S. Francisco**. Pertencem a esta série os mármore de Minas explorados em Sete Lagos, Arco-Verde e, segundo alguns geólogos, também os mármore da **Serra da Mantiqueira**. As águas ricas de ácido carbônico que desgastam o calcáreo, escavaram um sem número de grutas e cavernas, das quais podem ser referidas as muitas faladas de Lagôa Santa — Maquiné à frente, — a do Bom Jesus da Lapa, centro de convergência da religião meio fetichista do sertão brasileiro e a caverna do Abreu no vale do **Rio Salitre**. ⁽⁶⁾.

No vale do **S. Francisco** a deposição do calcáreo se fez em duas fossas geosinclinais. Uma delas, meridional, limitada pelas próprias elevações que enquadram a bacia e a outra setentrional, de contornos menos definíveis cujo calcáreo se insinua por baixo do arenito da **série de Lavras**, aparecendo nos vales dos **rios Verde, Jacaré e Salitre** que descem da Chapada Diamantina. Segundo Moraes Rego as duas formações estariam ligadas por um "umbílico diante do promontório arqueano da serra dos Dois Irmãos".

A série acha-se distribuída largamente no vale, coincidindo com as planícies do sertão ⁽⁷⁾ entre a **Serra da Canastra** e do

(1) In Hartt, 1941.

(2) Em Lençóis com o arenito de várias côres, rosa, verde, amarelo, cinzento, costumam pessoas do povo, construir paisagem e figuras colocando a areia dentro de frascos de vidro e dispondo-a cuidadosamente, com varinhas de madeira, desenhar paisagens.

(3) Castelnau, 1845.

(4) B. Pais Leme, 1942.

(5) O. Derby.

(6) Para pormenores sobre a espeleologia em Minas vide Nelson de Sena, 1923 e 1918. Ver também H. G. Heberle, 1941 com um estudo completo da gruta de Maquiné.

(7) Moraes Rego — 1936 — empregou essa denominação para essas regiões.

Espinhaço a leste e limitada ao sul pelo afloramento arqueano do **quadrilátero central**. Exponta na cachoeira de Pirapora, prosseguindo, ao longo do rio, por uma estreita faixa na margem esquerda que vai entestar com as chapadas que delineiam a bacia até a confluência do **Rio Grande**, onde um ramo desta formação se destaca para oeste acompanhando pela margem direita o curso dêste tributário. Muito mais expandida para oeste engloba as bacias do **Jequitaí** e do **Rio Verde Grande**, estreitando-se, de novo, confinada pela ondulação do **arqueano** que a vem acompanhando desde as alturas de Diamantina.

A chamada série do **arenito de Urucuia** é a terra vermelha, sedimentada no período cretáceo da era mesozóica, em águas rasas que recobriam a região que divide as águas do **S. Francisco** das do **Tocantins** e **Parnaíba** e repousa sobre a **série Bambuí**. Compreende uma camada inferior, dura, de **arenito de Baurú** e uma superior de arenito argiloso vermelho, segundo alguns, que, entretanto, não é confirmado por outros autores pelo menos em certos trechos do vale do **S. Francisco**. (1).

E' provável que estudos posteriores conduzam ao desdobramento desta série que forma a camada superior das longas chapadas do **planalto central do Brasil**. Como é fácil de ver a sua distribuição se faz pelo lado ocidental, limitando-se, ao sul e ao norte respectivamente, por duas linhas que passariam nas alturas das cidades de Paracatú e Joazeiro, incluindo a planície do Jalapão. Devem ser também referidos a esta série o **arenito do capacete** na **Serra da Mata da Corda** e a formação arenítica que cruza o rio, em faixa de regular extensão na cachoeira de Paulo Afonso, constituindo a **série de Tocaratú** de M. Rego, e que a erosão desligou da **chapada do Araripe**, pela qual se continuava outrora.

Também tem sido referida ao cretáceo a **série do baixo S. Francisco de Derby**, constituída de arenitos e calcáreos, rica de fósseis de lamelibranquios.

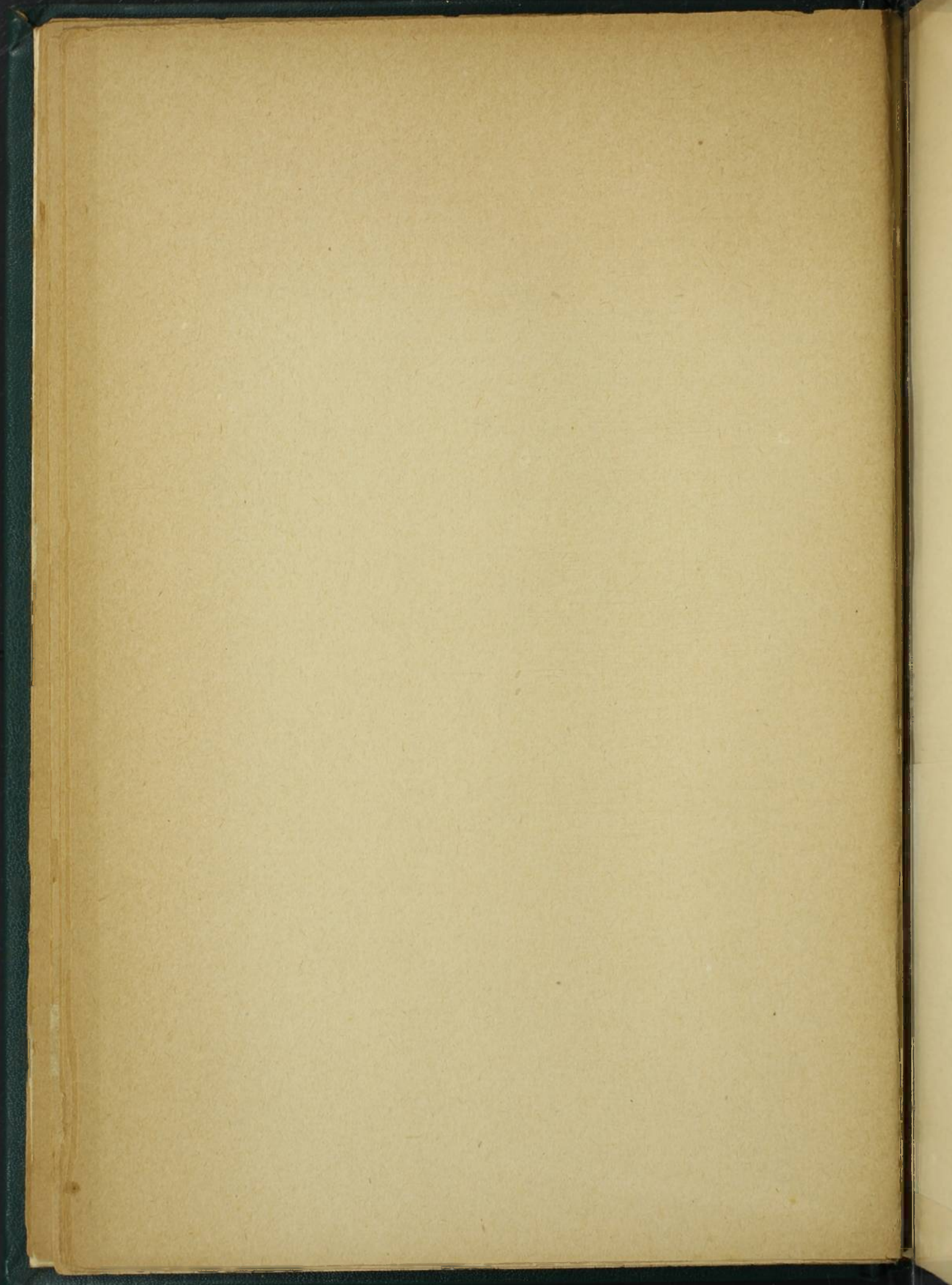
A **série dos taboleiros**, da época terciária, aparece em pequena área perto da foz com as suas camadas de arenitos argilosos, às vezes de côres vivas, predominando o vermelho, e finalmente, de idade muito mais recente, o calcáreo das caatingas (2)

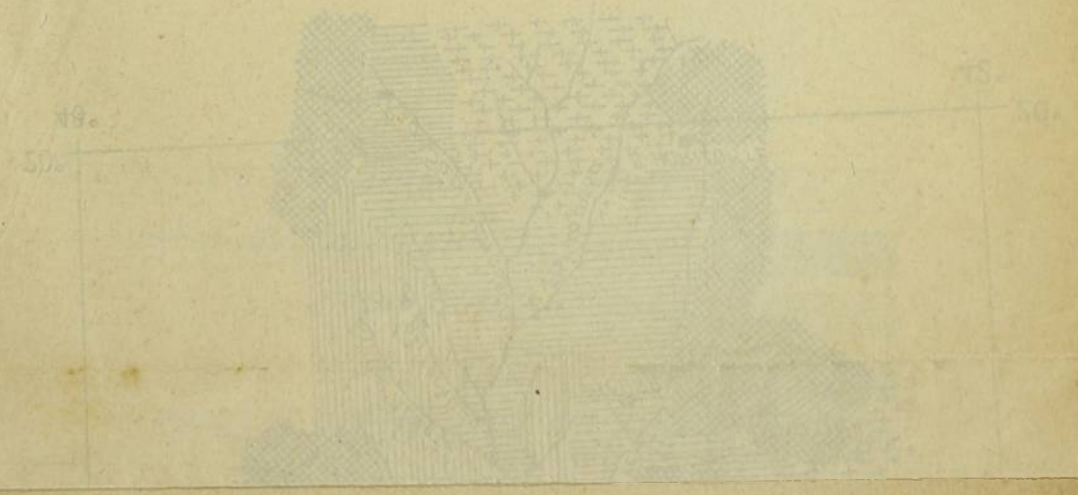
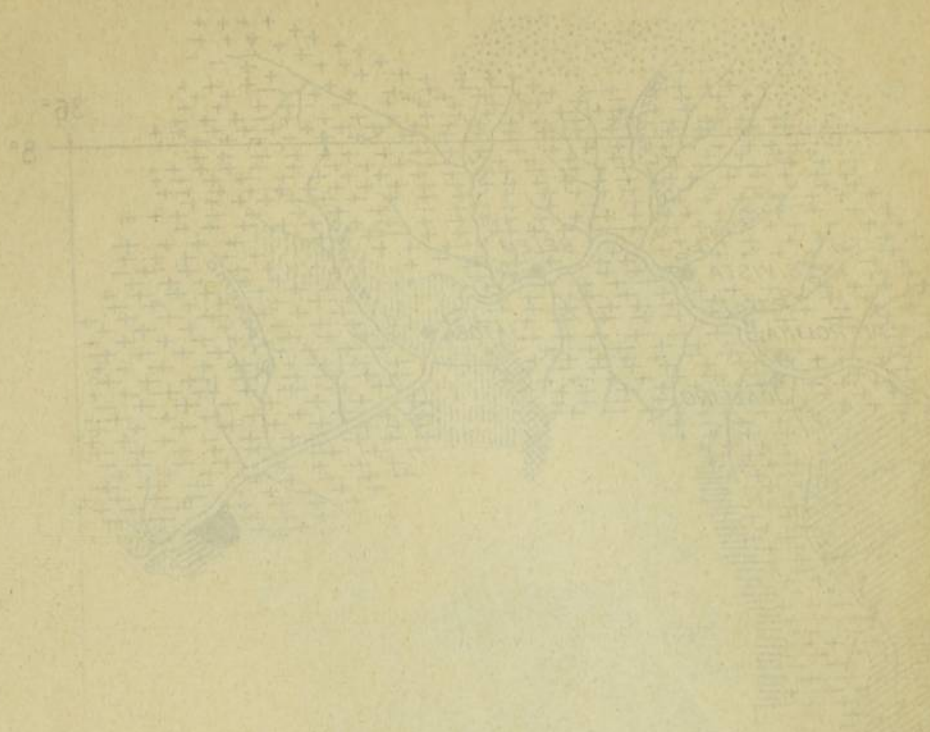
(1) A. I. Oliveira e O. H. Leonardos, 1941.

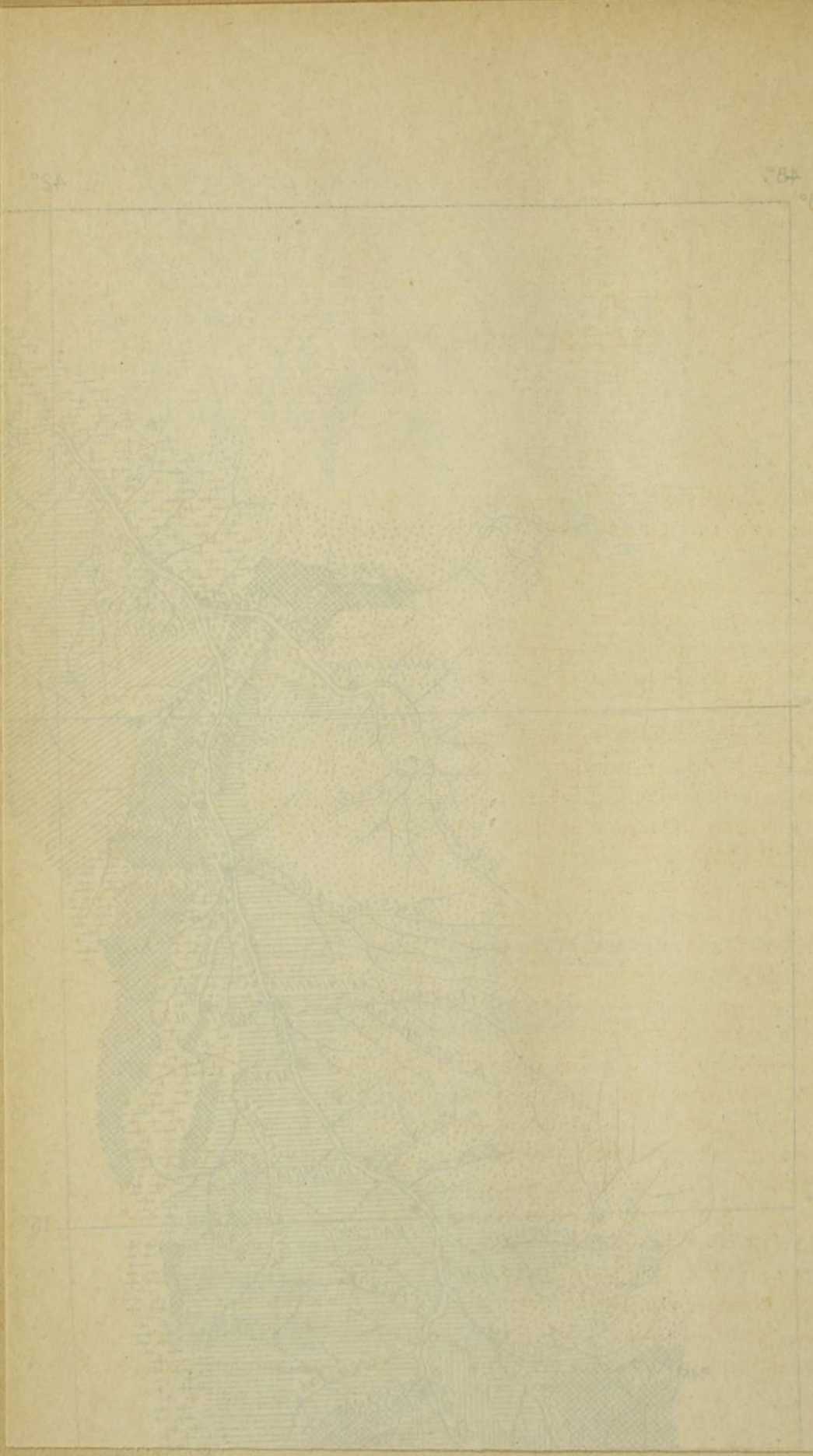
(2) Moraes Rêgo, 1936, reconhece um calcáreo moderno, branco, em camadas horizontais, oriundo de dissolução do calcáreo antigo e posterior precipitação em clima semi-árido.

e depósitos de sedimentos argilo-arenosos, fáceis de perceber nas barrancas na época das sêcas, resultado da atividade do rio, e que pode ser chamado de **série das vazantes**. O vento, trabalhando êsse material, construiu dunas, que êle mesmo vai destruindo ou recompondo, ao lado de outras já consolidadas e às vezes extensas, denominadas serras de areia, pelos habitantes ribeirinhos. A **série das vazantes** que também compreende as formações de aluvião costeiras, pertence ao período quaternário, bem como as cacimbas, depósitos de argila, contendo fósseis de animais, geralmente desaparecidos. O modo como essa terra se depositou, principalmente nas cavernas, tem sido objeto de algumas hipóteses

E' geralmente uma terra vermelha que contém muito salitre a ponto de permitir extração lucrativa, e, em geral, contém restos de animais dos tempos atuais, sendo que em algumas delas abaixo da primeira camada existe uma outra, rica de fósseis de animais extintos.







45

46

0

50

60

FATORES CLIMÁTICOS

Não é possível, com os poucos elementos ao nosso dispor, levar ao fim um estudo preciso, sobre o clima da região do S. Francisco.

O contingente pessoal de quem tenta empreendê-lo, tem que ser grande, enchendo claros abertos entre as informações fragmentárias, imaginando linhas que devem constituir as suas características, deduzidas de registros isolados, sem continuidade no tempo ou no espaço.

Desde logo porém se pode afirmar que não tem fundamento a opinião dos que malsinam o calor, que afinal é menos intenso que em determinadas regiões nordestinas de clima equatorial. Somente a região litorânea da bacia pode ser incluída na faixa que balisa a isotérmica de 25°.

Nos agrupamentos humanos, espalhados no vale, a temperatura é bem suavizada pelo vento de rio acima, que sopra com muita constância, encanado na depressão e, bem assim pelo pequeno teor de umidade existente na atmosfera. Este fato não é absolutamente desprezível tendo em conta que foi verificada a influência que exerce a umidade do ar, sobre os fenômenos de metabolismo animal. Também não pode ser esquecido o papel das altitudes elevadas em muitos pontos da região, a começar pelo trecho mais povoado — de Pirapora a Joazeiro — com uma altitude média de 350 mts. Temperaturas inferiores a 20° foram assinaladas em Mórro do Chapéu com mais de 1.000 metros de altitude, onde a névoa que se forma pelas madrugadas, em virtude do frio, recebe o nome de cruviana. Corre naquelas paragens uma anedota que bem define as condições do clima. Contam que certo caboclo em viagem recusara o oferecimento para armar a sua rede dentro de casa, preferindo fazê-lo em um telheiro desabrigado, embora o dono da casa o prevenisse para tomar cuidado

com a cruviana. Não querendo demonstrar fraqueza de ânimo, nem ignorância, o viajante persistiu no propósito, mas passou o resto da noite em vigília, de rifle embalado ao alcance da mão, esperando a cruviana que êle julgava um animal desconhecido e feroz.

Artur Neiva que percorreu largo trecho da bacia, anotando com espírito esclarecido e minudente, recolheu dados importantes sôbre o clima, (1) registando temperaturas e outros dados ao longo do itinerário da expedição.

Se tomarmos o alto S. Francisco, em terras com altitude em volta de 500 a 600 mts. encontraremos características de clima temperado com médias anuais em tórno de 20°. Decorrem dessa diminuição de temperatura e das altas montanhas uma diferença de índices de precipitação que definem as duas regiões do vale, enquanto na parte setentrional os alíseos só vão encontrar as muralhas do chapadão de Goiaz, provocando as chuvas que alimentam vários afluentes da margem esquerda, sem se deterem na Chapada Diamantina, fato que não pode ser esquecido no arrolar dos fatores climáticos. (2).

Quanto à irregularidade das precipitações podemos dizer que é geral no vale, denunciando-se pelo aspecto xerófilo ou subxerófilo da vegetação que sobrepuja largamente, em extensão, as formações florestais das matas ciliares dos cursos d'água, dos buritizais e das ipueiras e lagoas periódicas.

E' possível esquematizar o assunto, delimitando três regiões principais na bacia. A primeira avançando até Carinhanha ou talvez Bom Jesus da Lapa, correspondendo à zona das precipitações irregulares, embora relativamente abundantes; a segunda diferenciada pela escassez e irregularidade das chuvas atingindo o Pão de Açucar, já no baixo curso do rio, e uma terceira muito pequena, litorânea, com chuvas regulares no inverno. (3).

Na primeira zona as precipitações oscilam entre 1.000 a 1.500 mm., e na segunda entre 500 e 1.000 mm. anuais, podendo baixar a 265 mm. em certos locais, como Joazeiro. No litoral se mantém em tórno de 1.500 mm.

(1) Neiva e Pena, 1916.

(2) Ver a êsse respeito H. Smith, 1922, Cap. I e D. Carvalho, 1926.

(3) Esta delimitação tem apenas interesse metódico, pois a isohiética de 1000 mms., que passa entre Carinhanha e Bom Jesus da Lapa, dirige-se para o norte além dessa cidade, é verdade que se afastando cada vez mais das extremidades da bacia.

As causas que estabelecem o regime das precipitações estão ligadas a fatores de temperatura, correntes aéreas e relêvo.

A primeira que, sem ser extraordinária é elevada, aumenta o ponto de saturação do ar para o vapor d'água, enquanto os ventos, conforme a altura em que viajam, podem ser detidos ao transpor os anteparos do relêvo topográficos. Já tratamos em linha gerais dessas condições na bacia do S. Francisco.

Porém não deve ser subestimado o papel dos ventos que trabalham ativamente, forçando a evaporação, bebendo os lençóis razos acumulados nas baixadas, carregando as nuvens para longe, destruindo a vegetação que não dispõe de revestimento protetor. Ventos altos que não condensam vapor d'água, ventos baixos que espalham as areias que constituem o sólo aproveitável pelas plantas e as folhas caídas que se poderiam transformar em humo. O sol tem assumido quase toda a responsabilidade na literatura e muito se fala em setentrião abrasado, soalheira implacável e terra calcinada, enquanto o vento que adula os viajantes, enxugando-lhes o suor, dando a impressão de uma diminuição de temperatura, pouco tem sido acusado. Menos até que as aguaceiros impulsivos, fogo de palha, caindo a céu rasgado, espaventosos e prejudiciais, levando no enxurro a camada de sólo arável, denudando as rochas, pondo à mostra o esqueleto da terra. Tempestades como a que Taunay descreveu vivamente, no planalto do sul de Mato Grosso, muito diferentes daquelas chuvinhas mansas e gotejantes, enjoativas de tão demoradas, que empapam a terra cuidadosamente, para não incomodar as plantas, chuvas criadeiras da linguagem popular.

Alceu de Lellis descreve um dêsse temporais em Joazeiro quase no mesmo tempo de sua duração. "O vento habitual de leste, vento do mar, amaina e pára. Há um momento de calma. É curta e cessa com um vento violento de oeste, vindo ao que parece das chapadas que dividem o S. Francisco do Tocantins. É tão forte que destelha casas. Cai em seguida uma chuva copiosa. De uma elevação se vê que ela molhou uma légua de extensão sôbre meia de largura. Precipitação violenta, restrita, irregular".

Além dêste tipo de chuva que também assisti a arrancar telhas em Pirapora, com tal perfeição que estive quase escrevendo desfolhar, existem as mais prolongadas que caem na primeira zona, no sopé dos planaltos goianos e um pouco também sôbre a mesa da Chapada Diamantina, correspondendo a uma sensível melhoria no revestimento florístico.

VEGETAÇÃO DOS CAMPOS

Quando percorria as terras do alto S. Francisco, Saint Hilaire anotou com propriedade a vegetação subxerófila que no Brasil recebe a designação genérica de campos, incluindo as formações que se graduam desde a campina rasa até as savanas fechadas dos cerradões.

Comparou as observações que havia feito na região de Minas Novas, em viagem anterior, com as formações das nascentes, encontrando semelhanças muito acentuadas, entre as quais a predominância das leguminosas na vegetação raquítica das savanas e apenas um pequeno contingente de plantas não colhidas anteriormente. Era em Julho e os ipês e as caraíbas estavam floridos, caracterizando bem os serrados. (1).

No dorso da serra da Canastra aparece um tipo especial de campo, relacionado com a altitude, os chamados campos alpinos, definidos pela presença de associações de *Vellosias* e *Barbace-nias*, às quais o povo reúne sob a denominação comum de canela de ema. Em verdade não há uma estrita preferência destas plantas para os campos alpinos podendo ocorrer em outras formações, como acentua Sampaio.

Nós mesmo a encontramos em campos da bacia do Rio Preto e na campina do Jalapão. Nessa ocasião meu guia carregava um pedaço de caule nos arreios, dizia-me para acender fogo, bastando esfregar um pedaço contra o outro, para que a brasa aparecesse. O nome provém do aspecto do caule, da ramificação articulada e das folhas grupadas terminalmente, que dão idéia da perna da Ema. São plantas de porte pequeno, em geral, havendo contudo espécies como a *Vellosia compacta* que atinge de 3 a 4 metros de altura.

Estas formações alpinas se apresentam em manchas de extensão variável, extremando com formações de mata ou de cerrado, sobre as alturas da serra da Canastra, como acabamos de ver, e também na serra do Espinhaço e altiplanos de Goiaz.

No restante da região que se estende até Carinhanha, aparecem as campinas, ou campos limpos muito notáveis, sobre o

(1) O ipê e a caraíba correspondem respectivamente à plúva e ao paratudo de Mato Grosso, este último considerado por Sampaio como das árvores características do cerrado.

aluvião das vazantes e as savanas em que a condensação do arvoredo apresenta inúmeras gradações que recebem nomes nem sempre definíveis de modo preciso: savanas abertas, gerais, cerrados, cerradões catanduvás, entre os quais se dispõem pelas ravinas, assinalando a maior abundância de água, os buritisais e os capões de mata.

Divergem os autores quanto a idade que deve ser atribuída a essas formações campestres, considerando alguns que sejam elas de épocas muito recuadas e que o seu aparecimento tenha precedido ao das matas, ao passo que um grande número as tem por último estado de exgotamento progressivo do terreno, e referindo os cerrados e as catanduvás à ação devastadora do fogo. (1).

Conquanto se possa aplicar êste conceito final a muitos casos, e o vale que estudamos é um dêles, há evidente exagero na generalização, parecendo preferível a opinião que relaciona com a constituição geológica e permeabilidade do solo o aparecimento dessas formações: campos nas terras de umidade superficial, pouco permeáveis e matas nas de grande permeabilidade, com umidade profunda. (2).

No aspecto o cerrado não difere ali do que vemos por todo o Brasil e é fácil observá-lo largamente distribuído ao longo da estrada de ferro Belo Horizonte-Pirapora, onde também surgem campinas de vazante nas proximidades do rio das Velhas e afluentes.

A flora de gramíneas que existe nos cerrados é em geral de má qualidade forrageira, razão por que a vemos substituída pelo trabalho do homem, que semeia o capim gordura, capaz de se defender nas estiagens, adaptado à subxerofítia pelo revestimento de pêlos e produção de óleos essenciais. A denominação de catingueiro que também distingue o gordura provém dêste último caráter, bem como a facilidade com que pega fogo, mesmo verde, produzindo chama brilhante.

As gramíneas naturais são em geral duras, com revestimento silicoso protetor, nos espigões, aparecendo, nos lançantes e baixadas, exemplares menos couraçados e mais tenros. Capim brando, flexinha, cabeludo, limão, carona, são designações populares para as gramíneas que forram o solo das savanas em que se dispõem sem nenhuma ordem às arvoretas do araçá, da guabiroba,

(1) A propósito de queimadas pelos primitivos habitantes vale a pena ler o capítulo XIII de K. Von de Steinen, 1940.

(2) H. Von Ihering, 1907.

da pitanga e do cajú que se tornam procurados na época da frutificação. Também se encontram abundantes as lixeiras, Caimbé na ilha de Marajó, de casca à prova de queimada, o capitão do campo, cuja madeira branca queima até o fim, como se fosse estopa, o barbatimão que além da sua utilidade nos cortumes de couro, é utilizado em cozimentos e reduzido a carvão para curar feridas brabas.

No cerrado vão buscar os fazedores de lenha a madeira necessária aos navios que percorrem o rio. As propriedades caloríficas de cada uma são conhecidas pelos maquinistas e estão classificadas segundo uma escala empírica, incluindo o paudarco, a aroeira, o angico, e, muito abundantes na zona mineira, o tingui e o jacaré. Nesta lista muito sumária de árvores do cerrado em que apenas incluímos as mais interessantes devem constar o murici, o araticum, as bacaiuveiras, e até os mais raros como o babaçú e as mangabeiras.

Não existem diferenças essenciais entre as várias modalidades de savanas, dispostas ao longo da bacia. A diversidade aparente está na dependência dos fatores mesológicos já citados, mas que não conseguem alterar a constituição básica do aglomerado botânico. Identicamente ocorre com as campinas, motivo por que não vemos razão para considerar as vazantes como formação individualizada, segundo pretendeu Moraes Rego.

A distribuição dêsse revestimento na região do S. Francisco, vai até Carinhanha, pela região central da bacia, prolongando-se entretanto, lateralmente de modo a envolver a faixa de caatinga, pela vertente ocidental, passando um pouco além do vale do Rio Preto, afluente do Grande. Pela vertente oriental vai até o vale do rio das Rãs, onde é interrompido por uma faixa de caatinga, reaparece na Serra Geral depois de nova interrupção na chapada Diamantina. Pequenas formações que aparecem na zona do litoral e do planalto que cruza o rio na região de Jatobá, pertencem a esta modalidade de revestimento.

Merece uma referência especial, dentro dêste tipo de vegetação, o cerrado que se apresenta bem característico e ocupa uma grande extensão desde as cabeceiras ocupando toda a superfície interna do ângulo formado pelo S. Francisco e o Rio das Velhas, continuando depois pela encosta oriental da bacia até atingir quase a região da margem esquerda do rio Verde Pequeno.

Recebem também a denominação de gerais os campos abertos da bacia do rio Grande, bem descritos por Artur Neiva em 1916. É região mais protegida com relação à água, com abun-

dância de buritizais, e correspondendo aos marimbús. Nesses locais, além de várias espécies arbóreas, encontram-se reunidas todas as palmeiras que vivem na zona. Também ali são encontrados capões de mata, interrompidos muitas vezes por trechos de campinas estreitas, com flora graminácea de boa qualidade forrageira e solo fértil, veredas na terminologia local. (1).

Nesta primeira zona é que se encontram as matas ciliares mais desenvolvidas, que podem ser vistas em viagem aérea, desenhando em verde escuro sobre o fundo esmaiado dos campos o contorno dos rios que drenam as águas do vale. Se acrescentarmos ainda a existência de pequenos trechos de mata, sem nenhuma influência sobre o conjunto, matas solteiras como diria Capistrano de Abreu, disseminadas parcamente, teremos escrito o suficiente sobre esta modalidade de revestimento florístico.

VEGETAÇÃO DAS CAATINGAS

A zona das caatingas se distribue em ambas as margens do rio a partir da região de Monte Alto, interrompida apenas por manchas de campinas que formam as vazantes da bacia do rio Grande, as quais se prolongam para o sul em estreita faixa ao longo do S. Francisco até as alturas de Bom Jesus da Lapa. Estas vazantes são trechos que em geral estão sujeitos a alagamento na época das enchentes e a essa irrigação periódica devem o seu bom aspecto florístico definido no vocabulário regional como vargado.

A partir de Barra do Rio Grande começa em toda a sua plenitude o domínio da caatinga através da qual o S. Francisco desliza acolhedor e benéfico. Para sermos rigorosos devemos excluir dessa formação a flora dos campos, que recobre a mesa da Chapada Diamantina e do altiplano da região de Jatobá, que anteriormente já incluímos na zona de subxerofítia.

Martius atravessou a caatinga na viagem que fez de Malhada, na margem do rio, até Cachoeiras e, novamente, quando

(1) Neiva define vereda como região "mais fértil com vegetação abundante". Parece que o verdadeiro sentido é o de várzea em região baixa, com gramineas, como a definiu Teodoro Sampaio, 1936, significação que é também corrente em Mato Grosso.

foi desta última cidade até Joazeiro, ponto final da navegação do médio S. Francisco. Descreveu-a com pormenores, narrando as dificuldades das jornadas através dessas regiões assoladas pelas secas, relacionando as plantas mais características. Talvez nenhuma flora possua a popularidade da caatinga e devemos reconhecer que isso se deve à magnífica reconstituição feita por Euclides da Cunha, com aquêlê seu estilo e visão de conjunto que, mau grado os imitadores de todos os calibres, continuam inegalados, com a imponência de um fenômeno orográfico, ao lado de montanhas de presépio.

Atraem desde logo a atenção as cactáceas de várias espécies: chique-chiques de caule cilíndricos, mandacarús de caules prismáticos, tão criados que dão táboas de porta e até caibros para sustentação de cobertura dos ranchos; palmatórias com finíssimos pincéis de acúleos, coroas de frade rasteiras, com um círculo roxo no alto, completando o símile, todas revestidas de espinhos, cuja distribuição e morfologia variam quase que de espécie para espécie. Bromeliáceas em tufos de folhas longas e bordos serrilhados de acúleos, formando moitas como a macambira que se alastra em larga extensão, obrigando os cavalinhos sertanejos a saltarem as sebes agressivas, defendendo-se dos arranhões, na lida do gado. Árvores como a imburana de óleo perfumado, o joazeiro e o imbuzeiro que não se amedrontam com a seca, a faveleira de folhas lustrosas, com espinhos nos bordos foliares que são verdadeiras agulhas, definindo, por si só, a zona das caatingas, como observou Artur Neiva.

A flora xerófila não constitui porém um agrupamento rígido, nem quanto ao porte, nem quanto à discriminação das espécies, bastando para prová-lo a comparação dos relatos de viajantes que a observaram em regiões afastadas uma das outras. Podemos ter uma idéia da multiplicidade de aspectos que pode apresentar, pela simples enumeração da terminologia popular, que corresponde com apreciável exatidão ao aspecto dos grupamentos botânicos: Caatinga baixa, caatinga alta, caatinga verdadeira, caatinga mestiça.

"E' uma das mais difíceis de descrever, pela variedade de associações desde as florestas outrora luxuriantes e hoje muito devastadas até as caatingas mais pobres que aí se encontram e que em grande parte resultaram da obra nefasta do homem que há quatro séculos vem destruindo imprevidentemente a vesti-

menta florística da região" (1), acentua uma autoridade no assunto.

Correspondendo a esta sistemática sertaneja os botânicos estabeleceram duas classes, a primeira com nove sub-divisões e a segunda com três, ou sejam doze tipos de formações.

Se tomarmos como critério de classificação os caracteres convergentes — porque tendem para o mesmo resultado final — a vegetação xerófila se define pela caducidade das folhas de limbo, plano em quase todas as plantas que aí vivem e pelas alterações morfológicas que permitem o aproveitamento de pouca água existente com um mínimo de desperdício desses elementos. (1). Acentuam-se certas manifestações que já haviam sido pressentidas na zona sub-xerófila dos campos e que muitas vezes são levadas às últimas conseqüências.

As folhas se apresentam modificadas de modo a evitar o desperdício de água pela transpiração, estreitam-se, quase lineares, como nas gramíneas, transformam-se em escamas e chegam a desaparecer. A função clorofiliana então se transfere para o caule, originando a coloração verde das cactáceas. Transformações dos tecidos fazem surgir os espessos revestimentos de cortiça, os caules excessivamente linhificados, e principalmente o esclerófito, que caracteriza uma avançada cuticulização foliar, pelo grande desenvolvimento defensivo, desde o tomento macio e lanoso até aos espinhos de vários tipos: ramificados, estrelados, criando um revestimento protetor contra a irradiação solar, facilitando a retenção da escassa umidade.

Muitas utilidades vegetais são decorrências de processos análogos, bastando citar o óleo essencial da imburana que perfuma o cabelo corrido das caboclas em dia de festa na igreja, as reservas aquosas que entumescem as raízes do imbuseiro e o caule obeso da barriguda; as resinas do tipo do breu branco, perfumado como incenso, servindo para defumações de casas onde se teme a mau olhado, ou mesmo nas igrejas materializando as preces caboclas na sua ascensão lenta para o céu. Ainda as resinas que impregnam a imburana branca e a canela de ema que se prestam à produção de fogo pelo atrito, segundo o pro-

(1) O aspecto quantitativo é que caracteriza a caducidade foliar pois que em vegetações que nada tem de xerófilas a caducidade é também encontrada, do mesmo modo que os espinhos, tomentos e outros revestimentos. Porém neste caso não passam de fatos individuais sem assumir foros de caráter distintivo de uma coletividade vegetal.

cesso indígena, e também as que definem o tipo de madeira usado para facho das pescarias noturnas.

Sem o desejo de ampliar esta relação citemos a cêra de carnaúba, a areia silicosa que recobre a folha das lixeiras, muito própria para lustrar serviços finos em madeira e chifre, as reservas providenciais das cactáceas, dessedentando o gado na sêca, as fibras tésteis numerosas como as do caroá e piteira, o latex da maniçoba e da mangaba e até aquelas gotas que caiam, como lágrimas, dos joazeiros na sêca de 1825 e que os flagelados acharam com gosto de mel. (1).

As árvores, sujeitas a um periódico diminuir dos processos vitais nas épocas de estiagem, desforram-se num acelerado crescimento ao vir das águas, ocasionando o aspecto muito notável da galhada sinuosa, revestida espessamente, pelo grande desenvolvimento dos tecidos de proteção. Cada caule arbóreo é um registro de fases vegetativas felizes, e de longos repousos em que as atividades do metabolismo se reduzem a um mínimo, compatível com a conservação de uma vida sem brilho. Nas noites de lua os ramos desfolhados e retorcidos produzem efeitos de sombra que fazem compreender porque existem tantas histórias de assombração. Creio que foi Euclides quem denominou a caatinga de mata espectral.

Em meio a êsses sofredores, o aspecto farto do umbuseiro, que não perde as folhas, tem merecido inúmeras referências simpáticas.

O gado da região, acostumado a se alimentar de rama, come as folhas baixas do imbú, e êste se apresenta com a sua copa arredondada, terminada bruscamente em pano horizontal, indicador da altura máxima onde alcança a língua preensora dos bois.

Árvores que são gigantes na zona florestal possuem, aqui, representantes nanicos e enfezados como o cajá mirim que, nem de longe, faz pensar no taperabá amazonense — terror dos jabotis, segundo a lenda, pois que não apodrece, brotando de novo, prendendo o bicho para sempre sob o seu pesado tronco. Se na caatinga isso acontecesse certamente o jabotí continuaria seu caminho sem grandes incômodos. Os cajueiros, tão celebrizados no litoral, são pobres e napevas, desforrando-se em desenvolver a trama de raises que pode ser comparada a uma frondosa árvore subterrânea.

(1) Efeito da Sêca, segundo Lellis.

RESUMO DAS CONDIÇÕES NATURAIS

Uma ligeira inspeção na bacia do S. Francisco revela, desde logo, que os tributários decrescem em número e qualidade, a proporção que se aproxima da foz. O último rio importante é o Grande, depois do qual, pela margem esquerda, apenas o Icatú não interrompe o curso, "cortando", como ali se diz. Os demais só adquirem individualidade na época das chuvas. São rios que aparecem, muito diversos dos rios que nascem, como bem definem os sertanejos, distinguindo a transitoriedade dos cursos formados nas baixadas das águas perenes que descem dos chapadões. A mesma impressão é obtida em viagem aérea sobre o rio, quando se pode notar a estreita mata ciliar do S. Francisco e a parda coloração das gramíneas esturricadas, interrompida, vez por outra, pelos rios cujas águas se isolam em poças de dimensões variáveis, dispostas como contas irregulares de um colar, ou, em casos mais avançados, rios percebidos apenas pelos renques de árvores assinalando as duas margens, e a faixa sinuosa de um verde claro e alegre, correspondendo às culturas de vazante que o caboclo semeou no álveo sêco.

Todas essas condições fazem compreender que os temporais, desabando sobre a terra sêca, provoquem a exposição da rocha, carregando o solo arável, que foi reduzido a pó fino pela falta de unidade agregadora. Acrescente-se a prejudicial ação do vento, espalhando as folhas caídas que secaram sem se decompor, dispersando e erguendo em colunas turbilhonantes a cinza das queimadas, pelos quais os sertanejos se nivelam aos agentes mesológicos nocivos. Nesta terra em que os azotados não são fáceis de encontrar, predominam as leguminosas, principalmente as mimosas: unhas de gato, malícia de mulher, a jurema preta, considerada a melhor lenha na região, as quais podem retirar do ar, o azoto que não encontram no solo graças aos nódulos radiculares que constituem colônias de microorganismos nitrificantes.

Finalmente, devemos deixar por entendido que a vegetação do tipo das caatingas não está obrigatoriamente ligada a fenômenos de sêca, com o seu cortejo dramático de prejuízos. Nas pró-

prias margens do S. Francisco, em zona xerófila, as águas do rio são um elemento corretivo, e os fenômenos da sêca no seu aspecto característico só atingem as regiões vizinhas de Barra do Rio Grande. Um pouco ao sul, de acôrdo com a carta da Inspetoria Federal de Obras Contra as Sêcas, um pouco ao norte, no vale do Icatú, segundo Agenor de Miranda.

A FAUNA

Pela divisão proposta por Melo Leitão, a bacia do S. Francisco, estaria compreendida nas províncias Bororo e Cariri que se limitariam próximo das nascentes do rio. A Bororo, ao sul, e a Cariri, incluindo o restante da bacia e ainda se prolongando pela região dos cocais, definida por Alberto Sampaio em sua Fitogeografia. Posteriormente o primeiro autor, na impossibilidade de estabelecer com precisão os limites das citadas províncias reuniu-as em uma única, juxtapondo as denominações: — Bororo-Cariri.

As províncias zoogeográficas de Melo Leitão, aqui referidas, resultam apenas do desdobramento da antiga designação proposta em 1907, por H. von Ihering; Araxana.

O mais correto seria o desdobramento da Província Araxana, com nova denominação para a parte desdobrada, no caso a província Cariri. Embora não seja uma justificativa, o argumento da uniformidade, até certo ponto explicaria a substituição de Araxana por Bororo. Acontece porém que a imprecisão de limites obrigou a um regresso à primitiva divisão e em consequência a denominação anterior deve ser restabelecida.

Uma questão de nomenclatura poderá parecer preciosismo, e não insistiríamos sobre ela, se, no caso, esta simples troca de nomes não envolvesse uma questão de justiça. O trabalho de von Ihering é cronologicamente a primeira tentativa de sistematização zoogeográfica no Brasil. O seu autor não fez um trabalho de improvisação, mas resumiu o resultado de anos e anos de estudo contínuo e lúcido da nossa fauna. Nada mais injusto, pois, que obscurecer o esforço alheio, apenas para satisfação de vaidades terminalógicas.

A fauna da região é a comum à maior parte do Brasil e, tirante a migração anual, condicionada aos períodos de seca na

caatinga, muito pouca há que registrar como caracteristicamente regional.

Curiosa é a distribuição dos guaribas, dos quais, somente ocorre na bacia o **Alouata caraia**, de larga distribuição geográfica, que atinge as nascentes do Paraguai, o alto Tocantins, mas não transpõe o divisor Parnaíba-S. Francisco, faltando na região piauiense. Do mesmo modo a seriema, segundo Miranda Ribeiro, possui duas subespécies na bacia, uma ao sul a **Cariama cristata leucofimbria** que difere da forma típica do norte, **Cariama cristata cristata**.

Muito abundante são os mocós, pequenos roedores que vivem nas regiões pedregosas, servindo de alimentação aos sertanejos. Porém os mais celebrizados nas caatingas são os bandos de avoantes que afluem aos bebedouros, em quantidade muito grande, deixando-se apanhar com facilidade pelos caboclos que fazem verdadeiras devastações entre elas.

A maior aglomeração faunística se faz nos trechos de água mais abundante e Artur Neiva observou, com propriedade, que, assim como o burutizal reúne quase todas as espécies da folha local, as lagoas, açudes, ipueiras atraem a avifauna de léguas em redor e muitas espécies são encontradas somente nestes locais. São as aves bem conhecidas em quase todo o Brasil, cujo maior interesse reside nas designações populares muitas vezes diferentes. A teu-teu é o quero-quero do sul, o nome de mergulhão inclui o biguá e o biguatinga, a garça parda corresponde ao baguarí. Pareceu-me interessante a informação que me deu um marinhaio, de que as gaivotas emigram do mar, quando o rio está na vazante, e veem desovar nas coroas de areia que se formam no médio S. Francisco. Quando as águas começam a crescer, os filhos estão criados, e acompanham os pais de regresso para o litoral. A fim de não deixar dúvidas esclarecia: — "A gaivota do rio é clara e a do mar, quando fecha as asas, parece preta. Fácil de diferenciar".

Os jacarés não parecem tão abundantes como no Paraguai e outros grandes rios, do mesmo modo que as aves ribeirinhas, e, ao vir a estiagem, a caatinga parece deserta, sem que se saiba para onde foram os animais.

Há vários animais, perseguidos pelos prejuízos que ocasionam, os urubús e os gaviões, como o cracará que ataca os cabritinhos novos que ainda não sabem defender-se. Estão nas mesmas condições de nocividade os morcegos hematófagos capazes de matar bezerros em sucessivas sangrias noturnas. A região apresenta

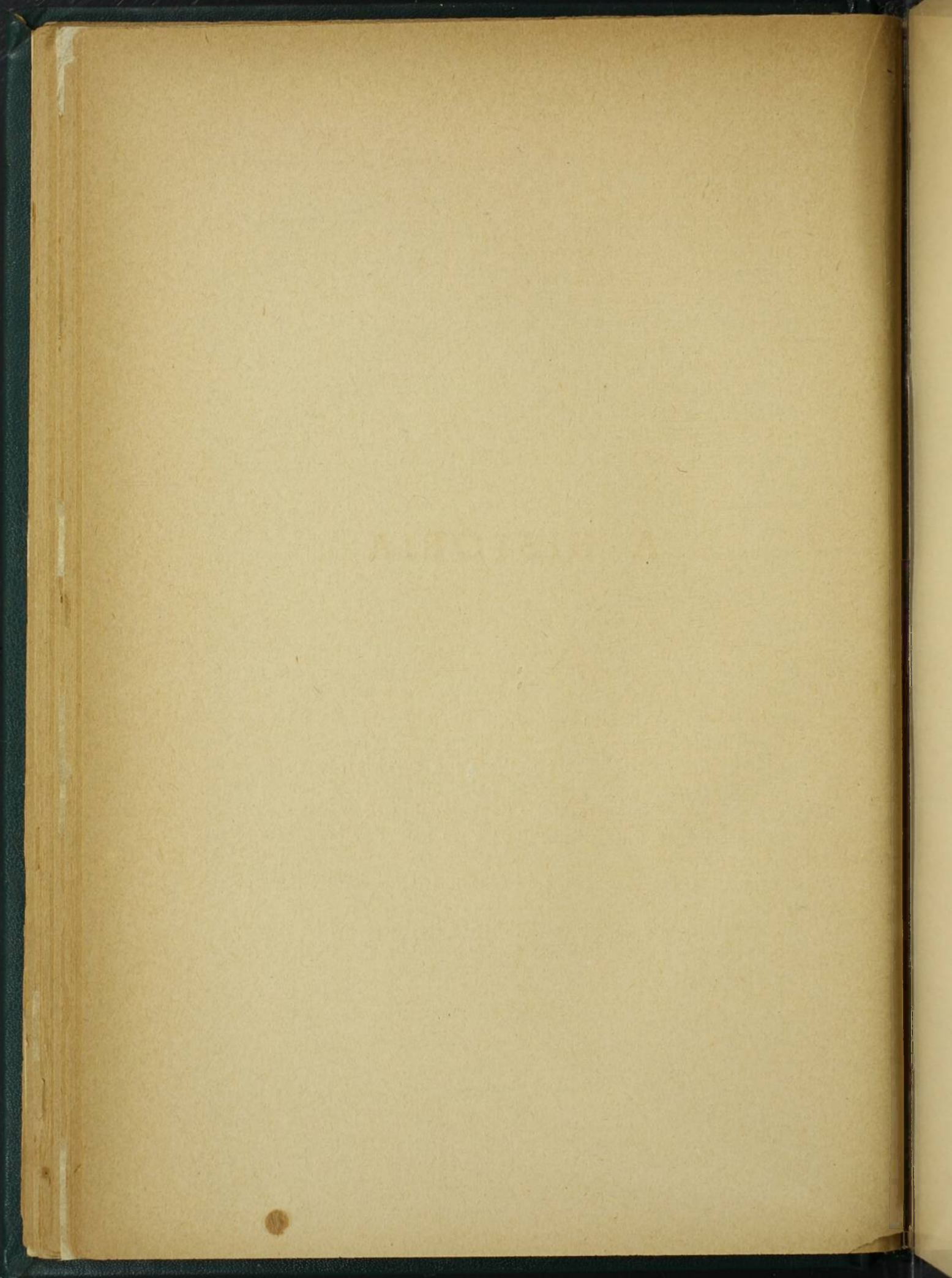
condições muito favoráveis ao desenvolvimento dos morcegos em geral, os quais encontram nas inúmeras lapas e grutas escavadas no calcáreo, muito abundante na bacia, um abrigo seguro e propício. As narrativas de viagem e os documentos históricos testemunham a atividade dos morcegos hematófagos, capazes de constituírem muitas vezes, obstáculo sério à criação do gado.

Os gafanhotos e os cupins são os insetos mais freqüentes, servindo de alimentação quase que exclusiva dos anús pretos e brancos, muito freqüentes na região. O vôo nupcial dos cupins é motivo de alegria para várias classes de animais que deles se alimentam, desde as vespas solitárias, passando pelas aranhas, até as andorinhas. Também para os homens de uma terra sem água, visto como existe a crença de que o vôo do cupim é indicador de que a chuva será demorada. Salvando a responsabilidade acrescentam: — "Os antigos que sabiam disso".

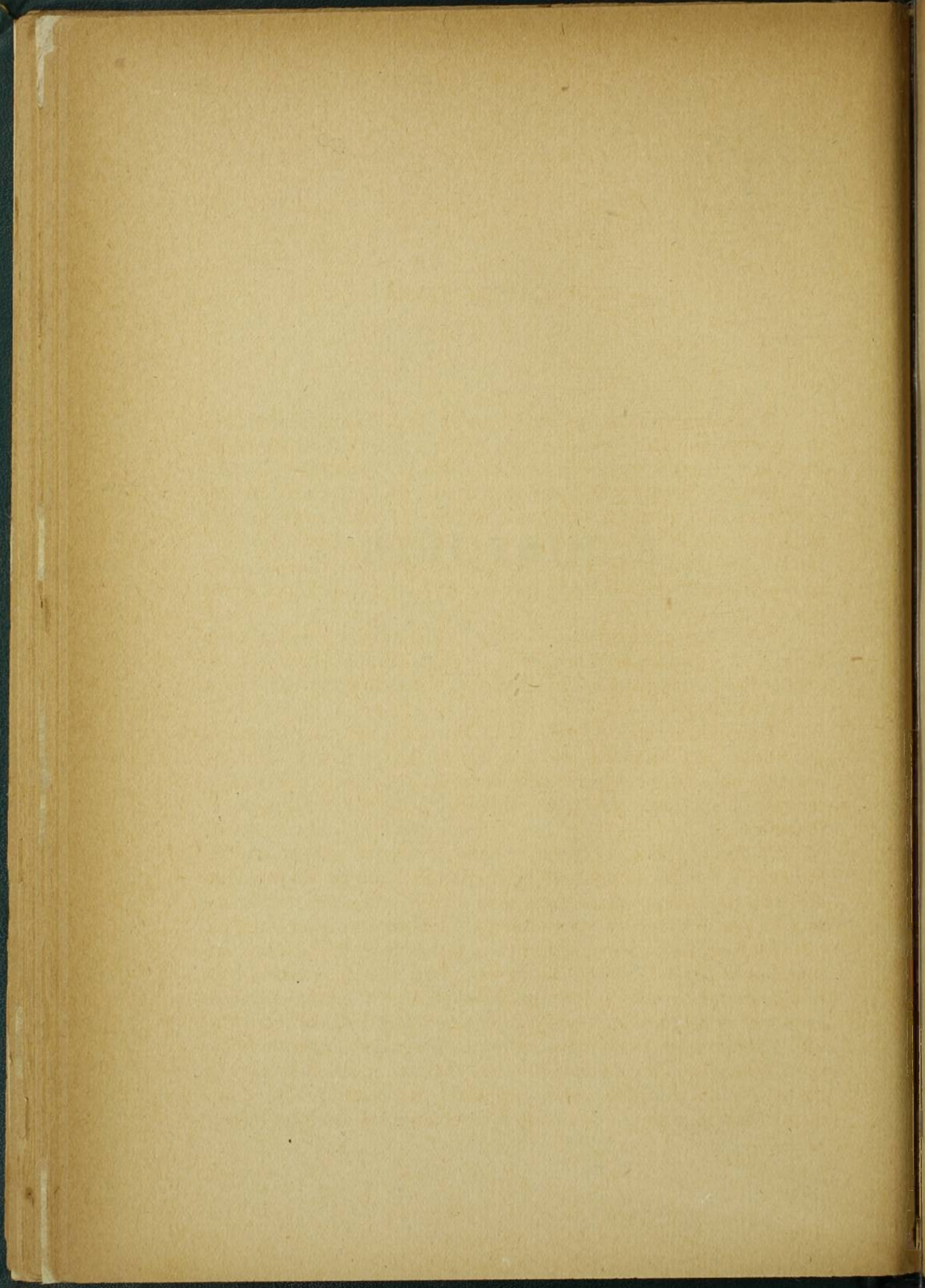
Nas encostas das chapadas que extremam o vale nidificam as araras, desde a esplêndida araraúna até a canindé e a canga, enquanto as maracanãs preferem o cipatel dos buritís nos marimbús úmidos. Em quase todas as casas há papagaios faladores e periquitos que sabem assobiar, mansos, bichos da estima dos caboclos.

Porém o recurso providencial da fauna está nos peixes de várias qualidades e que entram com a maior percentagem na alimentação dos homens da região. Para dar uma idéia da sua abundância basta referir que vimos, em um armazem de uma cidade do vale, cinco toneladas de peixe salgado, a espera de condução fluvial para exportação. Os dourados e surubís são os maiores fornecedores de carne, seguidos pelos curimatás, o mandi amarelo, a sofia, os bagres, armados de nadadeiras ofensivas, os caborges facilimos de pegar, abundantes no lodo das barrancas, logo às primeiras chuvas. Existem piranhas do S. Francisco, porém, a pesar de agressivas, não possuem a triste celebridade das de outros rios brasileiros.

Concordando com o revestimento florístico a fauna dos serrados sobrepuja em qualidade e quantidade à das caatingas.



A HISTÓRIA



A OCUPAÇÃO DA TERRA

O povoamento das regiões da bacia do S. Francisco foi obra das gentes que habitavam os três núcleos mais ativos da nossa história no século XVI: Pernambuco, Baía, S. Vicente.

Lenta e progressiva, a onda nortista subiu o curso do rio, assenhoreando as terras marginais, infletindo pelos vales dos tributários, balizando o roteiro da ocupação pelas caiçaras dos currais, dispersos na planície. Núcleos de condensação, que se ligam pelo pontilhado dos rebanhos que pastam, em comum, nos grandes intervalos.

A colonização paulista no alto S. Francisco, só muito mais tarde se vai processar, impetuosa e rápida, numa gravitação de elementos heterogêneos, em tórno do ouro revelado nas terras de Minas Gerais.

Tomando a era de 1697, para marco inicial da descoberta das minas, pois foi nesse ano que Garcia Pais descobriu ouro de lavagem nos ribeiros da serra de Sabarabuçú, podemos considerá-lo também como assinalando a conquista integral do vale do S. Francisco.

Já nessa época os currais tinham avançado até as regiões mineiras e seis anos depois se lê, numa descrição de viagem, que em todo o percurso não se precisava dormir ao relento, achando-se pousada em ranchos de vaqueiros, numerosos e hospitaleiros.

Motivos de ordem geográfica e histórica determinaram em suas linhas gerais a conquista do vale. Partindo do litoral a cortina de matas barrava o caminho do sertão, os rios encachoeirados, as manchas de caatinga onde a orientação é difícil, não convidavam à penetração, ainda mais em terras infestadas do gentio guerreiro, que azedou a vida dos primeiros colonos, acuando-os junto a costa. Ao sul o trilho pelas gargantas da Mantiqueira, com quanto áspero, não era de molde a fazer arrepiar caminho a pau-

listas de boa têmpera. São não foi percorrido inteiramente desde cedo, em virtude das vantagens que os preadores de índios encontravam ao sul onde, além das facilidades de percurso, apresentavam-se em condições econ micas providenciais nas reduções jesuítas, onde o  ndio estava reunido e   mão.

Ali as bandeiras procuram no sertão os escravos para a sua lavoura, o  ndio transformado em moeda com que compram roupas, meias de seda, vinho bom e tudo mais. E' a época do potentado em arcos.

Ao norte a penetração se faz no coice das boiadas, o homem seguindo o capital que caminha. Começa assim o destino do boi que pelo tempo afora, se tornaria em "substitutivo histórico do bandeirante, o maior instrumento desbravador e unificador da nossa pátria". (1). Documentos contemporâneos, um em S. Paulo, falando da captura de índios e outro da Ba ia, a propósito de currais, convergem na mesma expressão, para definir o móvel que os inspirava, "remediar sua pobreza".

Desde cedo tentaram remontar o S. Francisco navegando-o até a cachoeira grande, erguida em muralha isolante que são a imaginação transpõe, divisando sumidouros, lagoas douradas e riquezas.

Conhecida a sua foz, desde 1501, alguns anos depois era navegado de errepio até o paredão da cachoeira e já em 1548, se encontra a preocupação de explorá-lo no regimento que D. João III forneceu para govêrno de Tomé de Souza, no qual recomenda que entrem pelo S. Francisco, em bergantins toldados, bem providos do necessário, com línguas da terra e pessoas de confiança.

Mesmo assim, até o início do século XVII, as noções adquiridas sôbre o S. Francisco, ainda não perderam a auréola de lenda que cercava o mistério das suas nascentes. Supunha-se que o rio corresse de oeste para este, como lógicamente faz supor o seu curso inferior, e imaginam suas cabeceiras nas grandes serranias do Chile e do Perú, em conjunto com o Prata e o Amazonas, versão que substitue às vezes a mais difundida e poética, que situa suas origens na lagoa Dourada, em cujas margens habita o gentio que se atavia com jóias de ouro.

Nesse pressuposto a carta de doação da Capitania de Duarte Coelho, constitue o S. Francisco em fronteira meridional, equiva-

(1) Mário Andrade, *Música do Brasil*, 1941.

lendo às linhas paralelas que, partindo do litoral, delimitam as outras capitâneas.

* * *

Nascendo nas terras altas do centro do continente, "onde a maior exposição ao sol favorecia a formação de metais nobres", as probabilidades de riquezas eram ainda reforçadas pelas razões filosóficas que estabeleciam, com segurança, ser o oriente mais rico que o ocidente.

Assim é que este grande rio "entra tão soberbo no mar e com tanta fúria que não chega a maré à bôca, sòmente faz algum tanto represar suas águas e daí três léguas ao mar se acha água doce. Corre-se da bôca do sul para o norte: dentro é muito fundo e limpo, e pode-se navegar por êle até sessenta léguas como já se navegou. E daí por diante se não pode passar por respeito de uma cachoeira mui grande que há neste passo onde cai o pêso da água de muito alto. E acima desta cachoeira se mete o rio de baixo da terra, e vem sair uma légua daí e, quando há cheias, arreventa por cima e arrasa toda a terra. Este rio procede de um lago muito grande que está no íntimo da terra, onde afirmam que há muitas povoações, cujos moradores, (segundo fama) possuem grandes haveres de ouro e pedraria". (1).

Esta descrição serve de modelo aos escritores antigos como Gabriel Soares e o próprio Fei Vicente do Salvador, o qual informa, já em 1627, que por causa dessa fama, "Duarte de Albuquerque Coelho, senhor que foi de Pernambuco, tratou no reino desta conquista, mas nunca se fez nem o rio se povouou até agora, mais que de alguns currais de gado e roças de farinha ao longo do mar".

Várias expedições atingiram terras do S. Francisco, impulsionadas ora pelo espírito de aventura em busca de riquezas, ora pela necessidade terra a terra de conseguir braços escravos para a lavoura dos engenhos. Mal sucedidas em sua maioria as primeiras concorriam para acrescentar novos mistérios ao ciclo das lendas, ponto em que confinavam com as segundas, que difundiam histórias de tribus ferocíssimas, tendentes a valorizar a prês

(1) Gandavo.

colhida e a formar um ambiente propício à continuação das entradas que se viram ameaçadas desde a vinda dos padres.

Possuem caráter de sondagens no desconhecido, própria-mente sem conseqüências históricas, apresentando apenas interesse cronológico, para a fixação de precedência de descobertas e informações sobre os primeiros contactos entre índios e europeus.

Entre elas a expedição do Padre Aspicuelta Navarro, que se tem por descobridor do S. Francisco. Chegou até um rio caudal por nome Pará que os índios disseram ser o próprio S. Francisco, onde construíram canoas que o padre calafetou com resinas encontradas no mato, navegaram por êle um certo trecho e, desembarcando, regressaram por terra a Pôrto Seguro sem maiores resultados.

O número crescente de engenhos, a inaptidão do gentio para a rotina do trabalho agrícola e uma extrema sensibilidade para as doenças comuns à raça branca, tornavam premente a necessidade de braços. Generalizou-se em conseqüência, a caça ao índio, chefiada muitas vezes pelo próprio governador. As tribus iam se internando e, cada vez, era preciso ir mais longe para encontrar o material. O governador Luiz de Brito Almeida, depois de vencer e aprisionar o gentio do rio Real, cortou cinqüenta léguas no rasto dos índios chefiados por Aperipé, que batiam em retirada para o sertão.

"Quebravam os pregadores o púlpito sobre isto, mas era como se pregassem em deserto". Trazia-se o índio por bem, aldeias inteiras, com muitas promessas, presentes de anzóis e contas de vidro, resgatavam-se prisioneiros que deixavam de ser comidos para virarem escravos. Empregavam-se argumentos sutis para vendê-los, pois eram índios de consciência e não escravos. Vendiam-lhes o trabalho e não o corpo, o que não impedia o comprador de marcar com ferro em brasa os que buscavam a liberdade pela fuga.

Antônio Dias Adorno — quem conta é Frei Vicente — vai descobrir minas por encomenda do governador, segue costeando o rio de Contas até muito longe e traz algumas esmeraldas que eram bem boas, como se provou no reino. "De quebra" vieram mais sete mil índios cativos e, com estas peças, parece que ficou mais satisfeito que com as pedras, pois nunca mais tornou a pesquisar minas. Já Gabriel Soares narra que a expedição se fez pelo rio Caravelas, com cento e cinqüenta homens e quatrocentos índios — que índio não era homem — sendo bem recebido e melhor tratado pelo gentio. Chegando ao sopé de uma

serra toda de cristal, colheu pedras preciosas à flôr da terra, supondo-se que as que estão profundas são melhores. De volta a comitiva se dividio por dois caminhos, descendo uma parte pelo Jequitinhonha e a outra, por terra, veio ter ao Jequiriçá.

— Outros afoitos continuaram a investir o sertão, como aquêle Sebastião Álvares que a mando de Luiz de Brito foi até o S. Francisco. Foi de muito auxílio nisto o índio Porquinho, grande principal do gentio do sertão, que, a troco de um vestido de escarlata e uma vara de meirinho, presentes do Governador, levou Sebastião Álvares e seus companheiros, o língua Diogo de Castro e Jorge Velho, até o curso médio do rio e ainda os ajudou a fazer uma embarcação em que navegaram rio abaixo, atingindo a região das cachoeiras. Os dois companheiros de Sebastião Álvares, na ausência do chefe que fôra chamado à Baía para justificar despesas da expedição, encontram gente de Pernambuco e resolvem abandonar a pesquisa de riquezas para se empregarem a descer índios. Quando regressou, o chefe teve conhecimento da resolução dos camaradas e partiu, a alcançá-los, a fim de participar da emprêsa lucrativa. Não parece que tenham sido muito felizes pois disso não há notícia, mas em 1578, o mesmo Domingos de Castro está comandando um grupo de setenta homens que segue por terra, fazendo parte da tropa de Francisco Barbosa da Silva que num caravelão, está viajando para o encoradouro do rio S. Francisco, onde vai desembarcar e penetrar no sertão em busca de índios. Novamente pedem o auxílio de Porquinho — o do vestido de escarlata — e de um outro principal. Foi cheia de complicação e dificuldades o desenvolvimento desta entrada. Ora aprisionando centenas de índios, ora postos em cêrco, os expedicionários acabam regressando mais pobres do que saíram. A falta de sorte que aqui malsinou a Francisco Barbosa da Silva, teve mais triste desfecho, quando êste perseguia a indiada que atravessara o rio para a banda pernambucana, depois da fundação de Sergipe, pois que dessa vez perdeu a vida.

Todavia não ficaram em sossêgo os de Pernambuco tanto assim que Francisco de Caldas e Gaspar de Taíde entram pela barra do S. Francisco e, depois de navegá-lo um pedaço, ganham a margem, varando pelo interior. Com êles vai o principal tabajara, Braço de Peixe, aliado na emprêsa de matar e aprisionar o gentio, que topam nas muitas léguas entradas pelo sertão. Ao cabo da colheita, quando tornam para o mar (como prova de solidariedade ao aliado), combinam de acrescentar aos sete mil prisioneiro a gente de Braço de Peixe, com o seu chefe amarrado,

em cativo. Foi essa deslealdade que os perdeu, visto que o índio veio a saber da conspiração e obteve o socorro mais que eficiente de outro principal tabajara, seu aparentado, o qual os atacou durante o sono da madrugada, e matou a quase todos. Menos, é certo, ao que levou a notícia aos barcos que estavam no pôrto. Salvou-lhe a vida de maneira romanesca uma jovem índia filha do chefe amigo de Braço de Peixe, de nome ainda mais revesso: Assento de Pássaro.

É claro que não é possível aceitar senão em suas linhas gerais, relatos como êste, colhidos na tradição, enfeitadíssimos, ao termo de uma longa viagem de bôca em bôca.

Não assim a viagem de Cristovão da Rocha e Rodrigo Martins, ao fim da qual alcançaram as terras a montante da cachoeira. Iniciaram nas margens do rio uma discussão a respeito de quotas que tocariam a cada qual, pois que, possuindo Cristovão autorização dos Albuquerque de Pernambuco, julgava-se com direito a um maior quinhão. Aí estava bem manifesto o regionalismo feroz e precoce das capitâneas, fonte de inesgotáveis conflitos de jurisdição que pelo tempo adiante iria retardar a extinção das desordens que lavraram naquela mesma região, mas que foi também uma fôrça oposta às tendências centralizadoras dos governos gerais, ávidos de mando incontestado e absoluto. Rodrigo Martins não aceitou as razões do antagonista e fez caminho de volta.

Mais cordato foi Antônio Rodrigues de Andrade que acompanhou Cristovão da Rocha no encalço dos fugitivos de Sergipe.

Como a gente do chefe Porquinho houvesse morto alguns brancos a ela se estendeu a perseguição que só não foi avante por interferência de Diogo de Castro. O índio chefe, já muito velho vem até êles e, muito doente, pede para ser batisado morrendo em graça com o nome cristão de Manoel. Viveu em desgraça o seu povo, desamparado que foi, aprisionado e dividido pelos sócios de prea.

Houve também um João Coelho de Sousa que foi ao S. Francisco através do Paraguassú. Consta que era irmão de Gabriel Soares autor do "Tratado Descritivo do Brasil em 1587".

Atraído pela fama das riquezas demandou também Gabriel Soares o S. Francisco, naufragando logo depois no Vasa Barris, quando regressava para de novo se aperceber de carne e farinha nas fazendas do litoral. Não tardou em varar novamente pelo sertão, marginando o Paraguassú e, de acôrdo com o estabelecido na autorização para a entrada funda o primeiro arraial, com parte da sua gente que começava a adoecer de malária.

As dificuldades se vão agravando dia a dia, homens tiritando com sezões, cavalos que não resistem mais ao trabalho, sangrados pelos morcegos, animais que amanhecem mortos mordidos de cobras venenosas, ou desaparecem nas garras das onças. Continuam, porém, fortalecidos pela esperança e iniciam a subida da serra, aproveitando o vale de um ribeiro. Caminho difícil, com noites frias e sem lenha para fazer fogueiras, com manhãs de cerrado nevoeiro. Adoece e morre por fim o autor do "Tratado Descritivo", o resto da bandeira regressa de mãos vazias.

Desta época é também a empresa de Belchior Dias, figura lendária, tão celebrada que não é necessário recordá-la.

* * *

— Jerônimo de Albuquerque não foi feliz com o gentio que o manteve em sobressalto, no governo de Pernambuco. Caetés bárbaros e comedores de gente, tupinambás e potiguaras cediam terreno a custa de muita mortandade. Porém os herdeiros de Duarte Coelho, aliam-se aos Tupinambás e Tupinaés e partem sobre os Caetés, apertando-os de encontro ao S. Francisco onde são arrazados. Tal foi o estrago e a crueldade empregada que os índios se entregavam feito ovelhas e eram vendidos a dois cruzados ou um mil réis que é o preço de um carneiro.

A fundação de Penedo, na margem do grande rio, em 1560, foi o remate desta carnificina e o primeiro passo para o domínio do baixo S. Francisco.

Na Baía por sua vez não é menor o movimento contra índios, e, em 1574, os mesmos Caetés mandaram pedir que lhes mandassem padres, a fim de aldeá-los em missão, buscando na proteção dos missionários o sossego que não lhes permitiam os portugueses. Foi atendê-los de modo diferente um capitão e mais gente em pé de guerra, constando que este capitão fosse Garcia d'Avila, senhor de muitos currais, no litoral, cujos descendentes mais tarde seriam donos de quase metade das terras São Franciscanas.

Quando em 1590 se completa a conquista do rio Serigipe feita por Cristovão de Barros, com artilharia e o mais, e na qual matou uns mil e seiscentos e cativou cerca de quatro mil, ficou a Baía ligada aos estabelecimentos de Pernambuco. "Desassom-

brado assim, todo o distrito de inimigos, passou Cristovão de Barros a cuidar no melhor modo de o assegurar e povoar". "Segurança e povoamento foram atendidos pela fundação de um arraial na foz do Rio Sergipe e datas de sesmarias", começando pela, antes doação, que em 9 de abril de 1590, fez a seu filho Antônio Cardoso de Barros (para não dizer a si próprio) de todas as terras desde o mesmo rio até o de S. Francisco. (1).

Daqui por diante a história do rio é um contínuo pedir de sesmarias que se vão juxtapondo pelas duas margens, entram pelos vales dos tributários e depois de ocupá-los, refluem para a calha do S. Francisco prosseguindo na subida. Com o tempo novas sesmarias virão, por caminho diverso, ao encontro destas, descendo da chapada Diamantina pela rampa dos vales. A servidão da água para os rebanhos dará a este marcha e aspecto de um líquido paradoxal que se alastra rio acima, procurando as linhas de menor declive, acompanhando o baixo relêvo dos vales, desenhando com o pontuado dos rebanhos a árvore hidrográfica da bacia.

SOB O DOMÍNIO HOLANDES

Antes da invasão holandesa, que vai retardar o ritmo da ocupação, já o baixo S. Francisco está povoadíssimo de currais em terras de Alagôas e Sergipe ao mesmo tempo que se esboça o domínio do curso médio do rio. O neto de Garcia d'Avila, legítimo herdeiro da fome de terras do seu avô português, obtem dez léguas de terreno que acompanham o Inhambupe, para oeste, atingindo as regiões de Jacobina. Confina esta sesmaria com a propriedade do seu primo Belchior Dias, em vantajosa vizinhança familiar que favorece a conquista. Já em 1606, Tomé da Rocha Malheiro está pedindo ao Capitão Mor de Sergipe que lhe conceda sesmaria acima de Jaseobá na margem do S. Francisco.

Não era possível escapar a Nassau a importância do S. Francisco, como fronteira meridional da Nova Holanda. Em primeiro lugar remediaria a escasses de víveres com que lutavam os ocupantes desde os primeiros tempos, com reflexos até sobre a saúde

(1) Ex Varnhagem, F. A.

da tropa. As longas viagens eram fatais aos mantimentos, o pão chegava intragável, carnes em conserva e grãos deteriorados no curso do transporte, fermentados nos depósitos pelo calor e umidade dos meses chuvosos. Em tórno da cidade era a desolação das lavouras arrasadas. O gado fôra tangido para longe e os caminhos do interior estavam infestados de nativos que caíam de emboscada sôbre as remessas de gêneros. Se alguma vez aparecia uma vaca ou uma cabra extraviada nas cercânias de Olinda, tinha de ser abatida a "bala" e o atirador podia se julgar feliz, se conseguia realizar o transporte da prêsa, incólume de uma flechada". (1).

Os guerrilheiros não permitiam que se refizesse a indústria do açúcar e os canaviais estalavam, deixando escorrer o caldo quente, incendiados com maestria de índios acostumados a comandar o fogo. As sortidas exigiam uma vigilância exgotante para a soldadesca, mal nutrida e sobrecarregada de serviço, sem contar com o perigo daqueles 4.000 portugueses fortificados em Pôrto Calvo.

O príncipe resolve a situação pondo cêrco a Pôrto Calvo que se rende afinal e os portugueses empreendem a retirada para o S. Francisco, varando matas, despontando banhados, cruzando serras, atravessando a corrente com horas de antecedência sôbre a gente de Nassau que os vinha enalçando.

Os holandeses tomam conta de Penedo, constróem o Forte Maurício em uma elevação que domina o curso do rio e obrigam os criadores de gado da outra margem a se transferirem para a sua banda. O príncipe ordena que se proceda à destruição dos estabelecimentos que povoam a margem sergipana, a fim de reforçar a fronteira pelo acréscimo de uma zona deserta além do S. Francisco.

Dalí escreve encantado com as paragens meridionais da Nova Holanda, com a excelência dos campos onde pastavam inumeráveis rebanhos bovinos.

De nada valeu porém o refôrço da fronteira, pois continuaram as escaramuças. Ao tempo em que os holandeses desembarcavam em Ilheus a nossa gente fazia uma excursão demolidora nas margens pernambucanas, contestada por êles com a destruição de Sergipe Del Rei. Os soldados flamengos receberam ordens para incendiar os campos, destruir as árvores frutíferas e apode-

(1) Waerdenburgoch, in H. Waetjen, 1943.

rar-se de todo o gado que fossem encontrando na região percorrida, pois êste era imprescindível, não só para sustento das populações, como para os trabalhos dos engenhos de açúcar. Do S. Francisco e do Rio Grande provinha a maior parte das boiadas para o corte e também os bois mansos que tiravam do mato os troncos necessários ao madeirame de construção dos engenhos, que expremiam caldo, fazendo girar os cilindros compressores. Eram êles que puxavam os grandes carros atulhados de cana — cento e cinqüenta feixes — que pediam dose e quatorze juntas de bois para o transporte. Serviço duro principalmente na época das chuvas em que o massapé fica atoladiço e grudento e a canga abre ferida no couro molhado dos bois, havendo engenhos que perdiam duzentos animais por ano.

Para favorecer o trabalho dos engenhos Nassau proibiu que fossem abatidos os bois de trabalho e os novilhos tambeiros, ao mesmo tempo que baixava de muito o preço da carne para o consumo, prevenindo a fraude. Valorizou-se o boi de serviço para os engenhos e foi proibida a exportação de gado em pé, sem autorização especial. Ainda de acôrdo com essa política foi que atendeu pressurosamente a um pedido de arrendamento da capitania de Sergipe para exploração pastoril.

Por isso é que toda a obra das guerrilhas se concentra na destruição sistemática dos mantimentos, como se dizia na época. Henrique Dias e Camarão são mestres no incêndio de canaviais, em botar fogo nos pastos antes do tempo, matando o gado à fome, desamparado no meio das cinzas e das carvoeira das queimadas. Luiz Barbalho, quando cortou por terra, desde o Rio Grande do Norte até S. Salvador, retirando com a sua gente, depois da derrota naval do Conde da Torre, assinalou o seu itinerário por um rasto de destruição implacável. De certo que foi bem ajudado pelos paulistas de boa raça que tinham ido de Santos para a Baía embarcar na armada do conde: — Mestre de Campo Raposo Tavares e os Capitães Valentim e Luiz Pedroso de Barros com suas tropas.

Finalmente é ao S. Francisco que os holandeses se dirigem em 1647, pretendendo impedir a remessa de recursos em provisões e gente, para as fôrças que sitiavam o Recife. Henderson ocupa novamente o forte Maurício, tratando de reconstruí-lo, mas, antes que dê a restauração por terminada, sofre uma derrota inexplicável, e se vê obrigado a retornar aos barcos em que viera de Recife. Começa daí o declínio da dominação holandesa que não mais se refaz até a capitulação de 1658.

PERÍODO FINAL

Tornara-se mais lenta, porém não fôra interrompida a progressão dos currais, rio acima. A guerra favorecera mesmo o estabelecimento de um caminho que atravessava a corrente a montante da cachoeira e pelo qual transitavam os bandos guerrilheiros nas suas emprêsas de corso.

Ao terminar o domínio holandês já existiam sesmarias demarcadas no Pajeú, no Salitre, no trecho encachoeirado de Sobradinho. Em Sentocé, Domingos Ribeiro fizera amizade com a indiada e prestava informações ao govêrno sôbre as aldeias de índios que se encontravam no vale e aconselhava a respeito caminhos que deviam ser preferidos para se fazerem entradas no sertão.

Começa a esboçar-se o poderio das duas casas rivais: a da Torre que avançaria para o norte em busca do Piauí e do Ceará, enquanto a casa da Ponte, demandaria as terras de Minas Gerais.

Desde 1652 que os Brito vêm do litoral, subindo pelo sertão, embora um pouco atrasados em relação aos da casa da Torre que já em 1573 começam a emendar sesmarias entre o Jacuipe e o Itapicurú, chegando à Jacobina, para daí estenderem as suas posses ao S. Francisco. A Francisco Dias, que anos antes redescobrira as minas do salitre, assignaladas por Maciel Parente desde 1604, estava destinado o encargo de aumentar os domínios da casa da Torre. Nessa ocasião, acompanharam-no o holandês Glimmer e Domingos Calabar, mulato que mais tarde seria assunto de primeira para controvérsias históricas. Muito o ajudou seu tio materno, Padre Antônio Pereira que conseguira do Capitão Mor de Sergipe, uma vasta área que partia da Jacobina para o Rio Real, justificando que mais tarde pudessem dizer-se "descobridores do rio S. Francisco, lá em cima no sertão onde chamão as aldeias dos Rodelas".

Oito anos depois ainda continuam na faina de acrescentar sesmarias obtendo posse em 1658 nas margens do rio desde o Zaripe que fica junto das serras que costeiam o Salitre, até os territórios do gentio Moipará. A estas são acrescentadas no ano seguinte novas posses em faixa de setenta léguas ao longo do S. Francisco desde as proximidades de Urubú, até a barra do mesmo Salitre, subindo por êste numa largura de vinte léguas.

A morte suspende em 1675 as entradas e os requerimentos de terras dêstes Francisco Dias, que serão daí por diante feitas com o mesmo vigor pelo seu filho, educado desde novo nas aspezezas das cruzadas pelo sertão, meudo de estatura, mas de pisada ruidosa e olhar frio. (1).

Só posteriormente, em 1663, é que Antônio Guedes de Brito, associado de Bernardo Vieira Ravasco, alcança a ribeira do S. Francisco com posse das terras que começavam nas cabeceiras do Itapicurú, extremando com as pertencentes à casa da Torre. Das suas fazendas, no Môrro do Chapéu, uma das vezes partiu em bandeira, com duzentos homens, combatendo índios e fundando a fazenda de Itaberaba, onde fica o cêrro do Bom Jesus da Lapa. Gente bem relacionada com os governos, êstes senhores da Ponte, expraiaram ràpidamente as propriedades, rio acima e, já no fim do Século XVII, eram donos dos currais que se distribuiam desde o Môrro do Chapéu até a embocadura do rio das Velhas.

Gente de menor evidência também possuía terras no sertão e muitos outros, além dêstes papaléguas, se afanavam na lida dos currais. A lista de nomes tanto pernambucanos como baianos é muito grande. Cosme de Brito possuía terras no baixo S. Francisco, defronte das de Jerônimo Serrão de Paiva. Nossa Senhora dos Prazeres dos Campos dos Guararapes, possuía campos de sobra, que davam para acomodar um nome tão comprido e talvez ali também já estivesse aquêle Paulo Viveiros Afonso, nas regiões da cachoeira que mais tarde tomaria o seu nome. (2).

Nas proximidades de Joazeiro morava Domingos Afonso Sertão, sesmeiro dos Garcia d'Avila, na fazenda do Sobrado, que tirara o nome das pedreiras que imitavam construções na margem dos rios, ou porque eram terras de sobra, terrenos sobrados, como querem outros. Era um português a quem o meio naturalizara, pastoreando de trabuco em punho, mantendo em respeito os tapuias da redondeza.

Foi êle que, transpondo a serra dos Dois Irmãos, invadiu e povoou as terras do Piauí, bem acompanhado pelos paulistas de Domingos Jorge Velho. Não consta que nesse tempo gozasse de prestígio nas rodas do govêrno e por isso teve que se valer das influências da Casa da Torre que, aqui, parece só gastou mesmo "papel e tinta" para obtenção de sesmarias que Sertão

(1) Pedro Calmon.

(2) Felisbela Freire, 1906.

mosqueou de currais "com grande risco de sua pessoa". Em dez anos as posses aumentam descompassadamente, divididas sempre com a gente da Torre que assim se assenhoreou, de meia, das campinas, savanas e matas que iam de Piancó ao Jaguaribe e seus sertões, incorporando o Piranhas e o Assú. Do Jaguaribe para oeste iam até o Parnaíba e subiam por êste até os campos do Gurgueia. Só aos jesuitas legou por morte trinta fazendas que foram confiscadas no tempo de Pombal.

Nesta época já os paulistas haviam chegado ao Piauí para se transformarem em criadores, levavam a guerra ao gentio de Goiaz, galgando as vertentes dos tributários e desciam o S. Francisco, embicando as grandes canoas ao lado das balsas de pipirí da gente nortista, numa revelação da existência de grandes matas ciliares do alto curso do rio. Supõe-se que em 1680, Domingos Jorge Velho houvesse encontrado Francisco Dias que andava em guerra com o gentio levantado, desde o Pontal às ribeiras do Pajeú.

capit
lecti
causa
per
supra
cora
e ad
Fama
in
da
en
na
ter
rura
nom
in
en
su
de
un
la
de
C
de
de
en
de

PALMARES

As insurreições de índios nunca cessaram de todo, ameaçando a existência dos vaqueiros, impedindo ou retardando o estabelecimento de currais novos. Tal foi a importância dos prejuízos causados nas ribeiras do S. Francisco em 1677 que o governador pede socorro aos paulistas, autorizando a viagem pelo interior, suspendendo a proibição que pesava sobre as rotas terrestres. A carta patente que nomeia Matias Cardoso de Almeida governador e administrador dos índios tem a data de 1684.

Também os negros fugidos cresciam em número e ousadia, Palmares era uma nação que fazia guerra de corso aos criadores.

Empenhado na luta, nem portugueses nem flamengos, podiam dispensar elementos para redução de quilombos ou malocas. Afrouxaram-se os laços da submissão forçada e muitas vezes os adversários buscaram inspirar simpatias, chegando a pleitear, para as suas lides, o auxílio de negros e índios. Não tinham número as expedições enviadas contra os quilombos, chegando mesmo, ao que parece, a constituir negócio rendoso para Capitães que viam nessas lutas periódicas uma fonte de lucro. Nada de destruir o mocambo, e isso mesmo sabiam os negros, pois um senhor não consentiria no enforcamento do escravo por crime de fuga, visto que um negro representava dinheiro. Palmares era um sorvedouro de dinheiro, os governadores arrancavam os cabelos, atribulados por falta de "efeitos", gemiam as populações que de suas fazendas tinham de suprir a real.

Como era natural, a presença dos negros alevantados no sertão dos Palmares, repercutiu na vida dos criadores que tiveram de lutar e muitas vezes desertar de suas posses, premidos pelas sortidas dos quilombos. Foi dali que vieram em grande número os lutadores que deram por terra com a estacada do outeiro da Barriga. Além do mais era uma oportunidade de conseguir es-

cravos negros pelo mesmo processo da redução usado com os índios, escravos que custavam caro, donde se poderiam tirar mestres para a cultura e preparo do fumo que exigia especialistas; escravos bons para a lavoura das roças, diferentes dos índios, que, bem, só serviam mesmo para guerreiros e vaqueiros, porque a transição de uma atividade para outra era pequena. Além disso o índio tirado do seu hábito morria como sabiá na gaiola. De uma remessa de índios que Baião mandou da Baía para S. Paulo, a metade morreu no caminho de uma "quase peste" que lhe deu. O contrato de Jorge Velho com o governador de Pernambuco garantia ao paulista "o quinto da prêsa que tocar a sua Majestade e Jóia sua para que tudo possa o dito Coronel repartir entre si e seus oficiais, na forma que lhe parecer". Êstes escravos representam dinheiro porque seriam vendidos obrigatòriamente para o Rio e Buenos Aires, mas os negros de sete até doze anos podiam ficar na capitania. Como honras o Coronel receberá quatro hábitos das três ordens militares, para êle e os oficiais que nomear, bem como as terras de sesmarias que desejam "no rio dos Camarões e Parnaíba, além das terras que puderem provar nos sertões dos palmares". (1).

Em 1685 o governador recebera uma carta remetida ao seu antecessor, na qual os paulistas se ofereciam para exterminar os quilombos. Por isso o governador os rogou para essa conquista, mandando-lhes patentes de Conquistadores dos Palmares e Administradores do gentio no distrito onde vivem, acenando mais com muitas promessas. Contento e esperançado se dirige ao rei, achando que se os paulistas vierem, movido pela ambição das honras "terei por sem dúvida que chegou o tempo de verem êstes levantados a sua ruína".

Dois anos mais tarde o governador informa sôbre um contratempo que impediu a vinda dos paulistas que andavam no vale ocupados com seus esquadrões na costumada conquista do gentio. Correra a notícia da morte do governador na ocasião em que a epidemia da **bicha**, que se supõe fosse a febre amarela, grassava mortalmente em Pernambuco.

Logo depois, entretanto, um emissário dos de Piratininga entende-se com Souto Maior, e do acôrdo sai a sentença de morte para os mocambos, e a troca de garantias entre os contratantes.

(1) Enes, 1938.

Mas, ainda uma vez, seria retardada a expedição a Palmares, pela intercorrência de um novo fator: a revolta geral dos índios alastrando-se do Ceará ao Rio Grande do Norte, guerra longa e cruel que só terminaria em 1692 com a capitulação dos índios e o tratado de paz que foi assinado em cruz pelos principais do gentio, e tudo.

Domingos Velho está em marcha para Palmares, quando recebe ordem para ir socorrer "os moradores do Rio Grande, marchando mais de trezentas léguas, do sertão do Piauí e Canindé até Piranhas".

Veio das margens do Parnaíba onde já se transformara em criador, descobrindo terras e cativando índios em campos do Piauí. Era um homem da sua época, rude e destemeroso, sem meias palavras, mesmo quando em carta prostrado aos pés de Sua Majestade. Ele próprio é quem nos conta em estilo excelente, o que foram os seus trabalhos, nas linhas de uma correspondência que datou do Outeiro da Barriga, no campo da luta, e cuja divulgação se deve ao belo trabalho de Ernesto Enes, em 1938.

Deixara o seu domicílio que "a poder de porfiada e diuturna guerra contra o gentio brabo, e comedor de carne humana demais dezesseis anos "havia conquistado povoado, lavrado, e plantado com criações".

Os campos estavam cheios de gado de varia qualidade, como acentua um outro documento, constando de "creações tanto vacum como cavalares ou ovelhum e cabrum".

Apesar disso não teve nenhuma dúvida em largar tudo e se botar no caminho com sua tropa a fim de arrazar Palmares, ainda que achasse que a maior parte das condições exaradas no acôrdo com Souto Maior, não fossem muito vantajosas. Como homem acostumado a sustentar a letra dos tratados, não fez nenhuma renitência em varar pelo "mais áspero caminho, agreste e faminto sertão do mundo" de onde teve de mudar de rumo para acudir ao Rio Grande infestado de índios rebelados.

Sacrificou-se na luta contra os selvagens janduís, alevantados em guerra, perdendo cêrca de trezentos servos, alguns dos quais como não se podiam encontrar outros em todo o orbe. Qual foi o resultado que teve em tudo isso? Depois de haver destruído multidão de gentio, reduziu a cativo uma aldeia de rebelados que debaixo de enganos faziam muitos insultos, e não teve remédio senão libertá-los por ordem do governador que atendia aos padres. E no entanto eram êsses mesmos índios que tornavam a renovar a guerra e a rebelião.

E' claro que isto, assim, resultava em prejuizo, visto como a sua tropa não se compõe de gente matriculada nos livros de Sua Majestade, nem era obrigada por sôlido, mas cada qual entrava com os seus próprios recursos, reunindo-se para compelir o tapuia a entrar na civilização e na cristandade. . . Não para escravizá-los, "como alguns hipocondríacos pretendem fazer crer" a Sua Majestade.

Os argumentos que apresenta, como justificativa, são convincentes para a época e definem um ângulo da psicologia daqueles desbravadores. O tapuia é um comedor de gente, razão a mais para trazê-lo ao conhecimento da urbana humanidade e sociedade, pois que só dêsse modo os pobres se habilitarão a conhecer a luz divina e os mistérios da fé católica, pela qual podem alcançar a salvação da alma. Além disso os índios assim adquiridos (nunca emprega o verbo escravizar ou cativar) prestam muitos serviços nas fileiras de guerra, auxiliando a redução dos renitentes e obstinados. Se depois êle os emprega nas suas lavouras, não vê nenhuma injustiça, pois que êsse é o meio de que dispõe para sustento, tanto dos índios e seus filhos, como dêle próprio e dos seus. E não leva em conta o irremunerável serviço de os ensinar a lavrar, plantar, colher e trabalhar por seu sustento, coisa que antes do contacto com os brancos não sabem fazer. Opõe a convicção da sua experiência aos teóricos que não percebem que é trabalho vão, pretender fazê-los anjos antes de fazê-los homens.

Saíra da peleja muito desfalcado de gente. Dos oitocentos arcos que trouxera perdera quatrocentos em combates e, além da guerra, as doenças e a fome reduziram o restante a pouco mais de sessenta. Os brancos, embora tivessem menor número de mortes, também estavam diminuídos, visto que a maior parte se foi desiludida com uma guerra em que se mandavam soltar índios aprisionados, prometendo voltar quando as cousas melhorassem. Diga-se desde logo que a perda dos tapuios não é coisa desprezível, pois na guerra são inexcedíveis, quando comandados por brancos. Duzentos tapuios que fugiram à vista de dois brancos são capazes de enfrentar dois mil índios se tiverem êsses brancos a testa das suas fileiras. Assim era apenas por teimosia que ainda se mantinha na luta, e também na esperança de que seria atendido, pois de outra forma teria de abandonar a campanha a exemplo do Mestre de Campó Matias Cardoso, com a diferença de que êste o fizera antes de se perder e arruinar a êle, quando o imitasse, estaria arruinado e perdido.

O fato da disistência de Matias Cardoso, constitui um expressivo índice da natureza exgotante desta guerra, pois que êste paulista era traquejado em campanhas desta natureza. Pertence êle ao grupo de bandeirantes que não mais regressam a S. Paulo, radicando-se na região do S. Francisco, onde em vizinhança com o seu conterrâneo Filgueira fundarão fazendas, núcleos primitivos de futuros povoados. (1).

Matias Cardoso viera de S. Paulo por terra, marginando o S. Francisco, e ali recebeu patente de Governador e Administrador dos Índios. Do S. Francisco fôra em socorro das povoações do Rio Grande do Norte atacadas pelos selvagens.

A paz com o gentio foi celebrada em documento que não esquecia os currais, e estabelecendo, entre outras coisas, que todas as fazendas, situadas nas terras dos índios, seriam repovoadas e que isso se fazia com contentamento dos bugres. Preveniam-se abusos e por isso ficava claro que os índios só poderiam ser utilizados nas lavouras mediante pagamento, ficando o Capitão Mor encarregado de garantir a pontualidade dêsse pagamento. Garantia-se, ainda mais, que nenhum governador dos paulistas os iria perturbar, inquietar, ou fazer guerra. . .

Voltemos porém ao acampamento do Cabo da Tropa da gente de S. Paulo que está pondo cêrco aos negros alevantados do Cuteiro da Barriga. Ali a luta prossegue com os episódios bem conhecidos hoje, terminando pela destruição do mocambo célebre, em 1694.

Domingos Jorge Velho, depois de vitorioso teve que suar para obter o cumprimento do contrato, cujos termos, afinal, foram alterados, argumentando-se que os paulistas não fizeram a guerra toda à sua custa. Esqueciam, de caso pensado, que o bandeirante se exgotara na guerra do gentio, para a qual não fôra contratado e, para negar-lhe o direito, chegavam a citar os roubos que, dizia-se, foram feitos pela sua tropa de tapuios em algumas povoações.

Terminaram sempre por atendê-lo, distribuíram-se terras de sesmaria nos sertões vizinhos. O Sargento Mor Cristovão de Mendonça foi para os arredores de Pôrto Calvo com uma parte da tropa e Jorge Velho permaneceu no sertão dos Palmares onde fundou o arraial de N. S. das Brotas. Na distribuição das posses

(1) Montes Claros em terra de Filgueira e Morrinhos fundado à margem do rio pelo filho de Matias Cardoso.

couberam seis léguas em quadra ao Comandante, quatro ao Sargento Mor Cristovão, três a cada Capitão, duas para os Alferes e uma para os soldados brancos. Completavam a recompensa a isenção de dízimos durante cinco anos e a fundação das vilas de Anadia e Atalaia.

Nas terras agora livres foram distribuídos quase duzentas léguas a diversos proprietários.

Ali se estabeleceu Jorge Velho transformando-se em fazendeiro, áspero e duro, tentando de vez em vez avançar o domínio até o litoral, provocando protestos do povo da Vila de Alagôas, turrando com o bispo a quem indicava os vigários para a sua capela, não querendo aceitar os de escolha do prelado. Uma das vezes em que o bispo passou em missão evangélica na sua posse, procurou escandalizar o sacerdote com a exibição de uma exagerada rudeza. Quando se avistou com o bispo "trouxe consigo uma língua, porque nem falar sabe, sem se diferenciar do mais bárbaro tapuia". Dêle dizia ainda o sacerdote que desde que teve uso da razão até o presente só fez "andar metido pelos matos a caça de índios e índias, estas para exercícios de suas torpezas e aquêles para os grangeios dos seus interesses".

Justifica-se a demora com êste Mestre de Campo, por isso que êle encarna, à perfeição, o tipo do senhor rural, do chefe de clan, não aceitando quaisquer interferências estranhas, senhor absoluto nos seus domínios, exibindo sua rusticidade ante a gente do litoral, num exagero que é complexo de inferioridade, procurando escandalizá-la pelo carregar nas côres dêsse capirismo. Mediam-se por êste padrão os Senhores das Fazendas que, ainda mesmo dos mais ricos, poucos eram os que deixavam de viver nus de comer e dormir sôbre a terra como os selvagens". "Apesar disso não teem em si além do seu adusto modo de tratar outros defeitos que escandalizem a humanidade", referia uma testemunha mais tolerante que o bispo.

A vitória dos criadores sôbre os índios e os negros, no fim do século XVII, foi decisiva, para a expansão da sociedade pastoril, abriu o caminho para a conquista rápida das terras do sertão. Capistrano de Abreu reconhece nesta luta a resistência "talvez mais persistente que os povoadores encontraram em todo o país, mas atacados no rio S. Francisco, no Piranhas, no Jaguaribe, no Parnaíba, por gente de S. Paulo, da Baía, de Pernambuco, da Paraíba, do Ceará, foram uns mortos, outros reduzidos a aldeamento, outros agregados a fazendas, fundindo-se e confundindo-se com os colonizadores alienígenas".

Daqui por diante haverá ainda algumas resistências e lutas, mas ao começar o século XVIII o caminho está livre e o S. Francisco vai ser o centro de dispersão dos rebanhos que retomarão o caminho do oeste, povoando e assegurando a posse dos imensos desertos percorridos e incorporados pelas bandeiras de Piratininga.

Da margem pernambucana os currais atingiram o vale do Paracatú e pela banda da Baía, alcançaram o rio das Velhas. O médio S. Francisco cuja navegabilidade depende da barragem das cachoeiras que vão desde Itaparica até Paulo Afonso, impedindo um escoamento brusco das águas, adquire características de um estreito mar mediterrâneo, para onde convergem os caminhos internos do Brasil, através do Piauí, de Goiaz, de Minas Gerais, e da Baía.

A...
identific...
Alimentac...
social...
geografía...
ríticas de...
A...
que es...
N...
chep...
a le...
una...
p...
O...
mentos...
natural...
todo...
se en...
a...
co...
transp...
ras, ...
gráfica...
por...
post...
transform...
bar...
A...
p...
que a...

AJUSTAMENTO AO MEIO

A expansão dos currais, trouxe, como conseqüência, uma identificação muito íntima entre os povoadores e a natureza. Alimentação, vestuário, habitação, costumes e a própria estrutura social sofrem a influência do meio e o ajustamento ao ambiente geográfico termina por imprimir a êsses agrupamentos, características de unidade regional.

À proporção que os rebanhos se afastam da costa os laços que os prendem ao reino se vão fazendo cada vez mais tênues. Nas fazendas perdidas pelo sertão o vinho, o pão de trigo só chegarão de raro em raro, do mesmo modo que a autoridade e a lei, tanto mais que, não sendo esta modalidade de indústria uma fonte explorável pelo fisco, deixavam-na entregue aos seus próprios recursos.

O que permite considerar aquêles pastores como componentes de uma primitiva sociedade, são as leis creadas pelo meio natural, leis que não estão escritas, mas que são respeitadas por todos: a mutualidade do auxílio contra os inimigos, organizando-se em bandeiras para bater e prear os bugres, grupando-se para a caçada de onças que roubam novilhos, reunindo-se também para os trabalhos coletivos em mutirão ou na apartação que é uma transposição daquele para o terreno da pecuária. A fome de terras, tão intensa que se denuncia na própria nomenclatura geográfica — onde surgem a toda hora as EXTREMAS — contemporiza com as necessidades. E assim as léguas de terra, interposta entre as sesmarias, tendente a evitar questões de limites, transforma-se em terra comum onde pastam misturados os rebanhos que nenhuma cêrca detém.

A unidade de interesses de alimentação, refletindo sôbre o próprio físico dos vaqueiros é estabelecida pelo meio, ao passo que a religião católica — uma religião que se parece muito com

o regime dos currais, dando apartação nos povoados por ocasião dos dias santificados — unifica os espíritos, alimentando aquelas almas frugalíssimas que não pedem mais que o batismo, o casamento e a extrema-unção.

A ganância de ampliar desmedidamente as propriedades, criando latifundiários como Garcia d'Avila, dono de terras de criação maiores que o território de Portugal, é mais que um traço psicológico porque é uma necessidade. A criação de gado não enriquece facilmente, não tem comparação com os lucros que deixam os engenhos, é ridícula numa terra onde existem minas de ouro e de pedras preciosas. Outros motivos determinam o sistema extensivo da criação: as terras nem sempre são boas para a agricultura que exige sólo humoso obtido pela destruição das matas, segundo o sistema aprendido dos índios e, quando estão nessas condições, a distância impossibilita a concorrência com os estabelecimentos do litoral, de tal modo que já naquela época os fretes são onerosos. A pecuária é ali uma indústria extrativa, a sesmaria garante a posse de um determinado espaço coberto de grama natural que o boi transforma em carne e couro, sem nenhuma interferência do homem. Por isso é que se nota uma ânsia de latifúndios que não corresponde ao amor pela terra. As fazendas não deixarão, nesta fase, nenhum monumento duradouro da sua existência porque os currais são de varas, os ranchos de pau a pique e vivem menos que os seus construtores; o pasto não guardará também a história desses rústicos estabelecimentos porque as queimadas sucessivas agirão, perturbando e alterando as associações vegetais primitivas.

Por isso vale a pena gravar um nome: o de Pedro Gonçalves que em 1554, pastoreava por trinta e três réis mensais os boisinho açorianos que constituíam o rebanho da Capitania baiana.

Com os animais desse primeiro plantel foram fundadas as fazendas que numa rápida multiplicação avançaram para o interior.

O Capitão Paula Ribeiro fornece preciosas informações sobre a fundação e o regime nas fazendas em sua "Descrição do Território de Pastos-Bons".

Escolhiam o mês de Maio para fundação das fazendas, construindo os currais e os ranchos em um determinado ponto das terras da nova sesmaria. Era isto serviço de vaqueiros e "fábricas", aos quais incumbia mais tarde "formar os cascos", ou seja, acostumar os animais às novas pastagens. Duzentas e trezentas cabeças eram conduzidas para o campo escolhido: novilhas pre-

nhas e touros mansos para pais de malhada, detalhe capital, visto que os touros mansos e as novilhas, depois de paridas, logo se acostumavam ao logradouro, reduzindo as fadigas dos primeiros tempos em que eram precisos muitos campeiros, a fim de conter as reses que tresmalhavam, desertando no rumo instintivo da querença. Ao mesmo passo que êste gado vai perdendo a memória dos campos nativos, novas pontas são acrescidas, sucessivamente, num ritmo que depende do tempo que levam os rebanhos para se querençarem.

Tudo manso, os cascos habituados, a fazenda ficava entregue ao vaqueiro e as fábricas aos seus subordinados. Os currais eram um reflexo dos recursos locais, bem como os ranchos sumários dos campeiros em que as palmeiras tinham larga contribuição: A carnaúba, o burití, são palmeiras que se orientam pela água, do mesmo modo que os vaqueiros, os quais ainda escolhiam nas proximidades um capão de mato para a roça dos "legumes", como se dizia na época. Em tôrno era o descampado, impedindo as emboscadas e os ataques de surpresa do gentio.

No tempo do inverno, quando desabam os temporais com vivo acompanhamento de trovoadas, é que as vacas dão cria, o pasto reverdece, garantindo a produção de leite para que os bezerros prosperem, e obrigando o vaqueiro e os "fábricas", a um serviço dobrado. Dormem no campo, acordando com as estrêlas no céu, para estarem nas malhadas, antes que venha o sol e o gado se disperse pastando. Anotam as vacas que estão mojando, prestes a despejar o bezerro, repontam para o curral as vacas que deram cria faz pouco, a fim de amansá-las e cuidar do bezerrinho. Durante os três primeiros meses êstes são mantidos no curral, a fim de que não morram de bicheira no umbigo e se acostumem com o homem. As vacas fornecem o leite espumoso pela manhã, a coalhada que se come com farinha ou mais raramente com rapadura, a umbusada refrescante, o requeijão que atura um ano sem se corromper, melhorando a "matula" frugal, nas viagens ou nos campeios demorados.

No tempo de sêca o vaqueiro toca fogo nos campos, escolhendo os meses em que caem as primeiras chuvas. Mas não queima tudo de uma vez, deixa sempre uma parte de macega para sustento dos animais, enquanto não brotam as folhinhas tenras do pasto novo. Não descansa, muda apenas de atividade, conforme a estação. Combate a varegeira, constrói giraus de espera junto das carniças deixadas pelas onças, para matá-las, quando voltam ao repasto; procura com paciência as cobras que moram

nas tocas, chamando-as de "bicho" para não atraí-las, com o mesmo terror supersticioso como evitam chamar o diabo pelo nome; sufoca pela fumaça os morcegos que se penduram, em cachos, nas grotas e lapas tão freqüentes nas encostas pedregosas.

Serviço perigoso é o de perseguir touros brabos, os que "ficam crús", atrapanhando os rodeios, fazendo os mansos refugarem a tranqueira do curral, arriscando pelo exemplo o gado costeado que os acompanha aos esconderijos no "mais íntimo dos matos e escabroso das serras, donde não podem seus donos tirá-los em estado proveitoso". A pega de um boi famoso constitui motivo para experimentar a agilidade e a coragem dos vaqueiros que os perseguem, rompendo pelos carrascos, fazendo esteira no limpo "sobe outeiro desce baixa, sobe outeiro" (1) até que o derrubam num golpe de aguilhada. Muitas vezes entretanto o touro acuava e investia furioso, cavalo e cavaleiro, e êste havia que se defender com a vara de ferrão, ou, desesperançado de conduzir para o rodeio o boi renitente, regeitá-lo em plena corrida, como aquêle vaqueiro que matou o boi Espácio.

Reuniam-se no tempo da ferra, vinha gente de todas as cercanias, rodeavam o gado que era depois recolhido ao curral de apartação, passando daí para o curral de vaqueijada ou de benefício. Os animais de ano eram marcados, conhecendo-se a fazenda a que pertenciam pelo entalhe de faca feito na orelha, quando ainda bezerros de mama, acompanhavam as vacas. Depois de assinalados os bezerros e marcados os novilhos resolviam a pega de um touro famanaz, motivo de façanhas sempre repetidas. Vêm dêsse tempo os poemas populares, em quadras, que celebram vaqueiros e bois, assumindo o cantador alternativamente a personalidade do homem e do animal. Curiosamente os cantadores se identificam com o seu modelo, assinalou, Câmara Cascudo. É esta uma interessante feição da psicologia sertaneja, a fraternidade para com os bichos, herança de índios que aprendiam com os animais a sua medicina, que descendiam de animais e que neles se transformavam depois de mortos. Dêles aprenderam os sertanejos a considerar os bichos como irmãos e não como inferiores, segundo o Gênesis que manda que o homem domine os peixes do mar, as aves do céu e os animais que se movem sôbre a terra.

(1) A Vaca do Burel, Pereira da Costa.

A vaca do Burel é um documento folclórico muito informativo cujo desenrolar se passa nas ribeiras do S. Francisco, região de Boa-Vista Pernambuco. (1). É o próprio animal que fala, citando nomes de vaqueiros e cavalos que venceu em carreirões famosos. Vivia escondida nos carrascos e os homens, quando conseguem pôr-lhe a vista é nos pontos obrigatórios da malhada e do bebedouro. Descreve a perseguição com detalhes de técnica; na grotta o campeiro cêrca, faz esteira na baixa, cansa o cavalo e pede socorro ao companheiro: "Bota o cavalo Veloso, quero ver como se espicha, se ainda torna a escapar a encantada Lagarticha".

O animal acaba adquirindo predicados misteriosos, cegando vaqueiros que lhe vão no encalço, adquire formas anormais, é cochê, cega de um olho, falta-lhe um chifre, a cauda não tem o chumaço de pêlos terminais. Lá estão porfiando na pega os vaqueiros famosos: Ventania, Grinalda, João Bernardo, com cavalos que tem nomes de guerra e que são, Mosquete, Festejo. . . Afinal é vencida e se despede dos campos onde viveu, numa enumeração de saudade antecipada:

Adeus fazenda, adeus pasto
Adeus "maiada" e bebedor
Adeus restinga e carrasco
Serrote do logrador
Adeus vazante de baixo
Adeus serra do Coité
Acabou-se a famanaz
Da fazenda do Buré.

Também dos mais antigos são os versos do "**Boi Espácio** e do **Rabicho da Geralda**, denunciando a antiguidade pela feitura em quadras, substituída modernamente pela estrofe de seis versos. (2).

Toda a existência do vaqueiro é uma contínua e progressiva adaptação ao meio natural. Aprende a fazer fogo, atritando a madeira da umburana branca, bate a folha da carnaúba colhendo a cêra para o fabrico de velas, aprende com os animais a conhecer as frutas que são venenosas, o pasto melhor, os barreiros mais ricos de sal, onde também o vai retirar para seu uso, usando os talos de burití à guiza de pá.

(1) Pereira da Costa.

(2) Câmara Cascudo.

Vaqueiros, bois e cavalos vivem no mesmo pé de igualdade, trocando serventias. O boi é que fornece a carne e a maior quantidade de couro, utilizado naquela sociedade sem indústria. Couros macios de veado, curtidos com cascas de árvore, em coxos, servindo para as guardas, o guarda peito, o paletó, o guante que recobre o dorso da mão, encouraçando os vaqueiros, permitindo-lhes penetrar nos emaranhados da caatinga, sem dar atenção às juremas, ao calumbí; couros grossos de rês, servindo para fabricação das bruacas que os próprios bois conduzem no dorso, para as borrachas em que se carrega a água, para os surrões que servem de mala e o laço torcido com que ata os bois ao mourão, para o toldo das embarcações.

E' a época do couro sistetizada por Capistrano:

"De couro era a porta das cabanas, o rude leito aplicado ao chão duro, e mais tarde a cama para os partos; de couro todas as cordas, a borracha para carregar água, o moçó ou alforge para levar comida, a mala para guardar roupa, a mochila para milhar cavalo, a peia para prendê-lo em viagem, as bainhas de faca, as broacas e surrões, a roupa de entrar no mato, os banguês para cortume ou para apurar o sal; para os açudes o material de atêrro era levado em couros puxados por juntas de bois que calcavam a terra com seu pêso; em couro pisava-se tabaco para o nariz".

Também o vaqueiro auxiliava no que podia ao bovino. Quando a terra ficava desolada, abria cacimbas no leito sêco do rio, cortava as ramas das árvores para alimentação do gado, tratava as doenças comervas e resas. Depois que o primeiro boi sequioso farejou água no mandacarú e sangrou o bôca nos espinhos, logo o vaqueiro passou a limpá-lo e até a assá-lo para refrigério dos animais.

O CAVALO

O cavalo meudo e resistente acostumava-se também ao novo meio, aprendendo a comer as forragens nativas, a quebrar o milho, adotado desde cêdo para o sustento de cavalos. Com algum tempo de trabalho conhecia as moitas de macambira saltando-as, agachava-se na corrida pelos carrascos espinhentos, colado na

garupa do boi, aproveitando as veredas momentâneas que êste ia abrindo na carreira, entusiasmando-se no trabalho, mordendo a anca dos barbatões.

"Um dos principais artigos para o arranjo das boas fazendas é o número de cavalos que ela tem para seu amanhã". Mas não era qualquer cavalo que suportava o serviço de campeão e, nos lugares onde a terra não formava animais ardorosos, era preciso ir buscá-los nas regiões mais afamadas e sempre em grande número. Qualquer "chiqueiro" utilizava para mais de vinte e cinco cavalos de serviço e, quanto maior o número de cavalos, mais o gado se fazia manso e os rebanhos trabalhados.

Eram cavalos ágeis e vivos, prontos na arrancada, invencíveis num tiro de duzentos metros, muito superiores neste serviço aos cavalos grandalhões que perdem tempo, arrumando as pernas, antes de correr. Só uma grande agilidade os salvava das maradas de touros acuados, aos quais se chegavam corajosos, para que os vaqueiros os topassem na farpa da guiada.

Cavalos quase humanizados, servindo a seu dono de igual para igual, com nomes expressivos: Estrêla Dalva, Cambraia, Violento, Gato Brabo, Seriema, Pensamento. Não seriam nunca o "maricas meu bem" do boi bumbá, esquipando alto, com ademanos femininos de garupa. Nenhuma semelhança entre êsses cavalos de vaqueiros, de peitoral de sola vermelha recobrando largamente os encontros, e os cavalos dos senhores de engenho, servindo de pedestal à imponência do potentado, cobertos de ouro e prata, com pelagens que davam na vista, tão bem descritos por Gilberto Freire. (1). Separa-os a mesma incompreensão que ainda hoje extrema a gente farta do litoral e os sertanejos magros para quem o "viver é lutar" de Gonçalves Dias não é poesia, é a vida.

O isolamento e o nomadismo característico do regime pastoril imprimem diretivas ao desenvolvimento desta sociedade primitiva. O vaqueiro é o único elemento que se pode dizer fixo, pois que tem interêsse na partilha anual das reses que nasceram, os "fábricas" porém, são assalariados, empregados enquanto bem servirem, gente sem terra, mudando de patrão e de campo com muita facilidade. Dêstes últimos elementos irão surgir os jagunços e os cabras guarda-costas, que infestam os sertões, errantes

(1) Gilberto Freire, 1937. Êste autor sempre bem informado fala em cavalo argel travado, como pêlo de cavalo, que é evidentemente uma impropriedade, pois o argel travado é um cavalo que tem o pé direito e a mão direita brancos.

e perigosos, como veremos. Os costumes são rudes, usam cabeleiras compridas ou mal cortadas, dormem no chão sôbre um couro crú, que não cheira bem, no campo usam a roupa de couro à prova de espinho, em casa andam de ceroulas e camisas de algodão grosso.

Desde cêdo os filhos são habituados na lida do gado e, crescendo, transformam-se em campeiros de modo a evitar a evasão da quarta parte devida a vaqueiros extranhos. Os casamentos são consaguíneos, visando a conservação inteiriça da posse. Alimentam-se de farinha e frutas silvestres e de carne que é obtida pela caça ou pela matolotagem que consiste em abater uma rês, para consumo, em cada mês. Alguns fazendeiros mais somitegos fazem o vaqueiro "pagar a morta", isto é, descontar o quarto do animal abatido da sua quota.

Tão sumárias são as condições de confôrto que um ourives, carpinteiro ou alfaiete nessa região "pouco acham para fazer de seus ofícios". O reino vegetal é que os supre de tudo, cabaceiras que dão frutos de vários formatos, servindo de cuias, de garrações de boia para pescaria; o caroá dando cordas, linhas de pescar, redes ásperas onde o algodão fosse menos comum. Mas entre todos os vegetais as palmeiras e a mandioca não encontram concorrentes. As palmeiras reproduzem o auxílio providencial que prestam nos oasis da Arabia, servem para um tudo. Cercas de currais, barrotes para as paredes dos ranchos, coxos para salgar o gado, para preparar o sal extraído da terra e para curtir couros, cestos, "coberturas de ranchos, abanos, esteiras, palmitos dôces ou amargos para variar a comida ou matar a fome na sêca ao lado das broas feitas com a medula do licurí. As balsas que descem o S. Francisco são de burití, a cobertura da casa é de licurí e a vela que ilumina a imagem do santo é de carnaúba.

A mandioca não entrou logo pelo sertão, porque julgavam que a terra não fosse boa para o cultivo, mas desde que se estabeleceram as culturas de vazantes, aqui também foi ela do maior auxílio, desdobrando-se nas utilidades que fazem da **Manibot utilissima** o superlativo mais bem empregado na nomenclatura botânica. Em todos os escritos contemporâneos a mandioca está presente, muito acompanhada de elogios, não só de portugueses mas também de holandeses e franceses.

ALIMENTAÇÃO

A mandioca não é muito exigente quanto à qualidade do solo, contenta-se com um pouco de trato na fase do crescimento e retribue largamente. O beijú, a farinha púba, a farinha de guerra, a tapioca e até as folhas servem de alimentação. Quando "curada ao fumo" é remédio valeroso contra peçonhas, a tapioca misturada à cachaça serve para abrandar coceiras e adicionando-se um pouco de água, nas disenterias, é mesmo que tirar com a mão. O padre Cardim achava que o vinho de mandioca feito pelos índios era fresco e medicinal para o fígado.

Cada parte vegetativa recebe um nome especial, as folhas são a maniçoba, o caule a maniva ou manaiba e os tubérculos radiculares constituem a macacheira ou mandioca. A água em que se lava a mandioca ralada é a manipueira, rica de ácido cianídrico, perigosa para os ignorantes, fulminando cabritos e porcos, cavalos e vacas que experimentam bebê-la. Conforme o tipo do tubérculo distinguem-se a manipocamirim, a manaibuassú, a manaitinga, variáveis no crescimento e no gôsto. Só possui dois inimigos, a sauva que devasta a folhagem e a terra muito úmida que apodrece as raízes.

A fabricação da farinha ainda hoje é o mesmo descrito por Gabriel Soares em 1587, e os aperfeiçoamentos, quando existem, incidem apenas sôbre detalhes, sem alterar entretanto o processo geral aprendido dos índios. A técnica de ralar melhorou pela invenção do cevador, substituindo o ralo de conchas ou pedras, por um cilindro áspero que recebe o impulso giratório da bolandeira, acionada a braços por dois caboclos. Um de cada lado, suando nas manivelas. A prensa das atuais casas de farinha constam de um côcho onde a massa é envolta em folhas de pindó e apertada por um tampo de tábua que espreme a manipueira, graças a um sistema de alavanca interresistente. Mas ainda é muito comum no

vale do Rio Grande o tapiti cilíndrico, tramado com folhas de palmeira, pendurado na cumieira do rancho de fabricar farinha, com uma pedra amarrada inferiormente, espremendo a massa pelo aproveitamento da gravidade. Os homens daquele tempo, como os índios, preferiam a farinha puba, de sabor muito mais delicado e dispensando o ralo para a sua fabricação. Mergulhavam-se as raízes em água corrente ou eram postas de molho em grandes alguidares, até que a casca ficasse solta e a massa se desfazendo. As raízes depois eram desmanchadas à mão e secadas ao forno pelo mesmo processo da farinha ralada. Com um pouco de habilidade é possível variar extraordinariamente os pratos que se podem fazer da farinha, desde os bolos mais delicados até a passoca em que a carne sêca é assada e triturada no pilão, de mistura com a farinha, conseguindo-se por êsse modo um alimento difícil de se alterar e muito próprio para viagens.

Seria desnecessário insistir na importância dêste vegetal que pode ser considerado a mais preciosa planta alimentícia do novo mundo (1)

Foi ela que resolveu quase que inteiramente a subsistência dos vaqueiros e fábricas. Farinha, carne e sal.

Êste último foi encontrado no próprio sertão, à superfície do solo, descoberto pelos animais que o lambiam àvidamente nos barreiros, cavando depressões onde a água da chuva se coletava, dissolvendo-o. O homem aí também se apercebia do necessário ao seu uso, cavando a terra com o pecíolo das palmas do burití, pois que o ferro, segundo a crença, tinha a propriedade de extinguir as salinas. Do São Francisco o sal, bem como o salitre era exportado, em surrões, para Goiaz e Minas Gerais, onde a dificuldade em obtê-lo foi, nesta última capitania, motivo de não se desenvolver desde logo a criação do gado.

Não se deve pensar, porém, que o ajustamento ao meio natural tivesse extinto os hábitos de maneira completa, pois a tradição portuguesa resistiu muito e em certos casos também se adaptou ao novo ambiente. Os utensílios, o vocabulário e os hábitos relacionados com a cavalaria, em que os lusos foram sempre muito apaixonados, conservaram-se até os nossos dias. A sela de vaqueiro é uma reprodução da sela dos picadores portugueses, fácil de verificar pelas gravuras dos livros de equitação dos sé-

(1) Cardim, F., 1939, chama a esta mandioca de carimá e lhe atribue o mesmo predicado de combater peçonhas, inclusive a de cobras.

culos XVII e XVIII; o peitoral largo com que se defendem os cavalos campeiros nada mais é que o velho peitoral de mato usado nas caçadas reais; os estribos com caçambas de madeira, as bridadas pesadas e de bocado enorme e a própria guiada são criações portuguesas usadas na era de 1600. A guiada é a mesma lança de trabalhar touros bravos e apenas o seu uso deve ser uma adaptação ao nosso meio, pois o termo guiada parece de emprêgo mais recente ao lado da "mucica" que parece contribuição indígena. No Boi Espaço se pode ver que "lá vem Seu Antônio do Monte, com sua lança na mão, rendam armas companheiros, vamos botar o boi no chão".

A pelagem dos animais sofre influências indígenas como o punaré, o jaguanes, mas conserva em toda a pureza o ruço pombo, o rodado, o calçado, bem como os provérbios que definem propriedades dos animais, de acôrdo com os sinais da pelagem. Em Galvam, já encontramos o "Um é bom, dois é melhor, três é mau, quatro é pior". Apenas o mau se transformou em ruim na bôca dos vaqueiros como albardão se transfez em talabardão.

BOIADAS

O contacto dessa população rústica só se faz com o litoral por meio dos "comerciantes de corso" que trocam quinquilharias, cachaça, objetos de ferro por vacas novas ou novilhas cobertas, ou ainda nos povoados por ocasião de festas religiosas, feiras, ou, de passagem, conduzindo boiadas.

Os caminhos que vão ter ao litoral são os próprios trilhos das boiadas, que muitas vezes obrigam os governos a melhorá-los. A estrada que ia para Minas Gerais pela margem direita do rio, apesar de antiga, só mereceu maiores cuidados quando as boiadas se fizeram no rumo dos arraiais auríferos. A condução das boiadas cria um tipo social, o do boiadeiro, que percorre toda a região comprando gado, trocando, especulando no preço, como ainda fazem hoje os continuadores da profissão, em terras de pecuária extensiva.

No século XVIII o rumo das boiadas é múltiplo e divergente. Procura o litoral pelo Maranhão e Piauí, chegando até Pernambuco, dirige-se para oeste, galgando os chapadões goianos, ga-

rante a subsistência dos mineiros ao sul e vai na direção do oceano, para a Baía, onde nunca houve gado que chegasse, e a questão da carne foi sempre motivo de longuíssimos relatórios. Como hoje.

Quinhentos currais "só na borda de aquém do rio S. Francisco", sendo que do lado de Pernambuco o número era muito maior. Jacobinas se transforma em ponto de passagem e repouso para as boiadas que demandam a Baía no tempo das chuvas, em que há pastos para encostar o gado nos fins de jornada. Quando o tempo é de estiagem vendem aí mesmo todo o gado que trazem, o qual fica invernado durante sete e oito meses, antes que esteja em condições de ser conduzido ao litoral.

Em Capoame era a feira da Baía, e ali chegavam diàriamente várias boiadas de cem até trezentas cabeças de gado. Vinham de longe, algumas com mais de três meses de viagem, marchando com a lua ou pelas madrugadas, repousando nas horas da canícula forte, para não afrontar os bois. As jornadas eram de cinco a seis léguas no tempo de pasto abundante e até de quinze léguas no tempo da sêca em que viajavam dia e noite até encontrar "paragem onde possam parar".

Os tocadores de gado são negros, brancos, mulatos e índios sob as ordens do "passador de gado" que recebe um cruzado por cabeça conduzida. A carne para sustento dos guias e tangedores é tirada do próprio rebanho, mas o passador só recebe a paga do gado que entrega, descontadas as reses que pelo caminho morrem ou conseguem fugir.

Distribuíam-se os vaqueiros que iam conduzir a boiada de acôrdo com as funções. Na frente os guias, lateralmente os esteiras e no coice os tangerinos. Aberta a porteira do curral os animais iam saindo, mansamente no começo, apressando gradativamente a saída, aos empurrões, estalando os chifes batidos nos apertos da tranqueira onde todos querem passar ao mesmo tempo. La fora os vaqueiros galopam para todos os lados atalhando o caminho dos que fogem, reconduzindo-os ao lote, falando com o gado para aquietá-lo, parando rodeio. Em seguida os guias iniciam a jornada, as reses são tangidas mansamente, contidas nos flancos pelos esteiras vigilantes, e logo marcham entropilhadas, acalmadas, enfeitçadas pelo canto dos guias que vão aboiando na frente. O aboio é um característico da pecuária nordestina. Em Mato Grosso êle é substituído pelas buzinas de guampo que imitam o mugido dos bovinos, ecoando nos descampados, no Rio Grande o Sul pela voz. Sòmente na caatinga se transforma num

motivo de canto, toada monótona e triste que lembra a dor escandalosa dos carros de bois chorando nos caminhos. O canto arrastado acalma os nervos dos bois e aperta o coração da gente. Quando os vaqueiros querem trazer um boi tresmalhado ao curral, derrubam-no e colocam-lhe a máscara, pedaço de couro que impede a visão para a frente. Adiante vai o vaqueiro aboiando e o animal, após algumas tentativa de fuga, em que bate nos paus, ferindo-se, contundindo-se, acompanha a voz do vaqueiro que o vai guiando estrada afora, aboiando, aboiando. . . Ainda há pouco nos sertões do Rio Preto podíamos surpreender uma cena do século dezesete dando de frente com a boiada que acabava de despontar numa curva do caminho, cadenciando a passada pelo ritmo preguiçoso do aboio:

Inda hoje tenho saudade
Inda ô lira, meu boi
Do povo do Jundiá . . .
Men bensinho passou aqui
Mas eu não vi
Tá por aí, ia . . . á á . . . (1)

Nos primeiros dias de viagem os animais requerem uma vigilância cansativa, ameaçando estourar, desembestando pelo deserto, exigindo serviço dobrado dos campeiros. Ao cabo de alguns dias, porém, o gado se "enfada" e a viagem passa a ser uma rotina.

Do S. Francisco à Baía o preço chegava até a setenta mil réis por cabeça, permitindo pagar os vaqueiros à razão de quatro a cinco mil réis, excluindo o guia que recebia muito mais: oito mil réis. Por êsse preço viajava meses no sertão, bebendo água nos gravatás da caatinga ressequida, cortando mandacarú para o gado, armando as redes no relento, fazendo rondas noturnas, amarrando uma caveira de boi na cabeça e caindo nágua para indicar o vau dos rios, parando apenas nos moradores que se distribuíam ao longo do itinerário das boiadas, a fim de negociarem com os tangedores, vendendo gêneros, comprando reses cansadas, colhendo notícias de outras terras trazidas por êsses caboclos andejos, de cuja honestidade dependiam a riqueza e a importância dos latifundiários que moravam no litoral.

(1) Colhido no sertão do Rio Preto.

Não devemos esquecer que a casa da Torre possuía "duzentas e sessenta léguas pelo rio S. Francisco acima, à mão direita, indo para o sul e indo do dito rio para o norte, chega a oitenta léguas. E os herdeiros do Mestre de Campo Antônio Guedes possuem desde o Mórro do Chapéu até a nasçença do Rio das Velhas, cento e sessenta léguas". E nestas terras parte dos donos delas têm currais próprios, e parte são dos que arrendarão sítios delas, pagando por cada um sítio que ordinariamente é de uma légua, cada ano dez mil réis de fôro".

Se há um ponto a realçar na história do S. Francisco é a ação dêsse rude campeiro encourado, legítima expressão do nosso povo, tomando esta última palavra com o sentido de massa inculta e desamparada dos governos. Os cabos da tropa das bandeiras, os descobridores de riquezas, os posseiros das sesmarias são gente de escol, mais ou menos íntima dos governos, recebendo muitas vezes, em carta o saudar d'El Rei. Mas o foreiro nada merece dos potentados e age sem auxílio de autoridades ou de leis. Procura mesmo afastar-se cada vez mais da influência dos governos, largando-se no mundo, vivendo "absoluto" como se dizia.

O estabelecimento dos currais é uma experiência que demonstra a fibra enérgica do povo, pois a ocupação dos sertões não foi feita sem lutas. Estas a princípio confrontavam índios e colonos pela posse da terra, evoluíram mais tarde para as lutas de clans, disputando campos de pastagens e ainda posteriormente influências políticas.

AS LUTAS PELA CONQUISTA

Não demorou muito, para que, após o descobrimento, rompessem as hostilidades entre brancos e índios e, um dos precursores nessa guerra de destruição, foi sem dúvida o filho do Governador Duarte da Costa, o moço D. Álvaro, que não contente de vencer e render o gentio desmandou-se a queimar palhoças, aldeias inteiras, transformadas em fogueiras. Criou escola, e por todo e decorrer da conquista o incêndio de cabanas é um traço constante, facilitado pela natureza do material de construção. Muitas vezes os povoadores adotam o processo de caça usado pelos ameríndios que incendiavam o campo deixando apenas uma aberta por onde a caça refluía e era flechada em boas condições. A diferença é que os povoadores o aplicam nas aldeias do gentio. Os civilizados se dispõem em tórno do incêndio, caçando os homens que se arrojam das chamas, enquanto as crianças e o mulherio sufocam dentro das cabanas. Outras vezes, desnecessariamente, apenas para afrontar os índios, incendeiam as cabanas mortuárias com arcos e outros utensílios do morto, provocando a resposta dos selvagens que também cosinham gente nos ranchos cobertos de sapé, de palmas, ou de palhas de icó. Numa persistência de tradição, em nossos dias também um Senhor sertanejo que interpreta como desaforo o recado de um mísero agregado, toca fogo no rancho como processo expedido de expulsão das suas terras.

Seria longo e mortificante enumerar as contínuas entradas dos descedores de índios, os quais, também se diga, tocaíavamos pelos caminhos, recuavam ante a superioridade ofensiva do agressor, cediam, eram recalçados para o interior, mas lutavam, lutavam sempre. E' possível que nos primeiros tempos o gentio pretendesse enfrentá-los de peito aberto mas, desde logo dizimado e conhecendo a superioridade das armas de fogo, passou ao regime da emboscada, dos ataques inesperados, da falsidade, no que afinal foi bem correspondido pelos adversários.

Sòmente nos padres topam os povoadores a mais séria opposição. As missões se estabelecem nas ilhas do S. Francisco, aldeando os bugres que trabalham nas lavouras ou se alugam para o serviço nas fazendas. Frei Martinho de Nantes é um, entre vários, dos que procuravam catequizar o gentio do sertão de Rodelas. Aracapá, Pambú, Aramurú, eram denominações de aldeamentos sob govêrno dos padres.

Toda a história das missões é uma luta contínua, enfrentando os criadores de gado que iludem os índios para escravizá-los, aproveitam os infundáveis conflitos de jurisdição entre a Baía e Pernambuco, para aliciar no território da outra margem os trabalhadores. Manifesta-se o govêrno, rufam tambores pelas praças dos povoados, os bandos lidos em presença do povo que veio pelo rumor proibem a prêsa de índios missioneiros, principalmente dos territórios de outra capitania, sem adiantarem quase nada, pois que até bandeiras de represalia se organizaram, a fim de reaver índios fugidos nas terras das margens opostas.

As próprias leis sôbre o assunto propiciam o sofisma, permitindo a guerra ao índio de corso, como os galachos que só de uma vez destruíram quarenta currais, matando vaqueiros e gado. O difícil, porém, era definir o que se devia considerar como índio de corso e, ainda que muitas vezes se nomeassem tribus, a etnografia do tempo não estava tão adiantada que permitisse sistematizar os caracteres de cada tipo. Isso pensavam, pelo menos, os descedores de índios emprestando a êsses vocábulos um sentido de extrema latitude.

Quando os Galachos andavam destruindo currais, Francisco Dias veio em socorro de Domingos Rodrigues de Carvalho, ajudando-o a debandar os índios, ação em que era prático e eficiente aquêle descendente de Garcia d'Avila. Esta gente da casa da Torre em várias ocasiões se colocou em opposição aos padres, discutindo sôbre índios e terras para construção de igrejas, no que foi seguida pelo seu foreiro Domingos Afonso Sertão que de uma feita pôs abaixo a casa do padre Miguel "cura do Piauí e outras circunvisinhanças" e chegou a mandar derrubar uma igreja, embora, ou talvez por isso mesmo, quando morreu, deixasse encomendas quinhentas missas de uma vez e ainda mais cinco por dia para o resto do mundo.

Não diremos que os índios fossem uns querubins. Não. Todo mal que podiam fazer faziam, matando gente, roubando gado, fugindo para a capitania visinha, gerando intermináveis discussões e pendências. Os Anajás atacaram os moradores do S. Francisco

de tal maneira que o governador mandou chamar a Matias Cardoso em S. Paulo, que viesse pôr ordem na região. Veio o Capitão por terra e o seu Sargento Mor, Manoel Alves de Moraes Navarro chegou a S. Salvador embarcado, partindo de Santos. Ali recebe ordens do Governador e parte para o S. Francisco pelo sertão da Jacobina, volta ao litoral trazendo cartas, regressa novamente e de todas as vezes vai arrebanhando índios no caminho, para proveito da viagem.

Quilombo e Malocas são motivos de perturbações constantes e de sucessivas cartas patentes de Capitão Mor de entradas de mocambos e de negros fugidos, do Administrador e Conquistador do gentio. Domingos Neto Pinheiro obteve carta de entrada dos mocambos e negros fugidos com área de ação que abrangia "toda a serra da Jacobina e Carinhanha até o rio S. Francisco".

A crueldade com que eram feitas essas guerras é de estarrecer. Amarravam os principais do gentio e os conduziam como escravos, matavam os maridos para se apossarem das mulheres, separavam as mães dos filhos ainda pequeninos. As índias espremiavam os seios, deixando o leite escorrer na pele morena, para que os vencedores entendessem que estavam amamentando, mas nem êsse desespero materno comovia aquêles rudes preadores. Francisco Dias assinalou um feito que nunca mais foi igualado: degolou de uma só vez quatrocentos índios.

Acontecia porém que várias vezes os índios se excediam ou demoravam a resistência e então El Rei declarava a Guerra Justa. A chamada confederação dos Cariris, no Rio Grande do Norte, foi o momento crítico da luta permanente em que se mantinham índios e povoadores. Quase todos os cabos enviados para dar combate ao gentio levavam documentos no estilo do passado a Manoel de Abreu Soares que foi de Pernambuco: "Fazer ao gentio bárbaro a mais viva guerra ofensiva que merece em suas hostilidades, pela parte que lhe parecer invadí-lo, continuando até os extinguir, com a declaração que serão seus cativos todos os prisioneiros, como se assentou".

Apesar de vencidos várias vezes, continuam as escaramuças até o século XIX e muitas vilas e povoados têm a sua origem ligada à necessidade de manter a ordem nos sertões. Rio Preto, Parnaguá, Rio Grande do Sul, são destinadas a manter em respeito os Acoroazes, Mocoazes e Rodeleiros.

Ao mesmo tempo as questões entre visinhos degeneravam em lutas, eram freqüentes os conflitos de jurisdição, verdadeiras ques-

tões de fronteiras que punham a descoberto o regionalismo extremado das capitânicas.

Não eram só discórdias a propósito de quotas entre preadores de índios nem reclamações sobre a invasão de fronteiras por Capitães de gentio em busca de fugitivos das aldeias. O salitre determinou que o Padre Pereira, tio do Francisco Dias, atacasse Bento Sorel que vinha explorar as minas, por ordem do Governo de Pernambuco. A casa da Torre se declarava com direito a essas terras, a Casa da Ponte da mesma forma e como se vê também o governo pernambucano.

As populações do sertão de Rodelas vivem assustadas e em sobressalto com os repetidos crimes sucedidos, os quais, "ordinariamente ficam impunidos. Assim por não ter notícia deles pela distância em que são cometidos, como por não haver medo da justiça". Crearam juizes em cada cinco léguas, a fim de que tirassem devassas, tomassem denúncias e querelas de delitos, enviando burocraticamente um traslado aos Ouvidores de Pernambuco ou da Baía, conforme o caso. Coisa difícil de cumprir-se, pois que o número de pessoas capazes de escrever não chegava para os postos, obrigando o governo da Baía a contornar a questão, nomeando juizes analfabetos, desde, é claro, que o escrivão não o fosse.

Pouco depois dessa providência o Pároco e o Juiz do Rio Grande sofreram desacatos, clamando providências, enquanto a rivalidade regional se aproveitava de mais esta ocasião: — "Não deixem que os encarregados das devassas passem pela Baía. Lá estão os três senhores de quase todo o sertão de Pernambuco, pessoas poderosas e riquíssimas que vão influir no ânimo dos prepostos da autoridade". Uma verdadeira confusão.

Começou mal e acabou cedo esta tentativa de policiamento, porque os Ouvidores não davam conta dos encargos e lugares havia que passavam anos, sem que conhecessem da justiça. Uma justiça que não tinha prestígio pela falta de soldados que a garantissem, influenciada pelos poderosos, cara e inoperante.

Quanto à religião era o mesmo. Ainda em 1756 creava-se uma paróquia cem léguas acima de Cabrobó, porque o sertão era povoado e os moradores pediam providências, visto que passavam anos, sem que tivessem missa ou sacramento, completamente faltos de pasto espiritual. Uma tristeza.

Foi esta gente de pouco credo e quase nenhuma lei que se misturou com os forasteiros de tôdas as procedências nas Minas Gerais.

O POVOAMENTO DAS MINAS

Quando se deu o povoamento de Minas, há muito que a região era conhecida e palmilhada pelos viajantes do sertão. Não vamos falar sobre as várias expedições que da Baía demandavam o interior, muitas das quais atingiram as paragens do rio Doce. Apenas esboçaremos um resumo das bandeiras paulistas que, transpondo a Mantiqueira, atravessaram em cruzeiro as terras do alto S. Francisco.

Consta que em 1580 Braz Cubas transmontou a Mantiqueira a fim de encontrar-se com Vasco Fernandes Caldas que vinha da Baía, havendo, o de S. Paulo, explorado as terras das nascentes do rio Pará. Calógeras, entretanto, refuta com bons argumentos êsse itinerário e estabelece rumo bem diverso para esta expedição, a qual, ao que parece, esteve na zona do Apiaí, fronteira do Estado do Paraná.

Por êsse motivo, talvez se deva dar a primazia a Sebastião Marinho que em 1592 — como afirma Alfredo Elis — varou até Goiaz, em descoberta de metais, e tudo faz supôr que tenha atravessado as planícies do atual triângulo mineiro.

Quatro anos após é João Pereira Botafogo que, costeando o Paraíba transpõe os divisores de águas e chega aos vales dos rios Verde e Sapucaí, depois de se encontrar com Martim de Sá que, ao que se diz, viera do Rio de Janeiro, recalando Tamoios. Desta Bandeira desguaritou-se Domingos Rodrigues permanecendo no sertão até 1600 cativando índios Guaiazes na região de Paraupeva e decerto percorreu largo trecho da bacia do S. Francisco, antes de atingir essa região goiana.

Diverso é o itinerário da numerosa bandeira de Nicoiau Barreto que se pensava ter chegado até o Paracatú em 1602. Segundo a documentação analisada por A. Elis, esteve ela em Guaira, tornando insubsistente a opinião de Orville Derby que divulgou a

hipótese do itinerário pelas terras do S. Francisco. Está no mesmo caso a bandeira de Belchior Carneiro, visto que a tribo dos bil-reiros que Washington Luiz situou nas cabeceiras do S. Francisco parece que habitavam era os sertões que se estendem entre as nascentes do Paraguai e do Paraná.

Menos controversa é a entrada de André de Lião, alcançando os domínios dos índios Guaiazes outrora percorridos por Domingos Rodrigues, encerrando a notícia que temos de entradas anteriores à guerra holandesa, que repercute em S. Paulo, retardando, até certo ponto, o ritmo das expedições.

O receio de um ataque dos flamengos determinou a proibição de entradas no sertão, visando reter a pequena parte da população que residia no povoado, pois que a maioria se achava entranhada no mato, caçando peças ou fugindo às condenações, por crime de entradas clandestinas, homiziada no deserto. O governo se preocupou em saber quem possuía pólvora e chumbo em casa, a fim de balancear os recursos bélicos da Capitania e estimou as possibilidades de uma defesa no caso de um desembarque holandês no litoral paulista. O destino e as aflições das capitanias nor-tistas pouco impressionam o povo de Piratininga e o governo luta mesmo com dificuldades para atender o pedido para organizar um contingente de socorro. E' preciso acenar com promessas de honrarias e perdoar crimes para conseguir voluntários.

A investida de Van Schoppe contra a Baía provoca nova solicitação de auxílio: duzentos homens e dois mil índios. Devem dirigir-se à Baía, por terra, evitando as rotas marítimas perigosas e infestadas de holandeses.

Qual seria êsse caminho terrestre, não é fácil descobrir. De qualquer forma não era um itinerário fácil e rápido, pois que, ainda em 1671, Estevão Baía Parente e Braz Rodrigues de Arzão, contratados para bater e sossegar os índios turbulentos do recôncavo baiano, viajavam por mar, embarcando em Santos. E mesmo, naquele tempo, a expedição comandada por Antônio Raposo e da qual já falamos chegou à Baía também por mar.

Espaçadamente continuam as viagens exploradoras e, no ano de 1643, se tem notícia de um certo João Pereira que andava apressando índios Guarominis que são os mesmos Guarulhos, habitantes no vale do Sapucaí, como também se sabe, em S. Paulo no ano de 1652, que morrera no sertão Antônio Pedroso de Barros em cujo espólio constavam índios Carijós e Guaiazes, sugerindo que andasse em terras goianas.

Quando de passagem por S. Paulo o Provedor da Fazenda Real, Pedro de Sousa Pereira, teve conhecimento de que haviam sido descobertas as minas de Sabarabussú e por isso investiu Domingos Rodrigues na chefia de uma bandeira que devia explorar essas riquezas. Para que não houvesse desvirtuamento de finalidades, proibiu escandalizar os índios fazendo guerra. Que não tomassem uma só pessoa de suas famílias e oferecessem presentes, de acôrdo com o cabedal da expedição. O chefe estava autorizado a castigar quem da companhia alterasse esta ordem ou inquietasse os índios.

Nesse tempo os caminhos que vão ter além da serra começam a ser trilhados com mais freqüência, o padre Mateus Nunes de Siqueira, em 1865, está batizando guarulhos de além Mantiqueira e estabelece moradia nos arredores de S. João de Atibaia. Lourenço Castanho penetra nos sertões do alto S. Francisco, viaja até Sapucaí guerreando os cataguases e prossegue até o vale do Paracatú. Um outro Castanho, Luiz Castanho de Almeida, vai morrer nas mãos dos índios de Goiaz, deixando destroços da bandeira espalhados pelos caminhos, recolhidos mais tarde por Antônio Soares Pais, que também não regressa a S. Paulo, falecendo no sertão.

Finalmente, depois de muito organizar, em 1674 partiu para a descoberta das esmeraldas Fernão Dias Pais que apesar de velho e curado de muitas entradas, não se desenganara de promessas reais. Levava como auxiliar o nosso conhecido Matias Cardoso, provado nas guerras contra o gentio do S. Francisco, desde dez anos atrás. Acompanhava-o também o filho, Garcia Pais, honesto, rijo no trabalho e de gênio menos arrebatado que Borba Gato, seu cunhado, que afinal acabaria envolvido na história do assassinato de D. Rodrigo Castelo Branco.

O itinerário da bandeira ainda permanece em conjectura, mas é quase certo que atingiu Cêro Frio, percorrendo os vales do Paraopeba e do Rio das Velhas. Muito mais importante porém para nós é que esta bandeira foi semeando roças ao longo do caminho trilhado, num esbôço de povoamento, que sobreviveu ao bandeirante morto no sertão, em serviço. Assinalando a importância decisiva desta penetração para o conhecimento do trecho inicial da bacia do S. Francisco, desistimos de amesquinhar, num resumo, tão gloriosa existência, enviando o leitor para a monografia escrita pelo mestre Afonso de Taunay. (1).

(1) Taunay — 1931.

Outros mais tarde descobrirão ouro e diamantes, mas nenhum terá a precedência do Governador das Esmeraldas, revelando a terra. Pois é certo que, ao tempo das descobertas, já havia muitos paulistas criadores de gado no S. Francisco, oriundos principalmente da bandeira que se dispersou depois da morte de D. Rodrigo Castelo Branco, povoando o vale, incorporando a S. Paulo as novas terras.

Depois de falcado o primeiro ouro, as descobertas se sucedem com tal rapidez e quantidade que hoje é difícil estabelecer uma seriação cronológica para êsses acontecimentos. Ouro Preto, Ouro Branco, Ribeirão do Carmo, Rio das Velhas, Das Mortes, Ribeirão que tomam o nome dos descobridores; do Bueno, de Antônio Dias, do Padre João de Faria, do Bento Rodrigues, são redemoinhos que atraem, que engolem gente oriunda de todos os lugares do Brasil e até do estrangeiro.

A notícia das riquezas corre mundo com pasmosa rapidez, aquela fama com asas, de que tanto gostavam os cronistas da época, não era uma figura de retórica, voava mesmo. . . Garoava gente nas serras mineiras, vinda de S. Paulo, do Rio, da Baía, de Pernambuco, de Portugal e da África. "Cada ano vêm nas frotas quantidades de portugueses e estrangeiros para passarem às minas". (1).

"Foi sobre o ouro do Brasil que se levantou o novo trôno absoluto de D. Pedro II, foi com êle que D. João V e todo o reino puderam entregar-se ao entusiasmo desvairado dessa ópera ao Divino em que desperdiçaram os tesouros americanos". (2). Os escravos que vinham da África demandavam agora o pôrto do Rio de Janeiro, seguindo diretamente para as minas, como outrora procuravam Pernambuco e Baía para as lavouras de açúcar e de fumo. Das outras capitâneas era ainda maior o afluxo e, dentro de pouco tempo, se reuniam ali mais de trinta mil pessoas, procedentes de todos os recantos, misturando-se, acotovelando-se, matando e roubando, sem coação de justiça ou de lei. Proibem-se tôdas as comunicações com as minas, principalmente os caminhos do sertão, a fim de obstar a emigração em massa. Vaqueiros, soldados, usineiros, abandonam tudo, fogem, vendem o que possuem engrossando a corrente que deriva para as minas. Clamava o "Peregrino da América", com entono bíblico: "Ide a Pernambuco, passai ao Rio de Janeiro, subí a S. Paulo, entrai nesta cidade,

(1) Antonil.

(2) O. Martins, 1920 e também 1927.

correi essas vilas e seus Recôncavos: vereis em quantos tem a soberba e os interêsses feitos notáveis destroços. A uns arrimar bastões, a outros largar ginetas, a muitos enconstar vengalas, a alguns deixar alabardas e fugirem muitos soldados, despejar engenhos, desamparar fazendas. E se perguntarem a essas ruínas quem lhes causou tão lastimosos estragos, vos responderão em écos essas arruinadas paredes e medonhas fornalhas dos engenhos: que tudo lhes procedeu da soberba e demasiada ambição”.

Quando sobrevém a guerra dos emboabas, afora os paulistas, o chefe da gente de Sabará é português, o do rio das Velhas pernambucano e, baiano, o de Caeté. Nem os padres escapam à desordenada evolução dos acontecimentos, obrigando o bispo de Pernambuco a suspender o Padre Manoel de Castro Moraes, que se chocara em luta com outro Padre, mandado do Rio de Janeiro para as minas que estão nas cabeceiras do rio das Velhas. Foi isto motivo para uma série de perturbações, começando um rosário de desordens e uma guerra de excomunhões que só terminou com a intervenção do bispo.

Pode-se por êste episódio avaliar o que ocorria com os poderes temporais que não dispõem de “ministros nem justiças que tratem ou possam tratar do castigo dos crimes que não são poucos, principalmente dos homicídios e furtos”.

A mão de ferro do govêrno, quando aparece, é para raspar impostos, gananciosa, ou para se impor pela violência com a tropa de dragões. A autoridade verdadeiramente obedecida é a dos potentados em armas. Fazem e desfazem, traçam um círculo em tôrno do devedor ou criminoso, e êste não se anima a transpor o risco de bastão, desenhado no solo, ameaçado de morte, até satisfação do que lhe foi impôsto. Vigoravam, entretanto, acatadas por todos, as leis não escritas do sertão, com penalidades proporcionais e bem estabelecidas para cada espécie de crime, reconhecendo como justos os assassínios que visavam desagavar a honra conjugal e a afronta à dignidade. Inviolável do mesmo modo, era o regime estabelecido para as catas, em que o descobridor, El Rei e o Guarda Mor eram os mais bem aquinhoados, recebendo “datas” de trinta braças em quadra, enquanto os demais se sujeitavam ao sorteio das terras que constituíam os descobertos.

O ouro era extraído das gupiaras nas encostas montanhosas, nos tableiros e na própria madre do rio. Neste último caso era preciso fazer um valo por onde se desviasse o curso do rio. Nunca porém conseguiam desviá-lo totalmente, sendo necessário montar rodas enormes para o serviço de exgotar, ocupando cin-

qüenta escravos, só para montagem ou transporte de um lugar para outro. Não existiam bombas, tudo muito primitivo. Bateias em mãos de negros semi-nus que cantavam o dia inteiro, lavando o cascalho do desmonte, num trabalho que envelhecia prematuramente, desfalcando o capital dos senhores pela morte freqüente dos escravos.

O mineiro é obrigado a manter no serviço um carpinteiro, um ferreiro, um carreiro e numerosos negros, aos quais é preciso alimentar e vigiar. Só êle paga o imposto do ouro pois que a oitava com que compra qualquer coisa já é calculada com o desconto, do quinto de El Rei.

Não há indústria nem agricultura desenvolvida, mesmo porque o govêrno proíbe engenhos e lavouras para não desviar braços da mineração. O tecido ali fabricado é apenas um "teçume" para uso de escravos, e tudo mais vem de fora, por preços fabulosos. Fazendas finas, quinquilharias chegam através do litoral, o gado vem do S. Francisco, bem como o sal acondicionado em bolsas de couro no lombo dos cavalinhos sertanejos que comiam as "trese qualidades de hervas" que servem para pasto nos sertões. Cavalos de carreira veloz, dóceis ao ensino e tão fortes no trabalho que saíam de Pernambuco para Minas Gerais, carregados de seis arrobas, viajavam seissentas léguas e chegavam ao termo do caminho sem "diminuição dos alentos". (1).

Tudo era pago a pêso de ouro, embora muitas vezes não houvesse o que comprar, como aconteceu nos primeiros tempos, em que a miséria os obrigou a comer toda a classe de animais imundos e os primeiros ajuntamentos humanos tiveram que debandar em busca de comida. Cada vez que se dispersavam descobriam novas minas, ouro e mais ouro.

Lá em Portugal D. João V. pendurava na torre de Mafra um sino de oitocentos arrobas, fundava uma fábrica de sêda, organizava procissões espetaculares, muita pompa, o reino ao desgoverno, muito pecado. Em Minas a ostentação de riquezas, não era menor, erigiam-se igrejas esplêndidas, o preto Chico Rei edificava o templo de Santa Efigênia, a igreja do Rosário tinha uma pia de pedra, bem na porta, onde as negras vinham lavar as trunfas polvilhadas de ouro, deixando cair a esmola, com muita imaginação poética, no fundo da bateia original. As senhoras, se iam à missa, eram acompanhadas de tôdas as escravas, metidas em roupas de

(1) Couto, 1904.

sêda, ataviadas de ouro. Mais fácil deixar de ouvir missa que de arrear as suas negras, permitindo mesmo que, algumas, ganhassem, pelo pecado, o com que se vestirem. Como em Portugal aqui também há povo faminto, há desordens e a Guerra dos Emboabas e Felipe dos Santos são bolhas maiores de uma efervecência crônica.

O movimento de tropas de muares e cavalos, as boiadas, os forasteiros, as escoltas conduzindo ouro, traçam um resplendor de caminhos, irradiando para os pontos mais diversos. A navegação do S. Francisco se estabelece numa permuta comercial intensa.

Por êsse tempo o ferro já aparece como material da maior utilidade, visto como os caminhos alcantilados constituem um perigo para os animais desferrados. Forjam-se ferraduras de rompões enormes que se enterram na lama vermelha e escorregadia das rampas; os carros de bois também possuem guarnição nas rodas; com uma larga cinta de revestimento, ferradas de chapa; um disco estreito, ferradas de cordão; cravejadas de espaço a espaço, ferradas de botão. Os cavalos têm que ceder a vez aos muares que chegam de S. Pedro do Rio Grande ou de mais longe, dos domínios castelhanos. Mas a aspereza dos caminhos encarece o frete e os carretos sobem de tal modo que só é compensador o transporte do ouro e das fazendas caríssimas que vêm da Europa. Os animais de carga ficam tão valorizados que um autor chega a lembrar a domesticação da anta para o serviço de transporte de mercadorias.

Os vários caminhos são percorridos intensamente e as atividades comerciais atingem as regiões mais longínquas. Há um caminho que vem do Maranhão até a costa do Rio de Janeiro. Viajava-se primeiramente em canoa até Aldeias Altas, continuando a pé, daí por diante, para atravessar o rio Parnaíba na passagem de Santo Antônio e tomar a estrada que passava em Oeiras; desta vila o caminho ia ter ao Arraial de S. Francisco, ponto em que se podia optar pela viagem em canoa, remontando as águas até as nascentes do Rio das Velhas, ou atravessar o S. Francisco, enveredando pela estrada marginal e que se transformara em caminho das boiadas numerosas que demandavam as Minas. Êste caminho ao chegar em Tranqueira oferecia uma bifurcação, seguindo, um dos ramos pelo vale do Paramirim até a vila de Cachoeira no litoral, ao passo que o de Minas Gerais acompanhava o rio Verde, passando em Itacambira, Cabeceiras do Verde, Campo da Garça, antes de atingir o Arraial do Borba no rio das Velhas.

Das vilas que bordavam o Paraíba do Sul partiam, pelo menos três caminhos que se entroncavam em Taubaté: O primeiro costeava o rio até o pôrto de Ipacaré e, depois de atravessá-lo, vencia a Mantiqueira no passo do Embaú e chegava às terras do S. Francisco; um segundo caminho cruzava o Paraíba logo depois em Tremembé e rumava pelas vertentes do Piraquama e Sapucaí, enquanto um terceiro subia o Paraíba até Jacareí "onde devia abrir-se em dois galhos, um vencendo a Mantiqueira pelo passo de Buquira e outro que se alongava até Mogí das Cruzes na incidência dos caminhos que, serra abaixo, procuravam as praias do mar. (1).

Desde 1698, porém, que Garcia Pais recebe a incumbência de abrir o caminho para o Rio de Janeiro, o qual apesar das dificuldades e prejuízos que trouxe ao filho de Fernão Dias, foi sendo estabelecido e melhorado pouco a pouco. Em 1700 era uma picada que ia até Barbacena, alongando-se depois — embora só desse passagem a pedestres e fosse impraticável pelas tropas de muares cargueiros — para se tornar em caminho normal somente em 1725. E' um caminho predestinado que não conhecerá o declínio como outros, que, depois de uma certa época, vão perdendo de importância, e se tornam obsoletos. Ainda hoje podemos reconhecer as linhas gerais desse itinerário de Garcia Pais no traçado da Estrada de Ferro Central do Brasil e no ramal de Ouro Preto.

Mas agora tem uma saída para o mar e, em conseqüência, define a importância dos caminhos para S. Paulo e para os sertões do S. Francisco. "Desaparecia desde então a sonhada hegemonia paulista que a princípio parecia lhe dar a predestinação histórica e geográfica da evolução nacional". (2).

E' o fim do bandeirismo, com paulistas abandonando Piratininga e se fixando nas terras mineiras, vestindo o gibão de vaqueiro, homens que tinham perdido o gosto pela aventura, que não sabiam mais "sertanejar nem minerar". (3).

Durante os anos em que a exploração das minas cria um período de intensas transações comerciais, o S. Francisco atravessa uma fase de prosperidade, as embarcações se cruzam num vaivem de rio abaixo rio acima, trazendo sal, levando gêneros; as

(1) Paulo Prado, 1934.

(2) Paulo Prado, 1934.

(3) C. Abreu, 1928.

boiadas valem muito dinheiro e uma parte dos habitantes das minas se passa para os currais, embora, como é de prever, em muito menor quantidade que os que deixaram os currais pelos garimpos. Aliás esta migração para as minas é cronologicamente o primeiro êxodo da gente do vale. Outras migrações haverá pelo tempo afora, coincidindo com a prosperidade econômica muito saliente de outras regiões do país, atraindo aquêles homens sem terra que trabalham para sustentar patrões que moram no litoral, aquêles pastores do sertão nordestinos, que teem o mesmo regime de vida da gente do S. Francisco e que afluirão ao Amazonas, quando a borracha se transformar em fonte de riqueza, a S. Paulo quando o café se valorizar, aos garimpos de Mato Grosso e de Goiaz, buscando remediar a sua pobreza, impulsionados por um coletivo espírito de aventura.

Verdade se diga porém que o sertão, mesmo nesse tempo jamais se deixou influenciar exageradamente pelos hábitos de outras terras. Embora os roceiros de Minas possuíssem espírito de grandeza e noção de confôrto e "Grandes casários naqueles engenhos" o sertão continuava com as suas "baixas casinhas, quase sempre de palhoça", ainda que o proprietário fosse dono de cinquenta léguas de campos de criar e colhesse anualmente de mil a mil duzentos bezerros.

Por isso, quando veio a decadência das minas, o Sr. Francisco prosseguiu na sua existência rústica, apenas mais pobre. Não chegou até o litoral o éco das suas queixas, si é que se queixou.

O clamor de que tudo estava exgotado nas minas repercutiu até em Portugal, tentaram-se todos os modos de salvar a mineração, sem resultado; tudo fôra revolvido, léguas e léguas de montículos mostravam que a terra fôra revirada palmo a palmo. Muitas cidades desapareceram mais rapidamente do que haviam surgido, povoados fantasmas onde havia casas mal assombradas, com barulhos de correntes que se arrastavam na hora da meia noite, vozes de negros gungunando nos seus dialetos, ruído de moedas que eram contadas e recontadas por senhores aventos, escravos sofrendo castigo nos troncos, gemendo. Os mineiros tiveram que se empregar na agricultura, arrazando a mata, exgotando a terra que se cobria de samambaias. Doía ver aquela gente se sujeitar ao trabalho rotineiro das lavouras, relutante em abandonar as minas, a espera de um milagre de ressurreição.

O ISOLAMENTO DO S. FRANCISCO

Como era natural a crise da mineração atingiu a economia dos criadores que nunca mais se aprumaram, visto que, ao tempo em que Minas se refez economicamente, êsse já era um fenômeno de influência litorânea, alheio portanto à vida do S. Francisco. Minas Gerais voltara-se para o mar em sua economia, dispondo do caminho de Garcia Pais, que levava ao Rio de Janeiro, para onde se mudara o govêrno geral desde 1763, onde viera ter a côrte portuguesa no começo do século dezenove. Conservaram-se fiéis ao sertão apenas as populações mineiras do vale, fidelidade que pode ser caracterizada por uma pobreza sem remédio, desamparo dos governos, pouca saúde e um traço comum de infelicidade que une os ribeirinhos do S. Francisco.

O progresso que do litoral avança para Minas Gerais é acompanhado da lei, garantidora da ordem, recalando para o rio o material humano mais turbulento, menos adaptável à disciplina, pouco disposto a submeter-se à autoridade. As grandes distâncias criam êsse espírito de liberdade que deve ser entendido como autosuficiência, que prefere resolver as coisas a seu modo, sem interferência de autoridades que só aparecem para a vexação dos impostos e a perseguição dos pequeninos.

O sistema de trabalho ocupa um número muito reduzido de pessoas, não se presta ao trabalho escravo, a vida perigosa dos campeiros, a ausência dos patrões, cuja fortuna fica na dependência da honestidade dos vaqueiros, desenvolve naqueles homens um vivo espírito de independência, um exagerado sentimento de honra pessoal, baseado principalmente no alto conceito em que têm as demonstrações de coragem e o juízo dos seus semelhantes. Há provérbios que definem essa concepção. "para uma botetada só um tiro, morre o homem fica a fama"; versos que aconselham "meu filho você nunca apanhe que teu pai nunca apanhou". Por mais preciosa que seja a água naquelas regiões não consegue lavar nem as más ações nem a honra. Para esta última é preciso sangue.

Era naquele tempo e ainda é hoje. Recordo-me que uma vez na campina do Jalapão, fiquei de pousada na casa do velho Sérgio morador antigo naquêles desertos. Falando de lutas sartanejas, contou-me que conhecera um velho muito valente, mas que, por

desgraça, esmorecera o ânimo antes de morrer. Uma noite a casa foi cercada por um bando de cangaceiros e o velho que se encontrava sózinho mais o filho, fez entrar os adversários e tentou demonstrar-lhes a covardia que estavam praticando: — "Vocês se retirem, deixem-me reunir a minha gente e então resolveremos a pendência no campo da luta. Cercar e matar dois homens desarmados é covardia".

O filho que até ali escutava calado, resolve interromper o pai, advertindo-o de que estava perdendo o seu tempo: — "Com êstes cabras se conversa é assim". E disparou a garrucha na bôca do que estava mais próximo. Foram linchados imediatamente e o velho Sérgio lamentava com tristeza aquilo que lhe parecia um esmorecimento do velho fazendeiro.

Na história de "Mariquinha e José de Sousa Leão", quando o Capitão descobre que o moço fugiu com a filha, chama vinte e cinco cangaceiros e ordena:

"Matem aquela infeliz
Deixem urubú comer
Matem José de Souza
Sucedá o que suceder
Não faça gôsto a nenhum
A orelha de cada um
Só é o que quero saber".

E' claro que num ambiente assim tudo está por fazer em matéria de educação. Educação que só é possível pelo contacto permanente com o litoral civilizado, dissolvendo a crosta de insulamento que segrega aquelas populações de pastores.

Talvez só a natureza possa competir em importância com a segregação em que tem vivido a gente do S. Francisco. O regime pastoril é mantido em situação de contar apenas com os próprios recursos, plantando uma lavourinha para o consumo doméstico. Consumo reduzido, de vaqueiros acostumados a uma frugalidade extrema. Voltemos ao passado.

Não era diferente o quadro no começo do século dezenove em que o material humano já se achava nivelado pelo regime da pecuária. Ser vaqueiro era a aspiração de todos, bastava-lhes a possibilidade de possuírem um gadinho e a confiança dos patrões, dos quais se fazem compadres disfarçando a servitude. Permaneciam no regime da troca; o gado, a farinha são valores, os contactos com as outras regiões se resumem na exportação do gado em

pé e nos fardos de carne sêca. O lucro dessas transações é mínimo, porque as boiadas se acabam nas longas viagens, cinqüenta por cento costuma ser o prejuízo — a indústria da carne sêca não merece tal nome tanto é primitivo o seu método. Começada no Ceará, passou-se depois para o Piauí onde foi afinal vencida, para sempre, pelo xarque do Rio Grande do Sul.

Verdadeiramente a riqueza do S. Francisco, e, quando assim falamos queremos incluir toda a área sertaneja de criação no nordeste, é mais um fenômeno cronológico, foi a primeira região creatória do país. Facilidades naturais no tempo, imperativos de expansão, permitiram um rápido desenvolvimento das fazendas pelo sertão a dentro, estabelecendo uma situação de equilíbrio, enquanto não se formavam novos centros de criação de gado que lhe façam concorrência vantajosa, muitos dêles fundados com bois originários do vale do grande rio.

Em grande parte o latifúndio é uma conseqüência da pobreza dos campos onde a pastagem quase sempre é de má qualidade, as aguadas pouco abundantes, o que força o gado a caminhadas longas, emagrecendo-o. E' verdade que nos campos de mimoso um lote de tresentas vacas produz anualmente duzentos e cinqüenta bezerros, porém nos pastos agrestes o mesmo número de vacas não produz mais que cento e trinta bezerros, e teem que descansar no ano seguinte. Por isso não é possível obter lucros, a não ser pela posse de imensos latifúndios, tão pouco retribuem as terras. Caio Prado Junior, acentua com lucidez a circunstância de quase um milhão de quilômetros quadrados fornecerem, mal e mal, a carne para o consumo de uma pequena população, como a dos tempos coloniais.

E' justo portanto o aneio pelo aumento das propriedades e compreende-se que se lute a mão armada pela posse de terras no sertão, por causa de aguadas, evitando por todos os modos a divisão dos latifúndios, já pelo casamento consanguíneo, já pelo aforamento ou pela fraude, demandando nos tribunais em questões intermináveis, as quais era preciso padrinhos para vencer. Em virtude dêste último fato a maioria dos proprietários residentes no litoral, são amigos dos poderosos e obsequiosos com os governantes. Dos currais apenas recebem o fôro anual das terras e a notificação dos vaqueiros, dando conta dos novilhos de marca e dos bezerros assinalados na última apartação.

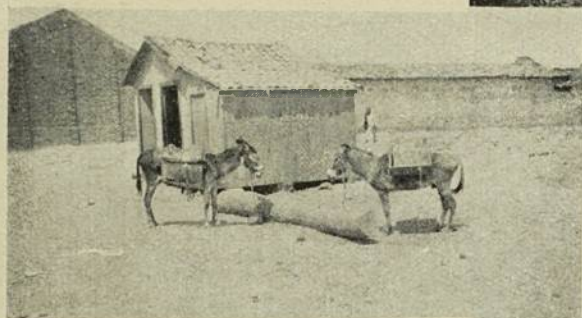
Uma partilha de terras em inventário é a liquidação da fortuna, uma queda brusca da opulência de filhos de pai rico, para a situação de herdeiros endividados e sem salvação, justificando



A rua pobre de
Jacaré'



Rancho de barranqueiro



Jumento de sela e
jumento de carga.
(Remanso)

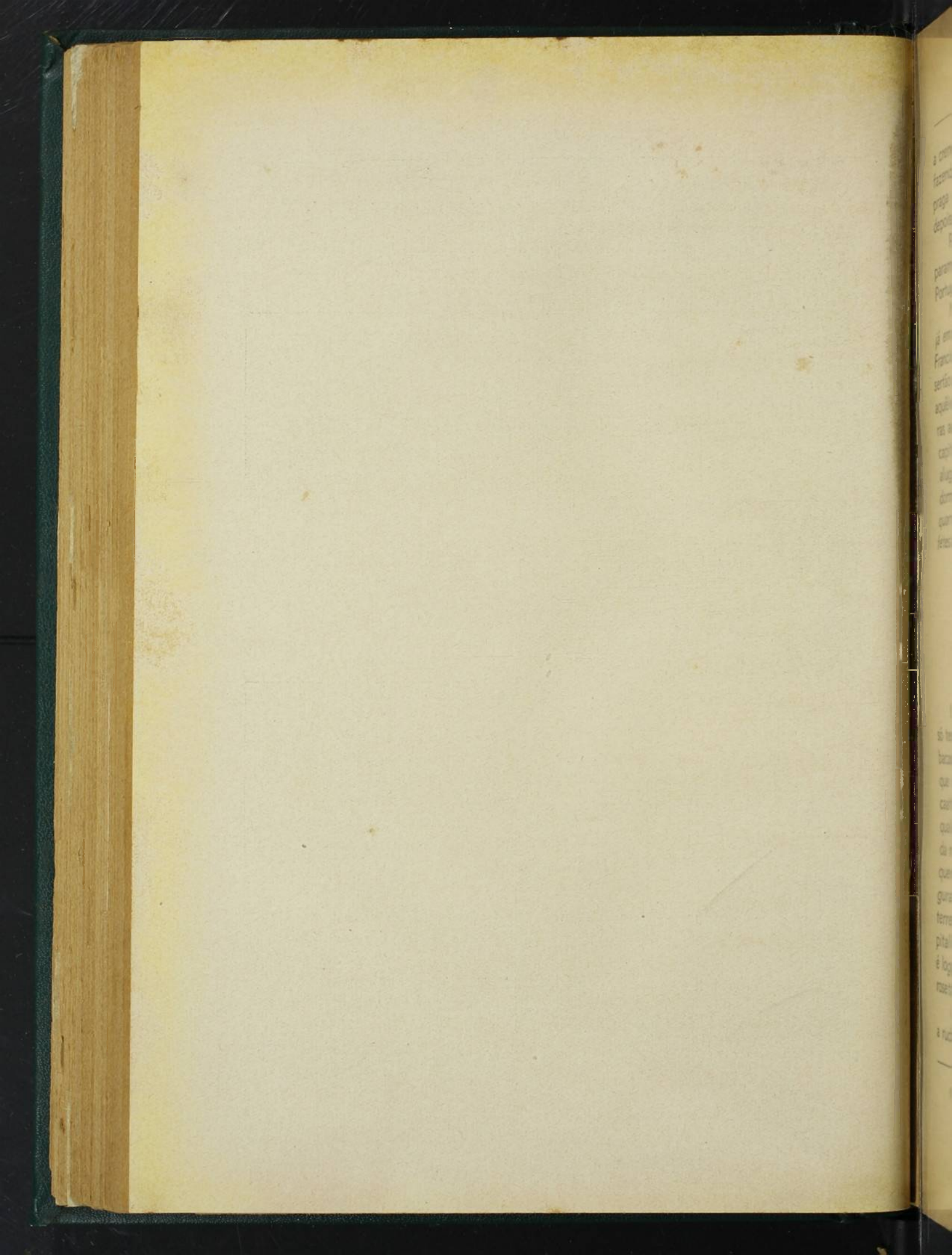


Vista dos desbarrancados
de Jacaré'



A rua principal de
Jacaré'.





a crença, até hoje corrente nas zonas de pecuária, de que uma fazenda não enriquece mais de duas gerações, — por causa da praga dos bois de carro, enviados ingratamente aos matadouros, depois de imprestáveis para o serviço.

Poucos latifúndios resistem até os nossos dias e não se comparam com as primitivas fazendas, maiores, muitas vezes, que Portugal.

Nos meados do século dezenove a gente da Casa da Ponte, já em Portugal, mandava liquidar as propriedades do vale do S. Francisco; os descendentes de Garcia d'Avila não voltam mais ao sertão e, para maior decepção nossa, Domingos Afonso Sertão, aquêl portuguez fragueiro que começou pastoreando gado em terras arrendadas na beira do S. Francisco, termina os seus dias na capital da Baía em casa de sobrado, com escravaria, com casas de aluguel, emprestando dinheiro a juros. Não era mais vaqueiro, dormia agora em leito com cortinado e sobrecêu de damasco, em quarto com reposteiros nas janelas, cadeiras altas, espelhos e bofetes. (1).

CANGACEIROS

No sertão quem mora mesmo é aquela gente nômade que só tem, de seu, os objetos de uso pessoal, a rêde, os arreios, o bacamarte, a faca e às vezes o cavalo. A solidariedade do deserto que torna o hóspede sagrado permite as longas travessias pelas caatingas, as viagens sem destino por terras desconhecidas. Em qualquer rancho onde chegue é recebido com franqueza, participa da mesa do dono da casa e ainda, ao partir, êste com a mão esquerda mantém o cavalo pela rêdea, enquanto com a direita segura o estribo, a fim de que não sucede o hóspede cair em seu terreiro, machucando-se, com irreparável dano do código de hospitalidade. Na apartação do "Boi Espácio" o vaqueiro que chega é logo denunciado como forasteiro "pelo trajas que êle traz, pela roseta da espora" e isso não impede que seja bem recebido.

Porque a verdade é que aquela gente era boa e, mau grado a rudeza natural, não tinha a índole má. Em geral são de "uma

(1) Testamento de Domingos Afonso Sertão.

condição dócil, hospitaleiros, agasalhadores, e tratam os passageiros, de que sempre teem concorrência, com agrado próprio sîm da sua rusticidade grosseira, porém sincero e de boa fé, até facilitar tudo o que possuem àquêles que sabem carinhosamente enganá-los, e isto ao ponto de não se acautelarem dos prejuizos que muitas vezes se lhe tem seguido de sua credulidade. Finalmente, entre os povos sertanejos que conhecemos, é êste, o menos desumano. Por maiores que sejam os despotismos que se lhes faça sofrer, não conhece como recursos contra êle nem as intrigas nem as representações populares e temos observado que, se alguma vez aparecem dessas produções, não é porque êle entre nelas, e sim porque sucede ali, em proporção, o mesmo que acontece nesta capital, ou em qualquer parte onde haja meia dúzia de intrigantes rábulas com algum dinheiro que, lá para seus sinistros fins particulares, façam figurar o público como testa de ferro sôbre objetos de que êle não se lembre, e que nem ao menos conhece, porque são na maior parte fantásticos”.

Aqui está, numa longa citação, um depoimento de 1819, muito ilustrativo para os que pretendem que o banditismo foi sempre uma condição normal no sertão e que nos ensina como as explorações políticas são velhas entre nós.

Foram os latifundiários que originaram a classe dos sem terra, ou que, possuindo-as muito pequenas, só podiam explorá-las pela cultura agrícola. A lavoura era improdutiva pela falta de transporte, a pecuária queria espaço largo e êstes pequenos proprietários engrossavam as fileiras da pobreza que era “de cem para um”, vivendo de caça, de pesca, de batatas selvagens, passando tempos sem provar carne de gado, pois que nas fazendas era impossível obter carne a retalho e não tinham posses para comprar um boi inteiro.

As autoridades mal pagas faziam o gôsto dos mandões, os soldados eram desviados do serviço para cuidar da lavoura e do gadinho do comandante, havendo destacamentos em que as praças se dispersavam, premidas pela necessidade e passavam a provocar desordens pelas ribeiras da visinhança.

Os distritos de gado já começam a decair em 1810, tanto pelo ataque dos índios que matavam de preferência os cavalos, deixando fazendas sem animais para o costeio do gado, como também pela matança imoderada de vacas que os fazendeiros fazem, a fim de valorizar os seus bois nas feiras. Vaquilhonas que na maioria dos casos tinham crias na barriga, eram mortas ou trocadas por quinquilharias, aguardente, enriquecendo os mascates

que as conduziam para o litoral. Moços inexperientes arrazam com os estabelecimentos havidos em herança, vindo a pedir esmola, como aconteceu no Maranhão "a José Pinto de Matos com a sua fazenda Carnaubal, a Manoel Martins da Cunha com as dos Fortes e Sucupara e a outros dos quais apenas se vêem hoje nestes seus evaporados estabelecimentos os restos de velhos currais queimados, e os campos sem o rasto de uma só vaca".

A ação da justiça era por assim dizer impossível, cara e demorada. Quem quizesse tocar uma demanda devia procurar as sédes das vilas, viajando muitas vezes mais de cem léguas, abandonando a propriedade por muito tempo, a fim de acompanhar o passo de jabotí da burocracia dos Ouvidores. A não ser assim, tinha de nomear um procurador que, além de zelar muito pouco pela causa, freqüentemente se vendia à parte contrária. Muitas fazendas se acabam porque o dono é obrigado a vender a criação para sustentar o litígio, as testemunhas procuram por todos os meios fugir à intimação, pois em muitos casos temem que viajar cinquenta e mais léguas a cavalo, deixando as fazendas ao abandono, tendo prejuizos, arranjando inimigos.

Nada mais natural que resolver tudo pela ação pessoal, abstraindo da justiça oficial. Aparecem desde logo os excessos, os assassinatos se tornam freqüentes, organizam-se bandos de guerrilheiros que se batem sem que os governos cheguem a conhecer dêles e, quando conhecem, a providência mais comum é a devastação dos bens dos delinqüentes. A impunidade garantida como é lógico, atrai os vagabundos e malfeitores das terras vizinhas, que procuram asilo nas grandes fazendas onde se acoitam, constituindo-se em elemento de desordem e opressão. Não recuam mais nem diante dos destacamentos enviados pelos governadores e alguns comandantes de tropa são assassinados e feitos em pedaços pelos criminosos, aos quais vieram prender.

Todavia o cangaceiro não tem nada de original ou de especificamente nordestino. O que espanta é a sua sobrevivência em nossos dias e êsse anacronismo social escandaliza, porque o litoral, em regra, só conhece do sertão o que o telégrafo lhe conta. Ora, um agente que manda notícias, certamente que procura o original, o monstruoso, o pitoresco o anormal enfim: a enchente que derreteu os casebres de taipa trepados imprudentemente na barranca do rio, o cangaceiro que desgraçou as moças humildes de vilório, obrigando-as a dansar nuas, o combate da patrulha volante que decepou a cabeça de dois cabras faci-

norosos e as enviou para a cidade, a fim de que não fosse alguém por em dúvida a façanha. A história normal, a crônica da vida comum, a luta obscura num meio áspero não constituem matéria que mereça trânsito pelos fios telegráficos.

Os tipos de bandidos são uma constante na evolução das sociedades pastorís e é desnecessário insistir sôbre isso. Compare-se na poesia popular o Martim Fierro com qualquer romance de cangaceiro e a semelhança é frisante, desde a coragem pessoal fabulosa até o acidente infeliz que os fez criminosos por acaso. Aqui está numa descrição da época o tipo social do bandido nômade do sertão, passível de adaptar-se ao "gaúcho mau" de Sarmiento, naturalmente que com menos literatura: "Um considerável número dos homens que vivem ali mais à ligeira, sem modo de algum estabelecimento, consta daqueles vadios malfeitores, que, como temos dito, fogem das outras capitânicas, e especialmente de Pernambuco, e vêm entranhar-se nestes sertões como em um seguro asilo seu, onde falta quem por obrigação de seu cargo se intrometa com averiguação dos motivos daquela emigração, ou com os resultados da sua conduta atual. Êstes fazem ali grandes males, por isso que alguns habitantes mais prudentes fogem de acolhê-los nas suas fazendas; mas em contrabalanço, acham outros mal intencionados que os acoutam, e dêles se servem como de seus valentões para os acompanhar nas diligências de que temos tratado, ou para sustentar quaisquer outros insultos, que a uns outros sucede continuamente fazer-se. A sua mais freqüente ocupação é andar errantes, vestidos de peles cortidas, montados em cavalos, ordinariamente furtados; seu trem, um saco à garupa com pouca roupa, um bacamarte ou espingarda, e algumas cargas de pólvora. Assim andam de fazenda em fazenda oferecendo-se a quem tem que lhes dar a fazer próprio do seu ofício, que é matar gente por dinheiro, não escapando nunca qualquer pessoa que é recomendada ao seu cuidado. Dão-lhes por esta boa obra de caridade duzentos mil réis, cem, e, às vezes, trinta ou vinte, conforme a reputação mais ou menos acreditada dêste executor, ou a representação do sentenciado, ou as posses do sentenciador. E como a coberto de tais insultos e desassossegos ninguém ali se considera seguro, concorre esta circunstância quanto é possível, para que, julgando-se naquela terra mal seguros, os moradores prudentes resol-

vem-se a emigrar, e vão com suas fazendas estabelecer-se em outras, que sejam melhor governadas". (1).

Longe de melhorar êste quadro, esboçado no começo do século dezenove, na zona pastoril das ribeiras do Parnaíba, agravou-se com a decadência econômica do vale que parece ter atingido o seu máximo em nossos dias. Não que os governos tivessem deixado de providenciar, num esforço para reprimir as desordens, mas porque essas providências quase nenhum proveito conseguiam. Depois da fundação da vila da Jacobina vieram os julgados de Joazeiro na estrada do Piauí, Santo Antônio do Urubú, Barra do Rio Grande que superintendia o Piauí, Goiás e até Minas Gerais, isso pelas alturas de 1752. Ainda em 1805 Miranda Montenegro achava de utilidade fundar maior número de vilas no S. Francisco e uma nova comarca, provida de fôrça para garantia dos magistrados, fazendo aos turbulentos perder a esperança de impunidade. Lembrava também para manter a justiça a cobrança de um imposto de vintém por surrão de sal exportado por S. Romão e Barra do Rio das Velhas, pois que êste comércio era intenso, passando só pela vila da Barra cêrca de 40.000 surrões. Tal havia sido o vulto das desordens que desde muito se permitia, aos ministros criminais, passar de uma a outra capitania, quando no enalço de criminosos, devendo pedir auxílio às autoridades locais.

Que tudo isso pouco adiantava prova-o a constante referência a desordens e crimes nos documentos da época. Os mandões que vivem absolutos sem atender a nenhum freio se multiplicam, mau grado os Têrços de Ordenanças, os Regimentos de Dragões, as milícias de toda a sorte. De acôrdo com a época variam as pessoas, mas o sistema permanece imutável. São nomes muitas vezes ligados à história da região, como um Nunes Viana da guerra dos Emboabas, um Filgueiras de Montes Claros, companheiro de Matias Cardoso, é um Pedro Cardoso e sua mãe, D. Maria na sua fazenda das Pedras, ainda hoje conhecida como Pedras de Maria da Cruz. Outros menos célebres ganham nome por suas façanhas no crime; Luiz de Cerqueira Brandão, de Morrinhos, lugarejo fundado pelo filho de Matias Cardoso; João Nunes Geraldês que atacou Carinhonha a frente de 98 capangas. Formam-se bandos famosos como os Virasaias, em Rio Verde; os Serranos que se acoitam na serra das Araras, donde

(1) Paula Ribeiro, 1849.

saem para atacar os povoados, como fizeram com a cidade de S. Francisco, assassinando o juiz e mais seis pessoas; os Mocós da Chapada Diamantina que combatem a família dos Matos, à qual pertenceu o célebre Horácio, de Lençóis. As lutas familiares passam de geração a geração, numa herança de ódios que os governos jámais procuraram apaziguar, a fim de explorá-los com finalidade política. Meninos saem pelo mundo debaixo do cangaço, feito o filho de Porfírio Brandão, que com dezesseis anos já toma parte nas escaramuças da sua gente contra a de Lourenço Siqueira.

Ainda faz pouco, o ciclo de revoluções que se sucediam em períodos bienais trouxe ao conhecimento dos demais brasileiros os nomes dos valentes do sertão do S. Francisco: Franklim do Pilão Arcado, Horácio de Matos, de Lençóis, Honório Granja, de Paranaguá, Abílio Wolney de S. José do Duro que foram aproveitados pelo govêrno na perseguição da coluna Prestes: — a política abrinda a transqueira e repontando aquêles barbatões que estavam por fora do curral da lei.

O assunto é grande por demais e não insistiremos. Sòmente a análise da exhaustiva bibliografia constitue matéria para um volume em que, a par dos folhetos de versos que se vendem pelas feiras sertanejas, seriam considerados os romances e estudos, como "O Cabeleira" de Franklim Távora, os "Coiteiros" de José Américo e "O Outro Nordeste" de Ejacir Menezes.

Cito aqui, curiosa versalhada, que registei, conhecida entre os ribeirinhos do S. Francisco, contendo várias alusões aos crimes e lutas ocorridas nas cidades do vale.

Lá encontramos "Remanso dos Valentão" que recorda entre outros os Castelos Branco; "Sentocé do Pau Furado", terra do célebre Francisco Lioba; "Xique-xique dos Bundão" onde se fez célebre a gente da serra de Santo Inácio; "Urubú da santa cruz" das lutas entre Teixeira Palha e Rodrigo de Magalhães; "S. Francisco da arrelia", com Antônio Dó.

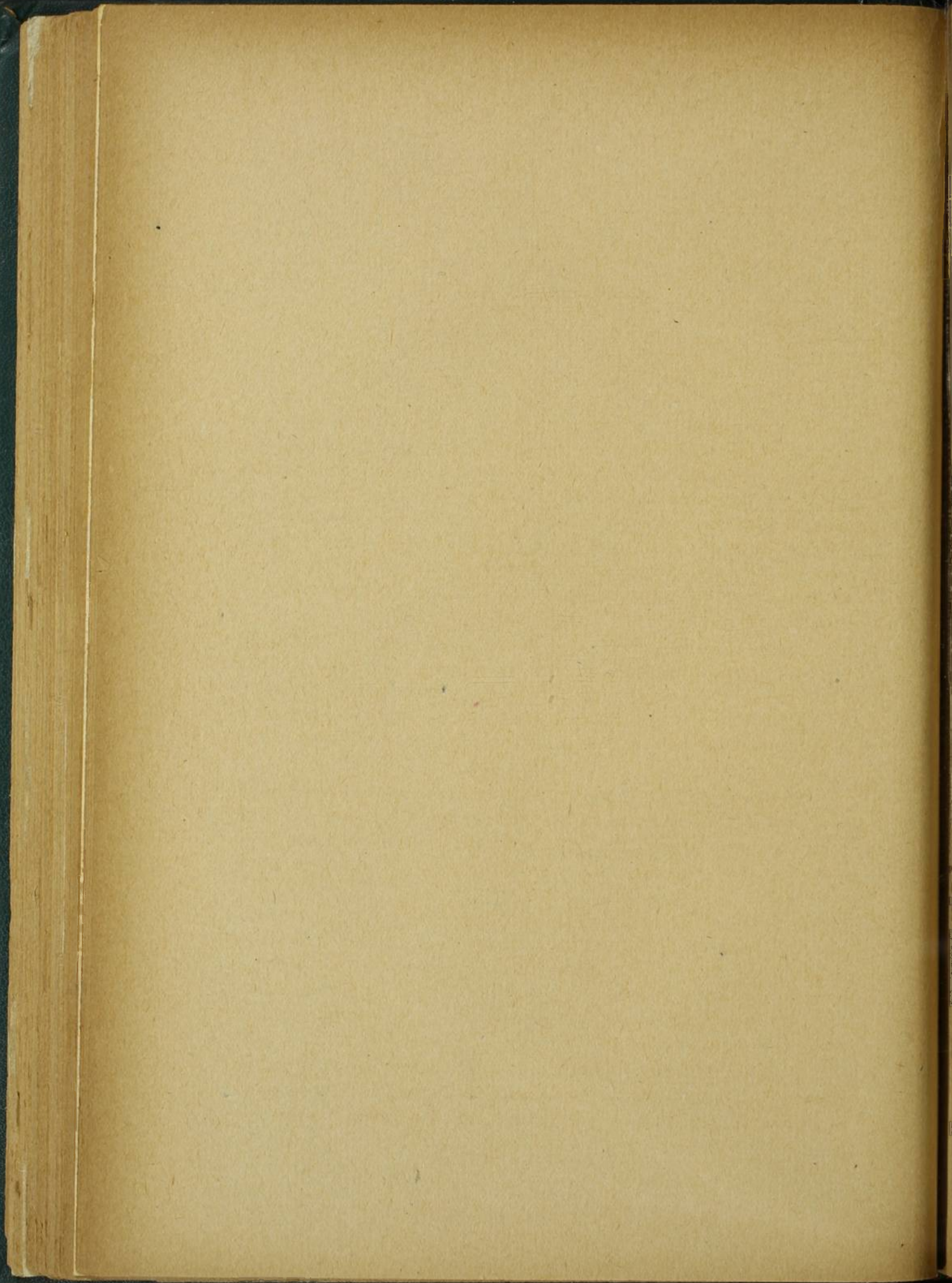
As causas dessa anomalia foram apontadas em suas linhas gerais: a escassa densidade demográfica, a pobreza, a falta de fixação do homem à terra, o desamparo dos governos desparelhados de meios capazes de levar a sua influência e autoridade, através das grandes áreas despovoadas.

Se êstes fatores explicam a eclosão do cangaço, não justificam a poetização do criminoso como um defensor das liberdades numa terra sem justiça. Por maior que seja a simpatia e o

desejo de compreensão não é possível esconder que a mentalidade aqueles transviados não alcança o sentido de cavalaria andante que se quer atribuir ao cangaço, do mesmo modo que é incompreensível que matem a sua sêde de justiça, atacando e pondo em desassossêgo a gente do mesmo sertão que êle pretende defender.

O problema é de economia, povoamento e educação. Difícil, trabalhosa, deve haver entretanto uma solução. Nós não sabemos qual.

O RIO



O CURSO DO RIO

É característica a descrição de Saint Hilaire quando conta que foi procurar as nascentes do rio na companhia de José Mariano. Este caboclo de côr escura, cabelos lisos e nariz aquilino, tinha um temperamento que oscilava entre breves períodos de loquacidade e bom humor e crises de melancolia que chegavam a durar duas semanas. Mas ninguém, como êle, para notar os menores indícios, tirando conclusões perfeitas, com o talento de se conduzir com segurança em terrenos onde qualquer outro se perderia mil vezes.

Já na véspera, pouco antes de chegar à casa de Felisberto, avistara ao longe a toalha da cascata dependurada nos rochedos e não contivera um grito de admiração, acompanhado fielmente pelo José Mariano, e, durante a noite, ainda pode contemplá-la avermelhando-se nos reflexos da queimada que lastrava no campo da vizinhança.

Sòmente no dia seguinte após muitas peripécias, atravessando trechos difíceis, com o cunhado de Felisberto cortando bambú e galhos de árvores a facão, tirando os sapatos para caminhar pelo leito do rio, é que chegou junto da nascente do S. Francisco.

Acima da cascata vê-se como já o disse uma larga fenda: no local onde cai, os rochedos formam uma concavidade pouco sensível. Da casa de Felisberto a cascata pareceu-me não ter mais do que um terço da altura dos rochedos, mas, depois de examiná-la de vários pontos, creio poder afirmar com a maior certeza que ela atinge dois terços.

Não a medi mas, segundo a estimativa de certo muito aproximada do Snr. d'Echwege, terá mais de 203m,23. Não se precipita com rapidez; mas apresenta bela toalha de água branca e es-

pumosa que verte lentamente e parece formada por grande flocos de neve.

As águas são recebidas em uma bacia semicircular, margeada de pedras, amontoadas a granel e daí, por uma declividade bastante forte, escoam-se para formar este rio S. Francisco, que tem quase setecentas léguas e recebe uma multidão de outros rios.

Caindo, as águas da cachoeira da Casca d'Anta, fazem um barulho que se ouve bastante longe e produzem ao mesmo tempo uma névoa muito fina, que o ar, agitado pela queda, leva a bem grande distância.

Dos dois lados da cachoeira os rochedos úmidos, embora talhados quasi a pique, estão cobertos de fina relva verde que, só a espaços deixa transparecer-lhes a côr anegrada. Abaixo dos rochedos o terreno se estende em declive até o rio e na parte mais aproximada da cascata aparecem apenas arbustos, sendo que, alguns passos mais distante, já se apresenta coberto de espessas florestas, onde se vê uma infinidade de palmeiras de tronco esbelto e fragil. A verdura de todas as plantas é de um grande frescor, mantido continuamente pela visinhança das águas.

Defronte da cachoeira o horizonte é fechado por montanhas, encimadas de rochedos, que pertencem à serra do Rio Grande.

"Para sentir o enlêvo dêste conjunto, tentemos imaginar a reunião de tudo quanto nos encanta a natureza: um céu bellissimo, rochedos altaneiros, uma cachoeira majestosa, água limpidíssimas, a mais fresca verdura, enfim matas virgens que apresentam todas as formas da vegetação dos trópicos".

Das cabeceiras até Pirapora o rio percorre cêrca de 500 quilômetros, num declive muito acentuado, saltando corredeiras, itaipavas, cachoeiras, espumoso e barulhento, tirando aos homens o gôsto das viagens; exceto algumas canoas que aproveitam os trechos de leito mais liso e águas mais serenas, como o que vai de Pôrto Real até a barra do Paraopeba.

Larga extensão de águas represadas anunciam os degraus vermelhos do travessão rochoso que constitue a cachoeira de Pi-

rapora. Nas cheias aquelas águas recobrem as asperezas da corrente, denunciadas apenas pelas águas crespas, ao passo que, na estiagem, as pedras aparecem nitidamente, impressionando mais, donde talvez a designação um pouco pomposa de cachoeira.

Começa aqui o trecho navegável do S. Francisco e que de um ponto de vista antropocêntrico é o verdadeiro rio, porque é utilizável comercialmente. A estrada de ferro que vem do Rio de Janeiro, quase que refazendo o velho caminho aberto pelo filho de Fernão Dias Pais, atravessa o rio por cima da cachoeira em ponte metálica portentosa. Atravessa para estancar do lado oposto, de modo que a gente não sabe se ela atravessou o rio apenas interessada na paisagem ou se parou de medo de investir com o sertão.

Os que não temem medo de nada são os pequenos barcos do tipo dos gaiolas amazonenses que vão até Joazeiro, a ver se entusiasma a outra ferrovia que veio de S. Salvador e nem coragem teve para atravessar o rio, chegando até Petrolina.

Vamos tomar o navio no pôrto de Pirapora, cidadezinha de poucos recursos e descer o rio até Joazeiro. Na margem direita avistamos as serras do Genipapo e da Varginha, desenhadas em escuro contra o azul claro do céu e vemos o rio deslizando planície afora, com palmeiras esparsas entre serrotes de cabeça chata. Despedidas, lenços acenando na barranca e o vapor "S. Francisco" apita longamente. Um marinheiro do navio pergunta a um companheiro que não segue viagem, porque ficou de guarda na chata que está sendo descarregada: — Quer alguma coisa para Januária?

— Quero sim, diga a maldita da sua irmã que nós ainda havemos de sê cunhado.

Logo tomamos conhecimento do regulamento de bordo, muito breve aliás, impresso em um retângulo de cartolina e grudado à chaminé que atravessa o salão de jantar. É proibido cuspir no chão, bem como se declara que é excusado pedir todo asseio e higiene nos respectivos camarotes, "não cuspendo-os"; declara tolerante que, fora das horas de refeições, "é permitido ao passageiro usar o seu paletó de pijama e calçar alpercatas". Aviso providente, "o paletó de pijama". Não se enganar, usando o paletó alheio.

Na barra do rio das Velhas, a designação de Guaicuí, recorda o nome primitivo, bem como as ruínas da igreja da Porteira, construída no século dezoito. Um anjo esculpido em madeira, guardado na Capitania dos Portos de Pirapora, dá uma idéia dos trabalhos

que ornavam a igreja abandonada, visitada em 1880 por Teodoro Sampaio.

Choveu nas cabeceiras do afluente e as águas vêm barrentas, com largos flocos de espuma boiando, galhadas, ilhotas de folhas secas e pedaços de pau que entram no S. Francisco, descendo do Rio das Velhas. O cerrado raquítico domina as terras adjacentes à barranca, numa caricatura da mata ciliar, que acompanha o rio, e, aqui e ali, é interrompido por extensos vargedos, campinas rasas, periodicamente alagadas nas cheias. Também, na dependência das enchentes está o baixio da Esperança que vem depois, coroa de areia elevada do fundo das águas e que anualmente muda de lugar, ao capricho da corrente.

De ambos os lados continua a planície, cuja uniformidade é apenas alterada pelos afloramentos de rocha calcárea que, em pequenas elevações se aproximam da margem esquerda, formando o baixio da Manteiga, denunciado aos pilotos que viajam de noite, por um farol na barranca. Nesse local antigamente foram colocados faróis, não só na barranca, mas também sobre a rocha do baixio. No decorrer de uma cheia a força da água aluiu o da pedra e nunca mais foi substituído.

Atingimos a barra do Paracatú, em cujo vale está situada a vila histórica dos bandeirantes, hoje vivendo do gado que prolifera nas margens do rio, e notamos que o rio começa a divagar. Curvas caprichosas e sucessivas assinalam a vadiação da corrente, fazendo excursões na planície, a procura de um leito mais comodo, talvez porque não lhe agradem os baixios do Jatobá e da Varginha, próximos do povoado de Jatobá, e oriundos dos serrotes calcáreos que acompanham a margem esquerda.

O Urucuia penetra no grande rio entre barrancas elevadas e os marinheiros recordam que foi ali que os revoltosos de Prestes atacaram a "fôrça" baiana a qual reagiu e fez atracar o navio, desembarcando. Morreram um tenente de polícia imprensado entre a chata e o casco do navio, e mais dois marinheiros que saltaram para amarrar o cabo de atracação.

A mata ciliar é muito rala, é antes uma capoeira que se está formando e que, assim mesmo, já sofreu novas devastações, com largos trechos pelados. São as roças da gente de S. Romão que passamos logo a seguir e que merece uma referência não só pelo material que fornece ao anedotário da região, através da lamentável celebridade dos seus juizes, como porque aquelas tristes casinhas constituíram outrora a chamada Vila Risonha. Entre muitas, conta-se a história de um forasteiro rico recebido com exce-

pcional manifestação de agrado, ritualmente acompanhada de foquetório e banda de música. Porém durou pouco a comovida gratidão do homenageado, pois logo no outro dia recebeu a conta das girândolas e rojões, além da comunicação de que era devedor de uma alta quantia aos músicos da banda. Irritou-se mas ao procurar o delegado teve a surpresa de saber que êste era o piro-técnico da terra. Pagou, porque não havia outro jeito, e na esperança de conseguir o amparo da autoridade para livrar-se da extorsão da banda. Puro engano, visto que o delegado era também o trombonista da lira local.

E só diante do juiz conheceu a sua verdadeira situação, quando o magistrado lhe disse:

— O senhor não se lembra de um requinta, que fez os floreados no trio daquele debrado que o senhor elogiou muitos? Pois o requinta era eu.

O primeiro pôrto notável que avistamos é S. Francisco, cidadezinha que olha o rio do alto de um cais natural, todo em calcáreo azul escuro, pertencendo à mesma formação do baixio do Bom Jardim que tivemos de cruzar uma légua antes da cidade. Cidade pequena e simples seu atrazo se deve em grande parte às lutas políticas que a tem devastado periòdicamente. Voltada para as águas uma igreja muito elegante, em cujo adro se erguem dois cruzeiros; um moderno, sem nenhuma imponência, formado de dois cubos de cimento que se superpõem, encimados por uma cruz pequena de metal; o outro, o velho cruzeiro é enorme, e nele estão pendurados todos os instrumentos da paixão, a coroa de espinhos, a lança e até a escada.

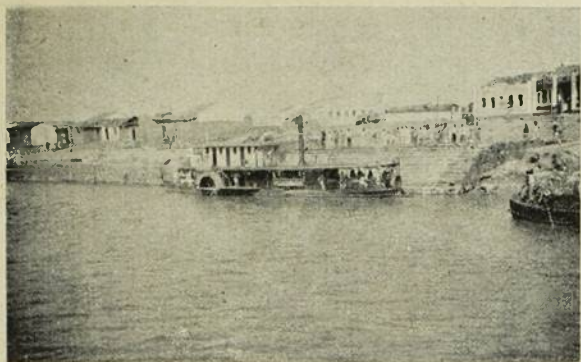
O interior da nave é vulgar e pobre, um S. Francisco, um S. Sebastião e uma Nossa Senhora do Carmo que acaba de chegar e é a padroeira. Era dia de batizado e de longe podíamos perceber o ajuntamento de povo no adro, valorizado pelos amarelos, azuis, côr de rosa, vermelhos, muitos vermelhos nos vestidos das mulheres. No meio do rio, quase defronte da cidade, uma grande coroa de areia com espinheiros e mussambés, esparsos numa tentativa de fixação. O práctico do navio comenta, melancólico mas sem revolta, que, se a coroa não rodar nesta cheia, ainda acabará uma ilha, dificultando muito mais a navegação.

Até Morada Benigna continua a mesmice das várzeas onde recomeça a insistência dos baixios, correspondendo a elevações que se aproximam das barrancas. Primeiro os cêrros se chegam, junto da barra do rio dos Pandeiros, e fazem o baixio do Remansinho, depois continuam dos dois lados, chegando até Maria da Cruz, na direita, e formando, na esquerda, a linha de "serras", na qual se destaca o pico de Itabiraçaba. A planície prossegue semeada de cêrros que cobrem a distância entre o rio e os pendores da chapada longínqua, na qual a erosão recortou silhuetas fantásticas e entalhou profundamente os vales do Urucuia, do Pardo, e dos Pandeiros, que chegam ao S. Francisco, cansados de descer corredeiras e saltos.

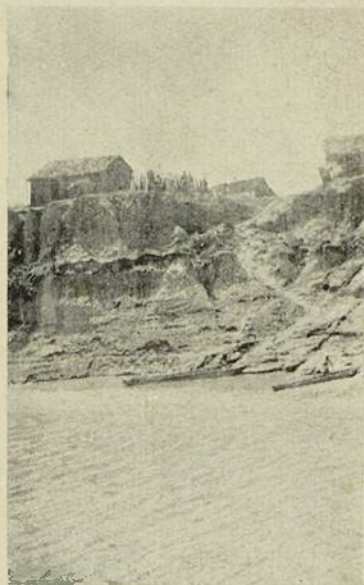
Chegamos agora a Januária, cidade que pode rivalizar com Pirapora, exigindo um pequeno cais em degraus, construído com a rocha calcárea muito comum na região e que, aqui, vão buscar na serra do Brejo, situada um pouco abaixo, dominando uma várzea de terras férteis, própria para o plantio de cana do açúcar. Teodoro Sampaio, visitou o sopé das elevações, fazendo uma descrição que reflete muito bem o aspecto dêsse panorama: "O país é em geral plano, exibindo vastas campinas na direção de Goiaz, onde, sôbre os chapadões do S. Maria e do Urucuia, retalhados pelas corrente do Japoré, Peruassú, riacho dos Pandeiros, rio Pardo e Urucuia, se erguem sob as formas mais bizarras e caprichosas os diques rochosos de gres calcáreo, simulando aqui muralhas arruinadas, torres derrocadas, ali grandes bastiões, colunas alterosas, pilares gigantescos no mais belo contraste com a planície circumjacente, donde reçumbra uma serenidade triste".

Quando chegamos, Januária vive o seu domingo. Na igreja é a hora da bênção, e o povo canta dentro da obscuridade, canto entoado e triste, fanhoso, feito o harmônio que enche a nave de ressonâncias. Quando a resa termina a praça fica sarapintada das côres vivas dos vestidos das moças, espalhados entre as roupas claras e engomadas dos rapazes. Na maioria ternos brancos duríssimos, instalados comodamente sôbre os donos que andam de pernas duras, que se viram com cuidado, a fim de não perturbar a solenidade dominical de uma fatiota branca. Os marinheiros do navio deixaram os calções e as camisetas rasgadas e vêm, igualmente, faceirar na praça, acompanhando a moda da terra: as moças giram para a direita e os rapazes para a esquerda.

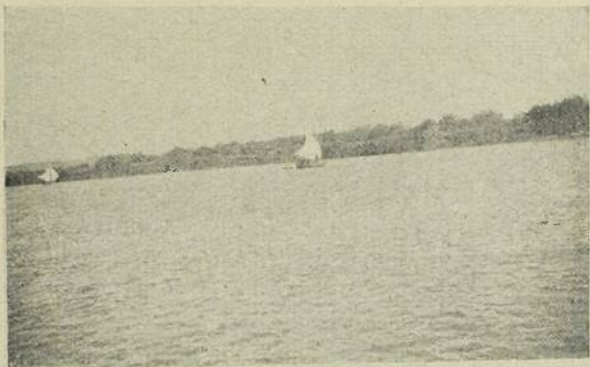
No cais estão as mulheres pobres que vieram apanhar água no rio, misturadas com os mendigos assentados nos degraus de pedra cinzenta. Débeis mentais, esfarrapados no sentido literal do



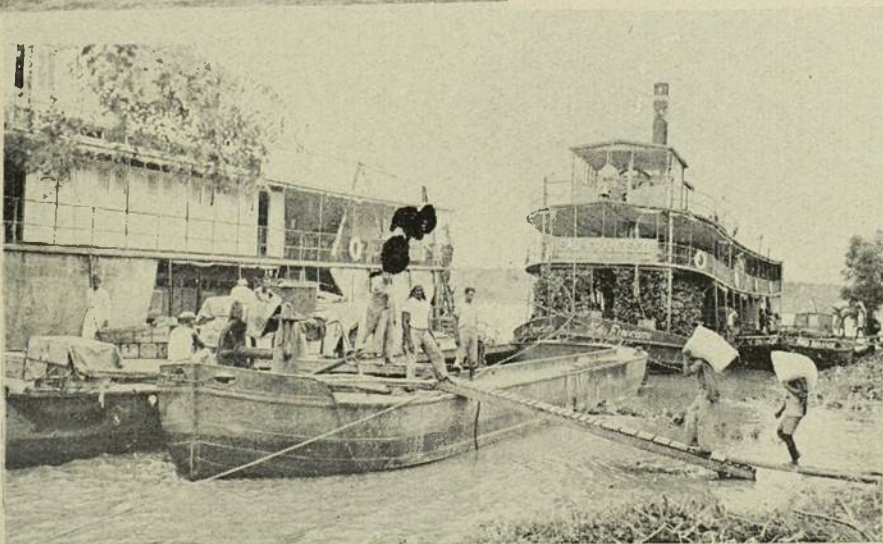
"Saldanha da Gama"
o mais antigo navio
do Rio S. Francisco
←



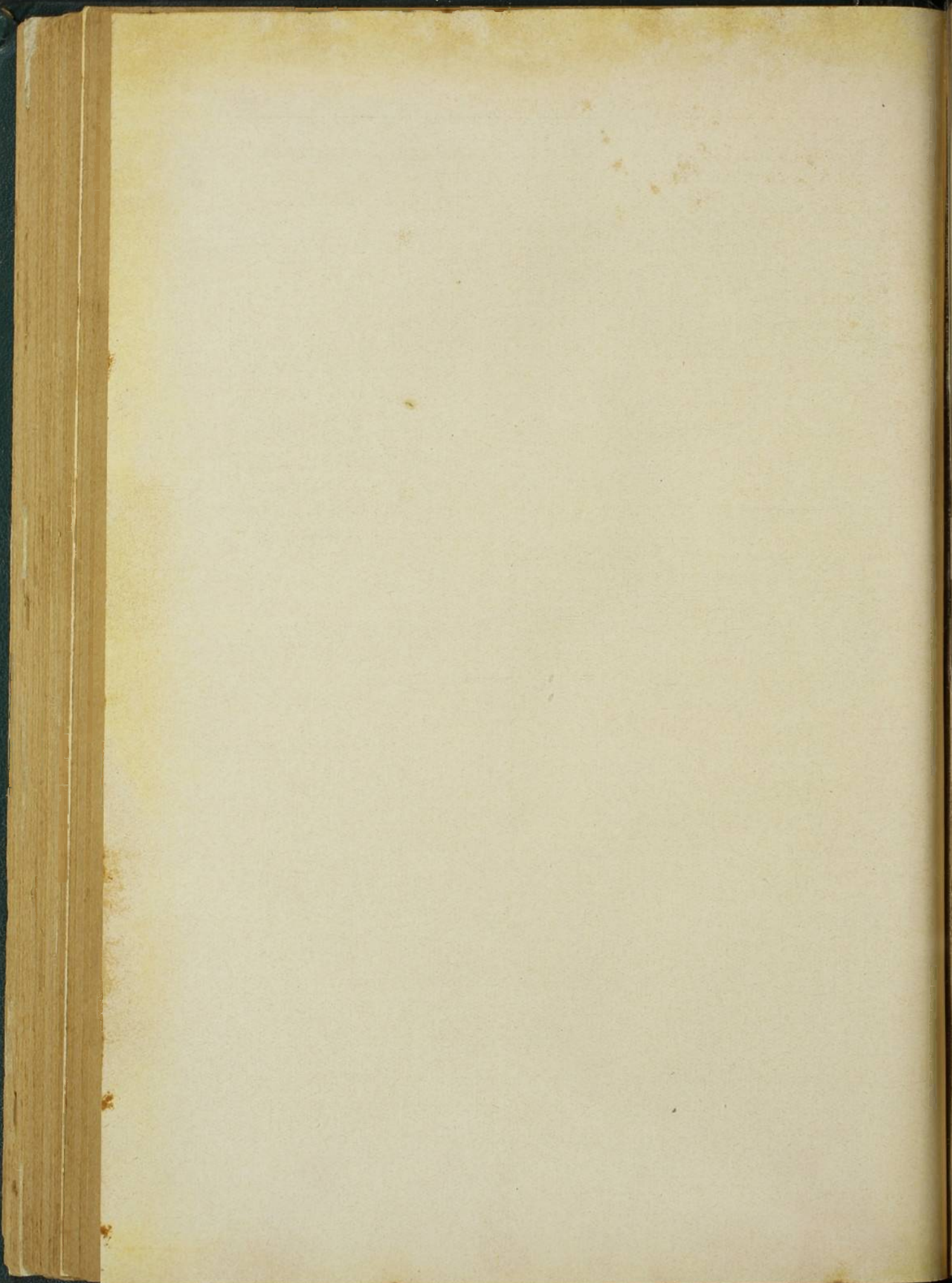
Efeitos das enchentes
produzindo desbarrancamentos
→



Embarcações de duplas
velas triangulares
←



Embarque de carga no porto de Pirapora.,



termo, desnutridos e opilados de côr terrosa se mostram num ajuntamento que tira a alegria da gente. O número não é muito grande, é mesmo igual ao das outras cidades, mas é menos diluído, mais evidente.

A bougainvilea, reclinada sôbre uma pérgola modesta, está florida, pontilhada de vermelho sôbre verde, quase igual à roupa do palhaço que, sôbre altas pernas de pau, anuncia o espetáculo do circo "absolutamente familiar".

Em roda a criançada faz um alarido de periquitos. Muitas crianças em Januária, parecendo que, aqui, como em outros rios — pelo menos o povo diz com experiência — a alimentação de peixe favorece a prolificidade dos casais. O palhaço apregoa e os meninos respondem. Mas respondem diferente dos meninos do litoral, em várias vozes, mûsicalmente, fazendo terças espontâneas, como nas ladainhas do sertão.

Antes de ser tragado pela bôca do circo, armado ali mesmo no canto da praça, feito uma aranha parda de lona e corda, avisa uma última vez que "as famílias devem enviar as cadeiras o mais cêdo possível, a fim de conseguirem uma boa colocação no recinto" e tudo termina com uma veia gostosa que é alegria e aplauso da meninada.

E' hoje a estréia do circo e, por isso, nem houve a sessão de cinema e nem haverá o baile semanal do clube. Quase todo mundo mandou cadeiras para serem arrumadas em tôrno do parapeito circular do picadeiro. Todo mundo importante, porque a miudeza fica nas gerais. No começo o povo das gerais está acanhado, um pouco tímido, mas em breve se anima e fica saliente, chefiado por um paraibano destabocado que aparteia os artistas, aplaude, protesta e muitas vezes é mais engraçado que o palhaço.

A função transcorre sem novidades com a moça equilibrista, o número do trapézio, o dono do circo que vai tocar a Ave-Maria de Gounod em serrote e pede ao paraibano que não dê apertes, a fim de que os outros possam escutar.

Aliás o dono do circo é o "faz tudo" do espetáculo; toca músicas em serrote e em copos, é malabarista, cômico, até contracena com o palhaço, cujas piadas demonstram a elasticidade do conceito de "absolutamente familiar", anunciado no programa. Foi pena, entretanto, porque não era necessária a obcenidade, para agradar aquela gente simples de riso fácil e admiração pronta, aplaudindo tudo com igual entusiasmo e calor.

Não posso dar notícia da segunda parte do espetáculo, porque a peça intitulada "O truque da Viuva" só iria começar de-

pois do intervalo e faltavam vinte para a meia noite. Darei entretanto um relato de coisa igualmente importante: a banda de música.

Começou tocando no início da função com um clarineta, um cavaquinho e um caixa. Aos poucos foram chegando os outros, o do saxofone, o do violão, de chapéu desabado, dedeira de metal, forçando o aspecto seresteiro a que o instrumento obriga. Vieram depois, espaçadamente, mais um violão, um trambone, um piston, um bombardino e dois tambores, de modo que, ou a hora do jantar dos músicos não coincide, ou, ali, a democracia é levada às últimas conseqüências.

O mestre da banda é o clarinetista. E isso em pouco ficamos sabendo, sem que ninguém nos diga, pelas escalas que de minuto a minuto está executando, a propósito de tudo ou sem nenhum propósito, como também pelas músicas escolhidas a dedo e que deixam larga margem para as virtuosidades e floreios de clarineta. Nunca me esquecerei deste conjunto de músicos sertanejos, constrangidos nos foxes americanos, mas reconquistando a liberdade nas valsinhas chorosas, cheias de uma tristeza que ninguém dirá se é saudade ou desgosto, porque é tristeza só, pura, indefinível.

Única expressão de arte coletiva, naqueles sertões, a banda de música merece as melhores simpatias, cadenciando o passo dos dansarinos, suprimindo a timidez dos namorados. Música e foquetes característicos do sertão de todo o Brasil, reunidos quase sempre nas alegrias matutas. São os foguetes que anunciam as procissões, que avisam que vai haver cinema. Se, depois do aviso, chove e torna a limpar o tempo, estrandam novamente os foguetes para que saibam que apesar de tudo vai haver cinematógrafo. Há todo um código de semântica dos foguetes; rojões que querem dizer aprêço ou significam vaias e até ofensas maiores.

Duas coisas distinguem Januária para os observadores austéros; as moças não usam nem ruge nem batom, mas a pele e os lábios que Deus lhes deu. Até mesmo as negras que gostam do papel vermelho para pintar rodela nas bochechas. A segunda é que, sendo a cidade produtora da melhor cachaça da região, aguardente perfumada com madeira de imburana, não se vêem bebados em Januária.

Vamos finalmente deixar a cidade na manhã de segunda-feira. A curiosidade em ver a gente importante que viaja no vapor "S. Francisco" é muito grande, provocando um acúmulo de curiosos no pequeno cais e o meu amigo Valfrido, piraporesense

de doze anos, que sabe destas notas recomenda que eu assinale o grande movimento do pôrto. No que afinal o atendi.

A próxima parada será o pôrto de Jacaré e, por todo o trajeto, vamos notando formações calcáreas, o navio contorna algumas ilhas e tem que transpôr o baixio de Cabaceiras, constituído de areia e troncos de árvores que rodaram na correnteza: uma "cachoeira de pau", segundo a expressão do prático.

Jacaré tem visto muitas lutas, é a terra do Neco, chefe de cangaceiros que manteve em desordem largo tempo a região, atacando Januária, desmoralizando autoridades, reeditando monotonamente as mesmas desordens de sempre. Cidade sonolenta que o rio vai desbarrancando assustadoramente, com casebres trepados na beirinha, como quem ensaia um mergulho de trampolim. Uma rua de construções antigas com calçadas em degrau, onde os moradores estão sentados nas portas, às duas horas da tarde, se abanando, talvez por causa do calor insuportável lá dentro. É a rua melhor. A rua pior é de casebres de pau-a-pique, barro vermelho nas paredes e palha nos telhados. Defronte há uma ilha que o rio já alagou, obrigando a uma colheita apressada nas roças de melancia e abóbora.

Numa insistência monótona surgem novas elevações na margem esquerda e uma delas mais característica recebe o nome de serrote do Angú, repetem-se os baixios numerosos quase de légua em légua, com nomes sugestivos: Roda da Fortuna, Pedra de Fogo, Santa Idália, Santo Antônio, Ressaca. Antes de cruzarmos o último da série que é o Imburana deixamos para trás o povoado de Morrinhos, fundado pelo filho de Matias Cardoso de Almeida. Recordação dos velhos tempos, lá está a igreja de duas torres, desfalcada de suas riquezas pelo abandono, quase em ruínas, mostrando ainda sugestivas ornamentações trabalhadas em madeira, atijando a imaginação dos caboclos que falam em subterrâneos que vão da sacristia até o rio e contam histórias de tesouros enterrados.

Em Manga ficamos logo sabendo que a luz elétrica da cidade é a melhor do rio S. Francisco e que possui estação radiotelegráfica, embora esta só funcione, depois das sete horas da

tarde, por causa da enérgia elétrica interrompida durante o dia. Eram seis e meia e o telegrafista estava na beira do rio, pescando.

Para a frente começamos a divisar o dorso da serra que se para os vales do Verde e do S. Francisco, formando o baixio do Roncador na confluência dos mesmos. As elevações recebem o nome de serra da Malhada, emitindo esporões que separam tributários miúdos, estendendo-se além da barra do Carinhanha, concorrendo para a formação do baixio da Cachoeirinha e da pedreira do Pontal, que fornece as lages cinzento-azuladas, que pavimentam a cidade de Carinhanha.

Desta cidade são muito louvadas as cadeiras de espreguiçar, enormes e cômodas, e as interessantes redes de imbirá, com ornatos originais e desenhos de peixes do S. Francisco, tudo obra rústica de tecedores locais.

No cais de degraus, distribuídos em lances, os pobres de sempre, mas agora notamos que já aparecem os cantores, assinalando a entrada nas terras de influência nordestina. Um cego rasqueia um reco-reco, feito de um cilindro de folha de flandres que serve de ressonador, com uma abertura longitudinal onde se estira um fio enrolado em mola espiral. Atrita uma varinha de ferro contra a mola e tira um som metálico e fanhoso, com o qual acompanha os versos, em que pede ou agradece esmolas. De vez em quando encosta o cilindro ao ouvido, como quem procura acertar a voz pela tonalidade do instrumento.

Ganha bastante dinheiro o cego, pois tem voz aceitável e "canta com idéia", como me dizem. Junto dêle a mulher, muito magra, envolve a cabeça num chale, segundo o hábito sertanejo; mostra ainda no rosto uns traços de beleza que a miséria devastou. Acocorada junto ao cego permanece imóvel, de olhos perdidos, apenas move os lábios assinalando os traços da pessoa que deu a esmola, a fim de que êle os refira no agradecimento:

Sarve o gravata listada
Com seu dom singular
Deus lhe pague sua esmola
Aumente o seu cabedar.

A uma senhora de bordo se dirige como a "do vestido florado" e diz:

Vou lhe rogá uma praga
Deus há de fazê pegá
Lhe morda uma cobra de ouro
Bem na porta do quintá.

E ainda lhe deseja, em quadras, que receba trinta vestidos florados que mudem de côr trinta vezes por dia, "como a pena do pavão".

Dirige-se ao de "chapéu de massa, home da praça", ao "calça azul, guarda chuva na mão" pedindo a Deus que o livre das "bombas da guerra e da naufragação", com evidente influência das notícias sôbre o naufrágio dos navios brasileiros. Estávamos em Outubro de 42.

Outras vezes não dá o característico da pessoa e faz sínteses rústicas:

Deus lhe pague a sua esmola
Aumente o seu cabedá
Lhe livre da farsidade
Que hoje em dia é o que mais há.

Ali junto, quase sem ganhar nada, esmagada pela concorrência desigual do cego cantor, está uma mulher. Também é mendiga, agradece o que dão mas não pede. . .

*
* * *

Desde Januária que vínhamos notando as roças numerosas, plantações de fumo na encosta da barranca e vastas derrubadas na mata ciliar. Aparece então um trecho de terra vermelha, mais fértil, a julgar pelas árvores mais encorpadas que formam a mata de beira-rio, distendida em estreita cortina entre o rio e a planície rasa que vai até Boa-Vista. A serra do Ramalho, desde três léguas atrás, que se mostra no horizonte e, aos poucos, vem chegando para a orla marginal, formando o baixio do Pituba.

Continuando, defrontamos um macisso calcáreo, recortando minaretes em negro sôbre a chapa de cobre do céu das seis horas. É o cêrro da Lapa do Bom Jesus. Corroído na base, em reentrâncias que os mendigos fecham com tapumes de palha, surge-nos enfeitado com a flora bárbara das cactáceas, equilibrando-se nas encostas, agarradas nas fendas. É rude e primitivo como a religião dos sertanejos.

A noite caiu de todo, quando desembarcamos em Lapa e, como faz pouco que desabou um temporal, não há nem o clarão

das estrêlas para nos alumiar o caminho que leva à igreja. Isso não impede que quase todos os passageiros se dirijam para a gruta milagrosa, em fila, clareando o caminho com lanternas portáteis, desviando de uma poça d'água para pizar diante num lameiro que cobre o sapato, errando o caminho várias vezes, contornando as depressões onde a água da chuva se acumulou. A cidade tem luz elétrica, mas está tão fraca que as lanternas têm de continuar acessas.

Chegamos finalmente, e levamos o sacristão, que fomos chamar em casa, a fim de que viesse abrir o templo. A igreja está no escuro e aos reflexos vermelhos das velas que foram acessas, a gruta assume um tom de mistério e as imagens, entrevistas a custo, parecem adquirir vida, movendo-se. A imagem do Bom-Jesus é pequena e já não é a mesma dos primeiros tempos, pois que esta foi destruída num incêndio e apenas o resplendor se salvou. A esquerda há uma pequena escada por onde se vai até a gruta do monge — uma cruz em alto relêvo no chão, assinala o local onde segundo a tradição foi sepultado Frei Assunção — o eremita fundador da igreja. Da parede, pouco acima da sepultura goteja a água milagrosa que enche uma pequena cavidade, em que os fiéis humedecem os dedos para se benzerem. Do lado direito uma larga abertura em semicírculo deixa entrever o céu e, lá em baixo, o S. Francisco como um friso de estanho, dando voltas, emitindo um braço que passa no sopé do cêrro.

Poucas igrejas haverá no Brasil de ambiente tão propício ao misticismo. Dependuram-se pelas paredes os montes de retratos e figuras de cêra, divulgando milagres ou afirmações de fé sertaneja. Um tropeiro oferece o retrato ao Bom Jesus, como recordação, e se despede "até pro ano, com fé em vós".

Na volta os mendigos já souberam da presença dos forasteiros. Estão à nossa espera nos degraus da amurada que cerca o adro do templo e na escuridão sentimos, mais do que vemos, as mãos que se estendem suplicantes, quase agressivas, ouvimos os pedidos numa lamúria que já não comove, que se tornou automática, à fôrça de costume. Quebra-se dolorosamente o encantamento místico no contraste entre a serenidade das imagens que sofrem silenciosamente, artisticamente, lá dentro, e estas carantonha de aleijados mal cobertos de farrapos, êstes rostos que tem um buraco negro no lugar do nariz, estas mãos em garra, deformadas pela morfêa.

Na praia um anão corcunda, nasala uma toada elogiando o sabiá, e a poesia ingênua dos versos nos faz esquecer o quadro

repugnante de há pouco, devolve-nos a serenidade e, apenas uma infinita piedade é o que sentimos ao deixar a cidade do Bom-Jesus da Lapa.

Daqui por diante começa a paisagem cinzenta das caatingas e, transposto o baixio arenoso de Itaberaba, as serras marginais formam o baixio rochoso do Pagão, seguido logo da Cachoeira dos Araçás, um abaixo e outro acima de Sítio do Mato.

Percorremos um trecho de navegação franca, até às proximidades de Rio Branco, onde a serra Geral atravessa o rio, tentando detê-lo nos baixios do Poço do Mel, da Serra Branca e da Cachoeirinha do Bom Jardim, abaixo da localidade dêsse nome. Um pouco acima ficou a barra do Santo Onofre, cujas águas escavaram a serra Geral, bifurcando-a. Serra da Ibitira a oeste, do Jacurutú e da Muribeca a leste, são marcos da passagem que o rio abriu através das elevações que se continuam na margem oposta, pelas alturas da serra do Boqueirão, prolongada no rumo da de Muribeca. Os baixios que lhes correspondem chamam-se Meleiro e Toca de Santa Luzia. Para diante, entre o rio e a chapada Velha, designação regional da Chapada Diamantina, domina a caatinga deserta e inesquecível, até Barra do Rio Grande.

A cidade da Barra é das mais importantes do S. Francisco, ponto inicial da navegação para o Rio Grande e seu afluente o Preto, servindo ao comércio de Barreiras, no primeiro, e à Santa Rita no segundo, ativos centros comerciais onde se vêem abastecer os tropeiros de Goiaz e do Piauí.

Junto do cais está o mercado onde aparecem de preferência a saeta e os bolos de buriú, êstes envoltos em palha e arrumados em bruacas retangulares de couro crú; ao lado o cordame de fumo negro, carne sêca magra e feia e umas poucas frutas, mangas, bananas. Também há muitas abóboras, melancias e feijão verde, ainda envolto no legume. Circundando o mercado ficam as lojas de miudezas que vendem de tudo, desde o papel de carta até a faca de ponta, de mistura com as quitandas onde se toma café e se comem rapaduras, simples ou com tempero, bolinhos de polvilho ou de queijo e tijolinhos de dôce de coco, de abóbora, de goiaba. Barra do Rio Grande é a cidade culta do S. Francisco,

na sua história há vários nomes ilustres pela inteligência e a fama dos seus colégios atrai estudantes de terras longínquas.

Segundo a Inspetoria Federal de Obras Contra as Sêcas a linha meridional que extrema as regiões semiáridas do nordeste, fica ao sul desta cidade, se bem que, desde Bom-Jesus da Lapa, a caatinga tenha feito o seu aparecimento. O rio Grande entra sem misturar as suas águas verdes e límpidas com as do S. Francisco, que descem barrentas, depois das primeiras chuvas, mas não tem fôrça para enfrentar o dono do vale, rompendo pelo meio dêles, e caminha apertado, expremido de encontro à barranca, largo trecho, antes que se dilúa na caudal.

Avistamos pela primeira vez um bosque de carnaúbas na várzea arenosa, embelezando a paizagem com os leques espalmados, e passamos ao largo de Xique-Xique, construída no alto de um banco de calcáreo, acima do nível das enchentes, mas fora do caminho das embarcações, no canal aterrado e que, outrora, delimitava a ilha do Gado Bravo.

O capricho do rio, abandonando e aterrando um dos braços, de modo a suprimir a ilha, mostra bem que a faixa de aluvião aqui é muito larga, permitindo divagações da correnteza. As serras que surgem pela margem esquerda parecem coroadas de neve. O rio desliza em plena caatinga e, no Mocambo dos Ventos, passa renteando os morros, cujos declives de areia, de um e de outro lado, vêm morrer na linha d'água, marcando o início de uma série de dunas, formadas pela colaboração do rio que deposita a areia de grãos finos e do vento que as arruma. Algumas já fixadas se recobrem de vegetação rasteira, menos densa nas cumiadas, onde a areia descoberta produz a aparência de serras coroadas de neve.

E logo que começam a ficar para trás as elevações de areia, recrudescem as dificuldades da navegação numa série de baixios: O da Ilha do Rio, três léguas acima de Boa Vista das Esteiras, seguido com pouca distância dos de Itapera, Pau Branco, Itãs, Remansinho e Boqueirão. Êstes baixios teem origem na serra do Assuruá que separa o rio Verde do S. Francisco, aparecendo, lá longe, azulada e de contornos esfumados, como convêm à auréola de lenda que cêrca as suas jazidas de ouro.

Pouco abaixo da barra do Rio Verde passamos Pilão-Arcado e depois Remanso, onde as dificuldades se acumulam no curso do rio, obrigando os navios a viajarem sòmente com a luz do dia, pousando atracados na barranca.

Em Remanso se encontram os pobres de sempre, reunidos na beira do rio, as mulheres que vendem rendas, araras, papagaios. Há um ônibus na praça que vai partir para Goiaz, junto de um prédio moderno e bem cuidado. E' o grupo escolar, serviço do governo Jurací Magalhães. A cadeia é um velho casarão com grades de madeira nas janelas e algumas barras estão comidas de cupim, num abandono que a emparelha com a igreja, a mais descuidada entre todas as que vimos, quase em ruínas. Um único operário está encarregado dos consertos e, decerto, levará cem anos para fazê-lo. Nos corredores laterais há pessoas enterradas e muitos epitáfios são redigidos em verso:

"Na mansão pura dos anjos
Onde habitas querida creança
Meigo lírio dôce amor dos meus sonhos
Aceita esta singela lembrança".

Carinhoso e bem intencionado.

Lado a lado a caatinga se estende até a base das superfícies tabulares que delimitam o horizonte numa linha de elevações.

Numa carta verificamos que são as serras do Encaibro e do Mulato que se dirigem obliquamente na direção do rio, acidentando-lhe o leito em baixios que se repetem a cada passo: Mato Escuro, Imbuseiro, Catela, Chapada, Pôrto da Fazenda, Cachorrinho. Este último já nas proximidades de Sentosé.

Higino, o prático do "S. Francisco", viera até aqui, assinando os baixios e fornecendo as distâncias que eu ia anotando numa carta do rio. Neste ponto, quando passamos Cachorrinho, e lhe perguntei a distância do próximo baixio, teve um sorriso complacente: — Agora tome só o nome, porque distância não tem. E' um por cima do outro".

E ditou: — Itã, Sequinho, Santarem, Curralinho, Imbuseiro, Erucé, Encaibro, Angico, Crisma, Cachoeira, Serrote, Sangrador, Correnteza, Carnaíba Torta, Barreira, S. Gonçalo, Barra do Sali-

tre, Lagôa, Alagadiço, Rodeador, Barricha, Pedra do Loja, Pedra Marcelina.

No fim de tudo está Joazeiro, a melhor cidade do vale, com características de cidade moderna, ruas calçadas, arborização bem feita, uma fonte luminosa, orgulho dos Joazeirenses. É ali que o litoral se põe em contacto com o sertão, pela estrada de ferro que vem de S. Salvador. Do outro lado fica Petrolina, muito menor, porém progressista, fornecendo já elemento para discussões confrontadoras, muito do gosto do bairrismo de baianos e pernambucanos, numa revivescência daqueles velhos conflitos de capitânicas dos tempos coloniais. Por Joazeiro e Petrolina se vai a S. Salvador, a Recife, a Fortaleza e a Teresina.

Continuam as corredeiras e os trechos encachoeirados até Paulo Afonso, numa barragem natural a impedir que as águas se escoem de uma vez secando o rio. Nesta série de obstáculos o S. Francisco desce cerca de cento e noventa metros até a base de Paulo Afonso e o papel regulador desse trecho encachoeirado pode ser facilmente percebido em um diagrama que nos dê o perfil do rio. Joazeiro está a 360 metros de altitude e Piranhas a jusante de Paulo Afonso apenas a 30.

Deixaremos sem descrição o trecho do baixo S. Francisco, porque a influência litorânea lhe tira as características sociais de rio sertanejo. O S. Francisco que estudamos acaba na grande cachoeira.

ENCHENTE E VAZANTE

As primeiras chuvas começam em fins de Outubro e o nível do rio começa a crescer rapidamente. Em dois dias pode subir dois metros, recebendo a contribuição dos afluentes que descem barrentos, arrastando de bubuia a espuma suja dos balseiros, galhadas, árvores que tombaram do barranco solapado. O verde das vazantes adquire um tom fosco no dia sem o sol e a gente chega a sentir que as árvores estão satisfeitas e que, se não se enfeitam de flôres, é porque não é tempo. Mas o dia é de festa.

Antes de começar a enchente, olhando a muralha dos barrancos arenosos, podemos notar a disposição paralela das camadas de sedimento que o rio deposita em cada cheia, ano sobre ano. Separando-as está uma linha escura e estreita de detritos vegetais, folhas, ramos apodrecidos. Então ao começarem as chuvas, a correnteza acelerada escava os barrancos na concavidade das curvas, ocasionando o desabamento de metros e metros da parede marginal, numa reprodução mirim da terra caída amazônica. A camada de detritos vegetais, em forma de serragem fina, fica boiando, forma ilhotas de espuma, com mais de metro de diâmetro, que descem lentamente, entram pelos sangradouros, em que a água se escoia para inundar a planície, ficam rebojando nos remansos ou descem no fio da correnteza, sem destino.

Tôda essa massa de substância orgânica, os grãos finos de terra que vêm arrastados de longe, as gramíneas que morrem asfixiadas debaixo do lençol d'água que afoga as vazantes, vão constituir a camada de solo fértil que as enchentes renovam anualmente. As alagações se fazem em áreas extensas, as águas transpõem as margens pouco elevadas, represam os afluentes, obrigando-os a transbordar e tôdas as atividades do vale se alteram em conseqüência da enchente.

Os ranchos ribeirinhos tem de ser abandonados, às pressas, muitas vezes de noite, porque o rio não escolhe hora para subir.

As abóboras e melancias apodrecem submersas ou servem de alimentação para os cardumes assanhados que sobem o rio na obrigatória migração para a desova.

O gado tem de ser salvo, repontado para as terras altas, quando não fica ilhado, morrendo à míngua de cuidados. Martius apreendeu muito bem a situação: "O caso mais arriscado é o que acontece aos fazendeiros criadores. Estes precisam de acudir sem demora às boiadas e manadas de cavalos que se aglomeram aflitos nas ilhas do rio, onde ficam expostos a morrer de fome ou ao assalto das onças e dos jacarés. Penosamente conduzem as suas vacilantes canoas pelos rápidos arrôios e rios tributários, às vezes remando uma légua nas águas da inundação, continuamente ameaçados de naufrágio, ao toparem com árvores e pedras, em que bate, ou por troncos arrastados pela correnteza. Se têm a felicidade de superar os perigos da água, têm às vezes que lutar contra as feras, as quais fogem enfurecidas do elemento desencadeado. Gibóias e jacarés agarram-se ao bote, subindo neste para descansarem. Se passa debaixo de uma árvore, caem sôbre êles grandes embolamentos de abelhas que se refugiavam ali, e, ao passo que se ocupa do extermínio das inúmeras inimigas, ainda maiores sustos lhes reservam uma onça ou uma cascavel que pula dentro da canoa. Se para escapar a êsses monstros, se atirar à correnteza, corre o risco de ser posto instantaneamente em bocadinhos pelos cardumes de piranhas que saem das suas tocas em busca de prêsas. Se alcançam finalmente os seus animais desamparados, encontram-nos às vezes enfraquecidos pela fome, feridos nas patas pelas piranhas ou pelos jacarés e impossibilitados de nadarem até a outra margem, ou vitimados pelas onças ou pelos guarás contra os quais costumam defender-se, formando círculo, as cabeças juntas, voltadas para dentro. Centenas de animais domésticos são sacrificados pelas enchentes anuais".

Parece que o botânico ilustre carregou um pouco nas côres, ou, pelo menos, concentrou de mais as desgraças que podem suceder numa enchente. Mas a história é quase assim mesmo.

Sofrem do mesmo modo os povoados. Há muito navio que atraca nas praças das cidades, no largo da igreja, feito uma nau catarineta. O fornecimento de lenha se torna difícil, tem de ser trazida em canoas que a vão buscar em pontos muito distantes dos portos normais de abastecimento.

Em 1926 assistí as águas, subindo pelas ruas de Joazeiro, cobrindo a linha férrea, de modo que os passageiros de S. Salvador eram obrigados a descer do trem, em Ipiranga, uma estação antes de Joazeiro. O trajeto até a cidade era feito em canoas ou em "paquetes" de altas velas triangulares, através de uma extensa lagoa, cuja travessia se tornava perigosa, ao cair um pé de vento, levantando ondas. As portas das casas estavam defendidas com muros de tijolos, nas ruas havia serenatas, com flautas e violões, gemendo dentro das canoas, em noites em que o luar ficava esplêndido, refletido nágua.

A cidade de Januária já perdeu uma rua da praia que o rio levou; junto de Remanso o Capão é um povoado que se pode dizer nasceu da necessidade periódica de abandonar a cidade, em virtude das enchentes, e em Barreiras, no Rio Grande, como em Jacaré, no S. Francisco, os desbarrancamentos são constantes. Conheci, em 1927, um velhinho místico que profetizava a destruição de Barreiras, para castigo dos pecadores, como Sodoma e Gomorra: água em vez de fogo. A destruição das barrancas estava concorrendo para que êle fosse tomado a série.

As estradas ficam intransitáveis e os caminhões que não respeitam buraco em tempo de sêca, são obrigados a ficar parados, como acontece na estrada que vai de Maria da Cruz a Montes Claros, mas em compensação as companhias de navegação aproveitam as facilidades que traz o aumento de volume das águas.

Começam a trafegar os navios de maior calado que arrastam o fundo na areia em tempo da sêca, e são obrigados a ficar inativos; as viagens de rio abaixo se fazem com maior rapidez, a correnteza ajudando as rodas de popa das gaiolas.

Há cheias que ficaram famosas e uma, que de certo entrará para a história, é esta de 1943, da qual os telegramas estão dando notícias, ao lado da de 1926, 1906 e outras. Nestas cheias grandes o rio sai da caixa e se derrama pelo vale de maneira assustadora, mata gente e animais, arrasa lavouras, vira um oceano de águas pardas. O fenômeno quase que não é mais geografia, há necessidade de imagens para descrevê-lo. Poesia enfim. É preciso ler Castro Alves: "Do S. Francisco a soberana vaga, léguas e léguas triunfante alaga".

Q declínio das águas começa em Abril. Lentamente vai emergindo a terra fértil das vazantes e as roças vão brotando no rastro

das águas que se retiram. As lavouras se sucedem cronològicamente, a do feijão primeiro, a do milho e a das melancias e das abóboras. Cultiva-se, com bons resultados, a lama fértil das ilhas que as prefeituras arrendam.

A navegação vai se tornando cada vez mais difícil, vão surgindo as coroas de areia que mudam de lugar a cada nova enchente, ora no meio do rio formando ilhas, ora coladas a uma das margens.

E' possível descobrir em muitos casos a origem das coroas pela destruição da mata ciliar. Encontrando o barranco desprotegido da trama de raizes, a correnteza o desmonta e o rio adquire uma largura desproporcionada; a água fica mais rasa, a velocidade da corrente diminue e não possui força capaz de arrastar as areias que vêm rodando, e que se amontoam em bancos extensos, dificultando a navegação. No baixio da Esperança quase que é possível atravessar o rio com água pela cintura.

Muitas vezes as águas baixam com tanta rapidez que surpreendem os navegantes. O "Jurací Magalhães", em 42, entrou por um braço onde a água estava rasa e encalhou em um baixio de areia. Manobrou, puzeram-se cabos, mas não foi possível safar a embarcação. No dia seguinte a água baixara tanto que o navio estava isolado, em plena terra, distante quase dois quilômetros do rio que se retirara para o canal mais fundo. Avistamó-lo ao longe, metido no meio do mato, com as luzes acesas, como um hotel de recreio, onde apenas moram os guardas da companhia, desde o ano passado.

Na sêca o sertanejo vem para a beira do rio onde o pescado é abundante e o peixe tem mesmo um gôsto melhor, multiplicam-se as cabaças que boiam sôbre as águas, indústria de caboclos que inventaram um aparelho de pesca automática.

As roças da caatinga, utilizadas no tempo das cheias, são transferidas para as vazantes, acercam-se das margens, agrupam-se em tórno das ipueiras.

O gado encontra um pasto macio na terra úmida, mas, ao mesmo tempo, os mosquitos prosperam nas águas paradas, nas lagoas e poças que se multiplicam por tóda parte, as fêmeas de carrapatos se penduram nas orelhas dos bois, lustrosas, como grãos de café.

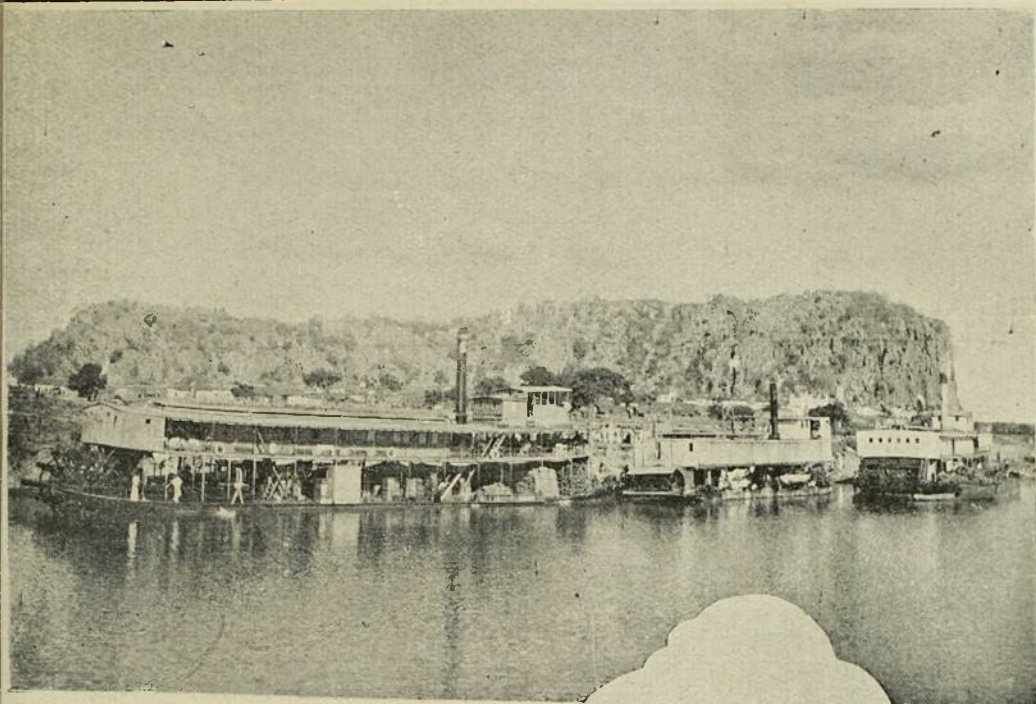
Com os mosquitos aparece o impaludismo e tudo é um tremer de sezões, os marinheiros dos navios trabalham no intervalo da febre, o barranqueiro suspende o trabalho no roçado e se recolhe, esperando o acesso da maleita.

O rio que trouxe a fartura trouxe a doença que reduz a capacidade de trabalho de homem, justamente quando a terra fértil está pedindo sementes. Voltando ao leito primitivo as águas deixaram "uma enorme rêde de ipueiras, ibirabas, lagoas e incontáveis coleções de águas de todos os tamanhos e de onde algumas semanas depois surgem permanentes fontes de doença e de morte". (1).

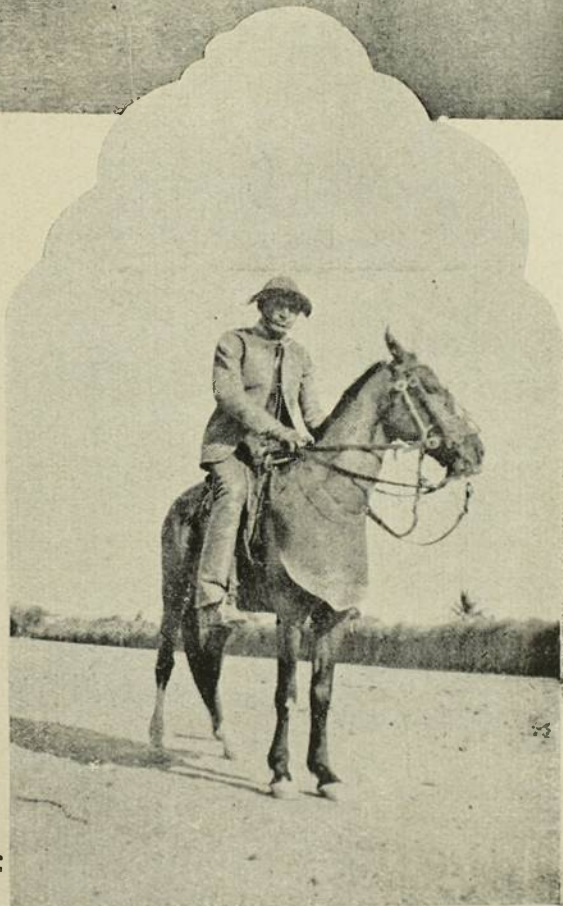
(1) Neiva — 1942.

Monsieur
Bon-ve
durant
annu

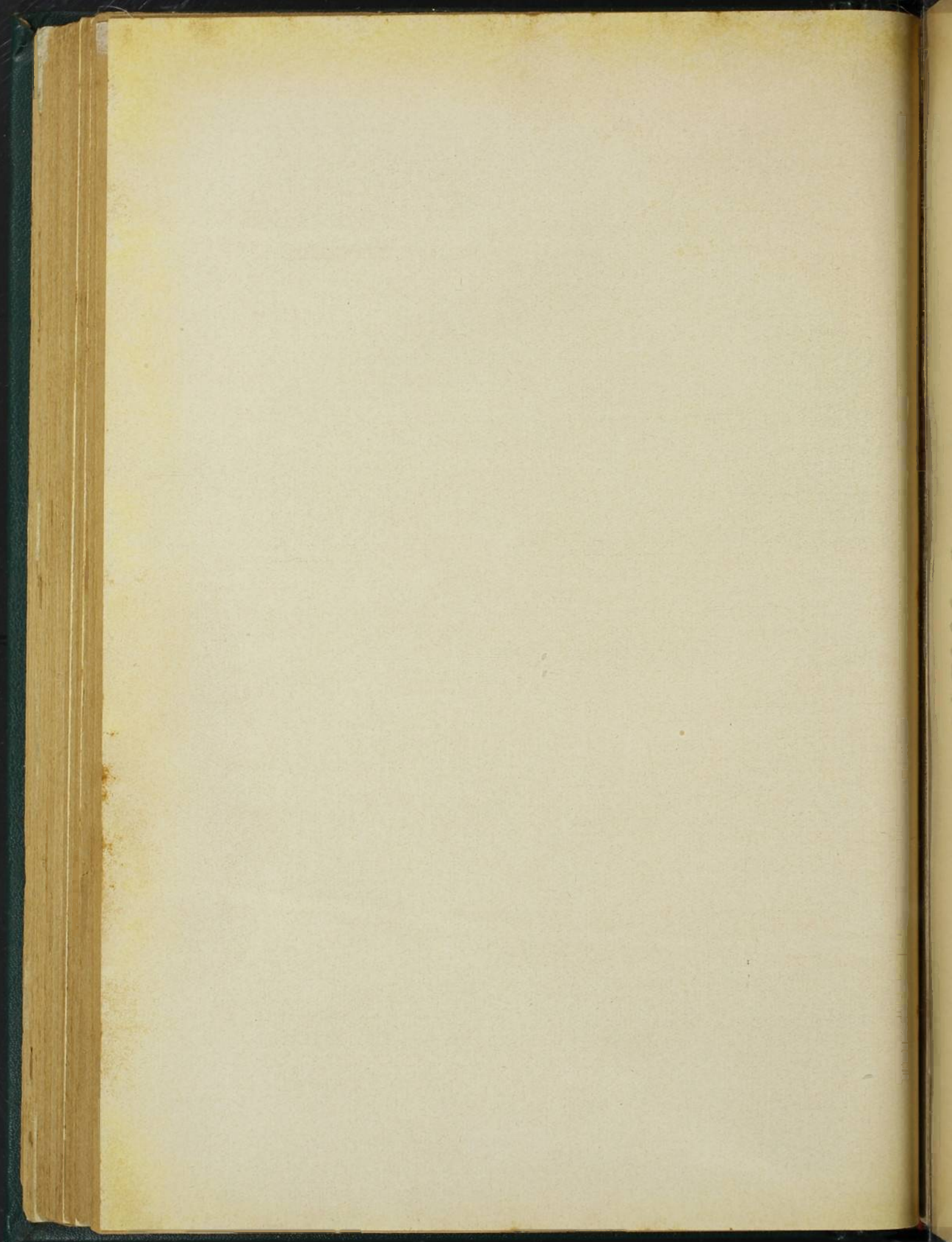
Monsieur



↑
Navios atracados em
Bom-Jesus da Lapa
durante os festejos
anuais.



Vaqueiro Nordestino →



RAÇA E POBREZA

O caboclo do S. Francisco pertence ao tipo geral do homem sertanejo do nordeste e analisar-lhe as características é tarefa difícil como delimitar a terminologia popular aplicada aos mestiços: curiboca, sarará, cabra, caburé e outros. Certas características de uniformidade, acentuadas desde muito por Euclides da Cunha, têm servido de base a várias opiniões e teorias nem sempre justas e racionais.

Na opinião do Sr. Geraldo Rocha o nordestino constitui uma sub-raça que por vezes se transforma em raça, mas cujos caracteres ele não esclarece e é difícil concluir quais sejam, diante dos exemplos que apresenta, incluindo o Ex-Presidente Epitácio Pessoa e a si próprio neste grupamento étnico. Mais se agrava essa dificuldade quando o autor fala numa estranha "imunidade de ribeirinho do S. Francisco afeito a desprezar a malária".

Menos apressado nas suas conclusões, mas não menos inexato foi o professor Moraes Rego, ao pretender que os fatores mesológicos, apurando as qualidades dos tipos humanos criariam condições, segundo as quais "não é impossível que se fixassem caracteres nos híbridos, à maneira de variação das espécies". É bem verdade que, depois de citar a opinião de Fróis da Fonseca — que reconhece nesses elementos requisitos que podem definir uma raça — conclue pela carência de observações capazes de dar a esses conceitos um valor científico. E conclue bem.

Consideramos suficientes estas duas citações para dar uma idéia da diversidade de opiniões dos autores, que trataram o assunto. Quase todas essas tentativas de explicação trazem a marca de influências das teorias evolucionistas que tanto ruído fizeram no fim do século passado e começo deste. Vieram de discussões entre partidários da hereditariedade dos caracteres adquiridos e da seleção natural: lamarquistas e darwinistas. As hipóteses sobre

a evolução das espécies tiveram dedicados apologistas, não só porque permitem explicação julgada científica para assuntos e observações das mais díspares, como porque fornecem andaimes para a sedutora indagação da origem do homem.

Mas é justamente nessa quase perfeição e na capacidade de tudo resolver que está a sua maior fraqueza, conduzindo os apaixonados a transpôr os limites da metafísica, equiparando-a à religião, opondo-a aos credos o que é também um modo de ser religioso.

Os estudos de genética, entrando pelo caminho da experimentação, vieram repôr em suas verdadeiras proporções a amplitude dos conceitos evolucionistas e abalar em muitos pontos o alicerce de teorias tão satisfatórias. Não ficou provada a transmissão de caracteres adquiridos e essa relativa uniformidade das populações sertanejas deve ser, antes, atribuída a uma maior ou menor consanguinidade, facilitada, muito, pelo isolamento em que têm vivido êsses núcleos humanos, resultando em aparecimento de tipos recessivos, tanto para os indivíduos hípidos como para os tarados que, à primeira vista, são notados. Esta observação, aliás, é válida para outros centros de povoamento em que houve a mesma espécie de segregação, como o interior de Goiás e o norte de Mato-Grosso. Acrescente-se ainda a influência do meio e dos hábitos de vida sôbre o desenvolvimento somático individual, coisa muito diferente de modificações transmissíveis por hereditariedade.

As teorias da evolução transpuzeram as fronteiras das ciências em cujo âmbito foram creadas e invadiram todos os domínios do conhecimento, sem exceção dos problemas filosóficos da maior transcendência. A própria teoria da superiordade racial de tão funesta memória tem raízes nestas hipóteses.

E o que se dá atualmente é um fato curioso. Enquanto as ciências naturais, há muito que arquivaram parte dessas teorias como material histórico, abandonando-as pacificamente ante as novas aquisições da experiência, em outros arraiais elas continuam cada vez mais prestigiosas. Encontram defensores irreduzíveis, capazes de irem às últimas conseqüências, esquecidos de que uma teoria é uma tentativa de explicação e não a própria verdade.

Tanto é assim que em trabalhos didáticos recentes podemos encontrar argumentos dialéticos opostos às verificações experimentais da Genética. Como quem arrazoar em juri.

Creio que isto me justifica de haver insistido sôbre uma questão que hoje seria ridículo discutir num ambiente científico. Assunto morto que sômente a experiência poderá trazer de novo à evidência.

Se me for permitido empregar uma comparação regional direi que no S. Francisco, também as teorias por vezes são mais reverenciadas que a verdade. Quando a formiga abre os seus túneis próximos da barranca, é sinal de que as cheias serão diminutas. Pode acontecer que o S. Francisco extravase grosso, invadindo as planícies, mas a sabedoria da formiga não sofre arranhão no conceito sertanejo. Quem errou foi o rio.

Se há um caráter que se pode dizer hereditário naquela gente êsse é o da pobreza. Pobreza que aparece logo, que está esperando a gente nos cais empedrados das cidades ribeirinhas: cegos, aleijados, débeis mentais, e os que não são cegos nem aleijados, pobres sômente, e até os que, pelo fato de não pedirem esmolas, não se julgam pobres.

Para êsses o rio é o grande amigo. Recebe a todos com simpatia e equanimidade, sem indagar do passado de ninguém, distribuindo o favor da sua riqueza que não é muita, sem dar conselhos que estragam quase sempre a esmola feita pelos homens.

Remeiros alegres e resignados, barranqueiros que têm a sua rocinha, pescadores que só têm uma canoa e uma tarrafa, meretrizes que não têm de seu nem mesmo o corpo mal nutrido e quase sempre doente, todos se aglomeram na beira do rio, olhando as águas que descem, os meninos que tomam banho o dia inteiro, as rêdes de arrastão e as tarrafas que estão estendidas a secar, os peixes que dão pinotes alegres borrifando água para os lados. Tudo que é humilde e pobre procura o rio, até os flagelados que o vêm pela primeira vez e acampam na sombra das gameleiras marginais, até os que moram afastados e no cair da tarde vêm buscar água para os arranjos domésticos. Esta é a chamada "hora das cabaças" em que todo o mulhero desce o lançante da barranca para encher as vasilhas, para trocar impressões sôbre dificuldades de vida, discutir, intrigar ou lastimar-se em presença da água muda e boa do S. Francisco.

Desde Corinto que começa a aparecer o Brasil pobre, o Brasil doente de opilação e de bôcio, de doença de Chagas e principalmente mal comido. Olhando aquelas feições côr de terra,

aqueles fiapos de bigodes, aqueles zigomas salientes, cabelos crespos, quase pichaim, lisos e duros, ficamos aflitos, procurando descobrir traços de índios ou de negros que se superpõem num mestiçamento desordenado. Estamos no vale do Rio das Velhas.

Adiante em Pirapora avistamos finalmente o S. Francisco. Não é uma cidade de grandes recursos e uma estatística nos faz esta significativa revelação: 4% de abastados, 8% de remediados e 88% de pobres constituem o município que não é pequeno. Na lavoura os salários vão de Cr\$ 3,00 a Cr\$ 3,50 com direito a comida.

Seria desnecessário alinhar maior número de dados pois se pode dizer que tôdas as demais cidades são piores ou iguais a Pirapora e neste último caso estão Barra do Rio Grande e Januária. Joazeiro é uma exceção apresentando-se como cidade progressista de comércio ativo e uma prefeitura cuidadosa e bem orientada.

Por tudo isso o Rio S. Francisco é um rio pobre e triste.

A GENTE DO RIO

Dos homens que vivem do rio o remeiro é talvez o mais especializado, porque possui no peito uma cicatriz fibrosa indicativa da sua profissão, impulsionando as barcas que fazem o transporte de cargas pelo rio, carregando até cinquenta toneladas. Suas barcas viajam de Pirapora a Joazeiro, entram pelos afluentes, atingem portos que os navios não alcançam. A paga é muito pequena e as viagens demoradíssimas, podendo levar até dois meses entre os pontos extremos do médio S. Francisco. Antigamente era assim, porque hoje existe, além do registo da tripulação, a obrigatoriedade de um tempo mínimo para as viagens. Como resultado sobreveio a diminuição do número de barcas em tráfego e agravação das dificuldades, para uma região já tão pobre de transportes.

De rio acima existe, em geral, um vento que tufa as duas grandes velas triangulares de modo que não é preciso o emprêgo da zinga. Mas, na descida, quase todo o percurso se faz, usando o comprido varejão que, firmado no fundo do rio e apoiado sobre os músculos peitorais impulsiona a barca. De longe se pode ver o vulto escuro da embarcação aproada com os homens colocados em ambas as bordas, caminhando de corpo inclinado para a frente, acionando as zingas. Em movimentos ritimados retiram os varejeões, levantando-os, de modo que se cruzem no ar, para em seguida, na mesma cadência, fazê-los descer, firmar-se no leito do rio, dar um primeiro impulso para fixá-los melhor, utilizando as duas mãos, e, depois, encostar o cabo da zinga no peito caminhando pelas coxias de prôa a ré.

As barcas fazem água, a comida é de má qualidade: peixe ou carne seca, feijão, farinha e rapadura, ingredientes com que fazem tôdas as combinações possíveis e das quais a jacuba, talvez

seja a mais agradável. Acrescente-se água ruim e cachaça de má qualidade que não melhoraram, desde o tempo de Martius.

Nada disso porém constitui motivo de tristezas ou desânimo para os remeiros que acham talvez encanto naquela vida nômade. Como não viajam de noite, organizam cantorias nos pousos e são êles os maiores contribuintes da poesia do rio, igualados talvez pelos cegos somente. Supersticiosos, como todos os mais, oferecem o seu fuminho ao caboclo d'água embora sorriam e neguem o fato quando interpelados. Depositam a sua confiança na figura de proa, imagem de monstro, toscamente falquejada, ora uma cabeça de dragão, ora de leão ou cavalo, a qual avisa aos remeiros, por meio de três gemidos, que a barca vai afundar. Aproveitam sempre o encontro de uma outra embarcação, rompendo a monotonia do contínuo impulsionar das zingas, para desabafarem, aos gritos, todo o bom humor de que são capazes, começando pelos ditos espirituosos e passando ao palavrão depois de gasta a reserva dos primeiros. São expansões que não possuem intenções ofensivas, antes pretendem ser de alegre cortezia, pelo acompanhamento de gargalhadas.

Menos expansivos nessas manifestações, porque coagidos pela disciplina de bordo, os marinheiros não diferem muito dos remeiros, aos quais se igualam no conformismo com a vida e no gôsto da pilheria.

Marinheiro de navio ganha Cr\$ 134,00 bruto, como dizem, porque em verdade recebem cento e vinte em virtude de vários descontos. A Companhia Indústria Viação Pirapora é a que melhor paga e por isso darei uma relação de ordenados dos seus trabalhadores. Um Comandante de navio Cr\$ 750,00, Prático Cr\$ 550,00, Chefe das máquinas Cr\$ 440,00, Segundo maquinista Cr\$ 350,00. O Mestre de Bordo tem sete filhos e ganha Cr\$ 350,00 brutos, recebendo mesmo Cr\$ 316,00, porém, como todos os outros, não reclama, lamenta apenas que o ordenado seja tão pequeno agora que "o comer, o vestir e o calçar subiu tanto de preço".

E a vida de bordo é bem dura, o serviço não tem hora, não tem conforto. A qualquer momento do dia ou da noite podem soar os três silvos agudos da máquina, avisando os pilotos de que a fornalha precisa de lenha. O navio manobra, vira a proa de encontro à correnteza e atraca na barranca íngreme. Um cabo em cada extremidade o mantém, e logo são colocadas as pranchas por onde os marinheiros desfilarão, conduzindo feixes no ombro. Antes porém o encarregado mede o volume da lenha empilhada,

madeira de má qualidade, revessa, lenha de cerrado, uma que outra tora mais grossa.

Os marinhros, apenas de calção, o dorso nú ou mal vestido numa camiseta rasgada, colocam na cabeça um saco de lona, dobrado em feitio de capuz e ajeitam nos ombros uns dos outros os feixes de lenha. De vez em vez se ouvem gritos seguidos logo depois por muitas risadas, denunciando a descoberta e festejando a morte de uma jararaca, percebida no levantar uma tora de jurema.

Dentro do navio a lenha é arrumada ao lado da fornalha, em pilhas nos bordos da embarcação, no telhado das chatas que conduzem a carga, embondadas, isto é, amarradas aos lados do navio ou rebocadas por um cabo longo, de cinqüenta metros, tendente a evitar a marola da roda de popa que a poria a pique, em distância menor.

No tempo da sêca os encalhes se sucedem, numerosos, o dia inteiro ou pela noite a dentro, forçando os marinheiros a um esforço contínuo. Acontece comumente o barco estremecer todo como num arrepio de febre, ao roçar o fundo nas asperezas do baixio. Param as máquinas e os cabos são passados, ora fixos pela própria âncora no fundo do rio ora nos troncos de árvores marginais e o navio transpõe o baixio a fôrça de guincho. Guinchos que são tocados a braço ou a vapor, êstes últimos exigindo cuidados no manobrá-los, pois não são raras as rupturas de cabos, nem as quedas das árvores a que foram amarrados. E isto que resumimos em poucas linhas exige horas e horas de continuados esforços e se repete muitas vezes no mesmo dia. Conhecendo que é assim os marinheiros não se gastam, trabalham sem pressa, causando irritação aos passageiros que classificam de preguiça o que não é mais que economia de fôrças.

Dificuldades tão freqüentes valorizam o serviço dos práticos, homens que conhecem tôdas as voltas do rio, sabem o nome de baixio por baixio e as distâncias que medeiam entre êles. Revesam-se na roda do timão, de mãos calejadas de empunhar as malaguetas, dirigindo a proa do barco em noites escuras, apenas divisando a corrente pelo clarão das estrêlas que se refletem na água. Os ventos podem soprar desabaladamente, a chuva grossa pode ensopar-lhes a roupa de brim azul que não abandonam o serviço. Têm orgulho da responsabilidade do posto e não resistiriam às críticas que um êrro pudesse acarretar.

Recusam todo e qualquer confôrto. Certa vez pensaram em fazer uma cabine de proa com vidraças que corressem em dia de

temporal. Mas não foi aceita. Atrapalha. Vidro só mesmo o dos olhos.

São também sófridos e pacientes, entusiasmando-se apenas por ocasião das apostas de corridas entre barcos, e isto se dá sempre que dois navios se encontram no mesmo rumo e a tripulação troca saudações ruidosas com desaforos de mistura. Emparelhados, um procura cortar o caminho do outro, espremendo-o de encontro ao barranco ou atirando-o a um baixio onde encalhe. O assunto de tôdas as palestras passa a ser emulação da corrida, o entusiasmo faz que aquela gente se apresse, o consumo de lenha aumenta e o navio corta as águas com um ronco característico de excesso de pressão.

O maquinista tem desvelos de apaixonado com o mecanismo do barco, trata-o com zêlo minucioso, regulando parafusos, acertando a lubrificação, engraxando as placas de deslizamento, não sossega um instante, para que nada falte o "bichinha", diminutivo carinhoso com que se dirige à máquina.

Há três dias que dura uma aposta de corrida entre o "Raul Soares" e o "S. Francisco". Porém, a ventania que não parou durante as últimas quarenta e oito horas atrazou o "Raul Soares", escorando-o, batendo de encontro a sua estrutura de proa, alto de três andares. Entretanto, o maquinista que encontramos em Januária põe toda a culpa na má qualidade da lenha, pois não se conforma em que um navio daqueles, acostumado a dar nos outros, possa perder para "um S. Francisco", velho barco comprado no Amazonas, cuja história êle conhece.

A vida dos navios do S. Francisco, um por um, é conhecida entre a gente do rio. Sabem-lhes o calado, os acidentes que sofreram, o ano em que foram armados. O mais velho de todos é o "Saldanha da Gama", cuja armação se fez em Sabará, no tempo em que o Rio das Velhas possuía navegação regular, e êste "S. Francisco", em que viajamos, veio desarmado do Amazonas, no tempo da queda da borracha. Cada barranca possui uma recordação de casos que se passaram com determinados navios e em determinadas ocasiões, tudo é retido. Na barra do Urucuia foi o ataque dos revolucionários de Prestes à polícia da Baía que reagiu e mandou atracar o navio na barranca desembarcando para dar combate ao adversário entrincheirado. O prático, exposto na proa, foi logo ferido num braço. O foguista quando enchia a fornalha e dois marinheiros que desceram para amarrar os cabos de atracação foram atingidos. Não abandonaram o posto aquêles caboclos humildes, o maquinista sustentou o barco contra a cor-

renteza, na fôrça da máquina, e os marinheiros rastejaram jarrancas acima para fazer a amarração dos cabos. História um pouco diferente é a de um cemitério de beira-rio. É um cercado de achas, colocadas verticalmente, encerrando um cruzeiro grande, a cujos pés se arrumam as pequenas cruces das sepulturas. Certo Comandante de navio meio desabusado mandou arrancar, mau grado o protesto dos marinheiros, a cêrca do cemitério, para servir de lenha num dia de aperto. Pois daí por diante o navio parecia ser um "navio da desgraça". A todo momento vinham dizer: — Comandante, tem dois tripulantes se pegando à faca lá embaixo. As brigas estouravam de hora em hora, tripulantes com passageiros, o copeiro com o cosinheiro, um inferno. A carne apodreceu, apareciam baixios onde ninguém tinha ouvido falar que os houvesse, o navio ficava parado no meio do rio, as máquinas emperradas sem que ninguém conhecesse o motivo. A caldeira funcionando, a lenha queimando, e nada de pressão. Foi então que o Comandante se arrependeu dos pecados, prometendo ao Bom Jesus da Lapa que mandaria reconstruir o cercado e pagou logo um homem para fazer o serviço. Desde essa hora a viagem se fez sem novidades.

Apesar de tudo, vivem quase felizes aquêles caboclos humildes e, na sua pobreza, ainda acham maneira de remediar a desgraça dos mais pobres. Quando há sêca no sertão muitos flagelados vêm ter às margens do S. Francisco e, se as notícias não chegam alarmantes até nós, isso se deve não só ao fato da pequena densidade demográfica tornar menos espetaculosa a desventura coletiva, como porque o estado da Baía não gosta de contar aos outros que em suas terras há sêca. Como se fosse vergonha.

Mas a sombra da gamaleira que enfeita o pôrto de Pirapora tem dado abrigo a muito flagelado que vem corrido da sêca e que procura remir a vida em outras terras, como também ribeirinhos do S. Francisco que abandonam o rio, pensando que existam outras paragens onde o pobre seja mais feliz. Em 1925 foi uma descida geral, descida do sertão e subida do rio. Acomodaram-se no "Antônio Muniz", que em boas condições é capaz de alojar trezentas pessoas, cêrca de mil e duzentos flagelados.

Anísio, o Mestre de bordo é quem me conta a viagem e ainda o vejo comovido, tantos anos depois, "Muquirana chega subia pela chaminé" e o navio tinha de parar, de vez em quando, para enterrar gente, dois e três por dia.

A distribuição do almoço começava às nove horas da manhã e, pelas três da tarde, quando começavam o preparo do jantar, muitos ainda não haviam almoçado, já porque vinham doentes e enfatiados, já porque ainda não haviam conseguido vez. Naquela balbúrdia os marinheiros se desdobravam, fazendo o serviço rude de bordo, achando tempo para se transformarem em enfermeiros e cuidar da dieta e medicação dos doentes, mingaus de tapioca, infusos de ervas da medicina sertaneja. Única recordação daquela viagem de navio fantasma, ficou um ABC feito por um piauiense, narrando os sofrimentos passados aí, que Mestre Anísio garante que é muito bonito e que vai me arranjar uma cópia.

Mais espaçadamente aparecem famílias que pedem para embarcar, mas não possuem o dinheiro para a passagem e os marinheiros se reúnem para fazer o que êles chamam de bolsa, ou seja, uma subscrição a fim de indenizar a companhia. Tiram do seu mínimo ordenado o socorro para aquêles infelizes, pagando-se com assistir a satisfação que os flagelados põem no mastigar a comida farta de bordo, às vezes enxugando, com as costas da mão encardida, os olhos que se umedecem. Mas em verdade se diga que as companhias de navegação deixam aos comandantes a faculdade de dispensar a passagem ou fazer abatimentos, conforme o caso. Muitos navios auxiliam com esmolas de dinheiro ou de carne os retirantes que nessas épocas afluem às cidades marginais, penalizando-se com o espetáculo dos famintos, disputando o alimento, oferecendo os filhos para que não morram de fome. Os que podem levam, segundo a sua predileção, uma mocinha, um rapaz, um menino, devolvendo-os, quando os pais conseguem trabalho nas cidades do vale.

O terceiro tipo humano do S. Francisco é o barranqueiro, título de que se orgulham, porque significa conhecedor da região, identificado com ela e o rio, como já dissemos, constitue uma unidade regional, suas fumaças de bairrismo. E' verdade que mineiros, baianos e pernambucanos discutem excelências de suas terras; a catedral de Petrolina, a fonte luminosa de Joazeiro a eficiência do delegado de Pirapora, porém, tudo isso é posto de lado, quando se trata da defesa do S. Francisco que para êles é assim como uma unidade maior, uma espécie de pátria nacional.

Não exagero dizendo que o Brasil é bem pouco conhecido naquelas paragens. Se há um sentimento de pátria que fá-los vibrar com a notícia de que o Brasil entrou em guerra, êsse sentimento de revolta não deixa de ser mesclado de uma certa in-

compreensão do fato, que oriunda de um desconhecimento das gentes de outras regiões brasileiras, sentimento que tem um simile histórico muito apropriado no desinteresse dos bandeirantes pela sorte das capitâneas nortistas, invadidas pelos holandeses. Dois fatos pitorescos servirão para avivar os contornos da imagem. Em 1926 vários sertanejos foram incluídos em Barreiras no Esquadrão a que eu pertencia. João Damasceno, um dêsses caboclos, perguntado por mim, não soube dizer as côres da bandeira nacional e, como, sem nenhuma pedagogia, eu procurasse encaminhá-lo, mandando que escolhesse a côr mais bela na sua opinião que essa seria a do pavilhão, respondeu-me: — Vermelha. Outro fato mais recente, de 1942, se passou na feira de Barra do Rio Grande, com uma velhinha de olhos azues que vendia bonecas de pano, trabalhadas com perfeição. Iniciamos a conversa tratando de bonecas e, com pouco, estávamos falando da última sêca. Contou que a sêca estava provocando a retirada do povo do sertão, que até as abelhas se estavam retirando, que no "Termo" da Paraíba e Pernambuco não venciam tirar o couro das reses mortas e sentenciou, afinal:

— "Ô sul grande pra caber tanta gente. Olhe que desde que me tenho por gente que vai gente pro sul. Mas também êles morrem tudo de friagem".

Nesta altura um caboclo que escutava a conversa, tirou o pito de barro e derrubou a teoria da velhinha com uma só palavra: — Impaludismo.

Na opinião da mulher, o sul era quase o polo e na do caboclo a Amazônia.

O barranqueiro é o lavrador, praticando uma agricultura rudimentar, para cuja descrição é bastante resumir Luiz de Alincourt, escrevendo no comêço do século dezenove: Derruba-se a mata, amontoam-se as árvores tombadas e, depois de tudo sêco, faz-se a queimada. Planta-se na primeira chuva e assim nos anos seguintes até que aparece a planta denominada sapé que indica que a terra está cansada (em Minas aparece a samambaia) e é preciso fazer nova derrubada. Afora êste método há também culturas de vazante, feitas no rasto das águas da enchente que se retira ou no leito dos riachos que secam. Mas não há pròpriamente grandes lavouras se excetuarmos o algodão, pois tudo são rocinhas feitas por um homem só e que muitas vezes tem de interromper o trabalho para esperar a crise de sezão. E, depois, para que diabo plantar muito, se não há possibilidade de lucro pela exportação, se o caboclo não possui terra? Uma per-

gunta, que fiz muitas vezes a moradores da beira do rio, foi por que não plantavam e a invariável resposta era que não tinham terras. Insisti, indagando por que não plantavam, mesmo em terra alheia e variavam, ora dizendo que não compensava (a percentagem do senhor da terra é em geral extorsiva) ou mais incisivamente: — Porque seu Coronel põe o gado em cima”.

A falta de transportes é um fator muito ponderável neste atraso agrícola, pois é claro que numa região desprovida desses meios a terra se desvaloriza e só o latifúndio é possível.

Em Jacaré, um logarejo paupérrimo, uma galinha gorda custava Cr\$ 4,00, uma dúzia de abóboras Cr\$ 2,00 e de melancias Cr\$ 2,80. Note-se que êsses preços eram preços para uso dos passageiros dos navios, normalmente explorados pelos vendedores. O triste é que essa falsa impressão de vida barata é um índice de miséria, de falta de mercado. Índice que entristece como o da prostituição bastante freqüente nas ruas que dão para o rio, com cabrochas em quem o exagêro ao enfeitar-se não consegue disfarçar a “precisão” de uma existência quase indigente. Talvez por isso o povo nunca as chama de mulheres de vida alegre, mas pelo nome de um peixe, também comum na beira d’água e fácil de apanhar: o caborge.

A pesca absorve a outra metade das atividades do barranqueiro. Os métodos de pesca não diferem essencialmente dos usados em outros rios do Brasil, e apenas o **caçador** merece referência a parte, pois que não conheço citação do seu uso em nenhuma outra zona. Consiste em colocar uma cabaça **poitada**, flutuando sobre as águas e à qual está amarrada uma linha de pescar. A isca usada é sempre um pequeno peixe vivo, alimento preferido dos dourados e surubís. Posto o aparelho, o caboclo vai cuidar da vida no roçado, deixando ao **caçador** a tarefa da pesca automática. Quando o peixe “forma a carreira” depois de comer a isca, a boia cede ao primeiro arranco, mas volta bruscamente à superfície, depois de atingida uma certa profundidade, ferrando o surubí ou o dourado. Outros sistemas individuais de pesca tais como a igaratéia, a linha de varejo, o espinhél e a tarrafa são também largamente difundidos, bem como as armadilhas de ta-

quara, comuns a tôdas as regiões de pescadores e ainda hábito indígena de **tinguijar**.

Como processo coletivo empregam a rêde de arrasto, com resultados aliás bem menores que nos outros rios, devido à imperfeição do material. Álvaro Aguirre que publicou um resumo bastante informativo dos métodos de pesca usados no rio S. Francisco, detalhando técnicas e propondo medidas de proteção às espécies mais devastadas pela ignorância dos pescadores, descreveu a chamada pesca de água batida que vale a pena transcrever: "O sistema de pesca que passamos a descrever é empregado nas lagoas que povoam as margens do alto S. Francisco e creio ser exclusivamente regional. A maneira de executá-lo, e os efeitos perniciosos causados à criação dos peixes podem ser classificados de bárbaros e sem resultado prático algum. Resume-se esta pesca na seguinte descrição: vários pescadores, escolhida a zona para pesca em lugar de média profundidade põem-se a caminhar em tórno da mesma formando um círculo.

A medida que caminham mantém em uma das mãos uma vara com uma pequena corda na ponta, com a qual vão batendo nágua, ou um pedaço de ramo sêco, procurando revolver o líquido, fazendo vir à tona a lama depositada no fundo da lagoa. Enquanto que assim procedem, segurando com a outra mão uma vara, tendo na extremidade um estilete de ferro denominado chaço, fisgam os peixes que vêm a tona por tornar-se o meio impróprio à respiração.

Êste sistema de pesca é um dos mais criminosos que tenho assistido, pois não só destrói as espécies jovens, como também prejudica sobremodo a microfauna das lagoas. O referido sistema também é praticado depois de cercar com uma rêde o lugar escolhido para praticá-la".

O BURITÍ

O grosso da alimentação daquela gente é o peixe e a farinha, esta fabricada pelos processos dos tempos coloniais, quase sem alteração. A abóbora, o feijão e a carne de bode concorrem também para o cardápio do barranqueiro e, das plantas naturais, o burití nas regiões onde existe, é o recurso maior dos pobres.

O burití também é um poço de virtudes. Não há parte do seu corpo vegetal que não se aproveite. Das fibras se fazem linhas de pescar, cordas, rêdes, das folhas os cestos e os abanos. Quando estive em Formosa do Rio Preto os barrotes dos ranchos eram de pecíolos de burití, o estrada das camas do mesmo material e a cobertura era de palmas.

O Rio das Balsas, afluente do Paranaíba, tomou êste nome das embarcações feitas de burití que desciam a corrente, transportando mercadorias, espécies de jangadas em que os toros são substituídos por feixes de pecíolos. Ainda hoje no Rio Preto é bastante comum êsse tipo rústico de embarcação.

A saeta e o bolo da polpa do côco entram com muito na alimentação sertaneja. A pequena camada de polpa amarela é raspada e a massa enformada em esferas que se embrulham em folhas de bananeira ou palhas de milho.

Êste bolo é usado para refrescos, desmanchado em água com açúcar ou rapadura, ou para dôces, que se acondicionam em caixetas de madeira. Para obtenção da saeta a polpa é destacada em lâminas delgadas que são postas a secar, conseguindo-se, por êste modo, conservá-la mais tempo.

A apanha do burití se faz no chão, quando os côcos maduros se despencam, mas como a concorrência dos animais silvestres, é muito grande, costumam tirá-lo ainda verdoengo, deixando-o macerar em água de um dia para o outro a fim de amolecer a polpa. O gôsto porém não é o mesmo.

Onde há burití, existe, na certa água aflorando e nos raros casos em que isso não acontece êle mesmo se encarrega de fornecê-la. Mas é preciso matá-lo, para tirar água. De braça em braça — explica o sertanejo — cava-se um côcho e com pouco êste se enche de uma água adocicada que se for deixada a fermentar, produz um vinho muito gabado por todos.

O burití é de tal utilidade que Martius nos conta que em S. Romão costumava-se dar um buritísal como dote de casamento. E sôbre tanta bondade ainda é esplendidamente ornamental. Ninguém que tenha viajado por aquelas regiões deixou de repousar os olhos na silhueta elegante dos buritís agitando os leques na distância, enfeiando os marimbás onde a água superficial mantém um verde característico na folhagem, oferecendo sombra fria na campina escaldada.

Afonso Arinos era de Paracatú, terras do S. Francisco, e êsse detalhe explica o transe de lirismo com que compôs o seu hino ao "Burití Perdido". Aquelas páginas, de um fausto verbal que

lembra Chateaubriand, podem ser eloqüentes demais as referências aos "hoplitas" e a "Eurípedes" seriam dispensáveis, mas comovem bastante.

Faz muitos anos eu vivi a existência humilde da gente do S. Francisco e fiquei devendo muitos favores ao burití. Quis prestar-lhe aqui a minha homenagem.

O JUMENTO

Dentre as coisas mais características do S. Francisco o jumento merece um lugar aparte.

Muito mais sóbrio e resistente que o cavalo, desenvolveu-se com facilidade na caatinga e presta hoje valiosos serviços como animal de carga e sela varando os trilhos do sertão, minorando a escassez de transportes.

No século dezenove foi proibida a criação de jumentos, dizia-se que para não prejudicar a dos cavalos. O fato é que se o meio não pode impedir a sua proliferação muito menos a proibição e, assim, é hoje êle um elemento de grande utilidade para os pequenos comerciantes que não têm posses para adquirir uma tropa de cavalos e muito menos de muares.

Baixote e cabeçudo o jumento é comumente encontrado passeando nas ruas dos povoados, com ares de cidadão em dia com os deveres municipais e uns olhos cansados de literato míope.

Agora na fôrça do sol, está de folga por algumas horas, mas logo havemos de encontrá-lo sob a cangalha, dois ancorotes por lado baldeando água para as casas. Água que os remediados compram e os pobres vão buscar em cabaças, diretamente no rio.

Perto do mercado veremos outros, reunidos em grupos silenciosos, na praça, descansando da viagem, a cascaria pequenina roída da aspereza dos caminhos, sopesando no lombo até seis arrobas de carga. Além dêstes há jumentos de sela, passeiros, de bom cômodo para cortar estradas, mesmo que cadeiras de balanços.

Jumento não refuga serviço, uma vez acostumado a êle. Não gosta de viajar sózinho mas, quando entropilhado, é o último que afrouxa. Fareja os atoleiros, desviando-se cauteloso, tem boa memória para caminhos e quanto à comida, até casca de árvore lhe serve e, dizem mesmo, que tira os espinhos do mandacará, com o casco, a fim de aproveitá-lo.

Mas que ninguém provoque o seu gênio, obrigando-o a tomar uma decisão, porque, depois de tomada, não a modifica mais. Logo que empaca não há fazê-lo prosseguir, nem à mão de Deus Padre, e, se insistem, acaba por deitar-se teimosamente. Quebram-lhe o sabugo da cauda, fica lanhado de chicote, agüenta torceduras de orelha e não protesta nem se move; geme se tanto. Quando a judiação é muito selvagem murcha as orelhas peludas, desce as pálpebras sôbre os olhos mansos, sem rancor, mas inabalável.

Último recurso para demovê-lo é a fogueira debaixo da barriga. Rescende o pêlo chamuscado e o jumento caminha. Mas apenas o suficiente para se afastar da labareda. E isso nem sempre.

Todavia o caboclo gosta dêle, mau grado a maneira bábada com que pretende impor-se ao seu natural teimoso. Dá-lhe vários nomes, como telegrafista, jegue, burrico e lhe atribue honras de herói em histórias nas quais êle vence o onça em astúcia e em dotes físicos; gracejam, com uma ponta de admiração, da sua perseverança amorosa na perseguição das éguas, horas e horas, num galopito curto mas que vai longe. Como não sai das estradas, para dar passagem aos caminhões, numa indiferença muito superior pelas buzinas, foi apelidado também de inspetor de veículos.

Existe um conto que pretende explicar porque o zurro do jumento é tão característico. O jumento foi menino de família muito pobre e andou na escola muito pouco tempo, tendo de sair para conseguir trabalho, embora fosse muito estudioso. Por isso não quer esquecer as vogais, única lição que aprendeu, e, a cada momento, experimenta a memória, para ver se ainda sabe: á, é, í, ó, ú, ipsilone, psilone psilone. O Y é a mais difícil.

Na base desta simpatia não deixa de haver uma certa influência religiosa considerando-se que, assim como se sabe que a galinha tem os pés coscorentos, porque ciscou a palha da cama do Menino-Deus, e a cabra é bôca-mal-dita, porque comeu o capim do presépio, o jumento foi que carregou Nossa Senhora com o filho no colo, quando fugia para o Egito, devagarinho, com cuidado para não perturbar o sono da criança. E por isso é amado. E também, porque faz serviços pesados, trabalha e sofre com aquêle povo, resignadamente, modestamente.

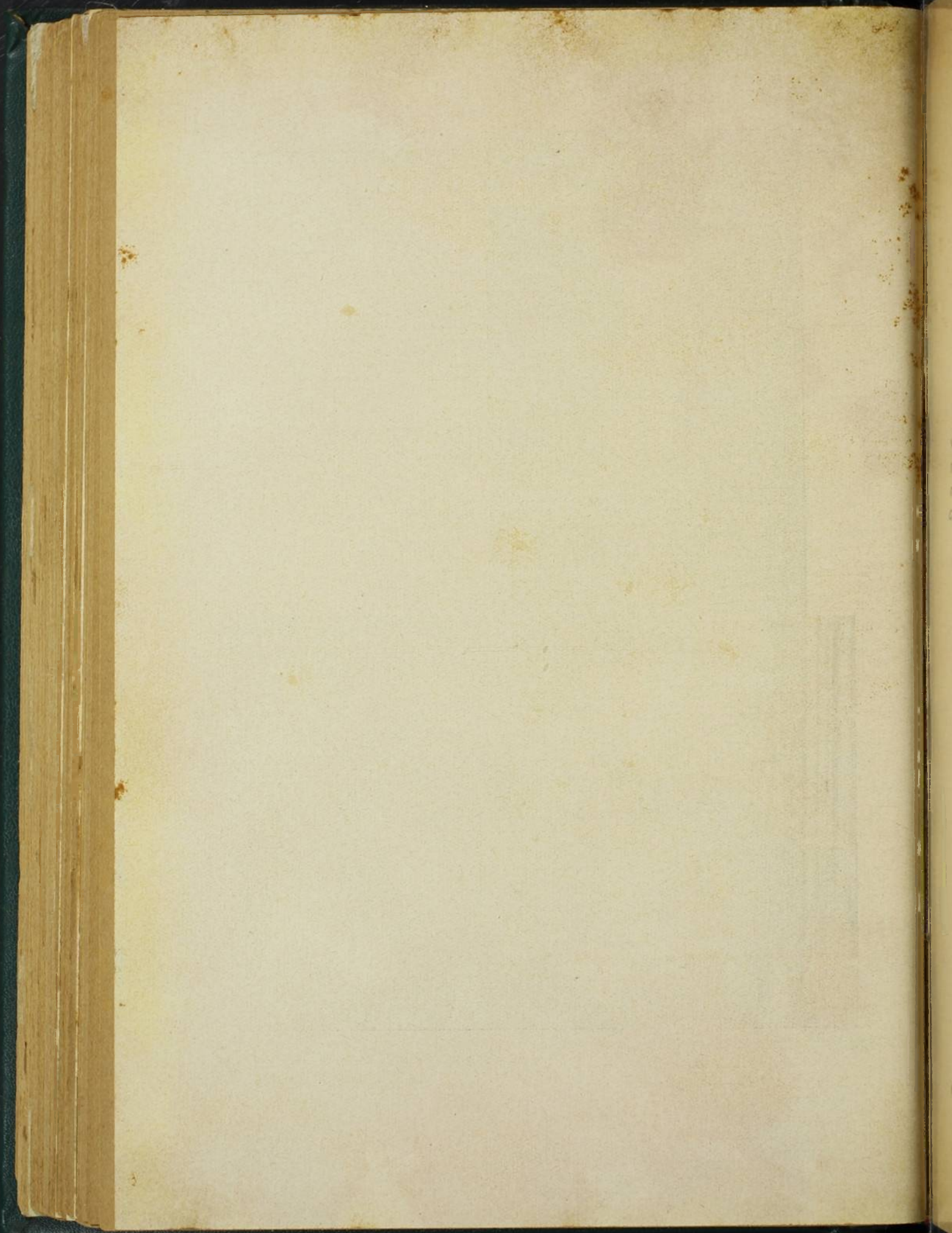


*Imagem milagrosa
do Bom-Jesus da
Lapa*



*Gruta do Bom-Jesus
da Lapa.
(Interior do templo)*





O RIO NO FOL-CLORE

Finalmente quero completar esta notícia do rio, incluindo os versos que correm naquelas paragens e que definem pitorescamente os povoados ribeirinhos. Curiosamente se nota que a enumeração das localidades se faz de águas arriba, numa clara indicação da origem nordestina do tropeiro que a compôs:

Joazeiro da loredesa
Petrolina da vaidede
Santana do Cascalho
Riacho da carestia
Sentocé da nobresa
Remanso pra valentão
Pilão Arcado da desgraça
Xique-xique dos Bundão
Icatú cachaça ruim
Barra só dá ladrão
Morpará casa de palha
Bom-Jardim da rica flôr
Urubú da Santa Cruz
Triste do povo da Lapa
Si não fosse o Bom-Jesus
Carinhanha é bonitinha
Malhada também é
Passa Manga e Morrinho
Paga imposto em Jaceré
Januária carreira inteira
Corrente meia carreira
Santa Rita bate o prego
Suja mole na barreira
S. Francisco da arrelia
S. Romão dos feiticeiros
Extrema dos Cabeludo
Pirapora da poeira.

Existem muitas variantes dêstes versos. Assim é que se fala em "Sentosé do pau-furado", "Pilão Arcado da miséria". "Icatú

só dá côco", "Barra só dá barão", "Morpará fora do mapa", "S. Romão da bruxaria" e também aparecem outros nomes como "Boa Vista do lagamar" e "Casa-Nova da carestia", que é o mesmo Riacho. Entre as variantes é comum haver um de termos melhor cuidados para os ambientes mais seletos, como a que registei e outra imprópria para famílias pudicas. O verso que diz, "suja mole na Barreira", foi dito com alguma indecisão, de modo que insisti para obter o termo mais usado, sem resultado. Artur Ramos, em "A culturação Negra no Brasil", registou o verbo popular na sua sinonímia crúa. Do mesmo modo acontece com Pirapora, que, em virtude da grande quantidade de meretrises, outrora existentes, recebe uma designação obscena, rimando com bruxaria.

A bordo do vapor insisti com o Comandante Manduca, veterano barranqueiro do S. Francisco, para que recitasse os versos citados e ao chegar em Pirapora, teve uma pequena indecisão, mas substituiu prontamente a palavra, conservando a rima: "Pirapora da alegria".

São curiosas as alusões feitas às cidades e povoados ribeirinhos. Explicou-me o mestre de bordo, Anísio, que a lordeza de Joazeiro se refere ao hábito da gente da cidade que é "tudo um pessoal lorde", elegante; a nobreza de Sentocé está relacionada com a família Alves que é composta de gente nobre. Quanto à Barra a referência a barão alude ao tradutor da Divina Comédia, o Barão de Vila da Barra, e a explicativa de que "só dá ladrão" é mais longa; resume-se, porém, nos roubos de que eram vítimas os barqueiros que pousavam naquela cidade. "Paga imposto em Jacaré", já pertence à história, pois que atualmente o imposto é pago em Malhada, considerada como divisa entre os estados da Baía e Minas. Atualmente muitas cidades não têm mais o nome consignado nos versos: Jacaré passou a Itacarambí, Urubú a Rio Branco, Bom Jardim a Jardinópolis. Lapa é uma cidade pobre e de pobres, vive quase que só do movimento dos romeiros que ali vão ter anualmente, em multidão, na época das festas: "triste do povo da Lapa, se não fosse o Bom Jesus".

A RELIGIÃO

A religião sertaneja não obriga à freqüência dominical nas igrejas nem a uma assistência espiritual constante, a uma íntima colaboração entre padres e fiéis. Nem seria possível naqueles desertos.

Houve por isso uma seleção de cerimônias capitais, pontos obrigatórios de passagem no itinerário católico dos caboclos por este vale de lágrimas, uma religião triangular definida pelo batismo, casamento, extrema unção. Desde que no momento preciso se realize o contacto obrigatório, os caminhos entre êsses pontos podem ser retos ou sinuosos, picadas ou estradas reais, percorridos à vontade de cada um. A maioria enxerta a religião com práticas supersticiosas de simpatias e benzeduras; a chave do sacrário é um santo remédio contra a hidrofobia, as roças são benzidas contra gafanhotos e também o rasto dos animais abichados. As manifestações de fanatismo religioso, os misticismos coletivos não demonstram a favor de uma fé arraigada, apenas encontram nos evangelhos o material que convém à expansão da sua natureza delirante. Em Pedra Bonita o que reuniu fiéis foi o sebastianismo. Pretendiam desencantar o reino do monarca luso. Quando o rei aparecesse traria consigo os seus tesouros e milagrosamente "os velhos ressuscitariam moços, os pretos alvos como a lua e todos ricos, imortais e poderosos". (1).

A religião doméstica consiste nas resas, diante dos oratórios com registos de santos, ao lado, muitas vezes, dos retratos e medalhas do "meu padrinho" Cícero e também, escritas em garanchos, quase indecifráveis, as orações para fechar o corpo contra ponta de faca e bala de garrucha.

(1) Pereira da Costa.

Compreende-se o prestígio das três cerimônias referidas. Pagão é uma ofensa quase tão grave como judeu, assassino de Nosso Senhor. Quanto mais cedo se limpa a mancha original, melhor. Isso porque um pagão jamais entrará no céu e a alma dos meninos que morrem sem batismo aparece chorando, na hora da meia noite, assombrando as pessoas. Antigamente, aqui mesmo na terra, o pagão já começava a sua desventura e era enterrado ao lado de fora dos cemitérios, numa distinção de ossadas que correspondia a uma separação de almas no além.

Pode-se imaginar a preocupação dos pais, arrepiando-se apenas em pensar que um inocente poderá ficar eternamente no limbo, onde nunca mais verá um parente, só pela falta de um pouco de água benta.

Numa região onde as crianças morrem demais, com igrejas distantes e padres em número reduzido, o problema do batismo teria de buscar uma solução capaz de sossegar os corações maternos e surgiram então as pessoas que sabem batizar crianças em perigo de vida, pronunciando as palavras que conferem à água a virtude de lavar a mácula original.

Eis a cena:

"O leite esquichava e caindo na bôca da criança descia à garganta onde ficava sem poder mais ser engulido a gargarejar, movido pelo ar que saía dos pulmões.

— Já fez o primeiro termo, Manoel, batiza-o disse Josefa.

— Com que água?

— A da borracha.

— Está sêca.

— Sêca?!

Freitas estava embaraçado. A teologia não havia previsto aquêle caso. Católico, apóstólico, romano, sem água, teria de deixar aquela alma ir para o limbo.

— O segundo termo, Manoel!

— E água, minha mulher? . . .

— Nesta casa havia gente, deve haver água lá por dentro.

Freitas, tomando um tição, vai ao interior da casa. Percorre todos os aposentos e encontra um pote debaixo da cama da defunta. Lança mão dêle com sofreguidão, estava vasio. Apenas no fundo uma camada de lama. Leva-o assim mesmo à sala e, enchendo a mão daquela papa de argila, besunta a cabeça da criança,

proferindo em latim as palavras sacramentais. Ao terceiro termo anunciado por Josefa o pequenino deixou de existir". (1).

Entretanto, se o menino melhora e não morre dessa vez é necessário confirmar o batismo na igreja, do mesmo modo que os casamentos celebrados em noites de S. João, de mãos dadas junto da fogueira.

Sòmente a extrema unção é válida para sempre. Não há outro remédio senão aceitar como definitivamente válido o cerimonial dos que ajudam o semelhante a morrer. Ajudar a morrer também exige conhecimentos especiais, palavras e atos que equivalem a um verdadeiro ritual, em que a vela — uma luz qualquer enfim — deve ser posta na mão do moribundo, para alumiá-lo o caminho escuro da morte.

A hora final é sempre solene para o sertanejo. Nos versos populares os bois famosos escolhem o momento supremo para contar a sua história e se despedirem dos lugares queridos; os cangaceiros, como Rio Preto e Lampeão, pedem misericórdia — que os deixem viver um pouco mais — não por medo, mas para que possam confessar os seus pecados.

Nem sempre é verdade o que referem os cantadores, porém interpretam um sentimento geral da sua gente, visto como os cangaceiros não são hereges. Possuem uma religião à sua moda, capaz de fazer Lampeão entrar no Joazeiro do Padre Cícero, respeitosamente, humilde como qualquer romeiro. E ao decantá-lhe as bravatas, os tropeiros jamais se esquecem de acentuar que as balas do seu rifle só respeitam o "meu padrinho".

O Cabeleira vai ter, um dia, ao local onde assassinara de tocaia um velhinho e êste lhe aparece em forma de assombração, apavorado-o, mas o cangaceiro se ajoelha, resa um Creio-em-Deus-Padre e se ergue de alma leve, perdoado de seus crimes, readquirindo quase a inocência.

Não é possível chamar a isto de catolicismo, tais são as deformações e acréscimos que sofrem a religião pregada pelos sacerdotes.

Êstes aliás não primam por uma ação constante junto dos fiéis, e, muitas vezes, são estrangeiros, incapazes de compreender aquelas almas rústicas por demais, ou esmorecem no fervor apostólico ante a pressão do meio. Não é qualquer que pode ser padre num ambiente de miséria, amando-o como queria Jesus.

(1) Rodolfo Teófilo.

O mais comum é que o padre se limite a satisfazer a tríplice premência dos caboclos, batizando, casando, ungindo. Registamos apenas, sem inventar ou crescer. Repetimos, talvez, o que foi dito por outros que, como nós, percorreram aquelas regiões.

Os casamentos e confirmações de casamentos se fazem em massa, atabalhoadamente, conta-se até de batizados feitos no rumo, sem a presença do pagão, numa quase reprodução da benzedura no rastro, usado para as reses abichadas.

Copio um trecho do meu diário de viagem: "Na igreja da cidade de S. Francisco há um batizado coletivo. As madrinhas com os afilhados no colo, quase todos novinhos, se dispõem numa circunferência, junto da porta principal, enquanto o padre resa, uma vez só por todos, e, depois, toca rapidamente na cabeça de cada criança. É um holandês alegre e rosado que não se perturba com a desafinação do choro dos novos cristãos, pondo a bôca no mundo em todos os tons e timbres, exprimindo uma animalidade que não está longe do mugido e do balido.

Encerrada a primeira parte, o padre se recolhe a um canto, isolado por uma grade baixa, no interior do qual se acha a pia batismal, e comanda enérgico: Um por um.

Mansamente, um pouco temerosas vão chegando as madrinhas, caboclas de grandes olhos assustados, mulatas com roupa de festa e uma rodela na face, em que o vermelho da pintura se faz violeta pela superposição na pele escura. Acompanham-nas os padrinhos, rodando o chapéu na mão, canhestros, respondendo com um tímido fio de voz à indagação ritual do padre sobre o nome dos afilhados: Maria, Hilda, Josefa, Maria, Maria, Maurício, Anjo, segundo a madrinha, mas corrigido em tempo pelo padrinho, Ângelo.

Tôdas as côres intermediárias entre o branco e o preto da pele humana, com interferências de vermelho e até de roxo, desfilam com aquelas dezesseis cabecinhas, sobre as quais o padre despeja cerca de duzentas e cinqüenta gramas d'água. Água do S. Francisco, escura, barrenta das primeiras chuvas, porém purificadora de pecados, como a do Jordão.

Nicoláu é um pouco crescido e por isso chora mais alto que os outros, o que parece alterar um pouco o humor do padre e êste, rudemente, chama a atenção da madrinha, para que ponha o menino de nariz para cima, recomendando ao padrinho que coloque a mão direita sobre o peito de Nicoláu. No carinhoso desejo de batizar do melhor modo possível, o padrinho co-

loca logo as duas mãos e leva um pito: — Só a mão direita, já disse, seu Alfredo.

E seu Alfredo retira a esquerda, mas parece que, de vergonha ou porque todos olharam, a mão aparece enorme, calosa, de unhas quadradas e sujas.

Mas já terminou a aspersão (duzentas e cinqüenta gramas em jorro) e nova formatura circular para prosseguimento da cerimônia com redobrado pranto da criançada, em balidos graves e agudos, trêmulos ou bitonais, numa recepção ao padre que deixou o cercado e se pôs de novo no centro da formatura. Sentimos então tôda a fôrça da imagem, do rebanho e do pastor da cristandade, porque, Deus que me perdoe, mas era igualzinho um lote de bezerros.

Com padres ou sem padres, o misticismo no sertão é natural e espontâneo, impregnado de um sentimento bíblico que se aproxima muito mais do velho testamento que dos evangelhos. Numa terra agreste, de vida difícil e áspera, era natural essa preferência por um Deus vingador e trovejante, castigando o seu povo, muito diverso daquele Jesus bondoso e até lírico da narrativa de S. João. O folqueloire está cheio de Lusbel, Deus de Israel, Rei Salomão e há mesmo muitos nomes de locais, como Gilbóis, soando feito língua tapuia e que são designações da Bíblia.

Agradam-se do tom misterioso das profecias, o Dragão do Apocalipse é símolo de fera, de espírito do mal, e freqüente nas comparações sertanejas. Compare-se o palavreado de Canudos: "Deus disse no Evangelho: — Eu tenho um rebanho que anda fora do aprisco e é preciso que se reünam, porque há um só pastor e um só rebanho" com as profecias de frei Vidal que falava numa pendência que começaria no sertão e iria "acabar na pancada do mar" e ainda os versos do poeta Ferro, rimando "As profecias do Grande sábio Francês de 1943 até 1950" em que termina depois de anunciar muitas desgraças:

Haverá um só rebanho
Do Pastor da criação
Todos os povos respeitam
A cristã religião.

Enfim Euclides da Cunha tratou largamente do assunto e é natural o nosso acanhamento em tratar da mesma coisa, depois de Euclides.

Dois pontos de peregrinação existem na região, e do Bom Jesus do Matosinhos, em Congonhas de Campos, nas terras do Paraopeba e o Bom Jesus da Lapa, no médio S. Francisco. Poderíamos acrescentar o Joazeiro do Padre Cícero, muito distante do vale, exercendo, porém, acentuada influência sobre as populações do mesmo. O mais célebre e talvez o mais antigo é o Bom Jesus da Lapa.

Quando houve a corrida para as minas já os forasteiros costumavam implorar ao Bom-Jesus que os favorecesse na garimpage do ouro. E o número era tão grande que Frei Francisco da Soledade pedia ao govêrno um lote de terras, para melhor poder atender os peregrinos que buscavam o templo.

Construída no interior de uma gruta, escavada em um cêrro solitário, a igreja possui todos os requisitos para despertar o misticismo de um povo já de si propenso a essas manifestações.

E verdadeiramente o aspecto da gruta é impressionante na sua beleza natural, com uma abertura que dá para fora, espécie de janela aberta no paredão a pique do cêrro, em cuja base coleia um braço do S. Francisco. Consegue mesmo vencer o mau gôsto das estalactites coladas a cimento, grosseiramente, no céu da gruta e o espetáculo confrangedor de miséria física dos mendigos e doentes que enxameiam nos arredores. Em 1926 andava eu no Esquadrão de um Regimento, constituído na sua maioria de mineiros, quando visitamos a igreja do Bom-Jesus e a impressão causada nesses soldados foi tão funda que jamais uma cidade os viu tão comportados e silenciosos, deixando mesmo de cantar aquelas modas caipiras, tão do agrado dos sertanejos de Minas.

O número de lendas que descrevem a história da fundação do templo é muito grande e, ora são vaqueiros que encontram a imagem, ora são crianças, mas se sabe, hoje, que o seu fundador se chamou Francisco de Mendonça Mar, que mais tarde se tornou Frei Francisco da Soledade e a história destes acontecimentos pode ser lida, com proveito, no trabalho do padre Turíbio Vilanova Segura, capelão do Santuário (S. Paulo, 1937) autor também de um piedoso folheto das "Graças, Favores e Misericórdias do Bom Jesus da Lapa". (Baía, 1937).

Conta a tradição que o monge está enterrado dentro da igreja e há mesmo uma reentrância, à esquerda do altar-mor, onde uma cruz em alto relêvo assinala o chão onde "foi sepultado, segundo a tradição, o Padre Francisco da Soledade, sacerdote secular que trouxe a milagrosa imagem do BOM-JESUS a esta lapa e nela viveu em oração e penitência. Descance em paz". É a cova do

monge, e a poeira de calcáreo obtida em raspagens, possui virtudes milagrosas para o povo.

As romarias anuais constituem espetáculo muito descrito e sempre repetido com o mesmo fervor pelos sartanejos que vêm de Mato Grosso, de Goiaz, de todos os sertões do Brasil. Uma das mais célebres foi a dos negros, depois da lei de treze de Maio. Chegaram ao cêrro da lapa em junho de 1888, em multidão que demorou oito dias na vila "cantando benditos religiosos, dando vivas ao Gabinete João Alfredo, tocando maracxás (sic) tambores, pandeiros, cabaças com milho, etc.". Padre Turíbio ainda acrescenta a curiosa informação que obteve de Frei Tomaz, segundo o qual "o Bom-Jesus é conhecido entre os negros da Baía pelo nome de **Lenimbá Furamé**, na gíria dos candonbleseiros do culto feticista. E' venerado sôbre a forma de pedra".

O rio está cheio de milagres do Bom-Jesus, o sertão todo. Um ladrão protestante que resolveu roubar a igreja, por mais esforço que fizesse não conseguiu aproximar-se do cofre das esmolas, foi prêso e se converteu mais tarde, notando-se que por essa ocasião, um dos que procuravam prendê-lo, foi vítima acidental de um ferimento no ventre e, apesar dos sintomas graves de perfuração do intestino, salvou-se por milagre. Um menino de meses caiu da janela da gruta nas águas do S. Francisco e não afundou, antes ficou sentadinho, brincando com as águas até que veio uma canoa para o tomar. E' vários outros casos de autênticos milagres e misericórdias.

Também os caboclos que não podem ir até Bom-Jesus da Lapa, colocam as suas oferendas em cabaças que largam de rio abaixo e estas vão ter ao seu destino, havendo ficado célebre uma enviada por um italiano com uma carta e sete mil e seiscentos em dinheiro e que, numa violação geográfica, foi posta no rio Sapucaí, da bacia do Paraná. Pois andou de mão em mão até ser lançada no S. Francisco e foi descendo, descendo, quando, ao passar em frente ao templo, derivou pelo braço que vai ao pé do santuário sendo apanhada.

Seja como for, o Bom Jesus da Lapa é um traço de idealismo e um fator de resignação para uma gente que tanto precisa dessas virtudes. O padre Turíbio fala que o Bom Jesus se "perdoa nesta vida é para castigar na eternidade" e que êle "tem um chicote comprido que, quando quer, a todos alcança". Não creio. E não creio porque, se S. Francisco é o amigo do rio, o do povo é o Bom Jesus.

Existe impresso em folheto um A B C que é vendido na igreja e conta a história do ladrão que quis roubar a imagem sagrada. O

poema é fraquíssimo como técnica de versificação popular e a imagística de uma pobreza pouco comum, notando-se mesmo que a pouca instrução que o autor adquiriu lhe foi fatal, tirando-lhe a saborosa espontaneidade dos tropeiros rústicos, sem que lhe desse recursos para fugir a um prosaísmo incurável. Um meio termo incolor e sem graça que incluímos, apenas, a título de documento. De certo que muito aquém do merecimento do assunto.

A-B-C

de um ladrão que quis furtar a milagrosa imagem do BOM JESUS DA LAPA

Agora quero contar
o A B C de um ladrão
Agostinho Lopes Cruz
homem alto, grosso forte
e chauffeur de profissão

Com atrevimento grande
Agostinho Lopes Cruz
ficou oculto uma noite
na Gruta do Bom Jesus
A alma do gatuno estava
como a gruta em trevas, sem luz

Bem falavam os antigos
Que isto tinha que se dar
deixar de ser bom católico
é os roubos aumentar;
homem sem fé verdadeira
barco sem leme no mar.

Deus-Padre o consentiu
para a glória de seu filho
do milagroso Bom-Jesus
mostrar o poder divino,
não deixando ao ladrão roubar
e dar-lhe depois castigo.

Era perversa intenção
do protestante malvado
queimar e incendiar a Gruta
depois de tudo roubado
quebrar as demais imagens...
furtar Bom Jesus amado

Já são diferentes
que se atenta a "estripolia"
de roubar ao Bom Jesus
e acabar a romaria;
Mas Deus não o querendo
mete o ladrão na enxovia

Foi assim que aconteceu
na última noite de agosto
— mil novecentos e trinta e três —
em que com grande alvoroço
perto da Cova do Monge
foi prêsô o malvado moço

Quilos de ouro merece
Bom Jesus da Lapa amado
pelos milagres e graça
que espalha por todo lado
mas de inveja os protestantes
raivam como condenados

Grande demais foi o alarme
de toda a população
Todos, homens e mulheres
linchar querem o ladrão
mas evitou a polícia
levando-o logo à prisão.

Luteranos com carinho
quero vos aconselhar
que largueis a vida de erros
e venhais vos confessar.
Si antes não abríis os olhos
na morte de vós que será?

Havia outrora mais fé
e a gente não tinha coragem
de roubar na santa igreja
e menos queimar imagens,
mas agora há protestantes...
com mais ódio que os selvagens

Inimigos da religião
inimigos da nossa glória
inimigo da Mãe de Deus
como cobras mordem a igreja
mas nunca terão vitória

Outro milagre aquêle dia
o Bom Jesus praticou
salvando da morte certa
ao rapaz que o ladrão descobriu:
ferido com bala no ventre
nem a menor dor sentiu

Para que o povo os conheça
autores foram da prisão
o bom padre Vila Nova
o gaúcho Napoleão
o cabo com dois soldados
Nenê Barroso e o sacristão.

Quem não queira acreditar
por não ser coisa ordinária
peça ao zelador da Gruta
lhe mostre como lembrança
do gatuno a ferramenta
para sua traficância.

Rezemos cristãos rezemos
pela firme conversão
de todos os protestantes
que vivem sem confissão
e desde o falso Lutero
seguem falsa religião.

Sem vosso poder divino
Senhor Bom Jesus da Lapa
teria o ladrão furtado
vossa imagem sacrosanta
Graças vos dão os romeiros
por impedir desgraça tanta

Zombar, zangar e zurrar pode
a impiedade quanto queira
o Brasil será católico
filho da Fé verdadeira,
devoto do Bom Jesus
e de sua Santa Igreja.

Magna prova o Bom Jesus
da Lapa deu de poder
quando o ladrão ia aos cofres
fazer-lhe retroceder
e dar-lhe grandes remorsos
que lhe fazia tremer

Não pode furtar os dinheiros
menos Bom Jesus amado
uma grande força oculta
o afastava amedrontado
e andando ficou na gruta
meio louco e espantado.

Tinha o ladrão muita força
um saco grande e pijama
lenha fósforos e um ferro
alicate e lima larga
e como bom protestante
ódio tinha em sua alma.

Uma, duas e três horas
estive dentro da igreja
sem poder de nenhum modo
realizar sua idéia
e quem pensava apanhar
foi apanhado à cadeia.

Viva o Bom Jesus da Lapa!
Viva sua romaria
Vivam os filhos de Minas
De S. Paulo, da Baía
e de todos os estados
A honrar-lhe mais cada dia

Xadrez é meio excelente
para castigar culpados
Desde lá escreveu o ladrão
um escrito bem pensado
ao Bom Jesus pedindo humilde
perdão pelo seu pecado.

Ipiranga é nome heróico
da história do Brasil
e o Bom Jesus da Lapa
honrado em todo o país
porque espalha a mãos cheias
milagres e graças mil.

Til e tel e tul e tal
é letra de pontuação
Morrão todos os gatunos
Viva nossa religião
Viva o Bom Jesus da Lapa
e os que lhe têm devoção.

A POESIA POPULAR

Estamos falando de sêcas no sertão e o caboclo me conta que, desta sêca de agora, já saiu um ABC contando todas as desgraças, por miúdo. Os versos têm tanta tristeza que, se uma pessoa não tiver a natureza forte, não lê até o fim. A pobreza está se arrazando e os que vêm até o S. Francisco dizem que a realidade é mais triste que o ABC que saiu no Joazeiro do Ceará. E, como eu perguntasse porque viera o ABC de uma região que não é atingida pela sêca, êle me esclarece que desta cidade vem quase toda a poesia escrita que corre na região, resumindo numa frase:

— Se no Joazeiro um homem leva um tombo de cavalo de manhã, meio dia já estão vendendo o ABC do caso.

A poesia ou melhor o ritmo dos versos desfruta de um prestígio enorme entre aquela gente. Fatos reais, sátiras, histórias de bichos, aventuras, tudo é apresentado em versos que correm mundo. Há caboclos de incrível memória que teem decorados milhares de versos.

Não existe feira de povoado — e isto se aplica a todo o sertão nordestino — que não tenha o seu comércio de folhetos de poesia popular. No próprio mercado do Ver-o-peso, em Belém do Pará, são encontrados em grande quantidade, dos quais, Umberto Peregrino, resumiu os mais interessantes, acrescentando-os de notas sôbre maneira de versejar e vocabulário. Há editores que fazem o comércio especializado desta mercadoria, como o Guajarina, em Belém do Pará, Folhetaria Silva e Tipografia S. Francisco, em Joazeiro do Ceará, Tipografia Nordeste, em Guarabira, Casa Ataíde, em Recife, Editora Popular, em João Pessoa, e uma outra, em Itabaiana, cujo nome não obtive.

Alguns dêsses poemas não trazem assinatura, são poemas sem dono, que qualquer um pode editar, porém é comum a indi-

cação do autor e certos, como João Ferreira Lima, estampam aviso na capa, em que previnem que o folheto "Está registrado no parágrafo único do Artigo 2.º do Código Civil Brasileiro" acrescentando que "Reservo o direito de propriedade mediante a lei do país de 17 de Janeiro de 1937".

O conteúdo dêstes folhetos constitue bom material de estudo e não deve ser confundido com a tolice e a imoralidade do analfabetismo pouco imaginativo das grandes cidades, produções que só contribuíram para esta sempreviva do lugar comum, a "literatura de cordel".

O material é de boa qualidade e, até certo ponto, leva vantagem sôbre o colhido na tradição oral, em que há sempre contribuição de quem decora. Só esta condição de fixidez é bastante para valorizá-los, além da fidelidade que pode ser comprovada no cotêjo com o material colhido diretamente pelos estudiosos, fato aliás assinalado por Umberto Peregrino para a versão de "Valente Garcia" da Guajarina e de Câmara Cascudo em "Vaqueiros e Cantadores".

Falo assim porque, de uma vez, já fui muito olhado pelo meu companheiro de bonde, quando me entristecia com os "Mártírios de Genoveva". Achei graça no espanto do homem, porém mais tarde voltou-me a tristeza, ao ler a mesma incompreensão em escritor que entende de História do Brasil. De histórias porém não entende.

Certamente que não vou analisar todo o material adquirido na região, o que requer muito tempo e mesmo estudos especializados que me faltam. Darei notícia, apenas de uma pequena coleção comprada em Joazeiro da Baía e originária da cidade cearense do Padre Cícero. Uma história de bichos, uma profecia, cinco narrativas de acontecimentos regionais e sete romances, histórias da carochinha. O número é significativo apenas por coincidência.

A história de bichos é a "**Intriga do Cachorro com o Gato**" de Abílio Gregório Gomes, explicando as razões da inimizade entre êsses animais.

O gato era dono de uma bodega e o cachorro soldado de polícia. Um dia êste recebe ordens do rei Leão para prender o preá que havia carregado a filha do compadre Cangambá além de já estar devendo a honra da filha do Seu Guará. Faz parada na bodega do gato para beber cachaça, bebe logo um cruzado de pinga, fiado. Conversa pucha conversa, o dono da bobega se entusiasmou e secaram três garrafas; o cachorro fez um discurso em inglês, a gata veio lá de dentro repreender o marido, mas

êste a repeliu com o ditado nordestino: Mulher da porta do meio prá lá.

Mais tarde a raposa chegou a saber do fato, extranhando que compadre gato fosse beber logo com "um safado sem respeito" e censurou:

— "Se seus amigos souberem, o senhor perde o conceito". Além disso o gato estava enganado, que o cachorro tinha dinheiro, até carregava sempre uma mochila de níqueis, comprando fiado por gôsto, vício de não pagar a ninguém.

Com esta o gato se resolveu a cobrar a dívida de qualquer jeito, empregando mesmo a fôrça, no que foi animado pela raposa com um particípio presente que vale ouro: — Sendo eu, disse a raposa, passava-lhe o granadeiro".

Assim, no primeiro encontro, o gato foi logo desautorando o cachorro:

— "Você paga o meu cruzado ou quer que eu pague um processo?"

O cachorro reagiu, houve troca de tiros, divertiram de punhal e a luta só terminou, com intervenção da preguiça, credenciada pelo rei Leão.

O curioso de notar nestes versos é uma tendência para o emprêgo de frases de duplo sentido, uma inclinação para a imoralidade que não é freqüente na poesia do sertão.

Muito diversa, "**A Terceira Profecia do Grande Sábio Francês de 1943 até 1950**". O folheto não traz indicação da editora e, bem assim, não consigo atinar com a identidade do grande sábio francês, mas o autor é L. Gomes de Albuquerque, Poeta Ferro. Coleciona um rol de desgraças que vão suceder e, como é natural, fala de invernos que serão regulares ou pobres, em agrestes, em lagartas que destróem lavouras. Mistura coisa de Almaque com reminiscências do Apocalipse, lidas, ouvidas dos truculentos pregadores. Nessa cadência vai contando que em 47 dominará Mercúrio, em 49 Saturno, depois de haver aparecido em 44 um sinal no sol e na lua em 45. . . O primeiro será o "quarto ai, a

quarta salva ou taça" que antecederá a peste, a fome e a desgraça. Sabe ser impreciso e vago, como convém a uma profecia, ao falar de uma rês que será morta na praça mas "por isto ou por aquilo, a metade ficará"; em mulheres que "de vinte e trinta andarão pelas cidades e serras em busca de um vó varão" que só será visível aos justos, ou ainda que haverá "pouco cabrito, pouco trigo e pouco gado, muita sala e pouca fala".

Finalmente virá o Anticristo, muitos nele crerão e, os que duvidarem, hão de morrer na guilhotina. Haverá ainda um papa falso, Roma será destruída para sempre e — coisa que ninguém podia esperar — "Etiópia e Abissínia, do México será cativa".

Afora êste sotaque bíblico há também nos versos um acento social. Segundo a profecia o rico pagará o que deve,

"Os ricos blasfemarão
Do Santo Nome de Deus
E dessa vez sofrerão
Uma chaga tão maldita
Se mordendo morrerão".

Mais tarde, grande parte do dinheiro ficará sem valor, os fazendeiros terão os lares invadidos por homens que nunca foram bandidos. "Mas a fome obriga êles se tornarem destemidos". Acabarão as festas profanas, as sedas, o luxo e o caboclo terá realizado o seu mais alto sonho: — "Não haverá mais leis para a terra se arrendar".

Os fatos que dão que falar também são comentados em versos com o "**Incêndio de Rumo**" que narra como foram destruídos pelo fogo as casas dos garimpeiros que exploravam "uma mina de cristal", na Baía.

O tema é ingrato, que as descrições não constituem o forte da poesia do povo, e muito se tem acentuado a ausência de paisagem na lira dos troveiros. Já Bernardo da Silva, começa contando como foi descoberto e cresceu o Rumo, até a noite fatal de 8 de Fevereiro em que:

"uma mão vertiginosa
Incendiou sua casa
Transformou o Rumo em Brasa
Esterilizou o terreno".

O incêndio, aí, fica descrito. Mais tarde o poeta dedicará mais uma estrofe ao fogo que "lastrou urgentemente aquela localidade":

"O fogo subiu de formas
Que com dez léguas se via
Muitos ficaram pensando
Que seria a luz do dia
Nas vizinhas regiões
Se ouvia detonações
Que a terra estremecia".

Cai então no seu elemento, contando o que aconteceu a cada qual, como agiu, os prejuízos que teve, como falou. O dono do cinema viu o seu negócio se reduzir a cinza, a geladeira, o automóvel Sedam. O empregado do armazem ficou de cueca e dependeu da caridade de um vizinho para angariar uma calça, mais infeliz ainda que Mestre Alfredo que "ficou apenas de calça, sem chapéu, descalço e liso" João Francisco de Lima passou ao pai, que se achava em Joazeiro, esta flor de telegrama:

Pai, volta aperriada
Barracão virou sorvete
Salvo eu e empregada
todo negócio queimou-se
dinheiro e roupa acabou-se
No Rumo não ficou nada".

E o poeta termina, consolando os garimpeiros com a lembrança da Providência Divina a quem pede para cada um, cem arrobas de cristal, "para com êste progresso, dá-me um mil réis no verso, preço muito natural".

De João Ferreira Lima há uma "**Discussão de Antônio Eugênio com Rufino Fonseca**" em que se contrapõem idéias do tempo passado e do tempo presente e ainda de Jé Bernardo "**A Morte de Lampeão**" que merece reparo, pois o tropeiro, mesmo depois da morte do cangaceiro toma cautela no que diz, esclarecendo que nunca foi ofendido por Lampeão e que êle era bom moço, explicando também o seu sentimento por essa morte, visto que perde um assunto para os seus versos. Cauteloso se previne contra alguma intriga, dirigindo-se aos policiais que terminaram com o bando de Lampeão:

"Agora peço desculpas
 A todos oficiais
 Escrevi todo o passado
 Não botei nada de mais
 A história aqui contada
 Foi justamente tirada
 Das notícias dos Jornais".

Ainda sôbre o famoso cangaceiro é a narração de "**Lampeão e a Velha**" de Manoel Tomaz de Assis, em que Lampeão havendo desonrado a filha de uma feiticeira, esta resolve a fazer um catimbo, a fim de prendê-lo, entregando-o a polícia. O bandido desconfia, porém, desviando-se do caminho onde a velha escondera a panela com o feitiço.

Descreve como foi preparado o catimbó. Numa sexta-feira pegou um gato preto, torceu-lhe o rabo, deu um nó, depois coseu os olhos de um sapo e "encrusou um sacatrapo na bôca de um caritó". Prosseguindo rezou o credo ao contrário, virou o cabeção ao avesso, fez um cruzeiro na testa e um sino Salomão, apanhou uma caranguejeira que dependurou por cima do fogão. Ainda pilou pimenta da costa, juntou casca de jurema preta e pôs tudo a cosinhar em uma panela onde acrescentou mais um dente de defunto, cuspe e uns cabelos que tirou de várias partes do corpo. Benzeu tudo com o calcanhar.

Vendo que o catimbó não fizera efeito, pediu o ajudório de Satanaz que enviou do inferno uns cabras de Antônio Silvino, a fim de combater Lampeão. Lutaram num tiroteio que foi o maior que já se viu no sertão, e ao cabo Lampeão ficou quase louco, mas não vencido.

"De fato que Lampeão
 Tem dado provas cabais
 Que pra luta é sem segundo
 Briga até com Satanaz
 Qualquer um que lhe tem tédio
 Porém não tem remédio
 Não faz o que ele faz".

O "**Mariquinha e José de Souza Leão**" de João Ferreira Lima possui uma edição em Recife e outra em Joazeiro do Ceará. O

moço José chega ao sertão de Pernambuco procurando "remir" a vida, fugindo de uma sêca braba. Arranja serviço na fazenda de um capitão que é uma fera em figura de gente e todos ficam temendo pela vida do rapaz. Mas José termina por abrandar o capitão e namorar-lhe a filha, com quem foge numa noite de lua, perseguido, desde logo, por um grupo de cangaceiros, mandados no seu rasto. No caminho mata uma onça à faca, vence os cangaceiros num combate arrasante, mata um caboclo que o traiu, vai chamar o padre para fazer o casamento. Nesse interim aparece o delegado que o interpela, mas José está com o diabo no couro, ameaça a autoridade com o granadeiro e o padre sai correndo sem querer o pagamento.

Volta finalmente o casal para a fazenda do capitão. José está disposto a matar ou morrer e fala com a noiva aterrorizada:

"(.....) Mariquinha
 Não queira se arrepender
 Quem vai ao campo de luta
 Perde o medo de morrer
 Eu brigo com um batalhão
 Mato até o capitão
 Me desgraço por você".

Por sua vez o pai da moça, quando deu fé que a filha havia fugido, deu tamanho urro:

Que o sobrado estremeceu
 Uma ama desmaiou
 Uma moça esmoreceu
 A negra ficou doente
 Tinha um leão na corrente
 Quebrou os ferros e correu".

José, porém, chega de repente, na hora em que o Capitão está tomando um cafezinho no terraço, salta do cavalo e lhe põe o granadeiro nos peitos:

"Bota a bênção em sua filha
 Me diga se bota ou não".

O Capitão disse que botava. Botou, a velha também, abraçaram-se, o Capitão dizendo: "Sois meu genro eu teu sogro, nas horas de Deus Amem".

Mais um detalhe: "Depois dêste final o poeta se lembrou que não havia dado os nomes dos personagens e organizou uma lista completa na última estrofe:

"Olivério de Vasconcelos
Era o nome do Capitão
A sua esposa Dalila,
Maria da Conceição,
Maria Nunes Clemente
Era a mulher do valente
José de Souza Leão.

Os romances populares podem ser divididos em dois tipos mais comuns. Um primeiro em que o mocinho herói é extraordinariamente inventivo, não há dificuldade que não supere, não há insídia que o vença e, um segundo tipo martirológico, em que a figura principal é uma mulher que não para de sofrer, de chorar, até o desfecho satisfatório.

Ao primeiro tipo, de herói cabra sarado, podem ser filiados **"O pavão Misterioso"** sem autor conhecido, a **"História do Pato Misterioso"** de Jé Bernardo da Silva, a **"História de João Jogador"** de Luiz da Costa Pinheiro, **"Branca de Neve e o Soldado Guerreiro"**, de Leandro Gomes de Barros.

Resumiremos o **"Pavão Misterioso"**: Na Turquia existiu um viuvo capitalista que tinha dois filhos, o mais velho João Batista e o mais novo Evangelista. Ao morrer, homem tão rico de tanto dinheiro e "bons possuidos", os filhos assumem a direção dos bens "na mais completa união". João Batista, porém, resolve ir correr mundo, achando que ainda não havia gosado nada a sua fortuna e oferece os préstimos ao irmão. Evangelista pede-lhe que traga um objeto bonito, só para rapaz solteiro, ainda que isto custe dinheiro. E o irmão parte num pacote, passando cinco meses no Japão. Dalí passou à Grécia, divertiu-se muito e, quando já havia comprado "passagem de bordo", um grego o aconselhou que transferisse a viagem, pois que estava no tempo do maior acontecimento da terra. Este era o aparecimento de Creusa, filha de um conde "mais soberbo do que Nero", moça

que fôra criada "sem nunca ter passeado" e que, só de ano em ano, surgia na janela pelo espaço de uma hora, a fim de que o povo a aclamasse. O próprio conde se encarregava da sua educação e era proibido "pedir-se a mão dela em casamento".

João Batista ficou, viu o ajuntamento de povo e os fotógrafos que "se aveixaram", tirando o retrato da moça, e resolveu comprar um dêsse retratos, para levar de presente ao irmão. Êste se tomou de tanta paixão pela filha do conde que dividiu a fortuna com o irmão e se embarcou para a Grécia, onde esperou oito meses até que a jovem se mostrasse. Depois de vê-la deu por determinado que se cásaria com ela. Saiu então indagando da existência de algum artista na terra e conseguiu a informação de um jornalista, o qual o levou ao Dr. Edmundo — engenheiro profundo, para inventar maquinismo é êle o maior do mundo".

Evangelista chega à presença do Dr. Edmundo, conta o seu segredo e êste lhe declara que precisa trabalhar seis meses no seu invento, ao fim dos quais aceitará a recompensa, prometida pelo moço apaixonado.

E terminados os seis meses havia construído um aeroplano".

De pequena dimensão
Fabricado de alumínio
Com importante armação
Tinha cauda como leque
As asas como pavão
Pescoço, cabeça e bico
Lavanca, chave e botão
Voava igual ao vento
Para qualquer direção.

Experimentaram o aparelho e "o monstro girou suspenso, maneira como um balão". O Dr. Edmundo fez prêço de cem contos para o invento, perguntando si acha muito, mas o rapaz era mão aberta: — "acho pouco, dou duzentos". Aliás a generosidade era de família, pois também, João Batista, ao comprar o retrato por um conto de réis disse ao fotógrafo que "comprava até por dez" — "Se o dinheiro fosse pouco, empregaria os anéis".

De quebra o Dr. Edmundo deu a Evangelista uma "serra azougada que serrava caibro e ripa e não fazia zoada, tinha os pentes de navalha, de gume bem afiada".

Ainda mais:

Deu um lenço enigmático
Que quando Creusa gritava,
Chamando pelo pai dela
Então o moço passava
Êle no nariz da moça
Com isto ela desmaiava".

Bem aparelhado, Evangelista esperou a meia noite e, trepado no pavão, aterrisou na cumieira da casa do conde levantou cinco telhas, abriu um buraco de dois palmos, serrou caibros e ripas e desceu no quarto da donzela que dormia debaixo de um cortinado de seda amarela. Colocou a mão na testa de Creusa que acordou assustada, chamando pelo pai, obrigando Evangelista a fugir, mas ainda com tempo de lhe propor casamento. Quando o conde aparece de espada em punho não vê nada, pois Evangelista tapara o buraco e deixara tudo no mesmo lugar. Indagando da filha esta soube dizer, apenas, que não vira como o rapaz se encantara, "porque deu-me um passamento". Efeitos do lenço enigmático.

Na seguinte noite chega às duas da madrugada, desce igual, pega nas mãos da donzela, propõe casamento, diz que é rapaz sério, mas a pequena não pode crêr que êle tivesse entrado pelo teto e grita pelo pai. Nova procura infrutífera, porém o conde, meio desconfiado, ensina à filha que passe uma banha amarela no cabelo do rapaz, da primeira vez que êle apareça.

Só depois de sessenta dias Evangelista apareceu "alta noite em nevoeiro" acordou a amada, sentou-se "pôs-se a conversar com ela, trocando risos, esperava a resposta da donzela". Creusa que o atraira dizendo: "Se me amas com respeito, te senta perto de mim", aproveita-se para passar a banha amarela e rompe aos gritos. Lenço em ação, pronto desmaio.

Saiu então a polícia a tirar o chapéu de todo mundo e no momento em que Evangelista se encontrou com uma patrulha "o seu chapéu foi tirado viram o cabelo amarelo" gritaram: — "Esteja intimado".

A linguagem dos soldados é característica:

Os soldados lhe disseram:
— Cidadão não estremeça
Está prêso, a ordem do conde
E' melhor que não se cresça
Vai a presença do grande
Si é homem não esmoreça".

Como está pobremente vestido, pede permissão para mudar de roupa, a polícia consente, e assim êle sobe a uma palmeira, em cujo olho previamente escondera o pavão misterioso. Calca no botão, o aparelho se arma e sai voando, sem que ninguém perceba. Os soldados acabam se aborrecendo com a espera e mandam que desça: —

Deixe de tanta demora
E' bom que não aborreça
Senão com pouco uma bala
Visita sua cabeça...

Em casa a filha do conde se acaba de arrependimento, lastimando-se: "nunca mais terei sossêgo na minha vida". Revolta-se contra o pai: "Vivo como criminosa, sem gosar a mocidade".

Às quatro da madrugada o herói desce, como de costume, e acha Creusa acordada, a qual se ajoelha, desmanchada em prantos, a pedir perdão:

"O rapaz disse — Menina
A mim não fizeste mal
Toda moça é inocente
Tem seu papel virginal
Cerimônia de donzela
E' uma coisa natural".

Estão combinando de fugir, na hora em que aparece o conde e maltrata a filha com um pontapé, enquanto Evangelista usa o lenço.

Ouviu-se o baque do conde
Porque rolou desmaiado
A última cena do lenço
Que deixou magnetizado...

Três léguas acima do chão, vai o pavão misterioso com os lugitivos, e aqui na terra, fala um soldado:

"O orgulho é uma ilusão
Um pai governa uma filha
Porém o coração, não".

Do tipo martirológico, um modelo característico são "**Os martírios de Genoveva**" de Leandro Gomes de Barros. Trata-se da lenda de Genoveva de Brabant, que a erudição de dicionário diz que foi divulgada pela primeira vez na "Legenda Dourada" de J. Voragine e o poeta possui bibliografia registada nos "Vaqueiros e Cantadores".

A versão sertaneja conserva em suas linhas gerais e estrutura primitiva e, nota-se mesmo que houve influência de leitura, em certas palavras e frases de pouca extração naquele meio, como corsa, lobos, noite de outono, e pelo marido de Genoveva, grafado curiosamente com pronuncia alemã, Sigfroi. Entretanto podem ser percebidos os sinais de naturalização da lenda, pela introdução de elementos caracteristicamente regionais. O caso se passa na Alemanha onde vivem os pais de Genoveva, pessoas caridosas e de bem. Esta desde o nascimento é o modelo das meninas benza-te Deus, dessas de formosura e engenho, modesta, cortez, religiosa. Usava louros cabelos "soltos em cima dos ombros", era o anjo consolador dos aflitos, o exemplo das filhas.

"Parecia ser um anjo
Das regiões divinais
Que tinha baixado à terra
Para exemplo dos mortais".

Genoveva já era mocinha, no tempo em que seu pai tomou parte em uma batalha e esteve morre não morre nas mãos do inimigo, quando o conde Sigfroi, "cavalheiro rijo e forte" o salvou. Em sinal de agradecimento o duque "convidou-o a sua casa e deu-lhe a filha em casamento". Genoveva, obediente, responde à consulta do noivo: — "Por mim nada direi mais, só sinto me separar de meus extremosos pais".

Casamento com muita festa, despedida com muitas lágrimas, dos pais e do povo. A mãe pouco disse, porquanto "os soluços maternais estavam lhe privando a fala", mas o duque tem longas frases.

"O duque abraçou a filha
Chorando disse-lhe: Adeus
Leva êstes meus soluços
Em companhia dos teus
E deixa teus sentimentos
Para acrescentarem os meus".

A duquesa recupera finalmente a voz e se inquieta pelo futuro da filha:

"Adeus minha filha adorada
Consolo das minhas máguas
Nesta vida amargurada
Não sei qual a tua sorte
Longe de mim separada
Tenho maus pressentimentos
Dentro do meu coração
Que um dia chorarás
Sem teres consolação
Deus queira que seja falsa
A minha imaginação".

Depois ainda, o bispo que fez o casamento, pronuncia frases misteriosas:

"Deus reserva para si
Imensa prosperidade
Mas não como muitos pensam
Deus é quem sabe a verdade
Q'as lágrimas renderão graças
Por essa felicidade.
Predizendo estas palavras
Com arrogância e energia
Fez todos os assistentes
Vacilarem o que seria
Nelas tinha um tal mistério
Que não se compreendia".

A chegada ao castelo do conde, nas margens do Reno, foi triunfal e a beleza e a bondade de Genoveva tomaram conta de todos. Foi logo perguntando pelo nome e pela idade das crianças, falou a todo mundo com tal afabilidade que não parecia chegada e pouco, mas "como quem a tempo fosse visinha daquela gente".

Aquelas margens do Reno até parecem ribeiras do S. Francisco, pelo menos, os problemas são os mesmos. Por isso Genoveva pede ao conde que aumente o ordenado de "todos os súditos até o menor criado" roga-lhe que diminua o imposto "que andava demasiado", implora, com lágrimas, que ampare os desvalidos, favoreça os atribulados, console os oprimidos a fim de que ambos sejam escolhidos por Deus. O povo os abençoa como-

vidamente e até os velhos desejam ser moços para servi-los. Impossível que durasse tanta ventura.

"Também a felicidade
É como um véu de fumaça
Só se demora um instante
Enquanto o vento não passa".

E o vento passou, arrastado também o conde para uma guerra. Na véspera da partida a mulher levou tôda a noite "preparando o necessário (decerto a "matula" do conde), sem descansar um momento, e "no seu semblante se via as setas do sentimento" que também feriam o "coração do conde estremecido".

Quando os clarins "susteniram" êle partiu entregando-a a Golo, pessoa de confiança:

"Geneveva fica ai
Seja-lhe obediente
Confio em teu proceder
E seguiu rapidamente".

Em Golo estava o vilão. "Tinha um coração de fera, tornou-se lobo cruel, desacreditava em Deus, passou lição em Lusbel". E com poucos dias a acusou injustamente, ao mesmo tempo que passava a oprimir os pobres e a "tratar os velhos vassalos com modos descomedidos".

A acusação nasceu, porque Geneveva repeliu as suas propostas, escrevendo ao marido que êle

"um dia arrojou-se
Entrou no seu aposento
Querendo assim desonrá-la
Com todo atrevimento".

Antes que a pobre moça escrevesse ao marido fez êle, contando que ela o mandara assassinar por um dos seus amantes, indagando o que devia fazer, soprando em cima da mordedura: "Faz horror uma princesa tão boa tornar-se assim".

Enquanto esperava a resposta, que sabia ser uma sentença de morte, pois era conhecido que "o conde era muito violento

na primeira informação" mandou trancá-la numa enxovia, a "Torre dos Pecadores".

Ali esteve, a mísera, sôbre umas palhas, sem luz, bebendo pouco e comendo menos, pois "de alimento tinha água, de pão só tinha um pedaço". Enchia as horas com lamentações desesperadas, mas, recordando a profecia do Bispo, reconheceu a felicidade que Deus lhe havia reservado e o coração lhe disse: —

"Terás muito que sofrer
Mas Deus estará contigo
Para te favorecer".

Passaram-se meses, Golo oferecendo o perdão pela desonra, e ela resistindo, resistindo. Ainda mais que "sentiu no seu corpo os sinais da gravidez".

A criança nasceu ali mesmo na enxovia, Genoveva sòsinha, "sem outra senhora que fizesse o necessário", sem ter padre que batisasse o menino. Com "água natural batisou-o por Benoni, em nome de Deus, explicando ao recém-nascido a desgraça em que caíra:

"Tua pobre mãe não tem
Aqui nenhum alimento
Não tem camisa nem pano
Só nos meus braços te aquento
Aonde já não suportos
A congelação do vento".

Com a chegada do menino, a paciência do Golo se acaba, pela última vez lhe propõe a desonra, mas Genoveva está uma rocha:

"Antes mil vezes morrer
Genoveva disse assim
Do que consentir num ato
Que desmoraliza a mim
Desça o corpo à sepultura
Triunfe a honra no fim".

Na mesma noite uma mulher do povo lhe vem falar pelo respiradouro da prisão, dando conta de que a sentença foi lavrada e que os dois carrascos estão prontos para matá-la e ao

filho também. Se quizer poderá escrever uma carta, provando a sua inocência e ela se encarregará de levá-la ao conde.

A carta é chorosa terminando por um verso tão definitivo que é uma sombra de mangueira sôbre os pésinhos de araquá que vieram antes.

"Amado e querido esposo
Brevemente tu terás
Certeza do que se deu
Então te arrependerás
São estas as últimas linhas
Que de mim receberás.

Perante Deus eu confesso
Que vou morrer inocente
Só de ti levo saudades
E vos perdôo a sentença
Que me deste cruelmente

E' sôbre estas pedras úmidas
E os ladrilhos gelados
Que te escrevo estas linhas
Vendo meus dias findados
Quando voltares encontras
Meus ossos em terra tornados

Mandaste matar teu filho
o fruto do nosso amor
êle não sabe porque
Vai passar por esta dôr
Golo o teu intendente
De tudo isto é causador

Vou comparecer com Deus
No seu justo tribunal
Aonde a sentença é reta
Na vida espiritual
Lá só se recebe o bem
Não se saboreia o mal

Enquanto a esta mulher
Que me faz a caridade
De te entregar esta carta
Com toda fidelidade
Não deixe ela passar
Nenhuma necessidade

Não posso crer que tu és
Digno de tanta vileza
Condenar uma inocente
Sem ter a plena certeza
Da origem dos seus crimes
Sem ouvir dela a defesa

Não mandes matar o Golo
Perdoa êste desgraçado
E' bastante que êle fique
Prêso depois de julgado
Por minha causa não quero
Ver seu sangue derramado

Só mesmo teu intendente
Te arranjou tal perigo
Não cometas desespero
Faz assim como eu te digo
Procura calma precisa
Não mates teu inimigo

Perdôo também os dois homens
Que mandaste dar-me fim
Se êles não fossem obrigados
Jamais fariam assim
Eram capaz de morrer
Perderem a vida por vim.

Pede a Deus que abrande a fúria
Da tua ação sanguinária
Por meio de ações divinas
E orações necessárias
Terás absolvição
Desta falta involuntária.

Adeus meu querido esposo
Vou pra eterna morada
Aceite ainda um abraço
De quem se vê despresada
Genoveva de Brabant
Que já foi não é mais nada".

A História continua com Genoveva, que, ao ver que lhe matam o filho, discute com os carrascos em termos de Inês de Castro. A cena é tão dramática que o poeta gravou muita coisa da leitura e chega a descrever o ambiente, coisa incomum na técnica dos tropeiros:

“Era uma noite de outono
Um vento forte soprava
Fazia bastante frio
A ventania aumentava
Resplandecia as estrêlas
A lua um pouco baixava”.

E por diante se vê que a dialética de Genoveva é mais vencedora que a de Inês de Castro, visto como os carrascos dão um jeito, matando um cachorro e levando os olhos dêste como prova do degolamento.

A pobre condessa penetra num bosque horrendo, “montanhoso sem segundo” e se acolhe em uma “furna cavernosa” comendo frutas, mastigando raises para o pequeno que só falta morrer de tanta fome. Logo porém aparece uma corsa de ubre cheio, mansinha, só faltando pedir que o menino mame.

“Foi ver se ela aceitava
O filho mamar no peito
Só faltava ela vir dizer:
— Póde mamar que eu aceito
Mamou à satisfação
A corsa mesmo deu jeito”.

Da casca de frutas Genoveva faz cuias, arranja uma pele de carneiro para substituir o vestido.

Aqui o poeta diz que “Tratemos também do conde e do seu mau procedimento”. Assim é que o conde tem notícia da falsidade da acusação e regressa ao castelo, encontrando no quarto da mulher as cartas que ela lhe escrevera. Fica desconsolado, tanto mais que não consegue descobrir nem a sepultura de Genoveva. Passa os dias “sempre taciturno, cheio de melancolia”.

Sòmente sete anos depois, numa caçada, ao acompanhar um cachorro que levantara uma corsa vai ter na “furna cavernosa” que era casa de Genoveva.

Não pode crer que a mulher esteja viva, e, pensando que seja o seu espírito, ajoelha-se e pede perdão de seus crimes. Porém Genoveva mostra um anel onde havia gravado o retrato do conde: "Enquanto eu for viva tu tens de seres lembrado". E' o fim.

"Nisto chegou o menino
Que ali presente não estava
Com umas frutas na mão
E raízes que cavava
Comendo com apetite
Era em que se sustentava.
Ficou bastante espantado
Em ver um homem vestido
Genoveva disse a êle
Venha cá meu filho querido
Este é o vosso pai
E de vossa mãe marido".

Há então o regresso de Genoveva, em carruagem ao lado do conde, muita festa e muita alegria

"E morreu já muito velhinha
Não me recordo a idade
Viu os netos de seus netos
Sem a menor novidade".

O exame da linguagem é dos mais interessantes, principalmente no que diz respeito com o emprêgo das preposições, em que, ao lado de fraseios de sabor clássico, à guisa de **"nada quero do benefício que fiz"**; **procurou saber daquilo; êle investiu ao gigante; por mim nada direi mais; precipitou-se em seus pés;** aparecem construções de um saboroso imprevisto como **desacreditava em deus; nunca tive vontade em casar-me com negro; aleijou dos dois pés e até dos olhos cegou"**.

Muitos significados, esquecidos no litoral, têm curso corrente nos sertões. O verbo botar surge em expressões como **botou o cavalo pelo lado do portão; botou lágrimas por êle e, termos**

hoje considerados eruditos, também se encontram com freqüência. Assim **cordura**, **render as armas**, **trilhar** no sentido de rastear, **bravura** como sinônimo de braveza (bravura do cavalo) voz **altiva**, por voz alta, **demorar** no sentido de esperar: **demore que já lhe digo**, **cavalaria** como lote de cavalos, também usado em marajó e o verbo **afracar** por afrouxar: **o cavalo afracou**.

O verbo conhecer no seu significado de convencer-se vem a cada momento: "**Conheceu** no mesmo instante **que a fera vinha descendo**; o velho **conhecendo que morria**; **conheceu que o general era covarde**; **vocês que disto conhecem**, tenham de mim piedade". A acepção de posse sexual, registada no dicionário de Moraes, não é muito encontrável, entretanto, em Marajó, cuja população é em grande parte de origem nordestina, êste é o sentido corrente do verbo. Quem vai a Marajó costuma sempre mexer com os vaqueiros perguntando-lhes com falsa ingenuidade: — Conhece aquí o nosso amigo?

— Os vaqueiros retrucam imediatamente, de olhos baixos, envergonhados: — Conheço não, enxergo êle.

O verbo remir, empregado hoje quase que só com referência e pecados ou a sócios remidos, está muito exemplificado na poesia popular. O rei não tinha **recursos para remir a nação**; Fazia justiça reta, **remia necessidade**: Veio para Pernambuco, **remir a vida** por lá; Jamais deixou de **remir quem estava necessitado**".

O assunto se presta a longas análises que não estão nos intuitos dêste trabalho, mas não deixarei de citar uma curiosa maneira de dizer que não consegui identificar. Em dois poetas diferentes, o que parece indicar uso comum, vem a expressão "**de per si**" com extranho significado. O namorado que combina a fuga com a namorada lhe diz que ficará "de per si e às sete horas da noite eu avisarei a tí" e no garimpo do Rumo chegava muita gente "**de per si** na ganância do dinheiro".

Ainda haveria muito que falar sôbre linguagem, vocabulário, como também da adptação de histórias exóticas ao ambiente sertanejo que pode ser notada no "**O Soldado e Branca de Neve**" em que o herói chega a uma **ipueira** e que, embora troiano, tem de lutar contra um **negro** e um **índio** para salvar a amada. A história do "**Pato Misterioso**" se passa em Berlim, mas o vapor é o **pacote Santa Rosa**. Na ilha "Nippon" onde se passa o caso de "**Marina e o Capitão do Navio**" o vapor se chama **Ubirajara** e o **presidente** é um **preto** que tem **pituim**, que dorme em **rede** e que ao saber da fuga de Mariana perde a cabeça:

Com estas vozes o preto
 Deu uns sopapos na rede
 Saiu e foi em um cântaro
 Tomou água sem ter sede
 Na volta quebrou a venta
 Na quina de uma parede.

Estas notas estão se estendendo por demais e quero terminar com uma rápida coletânea de conceitos ora curiosos, ora sentenciosos ou apenas interessantes.

Havia uma cousa nele
 Que recomendava-o bem
 Só passeava sósinho
 Não andava com ninguém
 Nem a outro companheiro
 Nunca tomou um vintém (1)

A força que o amor tem
 Não há quem possa vencer
 Dá coragem ao homem fraco
 Perde o medo de morrer
 Fica veloz como o vento
 Cria ferida por dentro
 Quem está fora não ver.

Colo ficou na masmorra
 Pra êle não teve jeito
 Nela morreu de desgosto
 Pagou o que tinha feito
 O traidor quando ganha
 Já tem perdido o direito (2)

Papai também era rico
 De Niphon era barão
 Morreu cego e aleijado
 Não nos deixou um tostão
 Por isso morrerei pobre
 Mas casar com negro não

Mesmo quem for prestar queixa
 Dos crimes de Lampeão
 Está cavando lageiro
 Com cavador de pinhão
 Faz foice de bananeira
 Para derrubar madeira
 Que dá pra fazer pilão

Seu pai morreu na pobreza
 Por ser um velho atrevido
 Você casa é com o negro
 Presidente garantido
 Cachorro vai beber sangue
 Mas você faz meu pedido. (4)

E' dar caldo a quem morreu
 Mandar doido fazer feira
 Botar suspensório em cobra
 Montar em caranguejeira
 Levar boi pra ouvir missa
 E' querer torrar linguiça
 Numa panela de cêra. (3)

A intriga é a mãe da raiva
 O mau pensamento é pai
 Da casa da mal querência
 O desmantelo não sai
 Enquanto a intriga rende
 A revolução não cai.

Nesta história se ver
 A força que o amor tem
 E Deus o quanto ajuda
 O homem que pensa bem
 Tendo força de vontade.
 Só a negra falsidade
 Nunca valeu a ninguém.

O Perú vendia milho
 Porco feijão e farinha
 Com um caixo de banana
 Mas tarde o macaco vinha
 Raposa também trazia
 Um garujau de galinha

Guariba vendia escovas
 Que fazia do bigode
 Urubú vendia goma
 Que tem de lavra e pode
 A onça sussuarana
 Vendia carne de bode (5).

Na feira se sela o queijo
 Sela a faca de cortar
 Sela a banca sela o dono
 Sela quem vier comprar,
 Chora o pobre fazendeiro
 Se não selar o vaqueiro
 Não poderá campear

Hoje em dia quem morrer
 Antes de ser sepultado
 Há de ir à Prefeitura
 Ao Cartório do Estado
 Vai a higiene retê-lo
 Tira o fígado e bota o selo
 Pra poder ser enterrado.

Cego pra pedir esmola
 Primeiro sela o guia
 Sela também a sacola
 Sela também a bacia...

Pra se dar água a galinha
 Tem que se selar o caco
 Todo velho tabaquista
 Sela caixa de tabaco
 Não tem que procurar meio
 Pra procurar um esteio
 Sela o pau e o buraco.

O barbeiro em sua loja
 Tem que selar a navalha
 Sela a mesa e a cadeira
 Tesoura pente e toalha
 O coletor por enrasco
 Sela sabão sela frasco
 Se não selar não trabalha. (6)

(1) — Branca de Neve e o Soldado Guerreiro, Leandro Gomes de Barros.
 (2) — Os Martírios de Genoveva, Leandro Gomes de Barros. (3) — Lampeão
 e a Velha, Manoel Tomaz de Assis. (4) — Mariana e o Capitão do Navio, Jé
 Bernardo da Silva. (5) — A Intriga do Cachorro com o Gato, Abílio Gre-
 gório Gomes. (6) — Os Sêlos de Hoje em Dias, Manoel Tomaz de Assis.

O ROMANCE DO RIO PRETO

Martin era mais mulato que caboclo, possuía boa voz e excelente memória. Nas longas caminhadas, durante meses de viagem na caatinga, ouvi d'ele quase todas as toadas do sertão. O desafio de Maria Tebana e Manoel do Riachão, côcos, trechos de Nau Catarineta e cantigas de reisado.

O mais belo era sem dúvida o romance do Rio Preto, história de um negro cangaceiro, cuja vida acaba na bala. Parece que se trata do mesmo "negro macromélico, agigantado, lascivo e ágil como uma onça" que Câmara Cascudo refere no seu magnífico "Vaqueiros e Cantadores".

Registo aqui os trechos que pude colher, pois que a versão obtida por mim de mestre Joviano está evidentemente truncada. Considero-o um primor de poesia popular, perceptível mesmo nos fragmentos colhidos. Transcrevo também a solfa, embora não possa garantir a fidelidade das duas frases finais em que a voz do cantor desafinava levemente, as quais não encontrei maneira de reproduzir.

Handwritten musical notation for the song "O Romance do Rio Preto". The notation is written on two staves in a 2/4 time signature with a key signature of one sharp (F#). The lyrics are written above the notes.

Lyrics: Na re grã de um vai dois Na re grã de dois vai tres Eu a gô ra voz con
tã o que Ri o Pre to fez Eu a gô ra voz con tã a o que Ri o Pre to fez

I

Na regra de um vai dois
 Na regra de dois vai três
 Agora que vou contá
 O que Rio Preto fez
 Agora que vou contá
 O que rio Preto fez

II

Rio Preto era um negro
 Escravo da sujeição
 Quando teve a liberdade
 Logo deu pra valentão
 A poder de cartucheira
 Carabinote e facão

III

Chegou na casa de um velho
 Um pobre pai de família
 Foi levando o velho a geito
 Fazendo o que pretendia
 Com o fim de caregá
 Com a mulhé ou a fía

IV

Chegando em casa de uma dona
 Encontrando a dona só
 O marido de viage
 Do lado do Piancó
 Rio Preto e os companheiro
 Reduziro a casa em pó

V

A mulhé ofereceu
 Os cavalos no cercado
 — Eu não quero seus cavalos
 Que ando bem amontado
 Eu só quero é a senhora
 Deixa de palavreado —

VI

— Bata a mão na sua espada
 Pode ví me degolá
 O meu corpo pode í
 Meá cabeça há de ficá
 Pra podê contá a histora
 Quando o marido chegá —

VII

Quando o marido chegou
 — O' mulhé que tanto chora
 A mulhé de vergonhosa
 Não soube contá a histora
 Os visinhos mais perto
 Contaro na mesma hora

VIII

Foi então lá no cercado
 Pegou dois cavalos iguais
 Vou levar esta mulhé
 Lá na casa de seus pais
 A mulhé pelas estradas
 Cada vez chorando mais

IX

— Meu sogro e minha sogra
 Tome conta de sua fía
 Quem a criou muitos ano
 Pode criá mais um dia
 Si eu não mato Rio Preto
 Não vorto mais prá família —

X

Tinha um cunhado mais novo
 Que mostrava querê bem
 Foi marrando a cartuchera
 Sem dizê nada a ninguem
 Aonde meu cunhado morrê
 E' certo que morro tambem

XI

Foi pra casa de seus pais
 Praticando a mesma histora
 — Adeus papai, adeus mamã
 Me bote a bença eu vou embora —
 O cunhadino mais moço
 Chorando pela demora

XII

Lá saíram esses tres homens
 Entre grotas e ladeiras
 No trilho do Rio Preto
 Só tres onça comedeira
 No trilho do Rio Preto
 Só tres onça comedeira

XIII

Adiante avistou um velho
Que do negro deu notiça
De tão alegre eu fiquei
— Meu velho te pago as alviça —
Desceu de grotas abaixo
Só aribú pra carniça

Fomos dá com Rio Preto
Dentro de um parmatorá
Tres balas no peito esquerdo
Chumbo por todo lugá

XIV

— Mas eu vou ensiná
Como vocês deve chegá
Que a casa é num deserto
Cercada de graminhá
Por leve que se pize
Haverá de se assustá

Meus amigo meus colega
Não me acabe de matá
Me bote na minha rede
Me leve lá pra o Pombá
Pra casa do Padre Amancio
Eu quero me confessá

XIX

XV

Adiante avistamo uma casa
Com uma dona na janela
Um velho amarelo, à força
Segurando numa vela
Rio Preto numa rede
Brincando com a donzela
A filha do Padre Amancio
Que eu muito conheço ela

Eu quero me confessá
Não é pra me dá-me a vida
E' pra descontá os pecado
Que eu vos tenho cometido
E' pra descontá os pecado
Que eu vos tenho cometido

XX

XVI

Um atira e outro atira
Erremo os tiro em craro
Si este negro sai sarvo
Agora nos custa caro
Si este negro sai sarvo
Agora nos custa caro

Dentro de Teresinha
Nunca vi moço casá
Que a noiva ou a madrinha
Eu tinha de caregá
Com prazo de quinze dia
Eu mandava botá lá

XXI

XVII

Negro quando não leva chumbo
Costuma sai turrando
Esse que saiu calado
Por certo que vai levando
Esse que saiu calado
Por certo que vai levando

O Senhô Feliciano
Sendo o valentão daqui
Não pudero se anui
Oferecer um conto de réis
Pra lingua do negro conduzi

XXII

XVIII

Fomos a casa da justiça
Este negro a farejá

O que diabo é dez
O que diabo é dez
Que orelha tão pequena
Valê um conto de réis
Que orelha tão pequena
Valê um conto de réis.

XXIII

Registei-o do modo como cantou mestre Joviano, mas é evidente que o poema está truncado em vários lugares. Mesmo a repetição dos dois últimos versos se faz pela simetria musical, obrigando à sextilha. No Piauí ouvi cantarem como sextilha final os seguintes versos:

Acabou-se Rio Preto
Acabou-se sua fama
Como caetetú na toca
Como traira na lama
Como caetetú na toca
Como traira na lama.

Tenho idéia, entretanto, de haver lido êsses versos como parte de um desafio que nada tem com êste romance de Rio Preto. Além da repetição de versos para acompanhar a melodia, devemos assinalar também que, às veezs, ocorre um excesso como naquela sextilha do Rio Preto, brincando com a donzela, em que aparecem mais dois versos. Mestre Joviniano contornava o problema, repetindo a última frase da melodia três vezes. Também nos versos em que a dona manda o negro tirar a sua espada, pode vir me degolar, aparecem dois versos que Joviniano não soube onde colocar e por isso deixei-os de parte. Dizem assim:

A mulher da parte fraca
Começou logo a chorar.

PALAVRAS FINAIS

O Rio S. Francisco sempre deu que falar. Reclamações e pedidos de socorro contra índios alevantados ou contra mandões e bandoleiros que não conheciam lei, vivendo "absolutos" no sertão; estudos e projetos de salvação sempre têm posto o grande rio em evidência momentânea. O lucro que teve disto foi nenhum, pois o único ponderável — a navegação a vapor — está hoje em situação que se pode dizer de decadência. Nomes, porém, ganhou muitos: Nilo Brasileiro, Mediterrâneo, Rio Sem História, Rio da Unidade Nacional. Martius o achou parecido com o Reno e um jornalista que o percorreu em tempo de sêca chamou-o cruelmente de "maior riacho do mundo".

Em 1860 Ralfeld o estudou, descrevendo légua por légua, e orçou as obras necessárias ao seu aproveitamento. Cinco anos depois Liais também realizou estudos e propôs soluções simples, mais tarde ampliadas ao máximo pelo engenheiro que o acompanhou nessa viagem, Eduardo de Moraes, que sugeriu uma ligação entre o S. Francisco e o Parnaíba.

Faz pouco Geraldo Rocha retomou o assunto e com vigorosa autoridade de "barranqueiro", conhecendo a região como nenhum outro técnico ainda o fez, analisou os vários projetos de aproveitamento do rio, terminando por apresentar um de sua autoria que justificou exaustivamente. Neste ponto está o caso sob seu aspecto de problema de engenharia.

As populações do S. Francisco se distanciaram da civilização litorânea e ainda permanecem no mesmo sistema de pecuária e agricultura rudimentares que as colocam em situação de inferioridade manifesta. Outrora os seus campos permitiram abastecer de carne a incipiente população do Brasil dos primeiros tempos e, assim mesmo, nem sempre o fez a contento, de modo que não é possível pensar em reviver aquela época.

Modificou-se com o passar dos anos o interêsse do rio e parece que, hoje, sòmente uma agricultura organizada e com orientação científica poderia repô-lo numa situação de prosperidade, de acôrdo com o seu merecimento histórico de núcleo primordial de irradiação pastoril na formação do país.

Evitamos falar das tão apregoadas riquezas minerais e agrícolas do vale, porquanto, ou repousam em hipóteses, ou são latentes, constituindo apenas material para exercício de ufanismo oratório sem consequência. A persistir no regime de latifúndios improdutivos, incapaz de enfrentar a concorrência de centros creatórios como Rio Grande do Sul, Minas, Goiaz, e Mato-Grosso os seus dias serão contados. Em terras desprovidas de transportes, que dificultam o estabelecimento das indústrias de aproveitamento do gado, no próprio local, que desvalorizam a terra pela baixa percentagem de retribuição lucrativa, a pecuária só é possível, adotando o sistema de latifúndios. Quanto à criação extensiva nas terras do Brasil central, apenas o xanque representa um esbôço de industrialização. E os campos do S. Francisco não podem comparar-se com os das regiões referidas.

A crise econômica do vale parece que tocou ao fim e temo encontrar um dia o exemplo da região do S. Francisco, citado nos compêndios de Geografia Humana, a propósito das influências prejudiciais da segregação.

De um modo geral o problema se resume no aproveitamento agrícola de uma pequena faixa marginal — essa sim fertilíssima — dividida em pequenas propriedades, permitindo uma condensação da gente que anda dispersa pelo sertão afora. Um tal agrupamento permitiria não só a ação mais direta das autoridades administrativas e técnicas como também uma eficiente assistência de saúde pública, difícil, senão impossível nas atuais condições de rarefação demográfica.

A agricultura processaria a fixação do homem à terra, eliminando o pauperrismo que impulsiona as migrações, tantas vezes assinaladas no vale, verdadeiros êxodos, buscando as regiões mais favorecidas economicamente.

O meio natural pode ser definido em sua aspereza pela frase sertaneja citada por Arrojado Lisboa: "Das quatro vacas que tinha lucrei, uma que vendí. As outras três morreram nas sêcas", quanto ao povo citemos ainda êste autor de inegável suficiência: "Socialmente há duas classes no sertão: os proprietários e os moradores ou agregados. Êstes constituem talvez 80% da população do interior. Não há estatísticas, o algarismo é meramente es-

timativo. O agregado vive em terra de empréstimo onde faz a tôsca moradia. Os que vêm na pobreza e selvagem rusticidade das habitações sertanejas uma manifestação de indolência nativa deveriam refletir que ninguém promove construção sólida em terra alheia. Ora, nos sertões 80% das moradias estão nestas condições”.

Assim, a falta de amor pela terra que não é sua, o descuido por uma agricultura descompensada pela ganância dos latifundiários, explicam bem as levas de seringueiros, de lavradores que procuram as fazendas de café, de aventureiros que emigram para os garimpos.

Muitos dêles regressam, movidos por sentimentalismo, saudosos das mães, das mulheres e filhos que deixaram na pobreza, ainda mais agravada com a partida. Uma grande parte porém retorna por incapacidade de adaptação, não podendo ajustar-se ao sol a sol da rotina agrícola, pela educação individualista das lidas de gado, num sistema de trabalho que se caracteriza pela periodicidade do esforço. A poesia dos sertões floridos nas primeiras chuvas, do amor à terra, parece que é só poesia mesma. Se eles não têm terras?

O que não pode ser negado é a capacidade de trabalho e a resistência física dêses caboclos e só, por absurdo, se poderia admitir que uma gente capaz de explorar seringa na Amazônia, lavrar café nas terras de S. Paulo e fundar cidades nos garimpos matogrossenses, sofra uma anulação total de valor quando se trata da própria terra em que nasceu. . .

Tomo da “Marcha para o Oeste” de Artur Neiva as diretrizes para uma solução dos problemas do S. Francisco: “O trabalho construtor na marcha para o oeste tem que deixar de fora muitos dos centros de civilização atualmente existentes e que são constituídos por cidades mortas.

“Povoações e núcleos novos têm que ser estabelecidos. A gente que existe disseminada pelas grandes extensões não pode ter uma assistência conveniente; todo esforço se dilue na imensa área em que vive. Assistência certa e proveitosa só pode ser prestada, quando os núcleos de população se adensam; fora disto, é puro lirismo. O decantado saneamento do sertão não passa de uma aspiração sonora, é apenas canção.

“O homem que já vive no oeste orienta o que deve fazer, pois vai, aos poucos, desbravando a zona com a criação enfezada e imprópria; não há somente um jeca bípede, há outro quadrúpede, porque a criação no Brasil tem que lutar também com os

seus inimigos: as epizootias e enzootias que devastam os nossos rebanhos e que lutam também com as pastagens pobres e de forragens fracas".

A questão tem de ser abordada de um ponto de vista regional, com legislação e providências que não podem afastar-se das características sociais e geográficas, leis e providências com cômulo, para dizer assim.

"Torna-se necessário entretanto que a organização federal que presidir aos destinos de semelhantes iniciativas, não as envolva nas malhas de uma asfixiante burocracia que, à distância, sem conhecimento do meio e das condições, legisle, impondo rumos, tirando o estímulo e supondo poder decidir dos destinos das nossas coisas à força de artigos e regulamentos".

Não continuo, porém, contento-me com esboçar o problema. E se não proponho um novo método de salvar o S. Francisco, faço-o menos por timidez ou conformismo, que pela honesta convicção de que a complexidade do assunto é superior ao meu esforço. Arquitetar uma teoria pode acariciar a nossa vaidade, mas não se exculpa do pecado da improvisação e, improvisar sobre coisa tão séria, significaria uma traição ao sentimento de fraterna simpatia que me liga à gente de S. Francisco.

E esta simpatia é que me faz deplorar a pouca autoridade da minha palavra ao terminar melancolicamente este livro.

Os apelos em favor do S. Francisco vêm de longe e sobre eles tem caído, em todos os tempos, um silêncio mortal, capaz de esmorecer o mais radiante otimismo. Procurando pois vencer o desânimo que me sugere estar eu somando a inutilidade de mais este apêlo aos anteriores, dirijo as minhas palavras finais a quem, até hoje se tem conservado um amigo fiel do povo de S. Francisco, guiando os práticos nas noites sem estrêlas para que os navios cheguem a bom pôrto, salvando gente de morrer afogada, dando ânimo aos que têm impaludismo e não têm quinino, acudindo os caboclos nas suas desventuras, sorrindo para as suas alegrias: — Senhor Bom-Jesus da Lapa, socorre a tua gente. —

BIBLIOGRAFIA

- ABREU, C. — 1928 — **Capítulos de História Colonial** — Pub. Soc. C. A. Rio.
- ABREU, C. — 1930 — **Caminhos antigos e povoamento do Brasil**. Soc. C. A. edit. Rio.
- AGUIRRE, A. — 1936 — **A pesca e a caça no alto S. Francisco**. Public. do Serv. de Caça e Pesca. Rio.
- ANDRADE, M. C. — 1790 — **Luz da liberal e nobre arte da Cavalaria**. Ed. fascimular da Biblioteca Militar. Rio.
- ANDRADE, J. A. S. — 1933 — **A salvação do Rio S. Francisco**. Baía.
- ANDREONI, J. A. (Antonil) — 1923 — **Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas**. Cia. Melhor. S. Paulo.
- Anônimo — 1862 — **Considerações sôbre as classes mais importantes de povoadores da Capitania de Minas Gerais, como são as dos mineiros e agricultores e a maneira de as animar**. Rev. Inst. Hist. Bras. Tomo 25, pp. 421-429.
- Anônimo — 1862 — **Descrição dos sertões de Minas, despovoação, suas causas e meios de os fazer florescer**. Rev. Inst. Hist. Bras. Tomo 25, pp. 430-435.
- ARNIZÁU, J. J. A. — 1862 — **Memória topográfica, comercial e política da Vila de Cachoeira da Província da Baía**. Rev. Inst. Hist. Bras. Tomo 25, pp. 127-142.
- AZEVEDO, P. — 1935 — **Explicação dos quadros expostos pela Comissão Técnica de Piscicultura do Nordeste**. O Campo, Novembro, pp. 17-21, 16 figs. in text.
- BRANNER, J. C. — 1915 — **Geologia elementar**. Alves. edit. Rio.
- BRASIL, V. — 1924 — **Notas sôbre a biologia do Conepatus chilensis**. Arch. Inst. Vital Brasil. Tomo II, Fasc. 1, Janeiro.
- CALMON, P. — **História da Casa da Torres**. J. Olímpio, edit. Rio.
- CALÓGERAS, J. P. — **Formação histórica do Brasil**. Vol. 42, Brasileira, Cia. Edit. Nac. S. Paulo.
- CARDIM, F. — 1939 — **Tratados da terra e da gente do Brasil**. Vol. 168 Brasileira, Cia. Edit. Nac. S. Paulo.
- CARDOZO, V. L. — 1938 — **À margem da história do Brasil**. Vol. 13 Brasileira, Cia. Edit. Nac. S. Paulo.
- CARVALHO, O. M. — 1937 — **O rio da Unidade nacional**. Vol. 91 Brasileira, Cia. Edit. Nac. S. Paulo.
- CARVALHO, D. — 1926 — **Geografia do Brasil**. Série de cinco conferências. Imprensa Militar, E. M. E., Rio.
- CASCUDO, L. C. — 1939 — **Vaqueiros e cantadores**. Vol. 6 Bibliot. Invest. Cult. Liv. Globo edit. Pôrto Alegre.
- CAZAL, A. — 1845 — **Corografia brasilica**, 2.^a Ed. Rio.

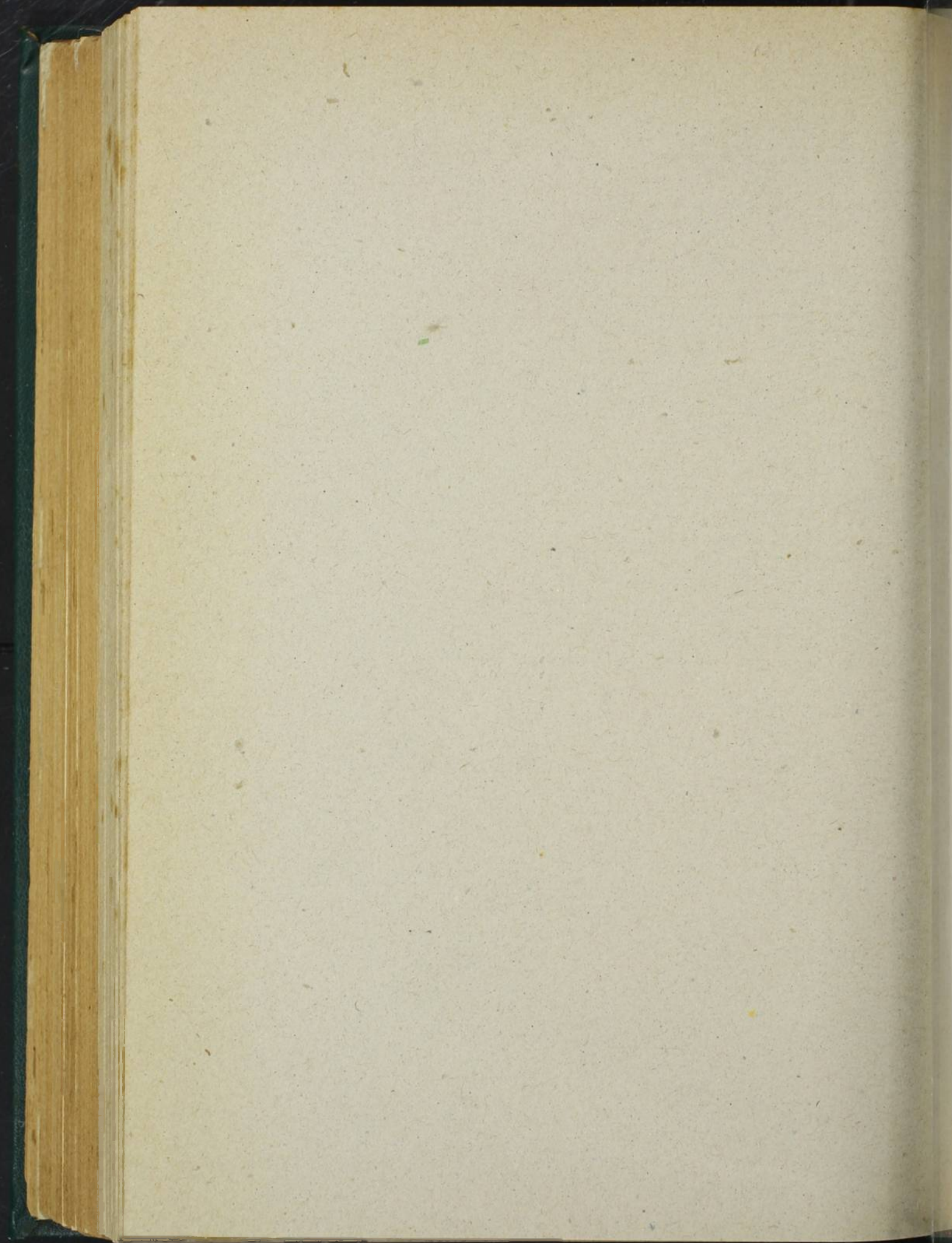
- COUTO, L. — 1904 — **Desagravos do Brasil e glórias de Pernambuco**. Edição da Biblioteca Nacional. Rio.
- COUTO, J. V. — 1871 — **Memória sobre a Capitania de Minas Gerais**. Rev. Inst. Hist. Bras. Tomo XI. 2.^a ed. pp. 289-385.
- CUNHA, E. — 1927 — **Os sertões**. 10.^a ed. Rio.
- ELLIS, A. — 1934 — **O banderismo paulista e o recuo do meridiano**. Vol. 36 *Brasiliana*. Cia. Edit. Nac. S. Paulo.
- ENES, E. — 1938 — **As guerras nos Palmares**. Vol. 127. Cia. Edit. Nac. S. Paulo.
- FONSECA, M. Pe. — 1841 — **Levantamento em Minas Gerais no ano de 1708**. (Extrato da vida do Padre Belchior de Pontes). Rev. Inst. Hist. Bras. Tomo 3, n.º 11, pp. 261-274.
- FREIRE, F. — 1906 — **História territorial do Brasil**. Rio.
- FREIRE, G. — 1937 — **Nordeste**. J. Olímpio, edit. Rio.
- GALVAN D'ANDRADE, A. — 1678 — **Arte da cavalaria de gineta e estardiota, bom promir de ferrar e alveitaria**. Lisboa.
- GANDAVO, P. M. — 1924 — **I Tratado da terra do Brasil, II História da Província de Santa-Cruz**. Edição do Anuário do Brasil. Rio.
- HALFELD, H. G. F. — 1860 — **Atlas e relatório concernente à exploração do Rio S. Francisco**. Rio.
- HARTT, C. F. — 1941 — **Geologia e Geografia física do Brasil**. Tradução de Edgar Sussekind de Mendonça e Elias Dalianniti. Vol. 200 *Brasiliana*. Cia. Edit. Nac. S. Paulo.
- IHERING, H e IHERING, R. — 1907 — **As aves do Brasil**. Vol. I dos Catálogos da Fauna Brasileira. Edição do Museu Paulista.
- IHERING, H. — 1915 — **Moluscos**. Anexo n.º 5. Comis. L. Telegr. Est. M. Grosso, Amazonas.
- IHERING, R — 1935 — **Piscicultura no Nordeste**. O Campo, Outubro, pp. 17-21, 8 figs. in text.
- LEITÃO, C. M. — 1942 — **Compêndio brasileiro de Biologia**. Vol. II, Zoologia. Cia. Edit. Nac. S. Paulo.
- LELLIS, A. — **O Nordeste brasileiro**. In geografia do Brasil, Vol. I, ed. Soc. Geografia do R. Janeiro, 32 pp.
- LEME, A. B. P. — 1924 — **Evolução da estrutura da terra e geologia do Brasil**, Imp. Nacional. Rio.
- LIMA, SOB, B. — 1929 — **Pernambuco e o S. Francisco**. Recife — Imprensa Oficial.
- LOURENÇO FILHO — **Joazeiro do Padre Cícero**. Cia. Melhor. S. Paulo. 2.^a ed. (A 1.^a é de 1926), s/data.
- LUETZLBURG, P. v. — **Estudo botânico do Nordeste**. Inspeção Federal de Obras Contra as Sêcas. 3 vols s/data.
- MAGALHÃES, B. — 1935 — **Expansão geográfica do Brasil colonial**. Vol. 45 *Brasiliana*. Cia. Edit. Nac. S. Paulo, 2.^a Edic.
- MARROQUIM, M. — **A língua do Nordeste**. Vol. 25 *Brasiliana*. Cia. Edit. Nac. S. Paulo.
- MARTINS, J. P. O. — 1920 — **O Brasil e as colônias portuguesas**. Lisboa. 5.^a ed.
- MARTINS, J. P. O. — 1927 — **História de Portugal**. Lisboa, 11.^a ed. 2 vol.
- MARTIUS, C. F. P. V. e SPIX, J. B. — 1938 — **Viagem pelo Brasil**. Tradução promovida pelo Instituto Histórico Brasileiro, 4 v. Rio.
- MENEZES, D. — 1937 — **O outro Nordeste**. J. Olímpio, edit. Rio.
- MESQUITA, E. — **História do Rio S. Francisco**, Edição J. Leite, n.º 17, s/data.
- MIRANDA, A. A. — 1936 — **O Rio S. Francisco**. Vol. 62 *Brasiliana*. Cia. Edit. Nac. S. Paulo.
- MORAIS, M. — 1866 — **Corografia histórica do Império do Brasil** — Rio.

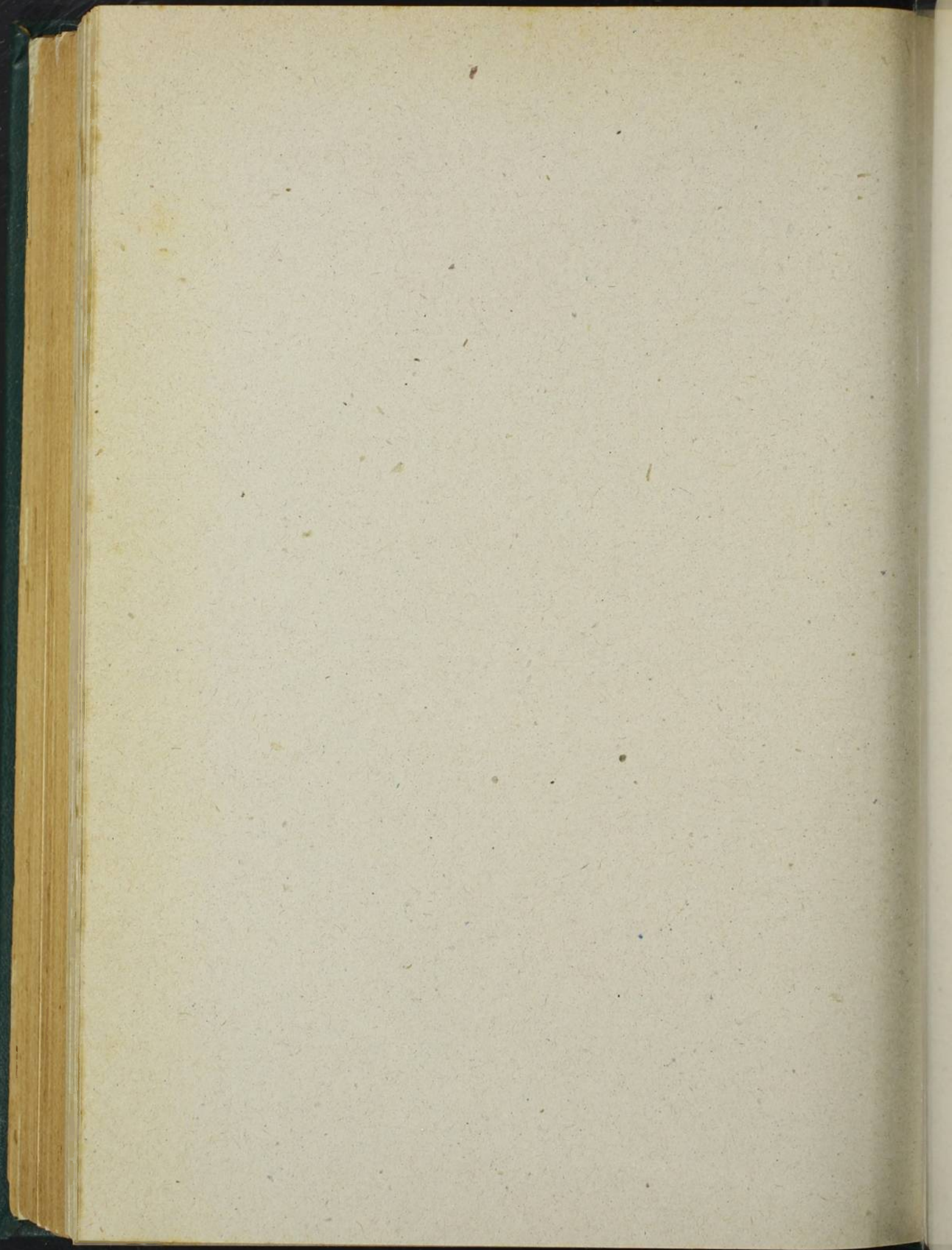
- MOTA, J. — 1942 — **Monografia sôbre o município de Pirapora**. Datilografado.
- NASH, R. — 1939 — **A conquista do Brasil**. Tradução de Moacir Vasconcelos. Vol. 150. Brasileira. Cia. Edit. Nac. S. Paulo.
- NEIVA, A e PENA, B. — 1916 — **Viagem científica pelo norte da Baía, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauí e de norte a sul de Goiaz**. Mem. Inst. Osw. Cruz. Tomo VIII. Fasc. III, pp. 74-224, 28 Est.
- NEIVA, A. — 1942 — **Marcha para o Oeste**. in **Os Grandes Problemas Nacionais**. DIP, pp. 235-243.
- OLIVEIRA, E. P. — **Geognose do solo brasileiro**. In **geografia do Brasil**. Vol. I, ed. da Soc. Geografia do R. de Janeiro, comemorativa do centenário da independência, 75 pp.
- OLIVEIRA, A. I. e LEONARDOS, O. H. — 1940 — **Geologia do Brasil**, Rio.
- PAULA RIBEIRO — 1841 — **Memória sôbre as nações gentias que habitam o continente do Maranhão**. Rev. Inst. Hist. Bras. Tomo 3, n.º 10, pp. 184-197. (Escrito em 1818).
- Idem, Idem. Rev. Inst. Hist. Bras. Tomo 3, n.º 12.
- PAULA RIBEIRO — 1849 — **Descrição do Território de Pastos Bons**. Rev. Inst. Bras. Tomo XII (5.º Vol. 2.ª Série) pp. 41-86. (Escrito em 1819).
- PAULA RIBEIRO — 1848 — **Roteiro da viagem que fez o capitão Francisco de Paula Ribeiro às fronteiras das Capitanias do Maranhão e de Goiaz**. Rev. Inst. Hist. Bras. Tomo 10. pp.
- PEREIRA, N. M. — 1939 — **Peregrino da América**. Pub. Acad. Bras. Letra. 2 vol. Rio.
- PEREIRA DA COSTA, F. A. — **Folk-lore Pernambucano**. Rev. Inst. Hist. Bras. Tomo 70. vol. 116 pp. 1-641.
- PRADO, P. — 1934 — **Paulística** — Ariel edit. Rio.
- PRADO JUNIOR, C. — 1942 — **Formação do Brasil contemporâneo**. Liv. Martins, edit. S. Paulo.
- RÊGO, M. — 1936 — **O vale do S. Francisco**. Rev. Mus. Paulista. Tomo XX, pp. 491-706.
- RIBEIRO, A. M. — 1919 — **Os veados do Brasil segundo as coleções Rondon e de vários museus nacionais e estrangeiros**. Separado do Tomo XI da Rev. do Mus. Paulista, 99, pp. 25, Esta. 1 Map.
- ROCHA, G. — 1940 — **O Rio S. Francisco**. Vol. 148 Brasileira, Cia. Edit. Nac. S. Paulo.
- SAINT-HILAIRE, A — 1937 — **Viagem às nascentes do Rio S. Francisco e pela Província de Goiaz**. Tradução de Clado Ribeiro Lessa. Vol. 68 Brasileira. Cia. Edit. Nac. S. Paulo.
- SALVADOR, V. Fr. — 1918 — **História do Brasil**. Edit. Weisflog, Ir. S. Paulo, Revisão de Capistrano de Abreu.
- SAMPAIO, A. J. — 1934 — **Fitogeografia do Brasil**. Vol. 35 Brasileira, Cia. Nac. S. Paulo.
- SEGURA, T. V. Pe. — 1937 — **Bom Jesus da Lapa**. S. Paulo.
- SEGURA, T. V. Pe. — 1937 — **Graças, favores e misericórdias do Bom Jesus da Lapa**. Baía.
- SILVESTRE, H. S. — 1922 — **Aspecto físico**. In **geografia do Brasil**. Vol. I. ed. da Soc. Geografia do R. Janeiro, comemorativa do centenário da independência. 137 pp.
- SODRÉ, N. W. — 1939 — **Panorama do segundo império**. Vol. 17 Brasileira. Cia. Edit. Nac. S. Paulo.
- SODRÉ, N. W. — 1941 — **Oeste**. J. Olímpio, edit. Rio.
- SOUZA, G. S. — 1938 — **Tratado descritivo do Brasil 1587** — Vol. 117 Brasileira. Cia. Edit. Nac. S. Paulo.
- TAUNAY, A. — 1931 — **A grande vida de Fernão Dias Pais**. Tip. "Diário Oficial". S. Paulo.

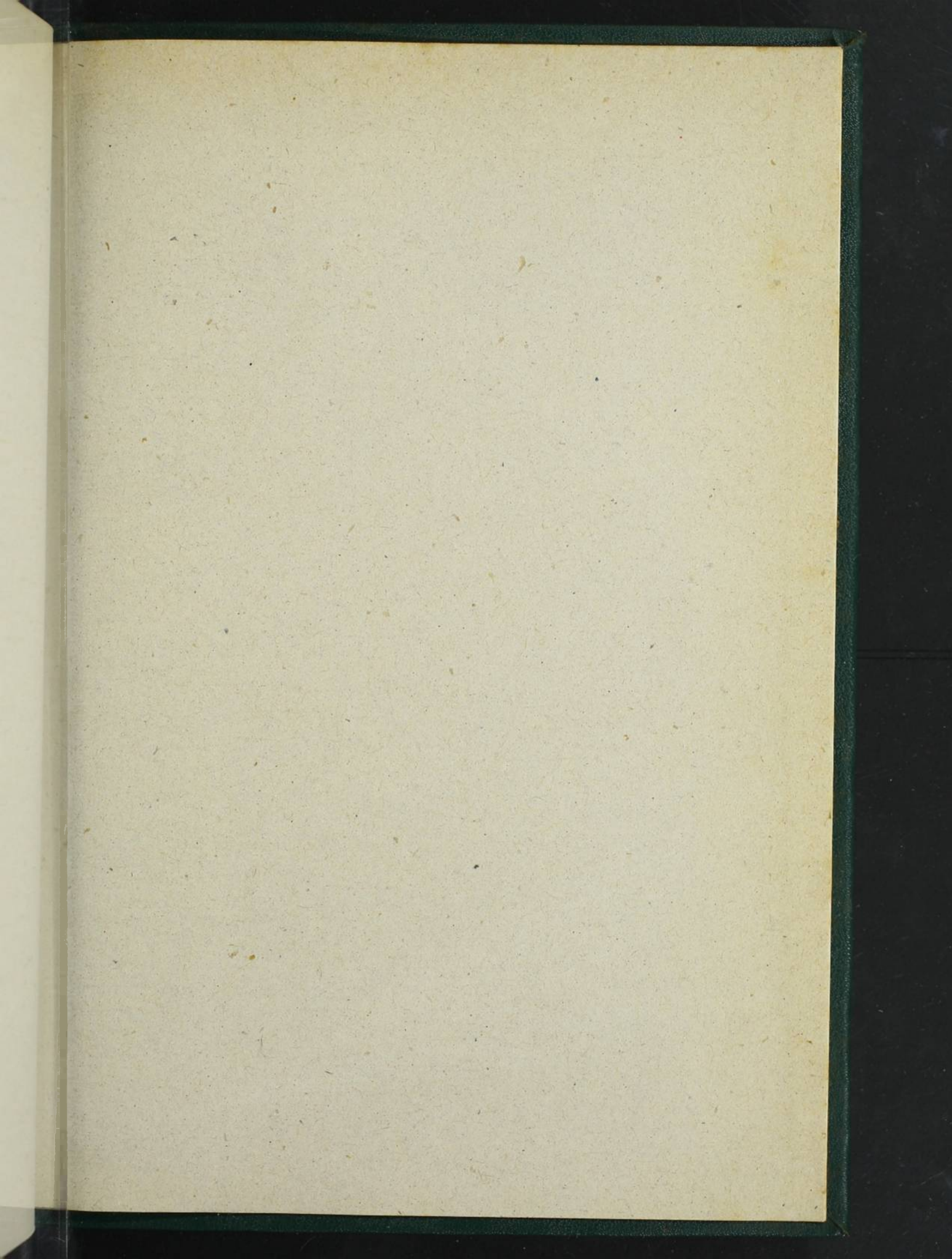
- VARNHAGE, F. A. — **História geral do Brasil**. 3.^a ed. Cia. Melhor. S. Paulo, 5. vols. s/ data.
- VÁRZEA, A. — 1942 — **Relêvo do Brasil**. Rev. Bras. Geografia. Ano IV, n.º 1, pp. 97-130. 10 graf. e 14 fotos in text.
- VASCONCELOS, D. — 1918 — **História média de Minas Gerais**.
- VIANA, U. — 1935 — **Bandeiras e sertanistas baianos**. Vol. 48, Brasileira, Cia. Edit. Nac. S. Paulo.
- VILHENA, L. S. — 1921 — **Recopilação de Notícias Soteropolitanas e Brasileiras**. Baía. (Livro I, Ano de 1802).
- VILAR, E. H. — 1929 — **Beobotânica**. Labo. Edit. Barcelona, Buenos Aires.
- WATJEN, H. — 1938 — **O domínio colonial holandês no Brasil**. Vol. 123, Brasileira, Cia. Edit. Nac. S. Paulo. Tradução de P. C. Uchôa Cavalcanti.

ÍNDICE

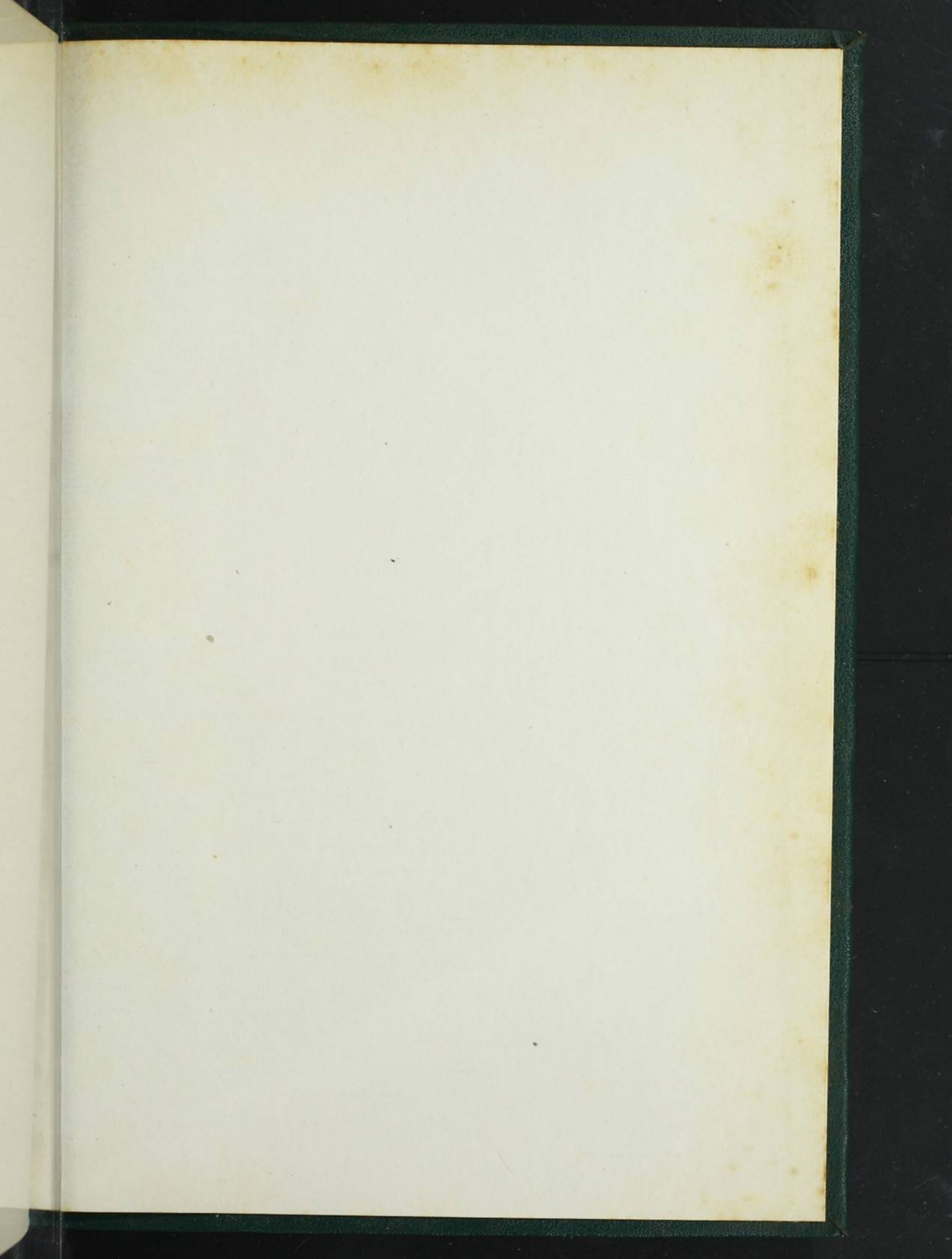
	Pág.
Prefácio	5
O ambiente geográfico	11
O relêvo	13
Esbôço geológico	19
Fatores climáticos	27
A fauna	39
A história	43
A ocupação da terra	45
Palmares	59
Ajustamento ao meio	67
Alimentação	75
As lutas pela conquista	81
O povoamento das minas	85
O rio	105
O curso do rio	107
Enchente e vazante	123
Raça e pobreza	129
A gente do rio	133
O rio no fol-clore	145
A religião	149
A poesia popular	157







597110



Bibliotheca von Hager - Gintner



Acerbo Cultural
Obras Raras

